



SÉRIE
KNOCKDOWN
VOL. II

HEAVEN RACE SERENIA

ESPERANÇA DE TÊ-LA PARA SEMPRE



S E R E N A

Esperança de tê-la para sempre...

Série Knockdown | Vol. 2

Ω

H E A V E N R A C E

Copyright © 2017 Heaven Race

1ª Edição

Capa: Race Design

Revisão: Amanda Gomes e Heaven Race

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, sem o consentimento escrito da autora.

Todos os direitos reservados.

Sumário

[Nota inicial](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Epílogo](#)

[O próximo livro da série Knockdown: KILLIAN](#)

[Contato](#)

Nota inicial

Gostaria de dedicar esse livro aos que esperaram pacientemente por ele e aos que nunca desistiram da história de Parisa e Trent, assim como eu não desisti de continuá-la para vocês. Muito obrigada aos meus leitores pelo carinho e por sempre se mostrarem fervorosos e ansiosos não só com essa obra, mas com todas as minhas outras obras. Espero que curtam esse livro ao máximo e entrem na história de Parisa e Trent mais uma vez de coração e mente entregues. Muito obrigada aos meus amigos e familiares mais próximos por me incentivarem a escrever sempre mais e mais. Eu amo cada um de vocês!

Atenciosamente,

Heaven Race.

Capítulo 1

Parisa Cohen

Eu o deixei.

Assim como eu deixei o meu pai, a minha irmã e todos os meus amigos. Deixei uma velha vida para trás, uma velha Parisa.

Respirando profundamente, olho para os lados antes de atravessar a rua bem movimentada da Califórnia.

Quando decidi que não ficaria mais em casa, eu logo tive que recorrer às únicas pessoas que poderiam me socorrer naquele momento: *Oliver* e *Fable*. O que eu pedi foi sigilo total e suporte, e eles não me negaram ajuda. Eles me entendem mais do que ninguém.

No dia seguinte ao ataque que sofri no beco escuro, eu pedi para Pamella me emprestar o seu celular e chamei os dois até a casa de Jake. Foi então que eu lhes pedi o favor que me trouxe até esse lugar.

“Os olhos de Oliver estão levemente arregalados, enquanto Fable segura sua mão e me encara de forma doce.

— Preciso que me ajudem. N-Não consigo mais ficar aqui nesse lugar. Preciso respirar longe dessas pessoas. — gaguejo entre meus sussurros, com medo de que alguém possa ouvir o que eu estou dizendo.

Oliver assente com a cabeça.

— O que eu posso fazer por você? — indaga, desconfiado.

— Preciso de um lugar para ficar, Oliver. Outro estado, outra cidade. — continuo a sussurrar.

— Califórnia. — Fable diz e nós a encaramos. — Eu sou da Califórnia, você pode ir para lá. Posso te indicar alguns lugares para ficar ou até mesmo pode ficar na casa dos meus pais, no meu quarto. Sei que eles adorariam ajudar.

Suspiro baixinho e assinto com a cabeça.

Califórnia deve ser um bom lugar. Uma vez eu pedi para Jake me deixar ir com Trent e os caras para uma luta que teria do Circuito, mas ele não deixou. Nunca conheci o lugar, entretanto acho que é uma boa ideia.

— Não quero que contem para ninguém, ninguém, ninguém... — repito e imploro em desespero, sentindo as lágrimas começarem a inundar meus olhos. — Nem mesmo quero um celular. Não quero contato com ninguém, por favor.

Dessa vez não se trata apenas sobre fugir de Trent como da última vez, parecendo uma garotinha que está com medo de ver o garoto por quem ela é apaixonada se envolvendo com outra pessoa. Dessa vez a minha decisão nem mesmo foi apenas baseada em Trent, mas também em Jake e

nos últimos meses, nas últimas semanas, nos últimos dias.”

Daquele dia em diante eu simplesmente resolvi que estava na hora de crescer fora do pouco espaço que me fora dado por todo tempo que morei com Jake. Tenho um apartamento, tenho um emprego — e, mesmo que tenha sido apenas por indicação da Fable, ainda sim é um emprego. E, bom, agora eu estou estudando na UCLA.

Não foi fácil, mas também não foi difícil conseguir meus documentos escolares para então ingressar no meio estudantil outra vez. Um mês depois que eu deixei New York, fiz vinte e um anos. Agora sou legalmente maior de idade para fazer tudo o que a lei permitir, inclusive requerer meus documentos na minha antiga escola sem que precisassem avisar ou ligar para o meu responsável. E foi isso que eu fiz duas semanas depois de completar vinte e um anos.

Agora meu aniversário será dentro de dois dias. Trezentos e noventa e dois se passaram e antes eu nem mesmo tinha certeza se sobreviveria ao primeiro mês, mas consegui. Eu realmente estava conseguindo ser independente, não só no sentido de conseguir me sustentar, mas também no sentido de poder escolher entre o sim e o não.

Eu finalmente chego ao prédio onde estou morando esse tempo todo. O apartamento é pequeno, mas eu estou conseguindo pagar sem muita dificuldade, o que é bom. Nunca tive muito espaço em casa e eu nem sou uma pessoa espaçosa, então isso aqui é o paraíso para mim.

Subo as escadas e logo estou entrando na minha “casa”, embora não se pareça com uma. Os móveis são de terceira mão e as paredes estão todas manchadas. Isso não me incomoda. Às vezes eu até paro para encarar as paredes e começo a rir sozinha.

Pego minha bolsa juntamente com minha pasta e apenas tenho tempo de tirar o casaco que eu usei durante o trabalho hoje pela manhã. Preciso me apressar, ou vou perder a aula que começa em vinte minutos. A minha sorte é que eu moro perto da universidade, senão estaria ferrada.

Tranco meu apartamento, desço as escadas e logo estou novamente na rua. Faço uma caminhada até meu destino e no percurso compro um sorvete, já que o calor da Califórnia não está para brincadeira.

Já na universidade, me dirijo apressada até o auditório. A aula já tinha começado, então trato de procurar um lugar bom e abrir meu material o mais rápido possível.



Chego em casa outra vez e agora sinto-me completamente esgotada. A manhã foi movimentada na cafeteria e eu não parei um segundo sequer. Depois, não tive tempo para almoçar e apenas tratei de chegar logo em casa para pegar meu material e ir para universidade. E, sim, tomei apenas o sorvete. Essa foi minha única refeição durante todo o dia. Estou cansada e faminta, uma mistura nada boa, porque ou eu posso cair logo na minha cama e dormir, ou eu posso tentar cozinhar algo, o que não acabaria muito bem nesse momento.

Jogo-me na minha cama e suspiro aliviada. Meu celular começa a vibrar dentro do meu bolso e eu o tiro dali, atendendo em seguida.

— Olá, Parisa Cohen. — Oliver brinca, usando um tom de voz mais grave e com sotaque inglês pesado.

Cinco meses atrás eu decidi que comprar um celular seria uma boa, já que Oliver sempre ligava para cafeteria para falar comigo, e eu realmente não queria abusar da sorte de ter um chefe paciente.

— Olá, Oliver Sparks. — digo no mesmo tom, tentando imitar o sotaque inglês, mas nunca fui boa nisso.

— Como está, belezinha? — pergunta normalmente.

Abro os olhos e encaro o teto.

Boa pergunta.

— Estou bem, na medida do possível... — informo, de repente com a voz mais monótona que o esperado.

Oliver balbucia alguma coisa e pigarreia em seguida.

— Estive falando com Pamella na semana passada... — comenta de forma sugestiva. — Sei que não gosta de falar sobre isso, mas seu pai, ele anda muito... não sei explicar. Ele precisa de você, Paris. O homem quase surtou quando você foi embora e Pamella me disse que ele parece um morto-vivo. — insiste.

Sinto um incômodo alojar-se dentro de mim instantaneamente.

— Sinto muito por ele. — confesso, sincera.

— Você não acha que já está na hora de voltar? Fala sério, até o... bem, até o seu ex-quase-namorado está surtado. Bem mais surtado do que ele já é, se assim posso dizer — o que nem é uma surpresa. Ele é louco por você, mesmo tendo te dado as costas quando precisou. Ele se arrepende e isso provavelmente o corrói por dentro todos os dias. — Oliver explica e pragueja do outro lado. — Não estou do lado deles, tudo bem? Quero apenas te ver feliz outra vez, e nem precisa ser com aquele babacão.

Solto um riso fraco.

— Não sei se estou pronta para voltar nesse momento. — anuncio, sem muita emoção. — Vou ter que fazer isso uma hora ou outra, mas preciso terminar de entrar nos eixos antes disso.

— Tudo bem, tudo bem. Mas acho que pelo menos deve falar com sua irmã, ela está me deixando louco. Acho que estou ficando careca de tanta apreensão, e eu não posso ficar careca! O que diabos Fable vai pensar de mim se eu ficar careca? Você vai ter que me pagar um implante capilar! — queixa-se e dessa vez eu gargalho.

— Acho que ela vai saber lidar muito bem com sua falta de cabelo. — brinco entre risos. — Quer dizer, ela já te aguentou até hoje com sua falta de cérebro. Acho que ela nem liga para o

cabelo, mas se for um problema, eu arco com o implante capilar.

Ele ri do outro lado e me xinga.

— Realmente, ela está bem mais preocupada com *outras coisas*... — sussurra, malicioso.

— Eu poderia viver muito bem sem ouvir essas suas insinuações, sabia? Fable não vai gostar nada de saber que anda sugerindo coisas sobre vocês dois nesse tom malicioso. — retruco e ele gargalha.

— Minha garota, meu problema. Eu vou saber me resolver com ela, belezinha. — retruca, risonho.

— *Com quem você está falando?* — Fable pergunta à Oliver.

— *Com uma pentelha insuportável chamada Parisa. Já volto para você, linda.* — Oliver responde com a voz abafada.

— *Não fala assim da sua irmã, Oliver Sparks.* — ela o repreende.

Começo a rir, enquanto os dois discutem sobre como Oliver deve me tratar, mas Fable acaba perdendo.

— Eu vou desligar agora, minha mulher me espera na cama. — Oliver diz, depois de quase dez minutos.

— *Oliver!* — Fable exclama.

Eu e ele rimos juntos.

— Pode ir, Oliver. Manda um beijo para a Fable e diz que eu estou com saudades. — digo, ainda sorrindo.

— Eu vou mandar o número da Pamella para você por mensagem. Boa noite, belezinha. — diz e desliga, sem me dar tempo de resposta.

Chuto meu tênis para fora do meu pé e me arrasto preguiçosamente pela cama até eu me sentar. Dois minutos mais tarde meu celular vibra em minhas mãos com o recebimento de uma nova mensagem. É de Oliver, e eu sei qual o conteúdo.

Pondero se devo ou não ligar para Pamella. Ela deve estar tão chateada comigo que eu não sei qual será sua reação. Sinto falta dela e de suas conversas na maioria das vezes sem sentido algum. Sei que deveria ter lhe avisado sobre minha partida, mas ela não me deixaria ir embora.

Tinha que ser da forma que foi.

Abro a mensagem e encaro seu número. Talvez eu devesse ligar.

O cansaço que estou sentindo é preenchido um pouco pela ansiedade e dúvida que invadem minha mente nesse momento.

Disco o número de Pamella e espero.

“Não atende, não atende, não atende”, penso durante os longos segundos que começam a passar.

— Alô? — sua voz doce como sempre me atinge como um soco.

Merda, ela atendeu!

— Pam? — sussurro e em seguida escuto algo cair.

— Paris? P-Parisa? — gagueja, com um fio de voz.

Fecho os olhos e encosto a cabeça na parede.

— Sim, sou eu. Tudo bem? — pergunto, tentando soar normal, cotidiana.

— *Tudo bem?* — indaga, incrédula. — *O quê... Por quê...?* — ficamos em silêncio por alguns minutos e logo Pam começa a falar outra vez. — Isso é sério? É mesmo você? — resmunga.

— Sou eu, *Parisa*. — afirmo e ela soluça do outro lado.

— Você está bem? Oh, meu Deus, é você mesmo! — começa a falar descontroladamente, soltando algumas palavras desconexas.

— Eu estou bem, Pam, só um pouco cansada. — a interrompo. — Como você está?

— Como eu estou? *Certo, como eu estou...* Tirando toda a minha preocupação durante todo esse estúpido ano, eu diria que estou bem. — ironiza, fazendo-me rir baixo. — Não ria, Parisa! — me repreende.

Paro de rir, mas ainda estou divertida.

— Desculpe-me. — peço e ela bufa do outro lado.

— Onde você está? Ou melhor, onde você se meteu durante todo esse tempo? — pergunta duramente. — Não preciso nem mesmo dizer a merda que tudo isso aqui ficou sem você. Por que fez isso conosco? Sei que estava ferida, assim como o papai também estava, mas você não podia ter feito isso, Parisa. Não foi justo. O papai quase enlouqueceu e, na verdade, está quase enlouquecendo. Ele não dorme direito, não quer comer direito, pragueja pelos cantos o tempo todo. E pior, ele chora quase todo dia. Eu não aguento mais vê-lo dessa forma. — acrescenta, fazendo com que eu me sinta pior do que eu já estava me sentindo.

Claro que Oliver não mealaria tudo, ele não faria eu me sentir pior do que eu já estava. Pamella também não, mas ao mesmo tempo em que ela está preocupada comigo, ela também está preocupada com Jake na mesma intensidade. Ouvir tudo que está acontecendo com ele, o tanto que ele está sofrendo, faz com que eu me sinta pior do que algum dia eu imaginei que me sentiria.

Ainda assim, se ele não tivesse estragado a maior parte das coisas, talvez tudo não estaria desse jeito. Não é apenas sua culpa, já percebi isso há muito tempo. É minha, dele e de Trent também. Somos os três culpados.

— Sinto muito por tudo que está acontecendo com ele, mas não conseguiria ficar aí de

qualquer forma. — tento me explicar.

— E decidiu fugir outra vez? Nem mesmo me falou qualquer coisa, Parisa. Eu fiquei desesperada, enquanto tudo simplesmente caía em cima da minha cabeça. Você não faz ideia do inferno que essa casa se tornou quando o papai e o Trent descobriram que você tinha ido embora. — soluça, com a voz embargada. — Os dois ficaram ainda mais transtornados entre eles e não se falam até hoje.

— Você consegue me entender, certo? — indago e ela resmunga, assentindo. — Não fiz isso simplesmente por fazer, Pam. Eu estava precisando de um tempo para mim e eu sei que não teria isso aí em New York, rodeada por Jake e Trent. Eu não fugi, eu apenas decidi me afastar para ter meu espaço e descobrir meu próprio valor longe deles ou de qualquer outra pessoa que pudesse me influenciar.

Ouçó ela suspirar do outro lado, provavelmente entendendo meu ponto.

— Você vai voltar quando? — pergunta, mais calma. — Sinto sua falta. — acrescenta.

— Não sei ainda, mas espero estar pronta para fazer isso o mais breve possível. — confesso.

— Não vai mesmo me dizer onde você está? Posso te fazer uma visita. — insiste.

— Melhor não, Pam.

Sei que se Pamella falasse que viajaria, Jake com certeza iria querer saber para onde ela estaria indo e, conhecendo Pamella do jeito que eu conheço, ela não conseguiria mentir. Mesmo soando chateada, eu sinto que ela está animada pra caramba.

— Tudo bem, posso aguentar isso. — afirma mais para ela do que para mim.

— Preciso ir agora. — informo, colocando um ponto final na conversa antes que ela consiga tirar alguma informação de mim.

— Posso te ligar, certo? Porque eu vou ligar! — avisa.

— Sim, pode ligar. — respondo, rolando os olhos.

Ela ligaria de qualquer forma.

— Certo, amo você, Paris. — diz mais baixo.

— Amo você. — respondo e finalizo a chamada.

Jake e Trent imediatamente invadem minha mente. Saber que os dois ainda não se falam é uma merda. Pensei que eles já tinham se resolvido, dado o tempo que eu já estou afastada deles, mas isso só me faz perceber o quão cabeça dura eles são.

Um ano atrás, quando saí de New York, eu pensei que não sentia mais nada por eles dois, mas eu estava enganada. Meus sentimentos eram tão fortes naquele momento que eu praticamente não sentia nada. Durante todos esses meses eu percebi que nunca deixei de amar nenhum deles, a única diferença agora é que eu me amo tanto quanto amo eles.

Nesse momento, tenho três certezas concretas:

1 - Jake não deixou e nunca vai deixar de ser meu pai.

2 - Trent não deixou e nunca vai deixar de ser meu primeiro e único amor.

3 - Eu mudei, e quando eu voltar e decidir que é a hora de encontrá-los, vou mostrar a eles que não podem mais simplesmente mandar em mim.

Capítulo 2

Trent Wayne

Ela foi embora.

Outra vez.

E eu mereci, ou melhor, mereço.

Eu a deixei quando ela mais precisava, então o meu lado racional me diz que é justo. Mas o irracional esbraveja na minha cabeça e de alguma forma eu o escuto na maioria das vezes. Ele me diz que por mais que eu merecesse, ela não devia ter feito isso outra vez. Não devia ter fugido, muito menos no estado em que se encontrava.

Bato com o copo de vidro no balcão e o barman o enche com mais do líquido transparente e puro.

Absinto.

Dizem que essa merda pode até causar alucinação, mas não é como se eu ligasse. “Ele” é o meu melhor amigo desde que Parisa se foi. Eu tenho algumas amigas também, “elas” se chamam Vodca e Tequila.

Metade da semana eu estou sóbrio e na outra metade eu estou bêbado.

É uma rotina do caralho.

— Você deve parar com isso. — a voz de Max entra na minha mente e eu penso que é coisa da minha cabeça, até que eu o vejo ao meu lado.

Viro o líquido de uma só vez e bato o copo novamente no balcão. O barman se aproxima, mas Max o dispensa.

— O que está fazendo aqui? — resmungo, irritado.

— Alguém tem que se certificar que você não vai se matar por aí. — responde firme, o que me faz rolar os olhos.

— Vai beber comigo ou ainda vai à casa da sua namorada? — indago.

— Não vou beber e não vou até a casa da minha namorada.

Eu o encaro brevemente e rosno.

— O que diabos você tem que eu não tenho? Por que ele te aceitou e não aceitou a mim? O maldito era como um pai, porra! — vocifero, atraindo olhares pra mim, mas não me importo com essa atenção.

Sei que sou fodido, fodido pra caralho, mas ainda assim Jake me conhece e sabe que não faria mal a Parisa. Não da forma que ele tanto teme. E isso me deixa puto.

— Trent, você tem que parar com isso. — Max diz, entre dentes. — Parisa não gostaria

de te ver dessa forma, você sabe disso. Além do mais, lute por ela. Se quiser que Jake te aceite, vá e exija que ele te escute. Tenho quase certeza que ele não vai ser o problema dessa vez, afinal, Parisa foi embora há um ano e ninguém tem notícias. Sei que ela vai voltar, então é melhor que você já tenha tudo isso resolvido com Jake antes que ela apareça. — ele coloca uma mão em meu ombro. — Confio em você, cara. Faça a coisa certa e esteja preparado para o dia em que ela voltar.

Talvez seja por isso que Jake tenha aceitado o Max e não a mim: ele sempre está certo.

— Eu tentei falar com ele tantas vezes, você sabe disso. — resmungo, irritado.

— Sei que tentou, mas agora faça com que ele veja que você tem bolas, não no sentido literal, claro. — diz, fazendo uma careta e eu cerro os olhos para ele. — Não fale com ele como Trent, fale como Furor. Seja a porra do lutador dentro e fora do octógono.

Respiro fundo e levanto o braço, chamando o barman.

— Mais uma. — comando assim que ele para na minha frente.

— Trent, eu falei sério...

— E eu entendi. Preciso de mais uma, apenas isso. — sentencio.

O barman enche meu copo pela última vez e eu tomo a bebida com calma, enquanto as palavras de Max ecoam na minha cabeça.

— Eu vou falar com Jake. — afirmo, tomando o último gole da minha bebida.

— Sim, cara. Faça isso, amanhã talvez, que tal? — rebate, franzindo o cenho enquanto puxo minha carteira do bolso e me levanto.

— Vou falar com ele agora. — acrescento, jogando algumas notas no balcão e saindo em disparada.



Bato na porta da casa de Jake.

Vou fazê-lo me escutar, custe o que custar. O velho está tão fodido quanto eu. Ele tem que me escutar dessa vez.

Escuto um arrastar de pés e segundos depois a porta abre. Jake me encara sem muita vontade e muda o peso de um pé para o outro.

— O que você quer aqui? — resmunga.

— Conversar com você sobre a Parisa. — vou direto ao ponto.

Seus olhos cansados ficam eufóricos em questão de milésimos de segundos. — Ela apareceu? Procurou você? Diga-me onde ela está! — dispara de uma só vez.

Balanço a cabeça negativamente, tomado do mesmo desespero que ele. Também quero saber onde ela está.

— Ela não me procurou e eu não sei onde ela está. — respondo, passando a mão por meus cabelos nervosamente.

Jake dá um passo para trás, enquanto volta a sua expressão inicial de má vontade.

— Não temos nada a ser falado. — informa.

Ele tenta fechar a porta, mas eu coloco meu pé e o impeço.

— Temos muito a ser falado e você vai me escutar. — digo.

Jake cerra os olhos para mim e bufa irritado. Ele solta a porta, dando-me espaço e sai andando até sua poltrona.

Entro em sua casa e uma onda de nostalgia me invade enquanto fecho a porta e encaro o local. Tenho vontade de ir até a cozinha, com a esperança de encontrar Parisa no fogão preparando algo para comer, mas sei que ela não vai estar lá. Também tenho vontade de subir até seu quarto apenas para tentar sentir seu cheiro, mas esse foi embora junto com a dona.

Porra.

Preciso dela.

Preciso pra caralho.

— Não tenho a noite toda. — Jake se pronuncia outra vez.

Escutamos algo cair no andar de cima e, provavelmente, é a Pamella mexendo em suas coisas. Jake não se mexe, então eu também não o faço.

— Sei que as coisas não estão da forma certa. Na verdade, estão da pior forma possível. Parisa está em algum lugar que não sabemos, ela não quer falar com nenhum de nós dois e isso provavelmente significa que ela nos odeia. — falo, enquanto Jake me encara sem expressão. — Quando comecei a me envolver com Parisa, eu já queria ter te contado desde o início, mas ela não deixou, com medo das consequências e eu respeitei a vontade dela. Mas, quando você descobriu tudo eu fui um filho da puta. Eu a deixei aqui enfrentando você, sozinha, e eu não cumpri minha palavra com nenhum de vocês. Eu disse a ela que lutaria por nós dois, Jake, mas apenas saí por causa do respeito que eu ainda sentia por você naquela época. Eu não podia te bater, afinal foi o pai que eu nunca tive.

— Você me deu sua palavra! Disse que ficaria longe dela. — Jake rosna com os punhos cerrados.

— Não fui capaz de fazer isso e nem mesmo posso dizer que sinto muito, porque eu não sinto. — enuncio e ele se levanta, vindo em minha direção. — Ela é a melhor coisa que já aconteceu em toda minha vida, será que não vê isso? Porra, Jake! Eu nunca faria mal a Parisa, você me conhece melhor do que ninguém. Ela é a única pessoa que me mantém no eixo e você querendo ou não, eu a amo e vou lutar até meu último suspiro para tê-la de volta. — continuo, sem

quebrar nosso contato visual. — Sei que sou fodido de mil e uma formas diferentes, mas vou ser tudo que ela precisa, pode acreditar. Ela vai ser a mulher mais feliz e amada em toda maldita terra.

Jake dá um passo para trás e inclina a cabeça para o lado.

— Você pode falar sim ou não, isso não importa. Eu vou tê-la de volta nos meus braços nem que para isso eu tenha que me ajoelhar na frente dela. — digo, passando a mão em meus cabelos outra vez. — Se eu estou aqui nesse momento, não é por consideração a você, mas é apenas porque é o pai da mulher que eu amo. Quero te deixar ciente que eu vou lutar por ela e você não vai se meter dessa vez, Jake.

— Você tem certeza que a ama? — pergunta.

Rolo os olhos, irritado.

— Admito que eu não sabia o que era o amor, Jake, mas acabei descobrindo em cada risada, rolar de olhos... cada pequeno gesto que Parisa fazia. Ela me mantém fascinado, hipnotizado. Eu só consigo sentir isso por sua filha e ela não é como as outras. O que eu sinto por ela não vai passar nunca. Não me pergunte isso outra vez, Jake. — digo, irritado.

Ficamos em silêncio por longos minutos, mas não deixamos de nos encarar.

Dando-me por vencido, dou as costas à Jake e caminho até a porta. Ele pode ficar calado, mas já sabe que o que eu sinto por Parisa é grande, e isso é o que importa. Jake sabe que eu vou lutar por ela e eu já lhe avisei para não atrapalhar. *Isso é tudo.*

— Sinto muito por não ter confiado em você. — murmura, assim que seguro a maçaneta da porta. — Eu estava cego de raiva. Não quis ter falado e muito menos ter te acusado direta ou indiretamente de metade das coisas que eu o acusei. Eu te criei como o filho que nunca tive, garoto. Sei da sua vida, dos seus problemas e, porra, eu tive medo disso afetar a minha filha. Acredito desde sempre que nunca, conscientemente, faria mal a ela ou então eu não teria deixado que vivessem praticamente sob o mesmo teto. — Jake continua. — Não precisa disso para seguir com seus planos, mas pode ficar tranquilo porque eu prometo não atrapalhar nada.

Não acredito no que estou ouvindo.

— Sem mais promessas. — aviso.

Viro para encará-lo, mas diferente de poucos segundos atrás, agora ele está fitando a parede branca como se fosse a coisa mais interessante que já viu.

— Sem mais promessas. — concorda. — Precisamos dela de volta, garoto. Eu não aguento mais essa maldita tortura.

Jake está desesperado, mesmo de longe alguém percebe isso. Eu nunca pensei que algum dia eu presenciaria esse momento, mas aí está. De qualquer forma, que pai não se desesperaria? Ainda mais sendo ele Jake Cohen?

— Eu sei, Jake, sinto falta dela como o inferno também. Mas ela vai voltar, ou então eu vou procurá-la até encontrá-la. — falo, numa tentativa quase falha em tranquilizá-lo.

Jake acena com a cabeça e eu tomo aquilo como uma deixa. Abro a porta de sua casa, mas antes de sair, Pamella desce as escadas de vez, fazendo um barulho alto do caralho.

— Pai, pai, pai! — exclama, desesperadamente.

Viro-me outra vez e ela está com o rosto vermelho e cheio de lágrimas, contrastando com um semblante feliz e risonho.

— Tr-Trent? — gagueja assim que me nota, ficando mais perdida que nunca.

— Pamella. — digo, simples.

— Você está de saída? Preciso falar com o papai... — explica e eu franzo o cenho, mas assinto com a cabeça e viro-me para sair da casa de Jake. — Quer dizer... Espera! — exclama outra vez. Rolo os olhos e torno a virar para encontrá-la sorrindo outra vez.

— O que aconteceu, Pamella? — Jake pergunta, impaciente.

— Parisa! — diz, sem mais nem menos.

Parisa?

— O que tem a Parisa? — pergunto, dando o primeiro passo até ela.

— Eu estava falando com a Parisa há poucos minutos! Ela ligou para mim! — anuncia, enquanto as lágrimas enchem seus olhos outra vez.

Como diabos, porra?

— Você está falando sério? — Jake pergunta com os olhos atentos. — Não era um trote? — arrisca e Pamella rola os olhos.

— Quem ainda passa trote, pai? Claro que era ela! — Pamella diz, passando a mão por seu rosto.

Parisa ligou para Pamella.

Parisa está em algum lugar que agora eu posso descobrir.

Parisa tem um celular e eu posso ligar para ela, para tentar falar com ela.

Parisa está bem.

Parisa pode não querer falar comigo.

Parisa pode ter alguém.

São tantos pensamentos que circulam por minha mente que eu tenho medo de enlouquecer de vez. Parisa finalmente entrou em contato com um de nós, e não é uma surpresa que ela tenha escolhido Pamella.

— Quero falar com ela. — imploro, encarando Pamella.

Se algum dia me deixei enganar e pensei de que poderia usar Pamella para esquecer Parisa, assim que a gêmea chegou aqui em New York, eu estava realmente equivocado. Se essa

ideia tivesse ido para frente, eu estaria bem mais fodido. Eu estaria com a gêmea errada, tentando esquecer a única que sempre esteve presente em meus pensamentos. Parisa poderia estar aqui, mas ainda assim estaria a milhas de distância, o que seria bem pior. Tê-la por perto e não poder tocá-la sempre foi a pior tortura que já sofri e nunca mais quero que isso se repita.

— Eu não acho que seja uma boa ideia, Trent. — lembra Pamella, usando um tom baixo e quase acanhado.

— Por favor, preciso disso. — insisto.

— Também quero falar com ela, garoto, mas talvez... talvez devêssemos esperar alguns dias. — Jake propõe e eu aperto o punho com força.

Esperar mais do que eu já esperei?

Um. Maldito. Ano.

— Como ela está? O que ela falou? — Jake começa a indagar e eu me obrigo a ficar e ouvir tudo que Pamella tem a dizer sobre sua irmã, afinal estou desesperado por informações.

— Ela está bem, ou pelo menos foi isso que me deixou saber. — Pamella diz e pigarreia em seguida. — Está morando sozinha, trabalhando. Ela não parecia tão feliz quanto dizia estar, mas talvez fosse apenas o cansaço que alegou estar sentindo... — comenta por fim.

— E o código de área? Dá para saber onde ela está apenas com isso. — Jake argumenta. — Quero saber apenas onde ela está, qual cidade, estado ou país. — passa a mão nos cabelos nervosamente.

— Acredite ou não, ela está com o mesmo código de área que o nosso. Ela não me disse onde está, mas é óbvio para todos nós que não é aqui em New York. — Pamella explica.

— Ainda quero o número dela, por favor. Não vou ligar. — “*por enquanto*”, penso.

Pamella me encara e levanta uma sobrancelha.

— Precisa me dar sua palavra. — ela diz, dando-se por vencida.

Jake ri baixo e eu o encaro.

— Desculpa. — murmura, engolindo o riso e jogando-se em sua poltrona.

— Dou-lhe minha palavra, não vou ligar para ela. — minto, mas é por uma boa causa.

Salvo o número de Parisa no meu celular assim que Pamella o fornece para mim. Despeço-me dos dois e vou direto para o meu carro, entrando e partindo para minha casa.

Chego em casa não muito tempo depois. Durante todo o caminho eu fiquei encarando o número de Parisa na tela do meu celular, dividido entre ligar ou não, mas acabei decidindo que não seria bom ligar hoje. Já foram tantos acontecimentos para um dia só. Bebi pra caralho, levei sermão do Max, enfrentei Jake de uma vez por todas e tive notícias de Parisa. Isso foi o suficiente para um dia só.

A única coisa que consigo sentir além de alívio e um pouco de raiva, é esperança.

Esperança em tê-la de volta.

Minha Parisa.

Capítulo 3

Parisa Cohen

Seis meses mais tarde...

Assim que entro no táxi amarelo e tão famoso de New York, sinto como se tivesse em casa outra vez. E, de fato, eu estou em casa, de volta para a cidade onde eu nasci e cresci.

Nos últimos meses eu pensei, pensei e pensei mais um pouco. Depois de um ano e meio, resolvi voltar para New York. Sinto-me completa e totalmente preparada para enfrentar o que estiver me esperando aqui. Não pretendo ver Jake ou Trent no momento, isso é certo, mas eu não sei o que o destino me reserva.

O caminho do aeroporto até o dormitório que aluguei um quarto não é tão longo. O motorista do táxi finalmente estaciona em frente ao prédio de tijolos vermelhos com aparência desgastada e velha e eu suspiro aliviada.

— Pronto, senhorita. — sentencia, pacientemente.

Dou-lhe um sorriso forçado, enquanto puxo minha carteira de dentro da bolsa que está em meu colo. Entrego-lhe alguns dólares e saio do carro com ele.

Assim que ele tira do porta-malas a minha bagagem e a entrega para mim, ele faz o caminho de volta e parte.

Encaro o prédio novamente e começo a andar, puxando minhas duas malas pelo caminho. Esse foi o melhor lugar que consegui encontrar perto da NYU e, claro, com o melhor preço. Não posso gastar muito, já que não tenho tanto dinheiro assim e a maioria dele — e eu *realmente* quero dizer a maioria — eu usei para adiantar o pagamento do dormitório.

Entro no prédio e como esperado, não tem um elevador. Posso lidar com isso, apenas precisarei fazer algumas paradas estratégicas na escada até chegar ao sétimo andar.

Quase dez minutos depois, chego ofegante no sétimo andar. Solto minhas malas e abro minha bolsa, puxando de lá a chave do meu dormitório.

Quarto 803.

Ajeito a bolsa novamente em meu ombro e volto a puxar as minhas malas pelo corredor até parar na frente da porta com o número 803. Antes que eu possa soltar minhas malas outra vez, a porta se abre e uma garota ruiva me fita com um sorriso largo.

— Você deve ser a Parisa, minha nova colega de quarto! — exclama, animada. — Eu sou Jackie, a outra dona desse pequeno cubículo que iremos dividir de hoje em diante. — ela sorri mais ainda e pega uma das minhas malas. A garota sai puxando minha mala para dentro, enquanto eu a encaro meio sem reação. — Eu fui avisada na semana passada sobre você, por isso sei seu nome. — completa.

Finalmente movo meus pés e entro no quarto, observando o lugar sem pressa. As paredes são brancas e limpas, sem nenhum pôster de banda espalhado por elas. Há uma janela grande,

que fica em frente as duas camas de solteiro presentes no espaço e que são separadas apenas por uma mesinha de cabeceira. Um armário grande de madeira escura cobre quase toda a parede que fica de frente para a porta, e também há um sofá preto de dois lugares debaixo da janela.

— É um prazer conhecer você, Jackie. — finalmente falo, tentando usar meu tom mais educado e não mostrar o meu susto diante sua atitude energética.

— Igualmente, Paris. — diz como se fôssemos melhores amigas, e isso meio que me incomoda.

Forço um sorriso pela segunda vez no mesmo dia.

— Olha, eu estava de saída agora, mas se quiser posso ficar para te ajudar a tirar as coisas das malas e tudo mais...

— Não! — exclamo e ela se encolhe. — Quer dizer, não é preciso, Jackie. Eu gosto de fazer isso — minto. — Não quero te atrapalhar, pode ir fazer o que você tinha programado.

Ela dá de ombros.

— Tudo bem, então. Eu volto daqui a pouco. — resmunga e pega uma bolsa que estava em cima de sua cama. Ela se aproxima de mim e me dá um abraço, que eu acabo retribuindo completamente sem graça. — Sinta-se em casa. — conclui, antes de se afastar.

Deus, só faltou um beijo maternal para deixar a situação mais constrangedora!

Assim que Jackie sai do nosso quarto, consigo respirar outra vez. A minha colega de quarto com certeza tem uns três parafusos a menos na cabeça.



Dois semanas mais tarde...

O sol queima minha pele, enquanto eu corro para não perder a bendita aula de Introdução à *alguma coisa que eu não me lembro no momento*. O campus está abarrotado de alunos, o que dificulta a minha passagem e me obriga a meio que empurrar quase todo mundo para fora do meu caminho.

Uma vez ogra, sempre ogra.

Vejo uns caras que parecem ser do time de futebol da universidade desfilando como se estivessem em estúpidos filmes de Hollywood.

Olá?

É vida real isso aqui.

E ainda tem as garotas que babam enquanto eles passam.

Poupe-me.

Continuo meu caminho incerto enquanto dou uma olhada no papel em minha mão, pescando outra vez o número do auditório em que terei aula essa manhã, que já deve até ter começado.

Auditório quatro às oito e meia da manhã.

Olho no relógio preso ao meu pulso e constato que já são oito e meia da manhã. Santa merda!

Sigo as setas de informação que estão espalhadas por toda universidade e continuo correndo até esbarrar em alguém, mais precisamente uma garota. Por pouco eu não a faço cair no chão, mas a sua pasta infelizmente cai.

Parabéns, Parisa.

— Mil desculpas, eu não vi você... — falo ofegante, enquanto me abaixo para pegar a sua pasta.

Escuto uma risada e eu acho que é dela. Volto a minha posição anterior, completamente ereta e estendo a pasta para a garota. E ela está sorrindo, ou melhor, rindo de mim. Ou da minha cara. Tanto faz, eu devo parecer engraçada afinal acordei tão atrasada e nem mesmo tive tempo de pentear meu cabelo, que hoje resolveu armar uma barraca em cima da minha cabeça.

— Tudo bem, não foi nada. — diz e eu solto o ar pesadamente.

Consigo perceber um pouco de sotaque enquanto ela fala e isso me faz tentar adivinhar se ela nasceu mesmo aqui em New York, já que sua aparência contrasta diretamente com seu sotaque. Deve ser algo como Tennessee ou Texas, não sei ao certo, mas o sotaque parece ser sulista.

De qualquer forma, ela é bonita.

Seu cabelo castanho está cortado da mesma forma que o meu e o comprimento também é o mesmo, e, está assentado em seus ombros de forma sutil. Temos a mesma altura, ela é tão baixa quanto eu e, seus olhos também — *não brinca* — são azuis. É um azul pálido, diferente do azul brilhante dos meus, mas isso os tornam únicos.

— Você parece meio perdida. — diz, tirando-me dos meus pensamentos.

— Bom, eu diria que estou *muito* perdida. — resmungo, rolando os olhos e ela ri outra vez de mim.

— Eu posso te ajudar. — oferece e eu solto um suspiro de alívio. Caramba, alguém realmente me ofereceu ajuda. — Qual sua aula?

Tento desamassar o papel que contém meu horário o máximo possível e assim que consigo, percebo que eu borrei a folha com o suor da minha mão.

— Introdução à *alguma coisa* no auditório quatro. — digo, ainda tentando ler o que está escrito na folha, mas está realmente impossível.

— Então temos essa aula juntas, já que também tenho Introdução à *alguma coisa* no auditório quatro e estou atrasada. — responde, usando um tom irônico e brincalhão. — Melhor nos apressarmos.

Ela indica com a cabeça para eu segui-la e assim eu faço. Estou mais calma por ter conseguido ajuda e por estar sendo guiada por ela. Algumas pessoas encaram a garota ao meu lado, mas ela ignora. Não parece gostar da atenção.

— Eu sou Blue, Blue West e você? — indaga, usando um tom mais baixo e quase incomodado.

Ela realmente parece não gostar de toda essa atenção e, para ser sincera, eu diria que ela odeia.

— Parisa Cohen. — retruco, simples.

— É um prazer conhecer você, mas é melhor irmos mais rápido, Parisa. — Blue resmunga de volta.

Apenas assinto com a cabeça, não muito certa se ela pode me ver ou não, e terminamos nosso caminho em silêncio. Chegamos ao auditório quatro e entramos juntas. O lugar já está bastante cheio, a maioria das poltronas estão ocupadas, o que me faz continuar seguindo Blue e me sentar ao seu lado.

Tiro meu material da bolsa e começo a fazer as anotações mais importantes sobre o assunto que o professor discorre.



Depois de três horários arrastados e entediante, a aula finalmente chega ao fim. Assim como eu, todos os outros alunos já estão prontos para sair do bendito auditório.

Puxo minha bolsa para cima, colocando-a em meu ombro e me viro para Blue.

— Obrigada mais uma vez pela ajuda, agora eu já sei o caminho. — agradeço, sorrindo de lado.

Ela sorri de volta e fica de pé.

— Não foi um problema, afinal. Espero que não se perca mais por aí. — brinca e eu rolo os olhos, mas não deixo de rir.

— Recado anotado, Blue. Até mais. — falo por fim.

— Até mais, Parisa. — retruca.



São quase sete horas da noite quando eu finalmente chego no meu quarto outra vez. Tive mais quatro horários depois dos de Introdução e acabei ficando na biblioteca a tarde inteira.

Fito Jackie, que está andando de um lado para o outro, enquanto um cara está sentado em sua cama.

— Finalmente! Preciso da sua ajuda, Paris. — ela exclama, vindo ao meu encontro. — Qual das duas? Cail não sabe escolher bem. — pergunta segurando duas camisetas, uma azul e uma amarela.

— Só porque eu não escolhi a que você queria. — o cara reclama.

Franzo a testa, já que não sou a pessoa mais indicada para esse tipo de coisa. Eu sempre uso a primeira coisa que aparece na minha frente.

— A azul...? — sussurro pra ela, testando a pergunta e ela faz uma careta, negando. — A amarela, com certeza. — afirmo mais alto.

Ela se vira para o cara, que provavelmente é o tal Cail, e joga a camiseta azul na sua cara.

— Eu te disse! O amarelo valoriza o meu tom de pele, anote isso. — ela exclama para ele.

Dou uma risada baixa, notando o quão ridícula Jackie parece ser às vezes.

— Vamos logo, eu não tenho todo tempo do mundo. — Cail resmunga.

Sento-me na minha cama e pego meu celular, para tentar desviar minha atenção deles.

— Você não quer ir conosco? Vamos jantar em um restaurante italiano aqui perto. — Jackie diz dois minutos mais tarde. — Vamos, Parisa, você só sabe fugir dos meus convites que faço há quase uma semana. Não aceito um não.

Deixo meu celular na cama e subo o rosto para encará-la.

Ela está vestida com a camiseta amarela, shorts e uma bota preta com salto. Não sei pra quê tudo isso, já que ela só está indo jantar.

— Não tenho dinheiro para gastar em restaurantes caros. — tento lhe explicar.

— Muito menos eu. Cail é o único que vai pagar por nós. — ela diz e eu encaro Cail que só dá de ombros, rendido. — Vamos, Paris.

Rolo os olhos e me levanto, no segundo seguinte minha barriga ronca. Jackie ri baixo e eu cerro os olhos para ela.

— Só vou pegar um casaco. — resmungo, indo até meu armário enquanto ela exclama um “*sim*” animada.

Espero não encontrar nenhum conhecido.

Capítulo 4

Trent Wayne

Os meses que se sucederam depois do meu entendimento com Jake foram infernais. Quanto mais o tempo passava, mais eu tinha que lidar com a falta que Parisa fazia.

Um estúpido ano e meio sem ouvir a sua voz, sentir seu cheiro, beijar sua boca e até mesmo sem me enterrar dentro dela. Ou dentro de qualquer outra. O mais perto que tive de sexo, foi um boquete que recebi depois de umas das minhas lutas no Circuito há quase cinco meses. As lembranças daquele dia não são nem um pouco boas. Deixei-me ser levado pela raiva e frustração de não ter Parisa perto de mim.

A merda foi feita.

“Finalmente depois de ter acabado com o último lutador da noite, ando em passos largos de volta para a minha sala de concentração. Sem fotos, sem autógrafos, sem porra nenhuma para ninguém. Quanto mais eu luto, menos eu consigo desgastar toda a raiva que está dentro de mim.

A saudade que sinto de Parisa me corrói e me consome de forma lenta e dolorosa. Não consigo me lembrar a última vez que eu realmente consegui dormir uma noite inteira sem acordar por conta de pesadelos ou até mesmo insônia. E o pior de tudo é que a única imagem que tenho dela é a da última vez que a vi.

Aquela estúpida noite; ela machucada por todos os lados, rejeitando meu toque, minha ajuda.

Não suporto essa lembrança.

*Não suporto ter que conviver com a ideia de que se eu tivesse enfrentado Jake ao lado de Parisa, ela não teria passado por tudo aquilo. Ela estaria aqui comigo, **agora**, ao meu lado, porque esse é o lugar onde ela pertence.*

Bufo irritado e passo pelos seguranças que vigiam a minha sala, entro no local e bato a porta com força em seguida. Acabei de lutar com quatro fodidos na porra do octógono, mas não estou nem um pouco relaxado. Não me sinto melhor.

— Finalmente você chegou! — uma voz nasalada e estranha enche o ambiente, deixando-me momentaneamente confuso.

Quando viro para procurar quem é a dona da voz, mãos pequenas seguram meus braços com força.

— O que diabos é você? — rosno, encarando a figura loira em minha frente.

Suas mãos sobem e descem por todo meu braço, enquanto seus dedos frenéticos e desesperados traçam minha pele de forma desconfortável.

Como diabos essa mulher entrou aqui?

— Sou sua maior fã, Furor! Eu – Eu esperei por esse momento há anos! – Oh meu Deus, como você é...

Interrompo sua frase assim que afasto meu corpo para longe dela. Era só o que me falta, uma fã na minha sala.

— É melhor você dar o fora daqui. Esse não é um dia bom e eu não estou nem um pouco no clima para receber qualquer pessoa, incluindo fãs. — sentencio de forma impaciente e irritada.

— Mas eu esperei... eu esperei por esse momento, eu sonhei com esse momento! Não vou sair daqui sem realizar meu sonho. — rebate, desesperada.

— E qual é o seu sonho? Uma foto? Um autógrafo nos seus peitos? Sinceramente, mexa sua bunda para fora da minha sala. Agora! — esbravejo, literalmente enfurecido.

Parisa não gostaria disso. Não gostaria que uma mulher estivesse em minha sala, querendo o que quer que seja de mim.

De qualquer forma, onde está Parisa agora? Provavelmente seguindo em frente enquanto cada dia é um completo inferno para mim.

— Não vim atrás de um autógrafo ou foto, vim atrás de você, ou melhor, foder com você. — diz, segura.

Tenho vontade de rir, mas me controlo diante da ridícula situação que estou.

— Não vou foder com você, boneca. — ironizo, rolando os olhos.

Ela se aproxima outra vez e eu bufo mais irritado ainda. Seus dedos enrolam no cós da minha bermuda e ela sobe os olhos para me fitar.

— Deixe-me fazer algo, por favor. — se ajoelha na minha frente.

Antes que eu me pronuncie qualquer palavra, ela puxa a minha bermuda para baixo e começa a trabalhar com dedicação e avidez em um lugar que estava solitário há um ano e um mês.

Parisa é a única pessoa que passa por minha cabeça antes de gozar em cima da loira invasora.”

Ainda me sinto um imbecil com as lembranças daquele dia. Depois que saí da arena naquela noite, fiquei a noite inteira encarando o número do celular de Parisa. Eu queria ligar para ela, mas ponderei tantas vezes quanto pude até cair no sono sentado em minha poltrona com meu caderno de desenho na mão.

Levanto-me do banco, terminando de amarrar as bandagens em minhas mãos e vou direto para o octógono, onde os caras me esperam para treinar.

— Há boatos de que Shark andou falando por aí que quer sua cabeça nessa temporada. — Mike fala assim que eu entro no octógono. — Falou que vai empurrar seus botões e provocar a merda para fora de você.

Rolo os olhos e começo a me alongar.

— Ele vai tentar de tudo para tomar o seu cinturão. Até mesmo jogando com as merdas ilegais dele. — Paul completa.

— Por que estão falando isso para mim? Shark sempre ameaçou e nunca fez nada. — rebato, irritado. — Ele sabe que se tentar algo, vai sair fodido.

— Estamos te falando por causa disso... — Mike diz e em seguida aponta para Lucas.

Lucas está sentado completamente torto no banco que fica dentro do octógono, pressionando um saco de gelo no seu olho esquerdo enquanto exibe um roxo escuro no direito. Consigo ver mesmo de longe o sangue seco no canto da sua boca e em seu supercílio aberto.

Ando em passos largos até ele e paro em sua frente, me abaixando para ficar na mesma altura que ele está.

— O que diabos aconteceu com você? — pergunto e já tenho quase certeza do que ele vai falar.

— Eu sou o recado de que Shark não está só ameaçando dessa vez... — tosse e segura sua barriga, enquanto o seu rosto se contorce de dor. — Ele e os homens dele fizeram isso, ontem... ontem de noite depois que eu saí d-daqui.

Meus punhos já estão cerrados, enquanto absorvo a situação. Esses caras são mais que simplesmente minha equipe de treino, eles são meus melhores amigos e Shark sabe disso, já que resolveu atingir um deles.

— Você não pode cair na dele, cara. Já avisei Jaz e os outros pra ficarem de olho em tudo lá fora. — Paul diz assim que eu me levanto.

— Leve-o para um hospital e diga para Jaz vir até mim, eu estarei o esperando na sala de Jake. — falo para Mike e ele assente.

Os dois ajudam Lucas a se levantar e sair do octógono enquanto observo Max se aproximar de mim apressadamente.

— Vejo que já está sabendo de tudo que aconteceu, mas ainda há outra coisa. — Max enuncia sem fôlego. — Depois que você saiu essa manhã da sua casa, dois homens conseguiram entrar e quebraram tudo que estava ao seu alcance. A sala principal da sua casa está fodida, cara. Temos quase certeza de que foram os homens de Shark que fizeram isso.

Tento contar de um até dez para manter a calma, mas paro no número um. Não estou calmo e nem vou ficar. O problema não é o dinheiro, posso comprar quantas salas eu quiser por milhares de vezes. O problema, nesse caso, é o jogo sujo de Shark e sua corja.

— Shark está mexendo com a pessoa errada. — digo, meio que rosnando.

Passo por Max, indo direto para a sala de Jake, enquanto ele me chama pelo caminho. Dou duas batidas na porta que não servem para nada, já que eu entro em seguida sem esperar por sua resposta.

Jake está falando com alguém no telefone e franze a testa assim que me vê. Ele se despede da pessoa e se levanta da sua cadeira.

— O que houve? — pergunta, enquanto tento controlar o tremor que toma conta das

minhas mãos. Estou tremendo de raiva.

— Shark atacou Lucas na noite passada e essa manhã dois homens entraram na minha casa e destruíram toda a merda que acharam pela frente, segundo Max. — o informo, entre dentes.

— O quê? *Mas como...?* E Lucas, como ele está? — Jake questiona, mas não tenho tempo para responder.

Jaz entra na sala de Jake e abaixa a cabeça.

— Senhor, sinto muito pelo que aconteceu na sua casa, eu já...

— Não temos tempo para isso. — o corto. — Quero que contrate os melhores e mais confiáveis seguranças que você conhece. — digo e ele levanta o rosto para me encarar, surpreso. — Isso está na sua responsabilidade, não quero nenhum deslize.

Jaz assente com a cabeça prontamente e eu tomo uma respiração curta, controlando meu impulso de quebrar as coisas.

— O senhor quer que eu entre em contato com a polícia? — Jaz pergunta e eu balanço a cabeça negativamente.

— Nada de polícia, sou eu quem vai lidar com Shark. — rosno. — Quero os melhores seguranças dessa porra de cidade com cada um dos caras e na casa de Jake, vigiando Pamella e o velho. — ordeno e me lembro de mais uma pessoa. — E a Parisa também. Quero saber onde ela está, para ontem. Veja um detetive ou quem quer que seja capaz de descobrir o paradeiro dela.

Assim que termino de falar, Jaz sai da sala pronto para obedecer minhas ordens. Viro para Jake e ele levanta uma sobrancelha.

— Vai me explicar toda essa merda agora? — indaga.



Depois de explicar tudo que aconteceu para Jake, dei o fora da academia e fui direto para a minha casa. Assim que entrei, vi todo o estrago feito por ali. A maioria já foi tirada de lá por meus empregados, mas ainda tem muita merda quebrada que precisa ser jogada no lixo.

Subo para o meu quarto e o acho da mesma forma que eu o deixei mais cedo. Bato a porta e me sento em minha cama, tentando digerir a merda que aconteceu.

Isso para mim não foi nada mais que uma declaração de guerra, que é o que Shark sempre insinuou e nunca teve coragem de cumprir. Mas agora ele o fez e eu estou mais que pronto para fazê-lo engolir suas bolas. *Literalmente, se possível.*

Ele atacou um dos caras porque não sabe quem é realmente meu ponto fraco. Se algum dia ele tocar em Parisa ou pelo menos respirar perto dela, ele vai estar fodido. Não sei se

agradeço por ela estar longe do caos que isso vai virar ou se me preocupo por sua ausência. A opção dois acaba sendo inevitável.

Preciso saber onde ela está para tê-la por perto e protegê-la como nunca o fiz antes, da forma certa.

Passo a mão por meus cabelos e pego meu celular outra vez, encaminhando o número de Parisa para Jaz e dizendo-lhe para aparecer com a informação o mais rápido possível.

Preciso saber onde ela está.

Capítulo 5

Parisa Cohen

Visto meu casaco rapidamente e saio do dormitório com Jackie e Cail. Ela vai na frente com ele, os dois se abraçando como um casal de namorados enquanto eu apenas os sigo calada. Descemos as escadas e quando finalmente saímos do prédio, andamos mais um pouco até pararmos em frente a um carro esportivo de cor meio azulada.

— O restaurante é maravilhoso, Paris, você vai amar. — Jackie diz, abrindo a porta do passageiro e entrando.

Eu faço o mesmo, abrindo a porta traseira, acomodando-me no banco de trás. Cail toma seu lugar no banco do motorista e logo partimos para o nosso destino.

Durante todo caminho, Jackie não parou de falar por um só segundo. De alguma forma, ela me lembra um pouco o jeito falador de Pamella. As duas sempre tem algo para falar e quando não tem, elas simplesmente inventam.

Dez minutos mais tarde finalmente paramos em frente um restaurante chamado Via della Pace, localizado no East Village, 7th st. O local não é longe do nosso dormitório e, conseqüentemente, não é longe da NYU. Se for realmente bom, eu até posso fazer um sacrifício e vir comer aqui de vez em quando.

Cail estaciona o carro em uma vaga livre e saímos, indo em direção ao restaurante. Jackie me puxa de um lado e puxa Cail do outro, começando a divagar sobre como a noite está bonita.

Entramos no local e logo posso perceber o clima aconchegante e acolhedor, além de rústico e refinado. O cheiro de massa fresca é muito presente e isso faz meu estômago reclamar um pouco mais alto, mas eu o ignoro. Cail vai falar com o gerente, enquanto eu e Jackie esperamos pacientemente. Quando ele volta até nós outra vez, é apenas para nos chamar e nos guiar até uma mesa.

— Eu amo esse lugar. — Jackie murmura para mim, segurando no braço de Cail.

Balanço a cabeça aleatoriamente, enquanto admiro mais um pouco o estabelecimento. Chegamos a uma mesa com seis cadeiras e tomamos os três lugares que estão dispostos um ao lado do outro.

— Deveríamos ter pedido uma mesa menor. — sussurro apenas para Jackie ouvir.

— Ah, não! Cail convidou uns amigos, por isso as três cadeiras. — ela diz, rindo.

Aceno, não querendo mostrar minha insatisfação para nenhum dos dois. Se eu soubesse disso antes, teria negado o convite com todas as minhas forças. Cail já é desconhecido para mim, agora mais três pessoas? Vou ter que fazer o meu melhor para não ser rude.

O garçom se aproxima e entrega um cardápio para cada um de nós. Fico analisando os pratos calmamente até que ouço uma voz. Uma voz conhecida, *não muito*, mas ainda assim eu não

esqueceria da nossa discussão.

— Ei, cara, finalmente! — escuto Cail exclamar e tiro o cardápio da frente do meu rosto.

É Keel. O cara com quem eu discuti na abertura do Circuito. O irmão de Shark. O que me chamou de *Patinho Feio* e quase partiu para cima de mim. Sim, lá está ele, sorrindo como se não fosse um tremendo imbecil.

— Shark estava enrolando porque teve que resolver umas paradas no caminho, mas cheguei. Ou melhor, *chegamos*. — assim que ele finaliza a frase, vejo Shark entrar pela porta principal com mais um homem.

Eu sinto como se estivesse com sorte por nunca ter conhecido Shark pessoalmente, dessa forma ele não fará uma ligação entre Trent e eu. Mas não posso dizer o mesmo do seu irmão, já que quase nos engalfinhamos na arquibancada do Circuito.

— O cara é lutador de algum lugar por aí, eu esqueci o nome. — Jackie diz para mim.

— Circuito. — eu falo, roboticamente.

Keel parece ter ouvido o que eu disse, já que me encara e espalha um sorriso pelos lábios. Tomara que ele não se lembre de mim, senão as coisas realmente vão ficar podres por aqui.

— Uma fã? Meu irmão gosta. — ele diz, com um sorriso presunçoso.

Shark se aproxima totalmente de nós, parando ao lado de Keel e nos encarando. Mais precisamente, me encarando.

— E ela ainda tem que ser bonita... — Shark enuncia, sorrindo como um maldito tubarão. *Que ironia*.

Abaixo os olhos, incomodada com os dois e quase me levanto para ir embora, mas respiro fundo e me mantenho sentada na cadeira.

— Ela é envergonhada, não façam isso. — Jackie alerta.

Tenho vontade de dizer-lhe que isso não se trata de vergonha, apenas nojo e repulsa, mas continuo calada sem mover um só músculo.

— Melhor ainda... — Shark resmunga, sentando-se na cadeira em minha frente. — Você gosta de luta, princesa? — questiona mais alto.

Levanto os olhos para encará-lo e dou um sorriso cínico.

— Sim, eu ajudava meu pai na academia dele. — digo, balançando os ombros e tentando demonstrar insignificância.

— Não diga! — Shark ironiza. — Conte-me, qual o nome da academia? Talvez seja a mesma que eu treino.

Levanto uma sobrancelha.

— Prefiro não comentar. — respondo, sem pensar mais de duas vezes.

Shark me olha em tom de desafio, mas apenas acena com a cabeça, sorrindo outra vez.



Depois de tanto Jackie insistir, termino minha primeira taça de vinho branco, me sentindo um pouco menos tensa. Shark falou sobre o Circuito e sobre as lutas que estão se aproximando, além de tentar se aproximar de mim durante toda a noite.

— Qual o seu lutador preferido do Circuito, Parisa? — Keel indaga, enfiando um garfo cheio de macarrão com molho na boca.

Imito seu movimento, enfiando meu próprio garfo com macarrão na minha boca. Isso me dá um pouco de tempo para pensar no que devo falar, enquanto os irmãos me encaram ansiosos e Jackie continua conversando com Cail.

— Eu não me lembro bem o nome do lutador, na verdade. — blefo, tentando fugir do assunto.

— Só não diga que ele se chama Furor... — Keel comenta rindo, o que faz Shark fechar a cara.

— Por que não? — pergunto, fingindo-me de desentendida.

— Ele já tem muita atenção pra si, não precisa de mais. — Shark diz entre dentes e eu seguro a vontade de rir. — Além de tudo, sou melhor que ele. Já estou trabalhando *muito* duro para conseguir o cinturão desse ano. — Shark completa com um sorriso malicioso.

Aí tem coisa...

— Eu realmente não lembro o nome dele, mas não acho que seja esse, de qualquer forma. — rebato.

Vejo o homem que entrou com Shark, que provavelmente deve ser seu segurança, sair do restaurante. Keel começa a falar novamente sobre algumas lutas do ano passado e retrasado, fazendo-me prestar atenção nele.

— Uma vez quase me meti numa briga com uma garota na arquibancada. — Keel diz, fazendo Shark gargalhar.

Sorri cinicamente.

— Mesmo? O que aconteceu? — indago, sabendo que ele está falando de mim.

— Ela estava na nossa área de torcida torcendo para o Furor, adversário de Shark naquela noite. Segundo ela, ela é melhor amiga do cara, uma completa *mulher-macho*. — diz, rindo com Shark, enquanto eu cerro os punhos em cima da mesa.

— Sim, cara, os homens me falaram sobre uma melhor amiga dele, mas não descobriram mais nada. — Shark murmura para Keel e me encara em seguida.

— Ela não devia estar mentindo, então. — Keel retruca e volta sua atenção pra mim. — Nós batemos boca lá e eu quase fui para cima dela, só não nos pegamos lá porque um dos caras me seguraram.

Ele diz rindo, como se bater em mulher fosse a coisa mais engraçada do mundo.

Aperto meus punhos com tanta força que eles começam a doer. Sinto um toque em cima da minha mão e vejo que é Shark, segurando meu pulso.

— Relaxe, Parisa. — murmura para mim.

Estou seriamente com vontade de vomitar. Eles dois são tão repulsivos que eu só quero voltar para o dormitório e expulsar toda aquela comida da minha barriga.

Como se fosse possível, meu estômago embrulha mais ainda quando vejo que o segurança de Shark está apontando seu celular para nós. *Como diabos ele voltou e eu nem percebi?* Ah, claro, eu estava cega de raiva ouvindo esses dois idiotas.

— Por que aquele homem está com o celular apontado para nós? — indago, puxando minha mão para fora do seu alcance.

Shark se vira para encarar o homem e logo volta a me fitar outra vez.

— Não faço a mínima ideia. — diz, franzindo a testa.

Cutuco Jackie, enquanto Shark chama o homem para vir até nós.

— Eu estou indo embora. — aviso, sentindo um arrepio na espinha.

Jackie levanta uma sobrancelha.

— Mas você nem terminou ainda, amiga. — diz.

Levanto do meu lugar e dou-lhes um sorriso. Não dá mais para ficar nesse lugar, *não mesmo*.

— Eu preciso ir, pessoal. O jantar foi ótimo, mas já está na minha hora. — aviso e saio ando, sem esperar por nenhuma resposta.

Passo pelo homem, que anda até a nossa mesa, e ele dá um sorriso para mim. Tenho vontade de parar e pedir para ele apagar o que quer que ele tenha feito naquele celular, mas nem mesmo tenho certeza que ele tirou fotos. Ele poderia estar fazendo outra coisa, certo? Ah, merda, nada certo!

Saio do estabelecimento e aperto o casaco contra meu corpo, sentindo um vento frio e desagradável me atingir. Estou nervosa, uma pilha. Depois de fazer sinal para quase cinco táxis, um finalmente para na mesma hora que Shark sai do restaurante com Keel e o outro homem.

— Ei, *Patinho Feio*! Virou um belo cisne, huh?

Keel só precisou gritar isso para que eu corresse e entrasse desesperada no táxi. O homem provavelmente descobriu que **eu** sou a melhor amiga de Trent e sabe-se lá mais o quê.

Encosto minha cabeça no vidro e o taxista arranca a meu pedido, mas antes disso ainda

consigo ver um sorriso diabólico se formar nos lábios de Shark.

Assim que chego ao dormitório, jogo o dinheiro para o taxista que está no bolso do meu jeans e praticamente corro escada acima.

Não me assusto e nunca me assustei com facilidade, mas o sorriso de Shark fez com que um calafrio subisse por toda minha espinha, irritando-me e assustando-me profundamente. E o seu irmão não fica muito atrás.

Abro a porta do quarto assim que consigo controlar o tremor que tomou conta das minhas mãos. Volto a trancar a porta, já dentro do cômodo, sentindo-me um pouco mais aliviada por estar bem longe deles.

E se eles viessem atrás de mim?

*E se **Jackie** trouxesse **eles** até mim?*

Eu não quero nem mesmo pensar nisso, já que sinto que posso vomitar a qualquer momento apenas com a simples lembrança dos dois; *de Shark*.

E o que diabos o segurança de Shark estava fazendo com o celular apontado para nós? Eu nem mesmo quero pensar em todas as malditas possibilidades do que ele poderia estar fazendo.

Bloqueando os meus pensamentos, jogo-me na minha cama e enrolo-me debaixo das minhas cobertas, adormecendo sem demora.

Capítulo 6

Trent Wayne

Passo minhas mãos por meu rosto, despertando de mais um dos usuais pesadelos que sempre me acompanharam por toda vida. Dessa vez esse me deixou mais perturbado que o normal, uma vez que Parisa não aparecia com frequência neles. Balanço minha cabeça, numa tentativa frustrada de tirar a imagem de Parisa da minha mente.

Meu celular, que está jogado entre os lençóis da minha cama, começa a vibrar e tocar, mas não me movo para atendê-lo. Levanto ofegante, tentando estabilizar minha respiração aos poucos enquanto sinto uma camada de suor espalhada por meu corpo febril.

Caminho até o banheiro e ligo o chuveiro, não me importando com a temperatura da água, eu apenas preciso me acalmar.

Pensar em tudo que aconteceu até hoje me deixa doente de tantas formas e por tantos motivos. E agora mais essa sensação perturbadora de que as coisas vão continuar dando errado e o filho da puta do Shark começando com as merdas dele.

E Parisa...

Porra, tenho mesmo sorte dela estar longe, porque se ela estivesse aqui, no alcance de Shark, eu não sei do que eu seria capaz de fazer.

Eu teria que mantê-la ao meu lado o tempo todo e sei que isso não seria nada fácil, afinal, *Parisa é Parisa*. A mesma que se envergonhava com um olhar meu e, em contrapartida, me desafiava mais do que qualquer outra pessoa. Parisa sempre falava “e se eu não fizer isso?” ou “e se eu não fizer aquilo?”, o que me tirava do sério, mas no final ela me obedecia. Isso provavelmente era apenas parte dos seus jogos que muitas das vezes consistiam em me ver irritado.

Mas agora, levando em consideração tudo que aconteceu, eu não sei se ela faria o mesmo que antes: acatar minhas ordens e me obedecer no final de tudo. Por isso eu agradeço por ela estar longe, pelo menos até o término do Circuito, uma vez que não a ter me obedecendo seria tudo o que eu menos preciso nessa temporada.

Termino meu banho, tentando eliminar pelo menos um pouco da tensão que está pesando sobre mim, e saio do banheiro, indo diretamente até o meu closet.

Visto um jeans e uma camisa preta, pegando minha mochila e jogando minha roupa de treino ali dentro.

O que eu realmente preciso é ir treinar.

Desço, indo diretamente até a cozinha, onde Roxy está terminando de colocar um copo de vitamina no balcão.

— Bom dia, Furor. — diz, sorrindo e eu apenas aceno com a cabeça de volta.

Pego o copo e bebo rapidamente a batida que está ali dentro. Estou estupidamente elétrico, preciso tirar toda essa merda de dentro de mim o mais rápido possível. Termino de beber, limpo a boca com minha mão e deixo o copo em cima do balcão.

— Daqui a pouco Jaz vai aparecer aqui para comandar a arrumação de toda aquela porcaria lá na sala, mas por enquanto eu quero que você fique lá de olho. — digo, virando-me para sair e ouvindo sua afirmação.



Meu celular começa a tocar outra vez quando já estou dentro do carro a caminho da academia. Checo o visor e quando vou atender, a chamada cai.

É Jaz e Max.

Cinco ligações perdidas de ambos.

Não faço ideia do que diabos eles querem comigo uma hora dessa, mas com certeza eles sabem que eu estou indo para academia.

Dez minutos mais tarde estaciono meu carro na mesma vaga de sempre. O carro de Jake já está ali também, assim como o de Max.

Saio do carro com a minha mochila e celular nas mãos. No instante em que eu me movo para começar meu caminho até a entrada da academia, um carro para bruscamente na calçada.

Lá de dentro sai Shark e mais dois caras. Um se parece muito com ele, mas já o outro tem porte e apenas aparenta ser um segurança qualquer da sua maldita corja.

Do outro lado vejo Jaz, Max e Paul se apressarem até o meu encontro.

Encaro Shark, soltando minha mochila no chão e enfiando meu celular e chave no bolso da minha calça. O verme se aproxima de mim com um sorriso de orelha a orelha.

— Senhor! — Jaz grita, tentando chamar minha atenção, mas não desvio o olhar de Shark.

A cada passo que Shark dá em minha direção, novas e diferentes maneiras de como chutar a merda para fora dele passam por minha cabeça. Socá-lo até quebrar todos seus dentes e depois fazê-lo engolir pode ser uma boa ideia. Talvez arrancar as malditas bolas de enfeite dele e dar para ele comer possa, também, ser uma boa maldita ideia. Tortura também é uma hipótese a se deixar na fila.

São tantas malditas formas diferentes que posso usar que uma não seria o suficiente. *Não mesmo.*

— Furor, é realmente um prazer te ver — Shark diz parando na minha frente, cruzando os braços e inclinando a cabeça como se procurasse por alguém. —, assim como foi um prazer

ontem estar com a sua melhor amiga... Como ela se chama mesmo?

Cerrando meus punhos instantaneamente, puxo uma respiração superficial. Do que diabos esse filho da puta está falando?

Parisa está longe.

— Finalmente veio brigar com alguém do seu tamanho? — espeto de volta, não caindo no seu blefe.

Shark ri alto.

— Você não recebeu umas fotos que eu enviei para o seu segurança te mostrar? — pergunta, ignorando de volta o que eu disse.

— Trent, vamos entrar. — Max diz segurando meu braço, mas eu puxo de volta.

— Do que caralho você está falando? — pergunto, vendo tudo vermelho.

O sorriso de Shark é mais largo ainda quando o seu segurança entrega um envelope para ele. O que quer que seja o conteúdo desse envelope, não é bom.

— Eu sabia que ele não ia mostrar para você, por isso fiz o favor de vir pessoalmente entregar-lhe isso. — diz, estendendo o envelope em minha direção.

Arranco aquela porcaria da sua mão com um maldito pressentimento ruim assoprando em meu ouvido. Abro o envelope e puxo o conteúdo de dentro.

Fotos.

Fotos de Shark.

*Fotos de Shark com Parisa — a minha, **porra**, Parisa!*

Fotos de Shark com Parisa, enquanto o filho da puta segura sua mão.

Respiro mais uma vez, tentando malditamente me controlar. Como diabos ele encontrou Parisa? E o quê porra ela estava fazendo com ele?

Isso não importa.

Jogo as fotos no chão e puxo Shark pelo colarinho de sua camisa. Empurro ele com toda força contra meu carro, sentindo minha cabeça fervilhar com aquela maldita notícia. Com aquelas malditas imagens.

— O que você estava fazendo com ela? — rosno, subindo minhas mãos para o seu pescoço e apertando com força.

Nada mais passa por minha cabeça além do desejo infernal e entorpecente de querer matar Shark ali mesmo com minhas próprias mãos.

— Trent, porra, solta ele! — Paul exclama, tentando me puxar.

— Melhor me soltar, caralho, ou então o próximo é você! — esbravejo, olhando-lhe friamente.

Shark tenta me empurrar, mas eu o mantenho sob minhas mãos, vendo seu rosto começar a passar do tom avermelhado para arroxeado.

— Solta ele, porra! — sou puxado pelo meu pescoço.

Obrigado, solto Shark e me desvencilho do filho da puta pronto para acertar-lhe, mas Paul se mete na frente e leva em seu lugar. Sinto o nariz dele estalar debaixo dos meus dedos e logo ele está com a mão ali em cima.

— Porra, puta que pariu! — Paul amaldiçoa e Jaz toma minha frente.

— Deem o fora daqui! — Jaz exclama.

Passo minhas mãos nervosamente por meus cabelos e soco meu carro com força. Eu não sinto nada — *ainda*.

— Vou encontrá-la de novo, Furor, e mandarei lembranças suas. — Shark exclama sorrindo, enquanto massageia seu pescoço.

— Que porra é essa aqui? — escuto Jake perguntar, saindo de não sei onde.

Shark entra no seu carro com sua maldita corja e eles arrancam pra longe. Me abaixo, pegando a fotos do chão e fitando-as novamente.

— Isso é a... *Parisa*? — Jake indaga.

Empurro as fotos em sua direção e pego minha mochila do chão, andando em direção à academia. Entro no local que tem apenas alguns alunos dispersos por ali e vou direto para sala de Jake.

Assim que estou lá dentro, jogo minha mochila no sofá encostado na parede e caminho até a mesa de Jake, pegando um copo e enchendo com a bebida que estava ali em cima.

Eu sei que ele usa essa garrafa de Jack Daniel's apenas para ocasiões especiais, como por exemplo: o fechamento de algum negócio importante.

Essa é uma ocasião importante.

Parisa e Shark. Juntos. Em. Um. Maldito. Jantar.

Arremesso o copo na parede, vendo o vidro quebrar enquanto a bebida espirra por todo canto e bebo um gole diretamente da garrafa.

Eu preciso relaxar.

— Ela está aqui em New York? — escuto Jake perguntar e sorrio.

— É uma boa e estúpida pergunta, Jake. — digo, acidamente.

— Senhor, essas fotos chegaram ontem pela madrugada no meu celular. — Jaz começa a falar e eu me sento numa cadeira em frente à mesa. — Eu resolvi esperar até amanhecer para ir até o senhor, mas não atendeu as minhas chamadas...

— Nem as minhas. — Max rosna, pegando um saco de gelo e entregando para Paul que

já estava se sentando no sofá. — Se esse soco tivesse pegado em algum deles, a merda estaria feita, e você já poderia estar dando adeus para o Circuito. — continua, enquanto bebo mais alguns goles que descem quase queimando minha garganta. — Quando dizemos para você se controlar, realmente queremos dizer isso, porra!

Jake joga as fotos na mesa e eu pego uma mais uma vez uma delas.

Como diabos vou me controlar diante disso? Parisa simplesmente enlouqueceu? Em que porra ela estava pensando?

— **Que se foda!** — esbravejo, batendo com o punho fechado na mesa de Jake. — Encontre-a! Eu quero saber onde a Parisa está e porque caralho ela estava com aquele verme. — completo.

A ira que corre por minhas veias é dilacerante. Saber que Parisa está em New York e que até mesmo o filho da puta do Shark já sabe e esteve com ela, está me deixando cego.

Cego de raiva.

Dele — e até de Parisa.

Como diabos ela pôde fazer isso comigo?

— Eu já liguei para os homens começarem a procura. — Jaz retruca.

Amasso aquela foto e jogo-a no lixo. Tomo mais um gole daquela bebida antes de deixá-la na mesa e sair da sala de Jake indo diretamente até o saco de pancadas mais próximo.

No momento eu só penso em encontrar Parisa e em ter minhas mãos em cima de Shark outra vez, e **dessa** vez, ele não vai sair com os malditos dentes na boca para contar história.

Capítulo 7

Parisa Cohen

Acordo sentindo meu braço ser cutucado incessantemente por alguém. Abro um dos meus olhos e vejo Jackie me encarando como se eu fosse algum tipo de alienígena.

— Acho que agora você pode me explicar por que saiu ontem do jantar daquela forma. — sentencia, enquanto se senta na beirada da minha cama.

Solto um gemido, frustrada com sua atitude irritante. Forço meu corpo para cima, sentando-me na cama enquanto passo a mão por meus cabelos. Sinto minhas pernas doerem, bastante irritadas pelo fato de eu ter dormido de jeans. Seguindo a onda, meus pés também reclamam provavelmente podres por não terem conseguido qualquer alívio.

— Eu não estava muito no clima ontem à noite. — resmungo evasivamente.

Eu realmente não devo satisfação a Jackie. Ela pode ser minha colega de quarto e tudo mais, mas eu de fato não vou abrir minha boca para contar-lhe o porquê de eu ter feito aquilo ontem. Afinal, Shark é amigo de Cail, que por sua vez é namorado ou *sei-lá-o-que* de Jackie.

— Mas estávamos nos divertindo! Você estava se divertindo com Shark e o irmão dele, então do nada vai embora como se estivesse fugindo do próprio satanás. — fala, tentando obter respostas.

Ignorando-a, puxo meu tênis para fora do meu pé e sinto um alívio instantâneo. Vou lembrar-me de nunca mais dormir desse jeito.

— Melhor irmos ou nos atrasaremos para a aula. — informo, levantando-me de uma só vez da minha cama e pegando minha toalha de banho.

— Pelo menos eu posso dizer que tentei te entender. — resmunga se levantando em seguida da minha cama e indo para a sua.

— Melhor não tentar. — sussurro.

Pego uma muda de roupa limpa no armário e vou direto para o banheiro fazer minha higiene matinal e me aprontar para o meu dia na universidade.



Saio pronta do banheiro, dando a vez para Jackie se aprontar para que possamos ir juntas à universidade. Penteio meu cabelo, prendendo-o com um pouco de dificuldade por causa do comprimento. Calço uma sandália aberta nos dedos e pego meu material.

Não muito tempo depois, Jackie sai do banheiro já arrumada e apenas passa um pouco de maquiagem. Saímos do prédio e passamos numa cafeteria pelo caminho para comprarmos nosso desjejum.

Durante todo o caminho, Jackie mais uma vez não para de falar por nem um milésimo de segundo. Esse é provavelmente um dos motivos pelo qual eu nunca tive amigas, nem mesmo na escola. A maioria delas não sabe quando calar a boca e isso irrita a merda fora de mim.

— Como vai pagar o proprietário do dormitório, Paris? Semana que vem é suposto que você pague aquela parte da nova manutenção. — enquanto descartamos nossos copos de café no lixo, Jackie apresenta um fato conhecido por mim e que está me deixando preocupada.

Meu dinheiro está acabando mais rápido que o esperado. O gasto que tive para vir da Califórnia foi grande, tirando as minhas necessidades básicas que eu tinha e tenho que suprir. Aqui em New York as coisas são bem mais caras dos que eu realmente imaginava, mesmo eu morando minha vida inteira nesse lugar.

Nunca tive que viver de aluguel, ou seja, nunca precisei saber nada sobre esse assunto. Mas agora eu preciso e quanto mais procuro, mais me dou conta de como um simples quarto pequeno em um dormitório perto da universidade pode ser caro.

Desde que eu cheguei de viagem venho procurando um trabalho, mas não consegui nada até o momento e o meu dinheiro, agora, é quase inexistente.

— Eu vou dar um jeito. — respondo, meio incerta.

— Já procurou nas academias perto daqui? Você pode conseguir algo bom.

E lá vamos nós com esse assunto.

Jake conhece quase todas as academias de New York e eu não estou pronta para me arriscar no momento. Nesse meio sou conhecida como a filha de Jake Cohen e melhor amiga de Furor. Eles viriam ao meu encontro em poucos dias, levando em consideração que a notícia com toda certeza voaria até seus ouvidos.

— Vou tentar dar uma olhada pelo local, já que o que não falta por aqui é academia. — digo, dando de ombros.

— Faça isso. — diz, parando e me dando um abraço rápido. — Nos vemos na próxima aula. — despede-se de mim e sai andando para sua sala.

Continuo meu caminho até o auditório quatro e não muito tempo depois, escuto alguém começar a falar atrás de mim, comigo.

— Então você está procurando um emprego em uma academia? — uma voz conhecida pergunta, e logo vejo a dona ao meu lado.

— Oi, Blue. — digo sorrindo, ela balança a sua cabeça, jogando o cabelo curto fora do rosto. Eu vejo um pequeno arranhão perto da sua boca e me pergunto se ela entrou em alguma briga. — Estou procurando qualquer emprego, mas não obtive resultado positivo em lugar algum. Academia é mais a minha praia, mas...

Pondero se devo ou não falar algo para ela, já que só conversamos uma vez, mas então percebo que a todo momento ela foi e é gentil comigo.

— Estou receosa de ir até as academias... — recomeço e ela apenas assente. — Meu pai tem uma academia aqui em New York e eu costumava ajudá-lo, mas isso foi antes de alguns problemas acontecerem e eu ter me afastado dele e de mais algumas pessoas há quase dois anos.

Blue encara o longo corredor atrás de mim, seus olhos perdidos assim como parecia estar os seus próprios pensamentos.

— Eu acredito que posso te ajudar — diz, meio incerta e eu levanto a sobrancelha assim que ela volta a me encarar. — Meu pai é Zach West, dono de uma academia aqui por perto, e como você, eu também costumava ajudá-lo, antes de ter alguns problemas da mesma forma. Posso pedir que ele arrume um trabalho para você e também total discrição para que não diga nada a qualquer pessoa. — anuncia.

— Você faria isso por mim? — pergunto, incrédula.

Praticamente senti o incomodo dela em falar sobre o pai, assim como eu me sinto, mas não vou pressioná-la de qualquer forma.

— Acho que posso fazer isso, é só um esforço. — diz, sorrindo sem graça. — Você precisa muito, não é mesmo? — pergunta, para certificar-se e eu aceno positivamente. — Então pode contar com a minha ajuda.

Ela sorri novamente, dessa vez mais genuinamente e eu devolvo-lhe o sorriso da mesma forma. Não sei o que fiz para merecer sua ajuda, mas fico feliz por isso.

Chegamos ao auditório quatro e nos sentamos juntas outra vez, logo pegando nossos materiais para nos prepararmos para aula.



Eu vejo o mesmo cara bonito do dia anterior esperando na porta da sala. Ele veste a jaqueta vermelha que eu já tinha visto em alguns caras e eu sei que ele é do time também. Sim, ele é um dos que desfilavam como se estivessem em filmes de Hollywood. Mas, bem, ele pode fazer isso, já que sua beleza é realmente chamativa e irrevogável.

— Podemos marcar um dia para irmos, que tal? O mais rápido possível, sim? — Blue pergunta, mas seus olhos estão no garoto que nos encara encostado no batente da porta.

— Sim, claro, é só você me avisar da sua disponibilidade. — digo, rindo.

Eles dois não conseguem manter os olhos longe um do outro, o que me faz perguntar a mim mesma se eles têm algo rolando entre si. Não seria uma surpresa, afinal, Blue é tão bonita quanto ele.

— Certo. — ela diz, pigarreando e me encarando finalmente com as bochechas avermelhadas. — Me encontre amanhã na entrada do prédio às três, tudo bem?

— Certo. — digo, colocando minha bolsa em meu ombro. — Obrigada por isso, Blue. —

completo tão sincera que nem mesmo parece ser eu.

— De nada, Paris. Preciso ir agora. — diz, acenando com a cabeça e eu faço o mesmo de volta.

Ela vai de encontro ao cara que ficou nos encarando por quase três minutos, e ele pega a bolsa que ela segura enquanto entrelaça seus dedos nos de Blue.

Ah... Com certeza algo rola entre os dois.



No dia seguinte, às três da tarde, eu e Blue nos encontramos em frente ao prédio. Ela me levou até a academia do pai dela e como prometido, conseguiu um trabalho para mim. Eu pude notar o clima tenso entre Blue e Zach, mas eles agiram quase que profissionalmente na minha frente, falando apenas o necessário.

Poucos minutos depois, me despedi de Blue que já precisava ir embora, a agradece novamente e comecei no mesmo dia. Como na academia de Zach o principal foco não é luta e sim musculação, eu fui contratada para ajudá-lo nas aulas de muay thai que ocorrem três dias por semana.

No final da classe, agradeço Zach por ter me aceitado com um sentimento de que o mesmo provavelmente não ocorreria se Blue não tivesse pedido. Solto meu cabelo molhado pelo suor e saio da academia, andando sem pressa até o ponto de ônibus há cem metros de onde estou. No meio do caminho, congelo e prendo a respiração vendo alguém que eu esperava não ter que encontrar tão cedo.

Trent.

O sol já está se pondo e o ar gelado de New York passa por mim, levando meu cabelo para trás enquanto eu estou parada em meu lugar. Não, eu não estou surtando porque ele me achou. Diferente do que eu algum dia cheguei a imaginar, eu até estou me sentindo bem calma. Somente estou congelada no lugar porque eu não faço ideia de como ele conseguiu me achar.

Mas lá está ele, caminhando como se fosse o dono do mundo inteiro. Percebo que Max, Mike e Paul estão atrás dele, também vindo em minha direção. Volto a fitar Trent outra vez, não deixando de perceber a expressão sombria que ele está carregando no rosto. Não sei por que ele aparenta estar tão furioso, mas isso acaba me assustando um pouco.

— Parisa. — ele grunhe parando em minha frente.

Engulo a seco, não me deixando ser afetada por sua presença.

É só o Trent, nada demais.

— Olá, Trent. — digo, com minha voz soando forte e quase falsamente animada.

O silêncio prevalece entre nós dois, enquanto ele parece estar tentando resolver um quebra-cabeça mentalmente. Quase posso ver as engrenagens rodando sem parar lá dentro do seu crânio, enquanto alguma fumaça sai por suas orelhas.

— O que diabos você tem na cabeça? — diz ele, em alto e bom som, quase explodindo.

Dou um passo para trás e o fito surpresa com sua atitude repentina. Cerro os olhos e os punhos imediatamente.

— Não sei quem diabos você pensa que é para falar dessa maneira comigo, mas se continuar, vou dar-lhe as costas e deixar que fale sozinho. — aviso friamente.

Passando os dedos entre os fios do seu cabelo, ele se mexe inquieto de um lado para o outro até Mike o segurar.

— Para com isso, cara. — ele diz entre dentes para Trent que apenas o empurra para longe.

Começo a andar em direção ao ponto de ônibus e sou puxada pelo braço, sendo forçada a parar.

— Estou falando com você, Parisa. Não me dê as costas! — comanda alto, com os olhos em chamas.

Com a palma da minha mão, acerto seu nariz, empurrando-o para trás num golpe que eu mesma acabei de inventar. Isso não é o suficiente para afastá-lo, mas é o suficiente para deixá-lo mais irritado do que já está.

— Você não está falando comigo, seu imbecil. Você está gritando, então solta meu braço ou eu vou realmente acertar seu nariz pra valer e para estragá-lo. — rebato com os dentes trincando de raiva.

Ele continua me segurando, então olho para Max. Ele me lança um sorriso nervoso, o que me faz ficar mais irritada ainda.

— Como você teve coragem de...

Trent para de falar assim que sua atenção é presa por alguém atrás de mim. Viro meu rosto na direção em que ele está olhando e acho Shark andando com o seu irmão bem ao seu lado e mais três caras vindo atrás dele.

A merda vai começar a espirrar para todos os lados em poucos segundos.

— Parisa, Parisa... Quanta saudade de você, boneca. — Shark exclama como se fôssemos melhores amigos.

Os dedos de Trent apertam em torno do meu braço e eu soco seu peito com força, chamando sua atenção para mim.

— Me solta, inferno... — sussurro entre dentes.

Ele solta meu braço imediatamente, mas lá está a sua expressão sombria afundando mais

e mais seu rosto, deixando-o irreconhecível.

— Melhor você dar o fora daqui, Shark. — Max diz, entrando na minha frente e de Trent.

Caminho para trás, me aproximando de Mike e Paul.

— Deem um jeito nele. Sério. — digo, apontando com a cabeça para Trent que está parado com os ombros subindo e descendo rapidamente.

Os dois ficam cada um de um lado de Trent. Agora eu estou atrás deles quatro enquanto muitas coisas passam por minha cabeça, inclusive sair correndo para longe não só de Trent, mas de Shark e de sua insana corja também. Entretanto, quando tento fazer isso, minhas pernas não me obedecem. Estou plantada no chão.

— Deus, só quero falar com a minha garota... — assim que Shark cala a boca, Trent avança para cima dele, mas Paul e Mike o seguram.

Put a que pariu!

— Não sou e nunca serei sua garota, Shark. Não sei de onde você acha que tirou tanta intimidade para se referir a mim dessa maneira, mas não se engane, eu não o suporto. — digo, sem qualquer paciência para aquela cena.

Ando em direção a rodinha que eles estão fazendo e fico ao lado de Max e, conseqüentemente, na frente de Trent e dos outros dois que estão o controlando.

— Nenhuma boceta vale toda essa briga... — um dos caras atrás de Shark diz, soltando um riso que me faz congelar.

Arregalo os olhos e dou dois passos para trás, quase tropeçando em meus pés. *É ele.* A mesma risada arrastada, nojenta e áspera que ouvi há quase dois anos atrás no beco escuro e que nunca conseguirei esquecer.

Vejo os outros rirem e não consigo escutar mais nada, apenas o encaro sem desviar os olhos. O seu corpo ainda é tão grande e robusto quanto consigo lembrar. Meu corpo treme com a lembrança da sensação das mãos dele na minha pele. E eu ainda pensei que poderia tê-lo matado naquela noite.

— Paris... — Max me sacode, balançando meu corpo imóvel.

O cara me encara de volta, perdendo o riso e inclinando a cabeça para o lado.

— Eu quero ir embora. — digo, desviando os olhos dos daquele homem e encaro Max.

Ele parece estar tentando me ler, mas não o deixo perceber qualquer coisa. Me afasto do seu toque, ainda irritada com a lembrança das mãos daquele homem em mim.

Sinto que preciso de um banho. Um banho bem demorado.

— Na outra noite você estava tão mais receptiva, Paris. Me pergunto o que aconteceu de lá pra cá... — Shark continua vomitando sua merda pela boca, empurrando meus botões vermelhos

com força.

— A patinho feio...

Seu irmão tenta falar, mas é cortado.

— Calem a maldita boca! — Trent esbraveja e eu o encaro outra vez.

Seu rosto está vermelho, enquanto ele empurra Mike e Paul que não o soltam de jeito nenhum. As veias na lateral da sua cabeça estão salientes e visíveis, assim como as veias do seu pescoço. Ele está perto, bem perto de explodir. Nunca o vi dessa forma, nem mesmo em qualquer luta que ele já teve no Circuito.

— Trent, se acalma ou então...

Tento tocar seu rosto, mas ele recua como se eu fosse o queimar. O encaro incrédula.

Que se foda então, imbecil!

Passo por ele e pelos outros, andando na direção contrária. Acelero o passo, tentando achar outro ponto de ônibus, enquanto escuto palavrões e mais palavrões saindo da boca de todos eles.

Com a adrenalina correndo por minhas veias, vejo um ônibus se aproximar e faço o sinal, rezando para que ele pare. E ele para! Entro no veículo, sentando-me numa cadeira e afundando meu corpo nela.

Que merda acabou de acontecer?



Trent Wayne

Jaz me ligou há poucas horas dizendo onde Parisa estava. Não pensei duas vezes, apenas parei de treinar e vesti meu jeans e camiseta, indo para o meu carro enquanto os caras gritavam comigo. Eles se enfiaram na porra do veículo antes que eu pudesse arrancar e agora me arrependo por não ter expulsado esses filhos da puta.

— Me solta, caralho! — esbravejo em cima de Mike, vendo o ônibus em que Parisa está passar por nós.

A risada que Shark solta apenas intensifica minha raiva. Os caras me soltam e eu nem mesmo perco meu tempo esmagando o nariz deles ou de Shark, apenas preciso chegar até Parisa outra vez.

Corro até meu carro, abrindo a porta e ouvindo os filhos da puta imbecis fazerem o mesmo. Arranco mesmo com Paul ainda entrando e berrando atrás de mim.

— Puta que pariu, você enlouqueceu? — Paul exclama, batendo a porta com força.

Não sei bem como estou conseguindo dirigir. Minha visão está turva e eu sinto minha cabeça quente, doendo e quase sacando para fora enquanto meu pulso lateja por todos os lados.

— Você vai nos matar, cara... — Mike cantarola, mas eu sei que o fodido está se borrando de medo.

Passo a marcha, ultrapassando carros e mais carros enquanto escuto eles buzinares a cada porra de manobra que eu faço.

— Por que você não cala o caralho da boca? — indago, socando o volante em seguida. — Seus fódidos! Eu não mandei vocês me segurarem. Cada um de vocês vai pagar toda essa merda no octógono! — digo, ultrapassando mais um carro enquanto encaro a traseira do ônibus em que Parisa está mais à frente.

— Puta que pariu, Trent, você vai *realmente* nos matar, porra! — Max exclama se segurando no painel do carro.

Respiro o ar com força virando o volante sem parar até chegar ao lado do ônibus. Abaixo a janela e começo a olhar para o lado, tentando achar Parisa lá dentro, e para frente, para não bater no carro.

— Merda, olha para frente, Trent! — Mike grita desesperado.

Finalmente acho Parisa. Ela está olhando para o carro incrédula, provavelmente se perguntando se eu estou mesmo fazendo isso: *perseguido a porra do seu ônibus*.

Bom, eu estou!

O ônibus entra na minha frente, parando num ponto e eu ligo a sinaleira, pedido passagem e conseguindo. Aproveito que o ônibus está parado e jogo o carro na frente dele, impedindo que ele passe.

Saio lá de dentro em um pulo e marcho até a porta. Com buzinas soando e pessoas gritando irritadas por todo lado, subo no ônibus vendo todos me olharem assustados.

Procurro Parisa e a encontro boquiaberta. Caminho até ela e seguro na barra de ferro ao lado da sua cadeira.

— Você vem comigo. — rosno baixo para ela.

O olhar que ela lança em minha direção muda completamente, deixando claro toda vergonha que eu estou fazendo-a passar, mas eu não me importo.

— Você é louco? — ela sussurra, com os lábios vermelhos entreabertos.

— Senhor, você tem que tirar o *seu* carro da f...

— Eu vou tirar a porra do *meu* carro da frente assim que a minha mulher sair da porra do *seu* ônibus! — esbravejo, encarando Parisa.

Ela se levanta da cadeira, empurrando-me da sua frente e andando até a porta do

ônibus.

— De nada. — rosno para o motorista, descendo a escada.

Parisa está andando até o meu carro. Alcanço ela e tomo sua mão com a minha, puxando-a até a porta traseira.

— Você é tão fodido, Trent, eu juro por Deus que o inferno vai cair na sua cabeça assim que eu entrar na porcaria do seu carro. — ela sussurra entre dentes, puxando sua mão da minha e abrindo a porta.

Assim que Parisa entra no carro, eu dou a volta e faço o mesmo. Giro o volante, ligando o carro e acelerando de uma só vez, ouvindo novamente mais buzinas atrás de mim.

O carro está em silêncio, ninguém se atreve a falar qualquer coisa. Nem mesmo Mike.

Encaro Parisa pelo espelho, fitando-a e encontrando-a de olhos fechados no meio dos dois idiotas lá atrás. Volto a olhar para frente, diminuindo um pouco a velocidade.

— Paris, você está bem? — Mike pergunta.

Encaro Parisa no mesmo momento em que ela avança para cima de mim. Ela me acerta com um, dois, três tapas até que os caras puxam ela de volta para o banco. Com os pés, ela me chuta, acertando meu braço com toda sua força.

— Você vai nos matar se continuar acertando esse filho da puta! — Paul a repreende.

— Imbecil! — ela urra, debatendo-se com os dois, enquanto continua a me chutar. — Com que direito... você... *miserável!* — ela grita.

Entro em uma rua calma, vendo um parque vazio e estaciono o carro imediatamente.

— Vocês vão ficar aqui dentro — aviso os caras. —, e você vem comigo. — digo, encarando Parisa.

Capítulo 8

Parisa Cohen

Saindo do carro de Trent, ando em direção à praça vazia que está bem na nossa frente. Puxo o ar frio com força, enquanto passo uma mão em meu rosto tentando me manter calma.

Mas como diabos eu vou me manter calma?

— Você realmente enlouqueceu, não é mesmo? — exclamo me virando para Trent.

Ele para de andar, ficando a poucos metros de mim.

— Sim, eu fodidamente enlouqueci, Parisa. — ele rosna de volta fazendo-me rolar os olhos.

— Você não tinha o direito de fazer aquilo! — acuso quase que desesperadamente. — Você jogou o carro na frente do ônibus, seu imbecil!

— O ônibus estava parado. — retruca, nem um pouco afetado.

Solto um riso sarcástico.

— Você jogaria o carro na frente do ônibus de qualquer jeito! — digo entre dentes e ele nem mesmo se mexe.

— Eu o faria, mas o ônibus parou. — confessa.

Passo a mão por meus cabelos controlando-me para não começar a socar esse idiota outra vez. — Diga o que quer comigo. — falo friamente.

Ele fecha o rosto, assim como estava quando viu Shark chegar atrás de mim há poucos minutos.

— Agora você pode começar a se explicar. — Trent diz com os dentes trincando e eu o encaro incrédula.

— Será que posso saber o porquê de eu ter que me explicar para você? — indago, observando-o tirar seu celular do bolso do jeans que está usando.

Ele dá dois passos em minha direção e estende o celular para mim. Levanto uma sobrancelha, desconfiada, mas pego o celular de sua mão para checar o conteúdo do que Trent está querendo me mostrar.

Observo o visor e encontro algo que, por algum motivo, eu já sentia ser o motivo de sua ira. Uma foto minha e Shark no jantar de dois dias atrás. Ele está segurando minha mão e os flashes de tudo que aconteceu passam por minha mente. Trent puxa o celular da minha mão e se aproxima mais dois passos, fazendo-me recuar em reflexo.

— Isso não é nada do que você está pensando. — aviso.

Ele cerra os olhos.

— Então me diga o que eu estou pensando, Parisa. — grunhe.

— Você está pensando que eu estava em um jantar com ele e nisso tem razão — digo e ele fecha a distância entre nós, fazendo-me respirar fundo enquanto encaro sua camiseta. —, mas não sabe que eu não fazia ideia de que Shark estaria lá.

Trent segura meu rosto, forçando-me a encará-lo. Fito os seus olhos azuis e esqueço-me por um momento de tudo que passamos. Mas isso acontece por apenas um momento, antes dele abrir a boca para falar outra vez.

— Você é minha, Parisa. — rosna baixo.

Ponho minha mão em cima da dele e cerro os olhos, irritada com sua atitude de homem das cavernas.

— Acho que já perdemos toda essa exclusividade há quase dois anos. — provoco, tentando tirar sua mão do meu rosto, mas ele não solta.

Trent se curva sobre mim, como se estivesse preste a me engolir. *Literalmente*.

— O que quer dizer com isso? — pergunta, sombriamente.

— Quero *dizer* que não temos nada há muito tempo, Trent. Quero *dizer* que você não pode simplesmente aparecer e agir como se mandasse em mim, porque você *não* manda. — exclamo, empurrando-o pra longe. — Quero *dizer* que entendo que você tenha fodido com milhões de mulheres enquanto eu estive fora, porque não estupidamente temos mais qualquer relação. — completo.

Ele está com raiva, posso ver isso, mas não vou me calar e deixar de falar o que eu penso.

— Não fodi milhões de mulheres enquanto você esteve fora. Nem mesmo comi uma mulher. — ele se defende, aproximando-se de mim.

Gargalho alto.

— Nenhuma delas chupou você? — desafio-o.

Ainda de olhos cerrados, ele anda em passos largos em minha direção. Sem pensar duas vezes, recuo sem parar, e lá estamos nós brincando de gato e rato outra vez.

— Uma só vez. — ele diz.

Sinto minhas mãos esquentarem e em vez de continuar recuando, eu avanço em sua direção. Acerto meu punho em seu maxilar, sentindo a dor se infiltrar por meus dedos e subir por meu braço até chegar ao meu ombro direito. Não paro de acertá-lo. Soco Trent por todo lado, conseguindo deixá-lo mais irritado.

— Vê? — grito entre dentes. — Não venha me falar que eu sou sua porque eu não sou! — completo.

Trent agarra meus braços e me gira, segurando-me firme contra ele. Minha respiração

falha quando ele beija uma das minhas bochechas. Forço meu corpo para longe dele, mas ele não me deixa sair dessa vez.

— Eu senti sua falta como o inferno, querida. — rosna no meu ouvido, lançando inúmeras ondas quentes sobre e sob minha pele.

Não abro minha boca para dizer-lhe que também senti sua falta, nem que por um só momento. Permaneço imóvel enquanto ele enfia o rosto em meu pescoço, entre meus cabelos, cheirando-me como sempre fazia. Meu estômago dá voltas. Muitas e muitas voltas. Fecho os olhos, esperando que ele termine com o que ele está fazendo.

— Você vai ficar calada? — indaga, com a boca raspando por cima da pele do meu pescoço.

— O que quer que eu diga? — retruco, retraindo meu pescoço para fora do seu alcance.

— Que você tamb...

— Para, Trent. — peço, cortando-o. — Eu não vou falar isso porque o fato de eu ter sentido sua falta ou não, não vai conseguir mudar nada do que aconteceu lá atrás. — explico, esperando que ele entenda o que eu quero dizer.

Se eu senti a falta dele? A cada estúpido momento eu senti falta dele e de todos que deixei para trás, mas o que isso mudaria? Nada.

— Eu falei com seu pai, Parisa. Jake finalmente entendeu que, para mim, você não é qualquer uma. — ele diz, virando-me para que eu possa encará-lo.

Solto um riso fraco, dando de ombros para o que ele disse.

— Então você resolveu me procurar porque o meu *papai* finalmente entendeu? — indago, levantando uma sobrancelha. — Chegamos ao ponto que eu quero, Trent. Você me deixou. Saiu. Deu-me as costas. Não importa o que você diga, nada vai mudar o que você fez para mim naquele dia. — encaro-o firmemente. — Será que você se lembra do que me prometeu? Quer dizer, foram tantas promessas... “*Não tente nada com a Parisa*”, essa foi a mais fodida que você já fez. — Trent afrouxa o aperto em torno dos meus punhos. — Se você não consegue se lembrar, eu consigo. Você disse que quando chegasse a hora, você estaria e ficaria ao meu lado. Prometeu que passaríamos pelo que quer que fosse, juntos. *Juntos*. — finalmente solto tudo que sempre quis ter falado a ele.

— Você não me ama mais? — pergunta com os olhos assustados e eu nego com a cabeça.

— *Eu*... Eu acho que ainda o amo, mas a maior parte desse sentimento certamente adormeceu a partir daquele dia — digo, sendo tão sincera quanto posso. — Lá atrás eu lutei sozinha por um “nós” que eu nem sei se ele ainda existe hoje. Não quero e não vou lutar sozinha por algo tão incerto e oscilante quanto nós dois. — completo, sentindo um bolo se formar em minha garganta.

— Eu mudei, Parisa. — Trent murmura, encarando-me ansioso.

— Eu também mudei, Trent. — afirmo sem pestanejar.

— Me dê apenas uma única e última chance, e eu provarei que nada é mais importante para mim, além de você. — diz, soltando meus punhos de vez e levando uma mão até a minha bochecha esquerda.

Solto um suspiro cansada.

— Não me venha mais com promessas quebradas porque eu não acredito mais nelas. — aviso e ele acena positivamente com a cabeça. — Se alguém vai lutar agora por qualquer coisa que seja, esse alguém é você.

— Isso é um sim? — ele pergunta, incerto da minha resposta.

— Isso é um “tente sua sorte”. — respondo. — Só não tente mandar em mim, senão teremos problemas. *Muitos problemas*. — afirmo.

Trent aproxima o rosto do meu e antes que ele pudesse avançar em cima de mim com um beijo, eu viro minha cabeça, deixando que ele beije minha bochecha.

— Se você quer alguém que lute por você, então você terá esse alguém. — rosna, determinado.

Afasto meu corpo do dele e o fito, deixando um sorriso escapar por meus lábios.

— Nada mais de jogar o carro na frente de um ônibus. — digo, cruzando os braços e ele deixa os ombros descansarem, finalmente aparentando estar menos tenso. — E nada de colocar homens me seguindo, porque eu sei que você vai ordenar que Jaz o faça.

Trent rola os olhos e assente com a cabeça, nem um pouco feliz.

— E Jake? Quando vai falar com ele? — pergunta.

Não sei por que ele está insistindo tanto nisso, mas resolvo apenas sacudir a cabeça em dúvida. Vou falar com Jake, *meu pai*, o quanto antes, mas não essa noite. Já foram emoções o suficiente para um só dia.

— Eu só quero ir para o dormitório agora. — resmungo, virando o rosto para o carro e vendo Mike e Paul nos encarando atentamente, como se estivessem assistindo a uma partida de futebol americano.

Levanto uma sobrancelha na direção deles e Trent percebe, virando-se para encontrá-los lá na janela do carro. Mike começa a assobiar e Paul o empurra, fazendo-me rir.

Eu senti falta deles.

— Então, você está na universidade... — Trent comenta divertido assim que começamos nosso caminho de volta para o carro.

— Sim, algum problema? — o encaro fingindo uma carranca enquanto ele deixar de sorrir e pigarreira.

— O quê? Não... é só que... pensei que fosse querer apenas ajudar o seu pai na academia e não...

— Estou brincando. — corto-o, soltando uma risada enquanto ele me encara emburrado.
— Mas já pensou que, como uma mulher formada, eu vou poder ajudar Jake em mais coisas? Quer dizer, o conhecimento empírico é muito válido, mas o teórico é indispensável.

Trent tosse, apertando o passo enquanto mexe discretamente em seu jeans.

— Vamos logo. — ele chama, fazendo-me segurar o riso.

Chegamos ao carro e entramos juntos. Mike me encara, se afastando para eu sentar ao seu lado e logo Trent volta a dirigir, agora em uma velocidade normal.

— Você está mais calma? — Mike pergunta, segurando minha bolsa em seu colo.

— Apenas um pouco. — brinco e ele rola os olhos.

— Vocês dois são completamente loucos. Eu sou muito jovem para morrer. — ele reclama, arrancando uma gargalhada minha e de Paul.

— Eu devia mesmo era ter te gravado. — Paul lamenta entre risos.

— Até parece que você também não estava com medo. — Mike se defende.

— Não tanto quanto você estava. — Paul retruca.

O resto do caminho os dois passaram brigando enquanto eu ria entre um tapa e outro que eles se davam. Não voltei a falar com Trent durante o percurso, já que o mesmo sabia onde ficava o meu dormitório.

É claro que ele já tinha mandado alguém descobrir onde eu moro.

— Foi legal ver vocês, mas agora eu tenho que ir. — digo, puxando minha bolsa do colo de Mike.

Ele e Paul fazem um “Ahhh, *Parisa!*” juntos.

— Quando você vai aparecer de novo? — Mike pergunta e solto uma risada.

— Não sei, Mike. Um dia desses talvez eu apareça para você finalmente lutar com alguém à altura. — respondo, abrindo a porta do carro de Trent enquanto Mike gargalha ao meu lado.

Magneticamente meus olhos são puxados até o retrovisor, onde Trent está me encarando atento.

— Tchau. — resmungo antes de pular do carro e dar a volta, correndo até a entrada do prédio.

Assim que entro no prédio, subo as escadas com pressa. Meu coração está acelerado e eu estou ofegante quando chego ao meu quarto e de Jackie.

Entro no quarto e tranco a porta, indo direto para minha cama e me jogando em cima

dela. Belisco meu braço, só para ter certeza de que tudo que aconteceu não foi um sonho, ou pesadelo, dependendo do meu ponto de vista.

Foi real.

Trent apareceu no meu trabalho, assim como Shark o fez. Nós discutimos, ele enfiou o carro na frente do ônibus e me fez passar uma das maiores vergonhas de toda minha vida. Por fim, nós realmente discutimos algo que já devia ser discutido há bastante tempo: o *nosso futuro*.

Capítulo 9

Trent Wayne

Observo Parisa entrar no prédio onde ela está morando e pego meu celular, discando para Jaz imediatamente.

— Sim, senhor? — Jaz diz, enquanto eu arranco com o carro depois de perder Parisa de vista.

— Quero que coloque um dos homens para ficar de olho no prédio onde Parisa está morando. — digo, inquieto. — Dê fotos de Shark e de todos os outros da corja desse imbecil para ele e diga que é para entrar em contato se algum deles aparecer no lugar. — completo.

Desligo a chamada, jogando meu celular para o lado.

Hoje Shark viu o meu real ponto fraco. Ele viu que mexer com Parisa é completamente outro nível para mim e, eu sei, como o filho da puta que Shark é, que ele vai continuar tentando fazer mil e uma coisas para me atingir, sendo que sem dúvidas Parisa está em noventa e nove por cento da lista imaginária dele.

Eu sei que Parisa falou há poucos minutos que não quer ninguém a vigiando, mas eu não vou pagar para ver Shark indo atrás dela outra vez.

— Não acredito que vocês conseguiram manter tudo aquilo em segredo por meses. — Paul enuncia, puxando-me dos meus pensamentos.

— Isso não é da sua conta. — bufo.

— Bem que você poderia nos falar como é pegar uma das gêmeas, já que Max se recusa a falar de Pamella. — Mike pede, esperançoso.

O fito através do espelho, lançando um olhar irritado em sua direção.

— Se você acha que eu vou falar sobre qualquer coisa que diz respeito à Parisa, você está realmente enganado, imbecil. — atiro entre dentes.

— Nem se ela paga um bom boq...

— Se você ainda quer chegar à academia com vida, você vai calar a porra da boca, Mike. — esbravejo, ouvindo Paul rir alto.

Sem mais conversas, chegamos à academia. Estaciono o carro na minha vaga e saio, indo diretamente até a sala de Jake.

— O que aconteceu dessa vez, garoto? — Jake pergunta, rolando os olhos assim que me vê.

— Parisa aconteceu. — digo simplesmente.

Passei o resto da noite conversando com Jake sobre tudo que aconteceu e vendo sua euforia em saber que Parisa está novamente na cidade. No primeiro momento ele quis ir até ela

sem pensar duas vezes, mas pedi-lhe que esperasse ela vir até ele, diferentemente do que eu fiz. Espero que ele e Parisa se entendam e não discutam como aconteceu com nós dois.

— Eu vou indo, velho. — aviso, olhando o relógio da parede da sua sala marcar dez e meia da noite.

— Certo, até amanhã. — Jake diz, se levantando comigo.

Saímos juntos da academia, espero Jake fechar tudo encostado no meu carro e no final cada um entra no seu veículo e vai embora.



Acordo às seis e meia da manhã, irritado pelo fato de não ter conseguido dormir durante quase toda a noite. Não faz nem uma hora que consegui pegar no sono, mas cá estou eu acordado e pensando em Parisa outra vez.

Levanto da cama e vou tomar um banho. Penso se devo ou não ir vê-la, decidindo que sim. Não sei se ela vai querer me ver, mas eu realmente quero vê-la.

Desligo o chuveiro e enrolo uma toalha na cintura, indo até a pia para escovar meus dentes. Encaro-me no espelho, notando que as olheiras escuras debaixo dos meus olhos e minha barba por fazer estão me deixando com aparência de doente. E de certa forma é assim que eu me sinto: *doente por Parisa*.

Termino de escovar os dentes e faço minha barba, tentando melhorar minha aparência de *péssimo* para *ruim*.

Saio do banheiro, vou até o closet e visto uma camisa preta e jeans claro. Passo a mão por meus cabelos molhados por fim e calço meu tênis preto.

Deixo o cômodo e assim que passo pelo meu quarto, pego minhas chaves, carteira e celular.



Estacionando na frente do prédio de Parisa, observo Jaz e outro homem parados em outro Range Rover em frente ao meu. Abro a porta e pulo para fora, caminhando até o carro deles. Agora passa das sete e eu estou esperando Parisa sair do prédio para que eu possa chamá-la para tomar café comigo.

— Senhor? — Jaz diz, estranhando minha presença.

— Bom dia. — saúdo e eles apenas acenam com a cabeça. — Algum deles apareceu por aqui? — pergunto.

— Não, senhor. — Jaz responde. — Apenas a colega de quarto de Parisa, que é namorada de um dos amigos próximos de Shark. — completa.

Balanço a cabeça em afirmação.

A única coisa que tenho que tentar fazer no momento, é convencer Parisa de volta a morar com Jake, mas isso não depende só de mim.

— Cuidado para ela não perceber que estão aqui. — enuncio, vendo-os acenarem com a cabeça mais uma vez enquanto eu volto para o meu carro.

Entro lá dentro e pego meu celular para ficar contando os minutos. Segundo o que Jaz disse, Parisa tem horários toda manhã das oito até às onze e quarenta da manhã. Ela deve estar pra sair do prédio.

Sete horas da manhã e vinte e seis minutos.

Esse é o exato momento em que vejo Parisa sair do prédio. Ela está usando um vestido branco que chega até seus joelhos, uma sapatilha azul e seus cabelos molhados estão soltos.

Passo a mão por meus cabelos e saio do carro, tomando meu caminho até ela. Parisa só percebe que estou caminhando em sua direção quando estou quase em sua frente.

Ela para de andar e eu faço o mesmo, parando em sua frente.

— Bom dia, querida. — enuncio baixo.

Ela levanta uma sobrancelha e eu seguro a vontade de rolar os olhos.

— O que você está fazendo aqui? — pergunta rude, mas em seguida balança a cabeça como se tivesse falado algo de errado. — Quer dizer, está cedo. Você não devia estar indo treinar? — indaga, abraçando a pasta em suas mãos contra seu corpo.

— Sim, eu devia estar indo treinar, mas resolvi passar para te chamar para tomar café comigo. — digo, coçando minha nuca.

Ela me fita por longos segundos, enquanto tento adivinhar o que está se passando na cabeça dela. Será que ela vai aceitar? Eu não estou cercando-a, apenas quero tomar um café com ela. Não tem nada demais nisso.

— Eu não posso me atrasar e... — checa o relógio em seu pulso esquerdo. — Tenho apenas trinta minutos para chegar até a universidade.

Ela não está recusando.

— Podemos ir agora e eu te deixo lá... — sugiro, ainda esperando por sua recusa.

Ela inclina a cabeça para o lado, observando-me com seus olhos bonitos e azuis que parecem estar mais brilhantes hoje.

— Tudo bem. — anuncia.

Relaxo instantaneamente.

— Tudo bem mesmo? — pergunto desconfiado.

Ela rola os olhos e começa a andar, empurrando-me com o seu ombro.

— É melhor irmos logo, Trent, caso contrário eu irei me atrasar e então nada mais estará bem. — diz, alto e eu saio andando atrás dela.



Estaciono numa cafeteria quase ao lado da universidade de Parisa. Pelo menos eu não teria que correr para deixá-la no lugar.

Eu e Parisa saímos do carro e andamos lado a lado até a entrada. Ignoro o desejo de segurar sua mão, enfiando uma das minhas no bolso da calça e abrindo a porta com a outra.

— Você pode ir sentar enquanto eu compro. — digo a Parisa e ela apenas assente com a cabeça, pegando uma mesa para nós dois.

Caminho até o balcão e como o local não está cheio, sou logo atendido. A mulher que está me atendendo joga todo seu charme para chamar minha atenção, o que acaba me fazendo querer rir.

— Os donuts de chocolate são a especialidade da casa, mas você não deve comer, porque com esse corp...

— Eu vou querer dois donuts para a minha namorada que está sentada logo ali. — digo, apontando com a cabeça para Parisa, que está me encarando de volta.

A mulher pigarreia e eu volto minha atenção para ela.

— Dois cafés, um croissant e dois donuts... Só isso? — ela pergunta de cara fechada e eu aceno positivamente com a cabeça. — São quinze dólares.

Puxo minha carteira do bolso e entrego uma cédula de vinte dólares para ela.

— Pode ficar com o troco. — digo, dando-lhe as costas e indo até a mesa onde Parisa está sentada.

Pego um lugar na frente dela e a encaro.

— O que aconteceu lá? — dispara, parecendo arrepender-se instantaneamente de tê-lo feito.

— Nada, querida. — respondo, certo de que ela não vai gostar de saber que falei para aquela mulher que somos namorados.

Ela dá de ombros, cruzando os braços em frente seu corpo na defensiva. Nosso café é deixado na mesa por uma outra garçonete qualquer e eu pego o croissant enquanto Parisa pega seu copo de café, bebericando enquanto me fita.

— Por que está comendo isso, lutador? — ela pergunta pegando um dos donuts de

chocolate e mordendo um pedaço. — Pensei que apenas comia coisas saudáveis e tudo mais, não? — resmunga cinicamente de boca cheia.

— Eu comia há dois anos. — minto para ver sua reação e ela logo vem. Parisa engole o pedaço de donut à seco. — Quer dizer, eu não deixei de comer coisas saudáveis. Essa, na verdade, é a primeira vez que como alguma porcaria em anos.

Ela acena com a cabeça, tomando um gole do seu café e eu faço o mesmo.

— Então, como você está indo nos estudos? — pergunto, tentando soar mais interessado do que realmente estou.

Não que eu não queira que Parisa tenha uma formação, mas eu sei que isso vai de certa forma afastá-la de mim, e eu odeio ficar longe dela.

— Estou indo bem. Eu realmente gosto de Administração e, *claro*, é um curso que pode me ajudar a crescer mais ainda. — ela diz, pensativa. — Talvez eu até ajude Jake com a academia, se ele quiser...

— Ele com certeza vai querer isso. — sentencio, vendo-a morder outro pedaço do *donut*.

Durante os minutos que se sucedem, eu e Parisa terminamos de tomar nosso café enquanto conversamos sobre qualquer coisa aleatória que vem à nossa cabeça.

No final de tudo, toda sua boca está suja de chocolate enquanto ela me conta algo sobre uma de suas aulas mais divertidas que, para mim, não parece nem um pouco divertida.

Estendo meu braço sobre a mesa e, com meu dedão, limpo a sujeira no canto de sua boca, fazendo-a parar de falar imediatamente.

— Estava sujo. — digo, fitando-a intensamente.

Minhas entranhas apertam e eu reprimo a vontade de jogar a mesa para o lado e puxá-la contra mim.

Enfio o dedo sujo de chocolate dentro da minha boca e chupo, sem deixar de fitá-la.

— Eu preciso ir agora. — ela diz, pigarreando e mexendo-se inquieta.

Tiro meu dedo da minha boca e pego um guardanapo, limpando-o e jogando na bandeja. Eu e Parisa nos levantamos e saímos do local, voltando para o meu carro outra vez.

O caminho que fazemos até a universidade é curto e nós dois ficamos calados durante todo o percurso.

Estaciono o carro na frente da NYU, encarando o volante fixamente.

— Obrigada pelo café e pela carona. — Parisa diz, puxando sua bolsa do painel do carro.

— Disponha. — respondo, sentindo-me distante dela outra vez.

Destravo as portas e antes mesmo de Parisa abrir a porta do seu lado, eu volto a falar.

— Parisa... — murmuro, chamando sua atenção para mim. — Bom, eu nunca... eu nunca fiz isso antes, você sabe melhor do que ninguém. — batuco com os dedos no volante, repetitivamente. — Quero saber se você quer sair comigo, hoje?

Sua boca se curva em um sorriso pequeno e puxado de lado. Isso é o suficiente para balançar a merda dentro de mim.

— Tipo um encontro? — ela indaga e eu aceno positivamente com a cabeça.

— Tipo um encontro... já que é assim que vocês chamam. — resmungo, vendo-a soltar uma risada.

Put a que pariu.

— Tudo bem, Trent. Você pode me pegar às cinco. — Parisa diz, saindo do carro.

— Cinco em ponto. — aviso e ela rola os olhos.

— Cinco em ponto, lutador. — diz, batendo a porta.

Abaixo o vidro, encarando suas costas.

— Boa aula, querida! — exclamo, completamente satisfeito.

Não sei o que diabos estou fazendo, apenas preciso reconquistar Parisa completa e totalmente. Agora só preciso descobrir o que seria um bom primeiro encontro para ela.

Capítulo 10

Parisa Cohen

Durante os minutos iniciais da minha primeira aula do dia eu fiquei meio aérea pensando se a chance que estou dando para Trent não foi muito equivocada. Eu espero que não seja e que ele faça valer à pena.

Quando minha aula chega ao fim, coloco meu material de volta na minha bolsa e saio do auditório, encontrando Jackie que está me esperando do lado de fora.

— Você sabe o que nós poderíamos fazer essa noite? — Jackie dispara assim que tem chance.

— Não faço ideia, mas já tenho um compromisso essa noite. — digo.

— Como assim um compromisso? Eu nunca vi você com nenhum cara. — ela exclama, como se não estivéssemos no meio de um monte de gente. — Quem é ele?

— Ele é um velho amigo, Jackie. — rolo os olhos discretamente.

Ela estreita os olhos para mim, desconfiada. Essas atitudes de Jackie estão realmente me deixando irritada. Mais um pouco e nós duas vamos nos estranhar com todo esse interrogatório velado que ela está fazendo.

— Então, nós vamos almoçar juntas no mesmo lugar de sempre? — pergunta.

— Hoje eu não vou poder acompanhar você, eu preciso ir a um lugar depois da aula. — digo evasivamente.

— Tudo bem, boa aula. — diz e sai andando apressadamente.

Vai entender...



Descendo do ônibus no ponto bastante conhecido por mim, respiro fundo e começo o curto caminho que me leva até o meu destino.

Depois da minha última aula do dia, decidi que era hora de falar com Pamella e com Jake. Não sei se a minha irmã vai estar em casa para deixar o clima mais ameno, mas espero conseguir ter uma conversa civilizada com Jake.

Caminho pela rua sem muita pressa, tentando pensar no que dizer quando eu chegar lá, já que eu realmente me sinto completamente perdida nesse momento.

Poucos minutos depois, eu paro na frente da porta de entrada da casa em que morei toda minha vida. Passo a mão por meu cabelo e toco a campainha em seguida.

Escuto algo cair lá dentro e aperto minha pasta contra meu corpo, controlando o nervosismo que toma conta do meu corpo.

Escuto o som da chave revirar na fechadura e a porta finalmente é aberta. Jake me encara com os olhos arregalados e com uma expressão incrédula no rosto.

— *Paris...*

Seu sussurro é fraco, baixo e grave.

A saudade que acerta meu estômago espalha por meu corpo uma necessidade gigante de me jogar contra o corpo do meu pai e abraçá-lo até que essa sensação passe. Controlo esse impulso, enquanto tomo uma respiração profunda.

— *Jake...*

Seu rosto se contorce numa careta assim que eu falo seu nome. Ele provavelmente odeia me ouvir chamando-o dessa forma e, na verdade, eu também odeio chamá-lo de Jake.

— Posso entrar? — pergunto baixo, observando-o abrir espaço pra mim.

Passo pela porta, sentindo o cheiro reconfortante e familiar daquele lugar. Fito rapidamente a sala, constatando que nada mudou desde a última vez que estive aqui.

— Sente-se. — Jake diz, apontando para o sofá e eu o faço.

Sentada no sofá, vejo-o se sentar na sua poltrona, encarando-me quase sem piscar, como se a qualquer momento eu fosse desaparecer.

— *Filha...*

— *Pai...*

Nós dois falamos ao mesmo tempo.

Deixo minha bolsa e minha pasta no espaço livre do sofá, mordendo meu lábio e torcendo meus dedos uns nos outros.

— Pode falar primeiro. — eu murmuro, querendo muito ouvir o que ele tem pra dizer.

Jake se levanta da poltrona, andando de um lado para o outro na sala. Encaro seu sapato escuro enquanto o som de seus passos enche o local.

— Eu sinto muito, Parisa. — Jake diz, baixo e envergonhado, fazendo com que, *assim*, todas minhas barreiras comecem a desmoronar. — Sinto muito por ter feito Trent prometer algo que desde o começo eu já sabia que seria quebrado; sinto muito por ter separado vocês daquela forma; sinto muito por toda merda que minhas ações acarretaram no final de tudo. — ele se aproxima, ajoelhando-se na minha frente e segurando minhas mãos. — Fui tão, *tão* estúpido por ter te batido naquele dia, querida. — sinto meus olhos encherem-se de lágrimas.

— *Pai...*

— *Shhh...* deixa eu falar. — ele me corta, com os olhos azuis marejados. — Sempre fomos apenas eu e você, Parisa. Quando sua mãe se separou de mim e levou Pamella, deixando

você comigo, eu tive medo de errar contigo da mesma forma que o fiz com sua mãe. Troquei suas fraldas, me arrisquei na cozinha, te levei para escola todos os dias e te protegi quando você tinha pesadelos. Fiquei noites acordado apenas te observando dormir, pronto para te proteger do monstro que você dizia sempre estar debaixo da sua cama. — solto um riso fraco e embargado com minhas lágrimas. — Quando Trent apareceu nas nossas vidas e quando eu o vi com você, eu já sabia o que aconteceria. O garoto era quebrado de muitas fodidas formas, filha. Ele tinha aquela raiva dentro dele, aquele ódio que praticamente o consumia por inteiro, mas quando você chegava perto dele, não importava em que momento, ele sempre se acalmava instantaneamente. — uma lágrima solitária escorre por minha bochecha e ele solta uma das minhas mãos para enxugá-la delicadamente. — Eu tive medo da merda de Trent atingir você, querida. Talvez você não consiga entender, mas me deixei ser levado pela emoção do momento e pela necessidade de te proteger a qualquer custo.

— E-eu entendo... — gaguejo, entrelaçando nossos dedos.

— Eu o fiz prometer que nunca mexeria com você em um momento em que ele estava todo sobrecarregado de raiva. Eu nunca tinha visto o garoto daquela forma. Ele queria ver você, estava mentalmente perturbado e falava coisa com coisa. Eu lhe disse naquele momento de surto para nunca foder com você, de maneira alguma, e ele prometeu que nunca o faria. — diz, balançando a cabeça sutilmente. — Os anos passaram e eu percebi que Trent foi melhorando com o tempo e a única razão da mudança dele é você, mas isso não me fez perder o medo. Sempre terei medo de falhar em te proteger de tudo e de todos, querida. Quando eu te vi naquela noite, suja e ferida por alguém que não era Trent, percebi que no final de tudo, como você mesma disse, o perigo não está dentro de casa e sim fora dela. Acredito nele, acredito que ele não vai te machucar porque você é a única coisa que o mantém de pé. — diz, abaixando a cabeça e fitando nossas mãos. — Sinto muito por tudo que disse para vocês dois. Todos os dias eu sofri com sua ausência, Parisa. Eu ficava me perguntando quando você voltaria, quando eu teria a chance de dizer que sentia muito olhando dentro dos seus olhos. Depois de um tempo, mais do que apenas medo de não conseguir te proteger, eu tive medo de não conseguir ter você de volta do meu lado. Você e Pamella são tudo para mim.

— Pai... — eu o chamo, fazendo-o voltar a me fitar. — Você sempre foi e sempre será o meu super-homem exclusivo que vai me proteger de todo perigo. Você pode exagerar um pouco — ele dá um sorriso que se perde aos poucos. —, mas agora eu sei que é visando o melhor para mim. Lá atrás eu me senti tão machucada por você não ter entendido o quanto eu amava Trent que acabei falando inúmeras besteiras. Talvez eu tenha merecido o tapa, afinal eu fui rude e imbecil com a única pessoa que gastou tempo comigo tentando ensinar-me coisas que só um pai teria paciência para fazê-lo. — solto um suspiro, tentando controlar as lágrimas que ameaçam cair. — Eu pensei que ainda estaria com raiva de você por tudo que aconteceu, mas eu só quero esquecer tudo que se passou entre nós dois porque esse sentimento me sufoca um pouco mais a cada minuto. Eu odeio, odeio te chamar de Jake, papai. Odeio porque eu te amo tanto, mas tanto, que eu me sinto uma completa tola por ter falado coisas tão estúpidas e horríveis para você.

— Só preciso que me perdoe. — sussurra e eu aceno positivamente com a cabeça, incapaz de falar mais qualquer coisa.

Tento controlar minha respiração irregular.

— Se você me perdoar, estaremos quites. — brinco, com lágrimas banhando minhas bochechas.

Escorregando pelo sofá, me ajoelho na sua frente, abraçando-o com toda força que tenho. Choro contra seu peito, deixando que isso lave e leve todo esse sentimento ruim que persiste em ficar dentro de mim.

Não sei por quanto tempo ficamos daquela forma, mas só me separo do papai quando escuto alguém entrar pela porta.

É Pam.

— Sabe o que eu consegui fazer hoje na aula? Max me ens...

A voz de Pamella vai sumindo assim que ela nos fita, de olhos arregalados e boca aberta.

— *Não pode ser...* — ela murmura.

Eu e papai rimos, ainda abraçados. Pamella corre até nós, jogando-se em cima de nós dois e nos levando ao chão.

— Oh meu Deus! Eu não acredito que vocês finalmente... que você... — ela diz, já chorando enquanto não conseguimos parar de rir.

Claro que Pam já começaria a chorar. Ela chora por quase tudo.

— Pam, está tudo bem agora. — digo entre risos.

Ela levanta o rosto do meu ombro e nos encara. Seu rosto está bem mais vermelho que antes e seus olhos brilham cheios de lágrimas.

— Isso não pode mais acontecer, estão me entendendo? — ela diz, emburrada. — Quer dizer, você foi embora! Eu praticamente arranquei os cabelos e o papai enlouqueceu, me enlouquecendo junto com ele. Eu acho que envelheci cinco anos nesse último ano. — reclama.

— Eu não vou mais fazer isso, prometo. — enuncio, olhando-a suspirar aliviada.

— Vamos fazer um almoço em família? — Pam exclama, sorrindo abertamente.

Eu e papai nos entreolhamos e voltamos a rir. Senti falta de ver Pamella sendo Pamella, ou seja, espontânea e tagarela. E para ser sincera, ela é a *única* tagarela que eu aguento escutar.



Depois de almoçar com Pamella e papai, eu me despedi dos dois, dizendo que vou aparecer amanhã, mas não saí antes de tê-los perguntando se eu não voltaria para casa. Expliquei que estou pagando um dormitório e que tenho um trabalho, então me decidiria posteriormente. Nenhum dos dois argumentou mais nada, apenas acenaram positivamente com a

cabeça.

Chego ao dormitório por volta das três e meia da tarde. Subo as escadas, sentindo-me bem mais leve por ter resolvido tudo com papai.

Entro no quarto e não encontro Jackie. Talvez ela tenha saído com Cail. Tranco a porta e me jogo na minha cama com minhas coisas, empurrando-as para o lado. Pego meu celular de dentro da bolsa e ligo o alarme para me despertar quatro e meia, decidindo tirar um cochilo.



Acordo com meu celular tocando perto do meu ouvido e assim que abro os olhos, vejo Jackie passeando pelo quarto apenas de regata e calcinha. Sento-me na cama, sentindo-me mais descansada e melhor que uma hora atrás.

— Boa tarde, dorminhoca. — Jackie diz assim que me vê acordada.

— *Boa... tarde...* — digo entre um bocejo.

Levanto-me da cama e pego minha toalha, amarrando meu cabelo com força. Caminho até o guarda-roupas e pego minha roupa: um jeans de cintura alta e uma blusa preta simples de manga longa.

— Vou banhar e me arrumar. — aviso Jackie que apenas acena com a cabeça.

Entro dentro do banheiro e coloco minha roupa em cima da pia para não molhar. Despindo-me, vou para debaixo do chuveiro e ligo, soltando meu cabelo e começando meu banho. Lavo meu cabelo, limpando-me toda e completamente, enquanto relaxo debaixo da água gelada. Eu não demoro muito no meu banho, apenas o suficiente. Trent já deve estar para chegar e eu não quero me atrasar.

Desligo o chuveiro e pego minha toalha, passando primeiro no cabelo para tirar o excesso de água e depois enxugando meu corpo. Visto minhas roupas íntimas e em seguida vou vestindo minha calça e minha blusa. Dobro minha roupa suja para depois levar para lavadeira e resolvo secar um pouco meu cabelo antes de sair do banheiro. Ligo o secador de Jackie e começo a secar meu cabelo, um pouco irritada com o barulho do aparelho, mas nada demais.

Dois minutos mais tarde, desligo o aparelho, colocando-o de volta no lugar e penteio meio cabelo que já está mais seco. Pego minha escova de dentes de dentro do meu pote que fica guardado na gaveta debaixo da pia, coloco creme dental e escovo meus dentes sem pressa

Antes de sair do banheiro com minhas coisas na mão, escuto uma voz bastante familiar.

Trent.

Talvez ele tenha chegado enquanto eu secava meu cabelo. Posso escutar a voz de Jackie também, ela soando mais animada do que nunca. Colo meu ouvido no compensado fino do qual a porta do banheiro é feita, e tento escutar o que eles estão falando.

— *Ela é uma boa garota, mas não deve nem mesmo aguentar você entre quatro paredes.*

— escuto Jackie falar e quase abro a porta no mesmo momento, mas espero para ouvir o que Trent tem a dizer. — *Posso fazer um serviço bem melhor.*

Escuto Trent dar uma risada contida.

— *Não sei como Parisa aguenta viver com alguém como você ao lado dela, já que sei que ela não tem qualquer paciência para esse seu tipo, mas vamos deixar uma única coisa clara aqui entre eu e você — ele pigarreia, seguindo com seus passos pesados pelo quarto. —, se eu estivesse atrás de algum serviço, eu não estaria aqui esperando por Parisa. Acredite, eu e ela sabemos que já tive muitos serviços por aí, mas ela nem mesmo chega perto de se encaixar nesse quesito. Como você disse, ela pode ter te falado que está indo sair com um velho amigo, mas nós não nos resumimos a isso. Estou aqui para levar minha mulher em um maldito encontro porque eu sei que ela merece mais do que toda merda que já dei para ela, e ela não está saindo com um velho amigo. Eu sou o homem dela.*

Minha pele esquenta instantaneamente, enquanto algo bom se instala no fundo do meu estômago.

Abro a porta do banheiro, saindo com tudo lá de dentro enquanto contenho um sorriso de deslizar pelos meus lábios. Jogo minhas coisas na minha cama enquanto, agora, percebo que Jackie está apenas de roupas íntimas.

Fito Trent, que está parado perto da janela, bem longe de Jackie. Menos mal. Aceno para ele com a cabeça e ignoro a presença de Jackie. Pego meu perfume, passando o mínimo possível e o guardo de volta na minha caixinha. Sento-me na minha cama e puxo minha bota UGG de debaixo da mesma, calçando-me enquanto checo o horário no meu celular.

Quatro e cinquenta e oito.

Termino de calçar minha bota, olhando Trent de rabo de olho que está me fitando de volta e ignorando Jackie assim como eu estou o fazendo.

Levanto da minha cama e encaro Jackie, que carrega uma expressão irritada e desgostosa no rosto enquanto observa Trent com os olhos vidrados. Ela me fita de volta e logo muda de expressão.

— *Divirta-se Paris!* — Jackie exclama.

Deus, como eu quero enfiar o punho no meio da cara dela!

Vaca descarada.

Encaro Trent e deixo-me observá-lo brevemente. Ele está usando um jeans escuro, camisa branca com uma jaqueta de couro marrom por cima e tênis da Nike. Sem deixar de citar o cabelo loiro sujo bagunçado propositadamente.

Ele parece bem e eu posso entender o motivo de Jackie estar agindo como uma puta, mas isso não quer dizer que estou feliz com isso. Na verdade, eu *realmente* quero enfiar o punho no meio da cara dela.

— Podemos? — Trent pergunta, sorrindo em minha direção.

Eu meio que gosto de vê-lo sorrir, já que isso quase nunca acontece. É quase um milagre. Dessa forma, sorrio de volta de forma simples.

— Podemos. — resmungo enquanto caminhamos até a porta juntos. Antes de sair, viro para Jackie. — Não fique me esperando acordada. — blefo, tentando soar convicta enquanto a encaro, ainda irritada demais com sua atitude.

Ela não responde nada e nem tem tempo já que eu fecho a porta atrás de mim, vendo Trent me fitar divertido.

— Para onde estamos indo? — pergunto casualmente, tomando a frente enquanto começamos a descer os lances de escada.

— É uma surpresa. — diz, fazendo-me fitá-lo.

— Não gosto de surpresas. — resmungo, tirando uma gargalhada sua.

Estou sonhando ou o quê? Trent gargalhando?

O mundo deve estar prestes a acabar.

— Tenho certeza que você vai gostar dessa, querida. — rebate, olhando-me de rabo de olho.

Continuamos a descer até que finalmente chegamos no térreo. Abruptamente, Trent pega minha mão e entrelaça nossos dedos. Surpresa com sua atitude, não correspondo o aperto de mão, mas também não puxo minha mão da sua.

Atravessamos a rua e Trent finalmente solta minha mão apenas para a abrir a porta do carro para mim. Eu quero sorrir de suas atitudes. Mesmo que ele sempre tenha feito essa coisa de abrir a porta do carro pra mim, nessa situação com ele todo esforçado, fica bem mais engraçado e divertido.

Assim que estou sentada confortavelmente no banco, Trent bate a porta e entra o outro lado repetindo o processo. Colocamos o cinto de segurança e Trent parte em direção a sua surpresa.

Capítulo 11

Trent Wayne

Quando cheguei ao dormitório de Parisa, logo tomei um susto com a garota que se dizia ser sua colega de quarto. Apenas acreditei e aceitei entrar no quarto porque consegui ver algumas coisas de Parisa no quarto. A garota a todo momento flertava comigo, andando de um lado para o outro só de calcinha e sutiã. A ignorei, olhando apenas em seu rosto até Parisa chegar. Não é como se eu estivesse indo foder com minha última chance bem ali, no quarto dela ou muito menos em qualquer outro lugar.

Durante o caminho, eu conversei com Parisa sobre coisas aleatórias. Não forcei qualquer movimento sobre ela, apenas deixei que tudo fluísse agradavelmente entre nós dois.

— Estamos chegando? — ela pergunta, olhando pela janela o trânsito irritante de New York.

— Estaremos lá em poucos minutos. — digo, animado pra caralho pra ver sua reação.

Durante o dia todo fiquei pensando em que lugar eu deveria levá-la.

Um restaurante caro? Eu sei que Parisa não é fã de comida cara, para ela se tiver pickles e pasta de amendoim é o suficiente. *Então, levá-la para comer em um lugar mais simples?* Essa é uma boa ideia, mas e depois? Apenas comeríamos e mais nada? Porque eu sei muito bem que ela está disposta em fazer-me cansar para tê-la outra vez. *Outra ideia seria o tão-famoso-cinema.* Eu nunca me agradei em ir a esse lugar e nem ela. Costumávamos assistir filmes juntos, na sala de estar da casa de Jake ou no quarto dela, mas isso já faz tempo.

No final de tudo, consegui pensar em algo que combina com nós dois. Um pouco de adrenalina, diversão e aposta, porque eu sei que nem um dos dois vai querer perder, então isso já é o suficiente para esquentar nossa noite.

— *Oh, meu Deus!* — exclama, encarando o lugar enquanto eu estaciono o carro em uma das vagas.

— Vamos? — pergunto, soltando nossos cintos de segurança e chamando sua atenção para mim.

Os olhos dela brilham e isso me faz sorrir, completamente satisfeito. Se alguém perguntar por que ela está feliz, eu vou poder apostar minhas bolas e falar que é por causa disso. Saímos do carro juntos e eu tiro minha jaqueta, oferecendo para ela, que aceita mesmo que esteja usando uma blusa de manga comprida. Seguro sua mão e dessa vez ela aperta os dedos entre os meus, enquanto eu a guio até a pista ao ar livre.

Encontrei esse lugar pela internet essa tarde. A pista de Kart fica em um espaço atrás de alguns prédios no Brooklyn. O cara que é dono do espaço felizmente me conhece por causa das lutas e toda essa merda, então não tive dificuldade em conseguir um horário para trazer Parisa.

— Não acredito que vamos fazer isso! — ela exclama, apertando minha mão com força.

— Eu tive algumas aulas de direção com Oliver quando estava em Seattle, agora preciso agradecê-lo por isso.

Viro meu rosto para fitá-la e logo que isso acontece, minhas entranhas apertam com a imagem que tenho nesse momento. Ela parece tão bonita sorrindo alegremente que — *porra* — quero cancelar o programa agora e ir fodê-la no banco de trás do meu carro. Entretanto, continuo andando e puxando-a para mais perto de mim.

Assim que chegamos até um dos supervisores do local, dou-lhe meu nome e ele checka, deixando-nos entrar em seguida. O lugar é realmente tão foda quanto nas fotos. Somos guiados até outro supervisor que começa a explicar sobre as regras do Kart, bandeiras, equipamentos e tudo que precisamos saber para pilotar.

Depois que tudo é explicado para nós e mais um grupo de quatro pessoas, que provavelmente também irão participar da corrida, todos pegamos os equipamentos de proteção obrigatórios.

— Você deveria usar o macacão... — Parisa diz, balançando o cabelo enquanto coloca a touca branca de proteção.

Levanto uma sobrancelha, colocando a touca e o capacete.

— É opcional, querida. Não estou indo colocar a porcaria do macacão. — digo, observando-a segurar o riso.

— Nem devem ter um do seu tamanho, de toda forma. — comenta, balançando os ombros.

— Está me chamando de gordo ou algo do tipo? — indago, surpreso.

— *Quem? Eu?* — rebate. — Estou chamando você de grande o que é bem diferente. — completa cinicamente.

— Também não devem ter um do seu tamanho, querida. — aviso, colocando as luvas despreocupadamente.

— Onde quer chegar com isso? — pergunta entre dentes, fazendo-me rir.

— Você é muito pequena, baby. Não é permitido crianças nessa pista de Kart, então... — assim que completo, Parisa acerta meu peito com um soco.

Ela está emburrada, o que me faz rir mais ainda. Assim que ela coloca o capacete, puxo seu corpo contra o meu, abraçando-a firme enquanto ela planta as mãos em meu peito. — Você foi a única que começou com essas analogias, querida. — digo, vendo sua expressão suavizar.

— Era para ser engraçado, não para você dar uma de espertinho e me chamar de toco-de-amarrar-onça. — retruca, rolando os olhos.

— Você que está se chamando de toco-de-não-sei-o-quê, não coloque a culpa em mim. — respondo, segurando o riso. — Então, o que vai ser? Está pronta para perder a corrida?

Parisa me empurra para longe, sorrindo amplamente enquanto começa a colocar suas

luvas.

— A pergunta certa seria: você está pronto para ter sua bunda chutada? — atira de volta, presunçosamente.

— Duvido muito que isso aconteça... andei treinando esses dias pelas ruas, sabe? Segui um ônibus e tudo, porra. — digo, recebendo um olhar reprovador de Parisa ao passo que a mesma tenta deixar de sorrir, mas não consegue.

— Por um momento eu achei que estávamos dentro daquele jogo, GTA, onde você costumava atropelar todo mundo que encontrava pela frente. — ela confessa, fazendo-me gargalhar. — Não ria, idiota. Estou falando sério!

— Foi por uma boa causa. — enuncio, deixando meu sorriso morrer enquanto falo sério com ela.

— Então eu sou uma boa causa? — ela pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Você é a melhor delas. — informo, aproximando-me dois passos dela.

Parisa tosse e eu consigo ver um pouco do tom avermelhado que toma conta do seu rosto.

— Eu aposto que vou ganhar de você! — exclama, mudando de assunto.

— Você aposta? O que você aposta? — pergunto divertido, cruzando os braços em frente meu corpo, enquanto lembro das inúmeras apostas que costumávamos fazer antes das minhas lutas.

— Aposto o jantar. Eu pago o jantar se ganhar de você. — diz, sorrindo de lado.

— E se eu ganhar? — pergunto.

— Então você paga o jantar, oras... — rola os olhos.

— Isso já está nos planos, baby. É um encontro e eu tenho obrigação de pagar tudo. — explico.

— Mudança de planos, Trent. — afirma, me empurrando. — Pegar ou largar...

— Que seja! Será do seu jeito, então... — digo, tentando não soar tão irritado quanto estou ficando.

— Prepare-se para ter uma dor na bunda, lutador, porque eu vou chutá-la. — Parisa diz, por fim.



Cada um de nós pegamos um kart e fazemos algumas voltas, devagar, apenas para reconhecimento da pista. A pista é extensa tem quase dez curvas. Ao todo, teremos que dar cinco voltas, o que já é o suficiente.

Eu e Parisa estamos lado a lado, cada um concentrado ao sinal do homem que está mais à frente segurando algumas bandeiras.

— Boa sorte, querida! — exclamo, pronto pra acelerar.

— Eu não preciso de sor...

Parisa não tem tempo de terminar, já que o homem balança a bandeira iniciando a corrida e eu piso no acelerador com vontade.

Tomo a frente da pista, sentindo a adrenalina correr por minhas veias enquanto o kart faz toda merda sacudir dentro de mim por causa da velocidade. As voltas vêm e eu tenho Parisa e mais um cara atrás de mim no meu encalço. Ela deve estar realmente levando toda essa merda de aposta adiante, já que acelera o kart com tudo.

Não posso deixar de sorrir, enquanto me concentro na pista.

Não sei quanto tempo se passa desde a primeira volta, mas logo faço a segunda, terceira e quarta volta com Parisa bem atrás de mim.

Na última curva, viro meu rosto apenas para ver um cara pegando a traseira do kart onde Parisa está e em seguida ela perde o controle, chocando-se com a proteção da pista. Freio o kart que estou e saio de dentro num pulo, não ligando uma porra para todas as regras que foram nos dadas.

Chego até Parisa e encontro-a gargalhando.

— Porra! Você está bem? — pergunto, checando sua aparência e ignorando sua risada.

— Que filho da puta! Minha bunda está doendo. — ela reclama, entre uma risada e outra.

— Você está sentindo alguma coisa, Parisa? — pergunto e ela me fita, sorrindo de lado.

— Melhor você correr sua bunda para o seu kart, a corrida ainda não terminou. — diz, antes de dar a ré e me fazer bufar irritado. — Acho que você não vai ter que gastar tanto assim no jantar.

Rolo os olhos, dando-lhe as costas enquanto caminho de volta para o kart com ela me seguindo.

— Que se foda. — resmungo.

Parisa gargalha outra vez, passando por mim em velocidade constante até cruzar a linha de chegada.

Entro dentro do kart e faço a mesma merda que ela fez, encontrando-a parada me esperando.

— Isso que dá se preocupar comigo, lutador. Devia ter seguido seu caminho. — ela diz, tirando o capacete e eu faço o mesmo, levantando-me e saindo finalmente do kart.

— E você deveria ter reagido, dessa forma eu não me preocuparia. — reclamo, tirando

a touca e as luvas.

— Eu disse que teria sua bunda chutada. — rebate, sacudindo os cabelos enquanto dá de ombros.

— Isso foi trapacear. — rosno.

— Nem aqui, nem na China. Eu não mandei você largar a corrida para me checar, então apenas aceite. — atira, entregando os equipamentos para o supervisor e eu faço o mesmo.

— Vai me dizer que realmente quer pagar o jantar? — pergunto, parando em sua frente.

— Não trouxe nada além do meu celular e chaves, então eu vou deixar que você o faça. — sorri de lado. — Mas saber que eu realmente chutei sua bunda é bastante revigorante. Aliás, não se acostume, o próximo jantar é por minha conta.

Deixo minha merda se acalmar dentro de mim e levanto uma sobrancelha.

— Teremos um próximo jantar? — pergunto, fazendo-a parar de sorrir.

— Foi só modo de falar. — diz, dando de ombros e rolando os olhos.

— Tudo bem, querida, agora vamos. — enuncio, segurando sua mão e puxando-a comigo.



Depois de pagar pela corrida, voltei para o carro com Parisa que não parou de falar por nem um segundo sobre como gostou de ganhar a corrida. Valeu à pena perder, já que agora eu a tinha cem por cento comigo nesse encontro.

— O que vamos fazer agora? — pergunta, depois de quase vinte minutos.

Batuco meus dedos no volante, vendo o relógio marcar quase sete da noite no painel.

— Tenho uma mesa para nós em uma pizzaria. — respondo simples.

— Eu vou poder ter pickles na minha fatia? — pergunta outra vez, fazendo-me fitá-la de soslaio.

— Você pode colocar pickles na sua, se quiser. — rebato.

O resto do caminho que fazemos é preenchido por alguma música que está tocando na rádio. Parisa finalmente se aquieta, parando de se mexer no banco como se tivesse um formigueiro ali.

— Chegamos, querida. — digo, parando o carro.

— Vamos, então. Estou morrendo de fome. — diz, abrindo a porta e saindo.

Faço o mesmo, mas não antes de pegar minha carteira e celular. Do lado de fora, seguro a mão de Parisa, ligando o alarme enquanto andamos até a entrada da pizzaria. O piso inferior está cheio, mas logo somos guiados por um dos funcionários para o andar de cima, assim como pedi que reservassem.

— Não devíamos estar no piso de baixo com os outros? — Parisa resmunga.

Estamos em um corredor escuro, caminhando atrás do funcionário que abre a porta dupla que dá para sacada do prédio. Os dedos de Parisa apertam outra vez em torno dos meus, deixando-me saber que ela também gostou disso.

— Estarei mandando um garçom em poucos minutos. — o homem diz antes de se retirar e nos deixar a sós.

A mesa que está disposta para nós dois é simples e pequena, deixando-me feliz porque ela terá que se sentar ao meu lado.

— Isso é bonito... — murmura, dando um passo para frente.

Seguindo-a ainda sem soltar nossas mãos, deixo que ela tome seu tempo em admirar as coisas pequenas à sua frente. Não é nada realmente fantástico, só que é o suficiente para tomar a atenção de Parisa.

— Isso quer dizer que você está gostando do encontro, de longe? — pergunto, vendo-a dar uma risada.

— Quer dizer que isso não está brega até agora e que isso tudo me agrada muito, afinal é pizza. — retruca.

Junto-me a ela, rindo ao seu lado e solto sua mão assim que paramos em frente à mesa. Puxo a cadeira para Parisa, que aceita o gesto e senta-se. Faço o mesmo para mim, sentando-me ao seu lado e pegando o menu que está em cima da mesa.

— Também quero escolher, Trent. — ela diz, tentando espiar o menu.

— Então se aproxime. — digo simples, ganhando uma careta dela, mas logo ela se aproxima mais de mim.

Começamos uma discussão sobre os muitos e diversos sabores de pizza que estão oferecendo, mas no final eu deixo ela ter a última palavra.

— Dois pedaços de pizza de calabresa simples, três de mussarela e um de Nutella com m&m's. — Parisa pede para o garçom que acaba de chegar para anotar nosso pedido.

— E para beber? — pergunta, depois de escrever o que Parisa disse.

— Pepsi com limão. — ela completa.

O garçom termina de anotar e sai, deixando-nos sozinhos outra vez. Em silêncio, fito Parisa. Ela se vira para me encarar e ficamos daquela forma, sem dizer uma só palavra por longos minutos. Passo meu braço por seu ombro, puxando-a para perto e ouvindo seu suspiro.

— Sei que já sabe disso, mas vivi um inferno sem você aqui. — começo, murmurando em seu ouvido. — Da próxima vez que as coisas derem errado, não quero que saia sem dizer uma palavra sequer. Mereci o que você fez por ter te deixado quando mais precisou de mim, mas por favor, atire toda merda em mim, só não me deixe outra vez.

— Não me dê merda para atirar em você outra vez. — retruca baixo.

Não contendo meu impulso, assalto seu pescoço, cheirando-a demoradamente enquanto beijo sua pele, mas então Parisa afasta o pescoço para longe e me encara com os olhos azuis dilatados e mais escuros.

— Você está realmente disposto a lutar por mim dessa vez? — pergunta, com um certo tom de incerteza na voz.

— Farei qualquer coisa por você, mesmo que de olhos fechados. — rosno e ela se aproxima de mim, passando o nariz no meu.

— Eu vivo numa constante luta interna entre socá-lo e beijá-lo, mas nesse momento eu vou deixar a primeira opção de lado só para provar algo que senti falta nos últimos meses. — murmura, sorrindo com os olhos vidrados nos meus.

Sem deixar-lhe com qualquer escolha de fugir de mim outra vez, subo minha mão até seu cabelo e puxo sem muita força, inclinando sua cabeça para mim. Fito sua boca e com nossos olhares trancados um no outro, passo minha língua pela costura dos seus lábios, sentindo a respiração de Parisa bater descompassada em meu rosto.

Observo-a fechar os olhos e faço o mesmo, tendo-a abrindo a boca receptiva para compartilharmos um beijo profundo e cheio de saudade.

Com as mãos em meus cabelos, deslizo minha língua sobre a sua, saboreando-a na minha boca. O gosto de hortelã que ela tem me fode de muito jeitos diferentes e, agora, com ela puxando meu cabelo entre seus dedos, é o gatilho que eu precisava para ficar duro.

— Preciso juntar minha merda antes de perder o controle e te inclinar sobre essa mesa. — rosno, separando nossas bocas parcialmente e abrindo os olhos.

Lambendo seu lábio inferior, puxo-o entre meus dentes antes de chupá-lo rapidamente e separar minha boca por completo de sua carne suculenta. Passo meu polegar sobre os lábios inchados de Parisa, enquanto a observo abrir os olhos.

— Não vou me arriscar dizendo a mesma coisa. Está muito cedo para isso, até mesmo para o beijo, mas... gostei do beijo e senti falta dele. — ela diz, ainda com as pupilas dilatadas.

Beijo seus lábios outra vez antes de me forçar para longe. Se ela soubesse o maldito tesão que me dá em vê-la agir dessa forma, certamente não estaria com toda essa merda para cima de mim.

— Tenho tempo, querida. Levaremos por enquanto como você quiser. — resmungo e a escuto dar uma risada baixa.

Capítulo 12

Parisa Cohen

Mal posso acreditar que dirigi um Kart. Quer dizer, de todos os tipos de primeiros encontros que poderia imaginar, esse com certeza nem mesmo passou por minha cabeça. Trent me surpreendeu e eu sei que ele está se esforçando, o que não me deixa irritada comigo mesma por correspondido ao beijo que demos há quase duas horas.

Fecho os olhos, afundando no banco do seu carro enquanto olho pela janela os muitos carros que passam por nós. O tráfego de New York não está muito difícil, o que faz Trent se deslocar com habilidade por todo caminho, mantendo a velocidade abaixo do permitido. Eu sei muito bem que ele está atrasando e demorando por todo caminho provavelmente para termos mais alguns momentos juntos, mas resolvo deixá-lo ter seu tempo e não falar nada.

Durante todo jantar Trent foi agradável comigo, isso eu já esperava, mas ao mesmo passo ele pareceu o tempo todo como se estivesse pisando em ovos. Depois do beijo que compartilhamos, ele comandou nosso diálogo de forma cautelosa e calma, certamente com medo de eu sair jogando as coisas pra cima enquanto mando ele se foder. Em outras circunstâncias eu com certeza o faria, mas com ele todo suave e agradável era bem difícil de resistir. E eu não resisti. Aconcheguei-me em seus braços, mantendo ainda certa distância e ficamos daquela forma por longos minutos.

Coço meus olhos, bocejando e escorregando um pouco mais no banco de couro. Viro meu rosto na sua direção e fito seu perfil esculpido, demorando bastante em sua mandíbula apertada, salientando o osso ali presente. Sinto uma dor aguda no fundo do meu estômago, que constata o fraco que tenho por mandíbulas desenhadas, em especial, a mandíbula de Trent.

Olhando-me de soslaio, ele curva seus lábios em um pequeno sorriso que mexe mais um pouco comigo, fazendo-me apertar minhas pernas uma contra a outra enquanto meu corpo começa a reagir instantaneamente.

— Você está bem, querida? — ele pergunta, voltando os olhos para a estrada.

Engulo a seco, esticando minhas pernas e fingindo um bocejo.

— Bem... — resmungo. — Só quero chegar no dormitório, estou me sentindo um pouco cansada.

Trent acena com a cabeça.

Ligo o rádio, deixando em qualquer estação apenas para preencher o silêncio entre nós dois.

O resto do caminho é rápido e mal percebo quando Trent dobra a esquina, entrando na rua do prédio do dormitório. Endireito-me na cadeira, sem saber o que fazer. Sempre ouvi dizer que essa é a parte mais embaraçosa de se sair em um encontro: *a despedida*.

Desligando o carro em frente ao prédio, viro-me para Trent enquanto tiro o cinto de segurança e ele faz o mesmo.

— Bom... — resmungo.

— Vamos? Eu vou te levar até o seu quarto. — Trent diz, tomando a frente com firmeza.

Encaro-o e apenas aceno positivamente com a cabeça. Saímos do carro e ele dá volta no mesmo, parando ao meu lado e segurando minha mão, enquanto começamos nosso caminho até a entrada do prédio. Dentro do local, nos dirigimos até a escada e começamos a subir ainda em total silêncio.

Depois dos muitos lances de escada, eu e Trent finalmente paramos na frente da porta do meu dormitório. Ele retira a sua mão da minha, mas em compensação dá um passo à frente. Sua respiração pesada e quente bate no meu rosto, acariciando minha pele de forma tão suave que faz meu coração acelerar.

— Você não acha que deveria falar com Jake? Eu não fico tranquilo sabendo que está dormindo aí dentro com aquela garota. — Trent resmunga, levantando meu queixo com o indicador para encará-lo.

— Eu já falei com o papai. — sussurro, fitando seus olhos preocupados. — Nos resolvemos, mas eu ainda tenho tempo aqui. Paguei e estou pagando por esse lugar, além do mais, tenho um emprego e aqui é extremamente perto da universidade. É conveniente para mim e quanto a Jackie, bom, eu me resolvo com ela. — enuncio, completa e totalmente segura do que estou falando.

Trent solta uma respiração pesada, semicerrando os olhos como se estivesse lutando contra si mesmo. Dou um passo para trás, mas no segundo seguinte ele me puxa de volta com seu braço livre, laçando minha cintura com firmeza enquanto amassa meu corpo contra o seu.

— Tudo bem. — grunhe, levando sua mão do meu queixo até os meus cabelos, onde ali ele enfia os dedos. — Quero ver você de novo...

Meu estômago dá voltas, muitas e muitas voltas.

— Trent, eu...

— ... e de novo e mais outra vez. — ele me interrompe, com um brilho selvagem nos olhos. — Estamos levando as coisas como você quer e eu darei o tempo que for necessário para você pensar no *nosso mais*, mas eu não vou conseguir ficar longe de você. — abro a boca para falar, mas assim que ele estreita os olhos mais ainda, volto a fechá-la. — Vou ir atrás de você porque eu preciso estar por perto mesmo que seja apenas para ficar te olhando, não importa, eu estou satisfeito no momento.

Aceno com a cabeça, positivamente, fitando-o aproximar o rosto do meu. Quando Trent está próximo o suficiente para selar nossos lábios, eu viro rosto assim que escuto a porta do quarto abrir, fazendo-o beijar minha bochecha.

— Você já chegou... — Jackie diz, bocejando falsamente enquanto exhibe seu corpo em uma de suas camisolas de seda transparente. — Eu ouvi algum barulho aqui de fora, por isso abri a porta. — sorri de lado, falhando em sua missão de tentar soar doce e inocente.

Trent ignora a presença dela enquanto está com o rosto enfiado no meio dos meus cabelos, o que me deixa um pouco embaraçada e um pouco satisfeita.

— Está tudo bem, Jackie, eu já vou entrar. — digo, irritada.

Ela cruza os braços, empinando o nariz logo após.

— Você não vai entr...

— Eu disse que já vou entrar, você pode ir na frente. — rebato, fazendo Trent rir com a boca colada no meu pescoço.

Jackie torce a boca, entrando no quarto e batendo a porta com força. Trent afasta o rosto do meu pescoço e me encara com os olhos divertidos e intrigados.

— Você tem que tomar cuidado com ela, consegue ver isso? — Trent pergunta e eu aceno com a cabeça.

— Eu vou ficar em alerta, mas ela provavelmente não vai fazer nada, e se fizer, eu dou meu jeito. — enuncio, séria.

Com os olhos desconfiados, Trent acena positivamente com a cabeça e aperta minha cintura, esmagando mais meu corpo contra o seu.

— Obrigada por hoje, foi incrível. — sussurro sincera, sorrindo de lado enquanto percebo seus olhos brilharem.

— Foi um prazer, querida. — diz, sorrindo abertamente.

Oh, meu Deus.

Controle, Parisa. Recue.

— Eu vou entrar agora. — resmungo, beijando sua bochecha uma última vez e o empurrando de leve para me soltar.

— Certo. — sussurra.

Longe dois pés dele, eu o fito uma última vez e ele pisca para mim.

Foda!

Entro no quarto e caminho até minha cama, não deixando de notar que Jackie está me encarando sentada em sua cama.

— Pensei que vocês dois fossem amigos...

Rolo os olhos diante sua afirmação, que quase soa como um questionamento.

— Não vou fingir que não ouvi o que você disse enquanto eu estava no banheiro hoje mais cedo e também não vou fingir que não percebi como você está agindo desde que colocou os olhos em Trent. Essa merda não cola comigo, Jackie, tudo bem? — falo, cruzado os braços. — Eu e ele passamos por merda, *muita merda* e não vai ser você que vai destruir o que quer que seja que estejamos construindo agora. É melhor você recuar com o que está tentando fazer porque, *um*: ele

já deixou bem claro que não quer; e dois: eu não vou voltar a avisar. — completo sem nenhuma emoção na voz, vendo seu rosto ficar escarlate e sua expressão beirar a fúria.

Levantando-se da cama, ela vem em minha direção e para como um estúpido de poste em minha frente. Fecho o punho quando vejo ela levantar a mão para mim, mas ela apenas pega uma mecha do meu cabelo e coloca atrás da minha orelha.

— Eu entendi, Paris, agora eu realmente entendi. — enuncia baixo, com os olhos semicerrados.

Me afasto dela dando um passo para trás e a vejo pegar uma roupa, se trocar e sair do quarto em passos largos sem nem mesmo olhar para trás. Respiro pesadamente, jogando-me na minha cama. As aparências enganam mesmo... Se eu soubesse que Jackie viraria uma cadela com o ego ferido, não daria abertura para ela sequer falar comigo.

Tiro minha bota e pego um pijama, indo direto para o banheiro para fazer minha higiene e me preparar para dormir.



No dia seguinte...

Hoje pela manhã eu acordei atrasada para a faculdade e decidi por faltar a aula. Um dia não faz tanto mal assim. Já lá pelas dez horas da manhã, Pamella ligou para mim para confirmar se eu iria ou não de novo visitá-los e eu disse que apareceria para o jantar.

Jackie não apareceu pela manhã e nem antes de eu sair para trabalhar quase às duas da tarde.

Aliso meu vestido floral que troquei assim que saí da academia de Zach e toco a campainha da casa do papai, trocando o peso do meu corpo de um pé para o outro enquanto espero alguém abrir a porta. E logo isso acontece, revelando uma Pamella sorridente, um Max emburrado e um Trent entediado.

— Ela chegou! — Pamella exclama muitos tons acima do normal.

Rolo os olhos, mas abro um sorriso em seguida enquanto ela me puxa pra dentro de casa em um abraço apertado. Papai chega de algum lugar e nos abraça, beijando o topo da minha cabeça.

— Ei, bom ver você, querida. — papai diz me soltando e Pam faz o mesmo.

— Bom ver você também, pai. — digo, segurando o riso e Pam nos puxa pelo braço.

Fito Trent, que está sentado em um dos sofás com, agora, uma expressão divertida no rosto.

— Hoje nós vamos fazer uma noite de cinema em família! — Pam exclama animada, empurrando papai para sua poltrona. — Você fica aí, e você senta ali com o Trent. — ela me empurra para o sofá e eu quase caio em cima de Trent.

Lanço-lhe um olhar aguçado, mas Pamella não liga nem um pouco. Endireito-me no sofá, ajustando meu vestido em minhas pernas e pigarreio, tentando chamar a atenção de Pamella.

— Merda, a pipoca! — Pamella pragueja em fingimento e eu cruzo os braços, vendo até onde ela vai. — Vamos pegar a pipoca, pai. — diz puxando papai novamente da poltrona. — Vem também, amor, é muita pipoca.

Max dá uma risada baixa, mas se levanta e segue Pamella que está puxando o papai para a cozinha. Os três desaparecem da sala e eu deixo minha bolsa e pasta caírem no chão, sentindo o olhar de Trent em cima de mim.

— Meio ridículo isso... — resmungo, emburrada.

Arrastando-se, Trent se aproxima de mim e eu prendo a respiração sentindo-me temerosa.

— O que é ridículo, querida? — indaga. — Aliás, suas pernas estão bem demais nesse vestido. — completa.

Uma queimação sobe pelo meu pescoço, indo diretamente para minhas orelhas e logo em seguida para minhas bochechas.

— Que merda de elogio, Trent. — digo, virando o rosto para ele não ver que estou segurando o riso e tentando esconder meu rosto vermelho. — E eu não sei se você percebeu, mas Pamella está nos dando um tempo sozinhos. — completo, balançando os ombros despreocupada.

Trent segura meu queixo e vira meu rosto para que possamos nos encarar.

— Eu percebi isso. — ele sorri de lado. — Vou ter que agradecê-la depois por isso.

Rolo os olhos, empurrando sua mão do meu rosto.

— Compre uma bolsa para ela ou saltos novos, sei lá, isso sempre agrada a Pamella. — brinco, arrastando meu corpo para longe de Trent, mas ele segue meus movimentos.

— E o que agrada você, baby? — pergunta.

Como se fosse possível, sinto minhas orelhas queimarem mais ainda, drenando o sangue para minhas bochechas com rapidez.

— Você calado. — o desafio e ele sorri abertamente, levantando uma sobrancelha.

— Você tem alguma preferência? Eu tenho as minhas... — franzo a testa.

— Como assim? — pergunto.

— Se for pra ficar calado eu só aceito se for para chup...

Arregalo os olhos e tapo a boca de Trent assim que vejo Pamella, Max e papai voltarem com três vasilhas com pipoca e copos com alguma bebida.

Trent aproveita a deixa e lambe minha mão, me fazendo recuar e dar-lhe um olhar incrédulo. Puta que pariu, o que diabos está acontecendo com esse homem?

— O que está acontecendo aqui? — papai pergunta e logo em seguida Pamella dá uma cotovelada nele. — Quer dizer, vocês querem pipoca? — pigarreia.

Passo minha mão no vestido, limpando-a e aceno positivamente com a cabeça. Papai me entrega uma das vasilhas e um copo com Pepsi dentro e Max entrega um copo com suco para Trent.

— Que filme vamos assistir? — pergunto completamente avulsa.

— Alguma merda sangrenta que Max disse que é legal. — Pamella resmunga, entregando um copo para Max que apenas dá de ombros.

Minha irmã desliga a luz e se senta com Max no outro sofá. Quando Pamella me ligou hoje cedo eu pensei que iríamos apenas jantar eu, ela e o papai. Acho que agora aprendi que devo duvidar um pouco do que a minha irmã diz, porque isso que está acontecendo é um teste para minha sanidade mental.

Os primeiros minutos do filme eu, por incrível que pareça, presto total atenção à ele, mas quando Trent se move para mais perto, minha atenção se desvia para o loiro ao meu lado.

— Você não vai dividir a pipoca? — ele resmunga, em tom baixo para ninguém nos escutar.

— Não, você é um atleta e eu estou com fome. — rebato, enfiando algumas pipocas na boca e abraçando a vasilha com força.

— Porra, querida, você é gulosa. — rosna, fazendo-me rir um pouco alto demais.

— Você já devia saber disso, não é mesmo? — pergunto, entrando na sua brincadeira idiota de provocação.

Mesmo com a má iluminação eu consigo vê-lo sorrir preguiçosamente.

— Sim, com certeza eu sei disso. — diz. — De qualquer forma, eu ainda quero essa pipoca. — completa.

— Você é irritante demais. — rolo os olhos, jogando uma pipoca nele.

Divido o resto da minha pipoca com Trent que a todo momento esbarra sua mão na minha, como se eu não soubesse que ele está fazendo isso de propósito.



— Esse filme é horrível! — Pamella exclama assim que os créditos finais começam a passar e se levanta para ligar a luz. — Tanto sangue, tanto tiro! Sinto como se estivesse prestes a vomitar. — reclama.

— Eu concordo. — digo, levantando do sofá com meu copo e vasilha.

— Vamos jantar agora. — papai diz se levantando e logo os outros dois fazem o mesmo.

Todos nós vamos para a cozinha e depois de lavarmos as mãos, pegamos todos um lugar à mesa. Da última vez que estive nessa casa, que no caso foi ontem, essa mesa não estava aqui. Finalmente o papai comprou uma mesa com seis lugares e não mais uma com quatro.

— Eu comprei costeletas com molho de churrasco, batatas fritas e salada. — Pam diz, abrindo alguns potes que estão na mesa e o cheiro logo me atinge, deixando-me com água na boca.

— Isso cheira bem! Acho que costeletas será minha nova coisa favorita no mundo. — digo e papai dá uma risada.

— Tem pickles na geladeira, querida. — avisa e eu abro um sorriso.

— Costeletas e pickles? Isso sim parece a combinação perfeita! — exclamo, levantando da cadeira e indo atrás do pickles.

Pego o pote de vidro de dentro da geladeira e volto para o meu lugar, abrindo o objeto e pegando um pedaço de pickles para enfiar em minha boca em seguida.

Durante o jantar, Pamella fala quase o tempo todo enquanto papai manteve um olho em mim e outro em Trent que estava bem ao meu lado. Eu, particularmente, achei engraçado como ele estava se comportando de forma contida, mas não deixava de olhar para nós dois.

— Eu me diverti bastante hoje e a comida estava maravilhosa, obrigada. — eu digo, parando na frente de papai e o abraçando com força.

— Ficaria despreocupado se você voltasse logo para casa, querida. — ele diz, beijando minha testa.

Afasto-me dele, sorrindo fraco.

— Pai... — aviso, observando-o encolher os ombros largos.

— Só estou comentando. — resmungo.

Balanço a cabeça, sorrindo de lado.

— Trent já está indo embora... — Pamella cantarola. — Pega uma carona com ele, Paris!

Rolo os olhos, empurrando minha irmã para o lado enquanto Max apenas ri da minha situação.

— Trent está indo para o outro lado da cidade, não preciso de sua carona. — digo, encarando o loiro que está encostado na parede me encarando de volta.

— Não é um problema eu desviar do caminho para te deixar no dormitório, baby. — ele diz, fazendo minhas orelhas queimarem enquanto escuto papai tossir.

Cerro os olhos na direção de Trent, embaraçada com sua atitude despreocupada.

— Melhor vocês irem logo, então. — Pamela diz, empurrando-me para a porta.

— Tanto faz. — digo, rolando os olhos. — Até mais. — digo para papai, Pam e Max que apenas acenam com a cabeça.

Saio de casa com Trent e nós andamos até o seu carro, que não estava aqui hoje mais cedo quando eu cheguei.

— Quem trouxe o carro para cá? — indago curiosa.

— Jaz. — responde simples e destrava as portas, abrindo a do passageiro para mim.

— Tem certeza que está tudo bem para você sair do seu caminho para me deixar no dormitório? — pergunto antes de entrar e ele rola os olhos.

— Fingirei que não ouvi isso, agora mexa sua bunda para dentro do meu carro. — ele rosna e eu apenas dou de ombros, entrando dentro do carro.

Assim que ambos estamos dentro do seu carro, ele parte em direção ao meu dormitório e eu meio que tenho a impressão de que a noite ainda não acabou.



— Seria bom se você calasse a boca por um minuto. — Trent rosna e eu bufo irritada.

Estive falando pelos dez últimos minutos sem parar e eu nem mesmo sei o motivo. Quer dizer, acho que foi por causa de toda situação passada na casa do papai e as provocações de Trent.

— Você é um estúpido. — rebato, cruzando os braços e virando o rosto para encarar a janela.

Já passa das dez da noite, mas ainda sim consigo ver o tempo mais escuro do que sempre, o que indica que um temporal está para cair.

— Você não para de reclamar por causa de uma brincadeira, Parisa. *Deus!* Relaxa e abaixa a guarda. — reclama de volta, soando mais chateado que o normal.

— Então você estava *brincando*? — pergunto cínica, virando para encará-lo.

— Bom, tinha um fundo de verdade, mas não era como se eu fosse te com... — falsamente tusso e ele rola os olhos. — não era como se eu fosse transar com você no sofá de Jake.

— Que seja. — resmungo.

O resto do caminho, Trent e eu compartilhamos um silêncio irritante. No momento em que ele para o carro, eu solto o cinto, pego minhas coisas e salto para fora.

— Parisa, por favor! — escuto ele me chamar, mas o ignoro. — Cabeça dura do caralho!

Viro a cabeça, fitando-o já puta demais. Penso duas vezes antes de voltar e fazê-lo engolir suas palavras, mas vejo que ele não vale à pena.

— É bom você ir esfriar a sua cabeça antes de soltar suas malditas pérolas, *lutador*. — aviso, dando-lhe as costas outra vez.

Escuto ele bater a porta do carro e logo ele parte, cantando pneu pela rua. Respiro aliviada, mas não por tanto tempo, porque assim que coloco os pés dentro do prédio eu sou puxada e dou de cara com Shark.

Put a que pariu.

— Parisa, *boneca*. É um prazer vê-la. — ele diz, apertando meus dois braços com suas mãos ásperas. — Estava em um passeio divertido com o Furor? Parece que vocês *realmente* estão se entendendo bem. — diz cinicamente e sai me puxando para a escada.

— Isso não é da sua conta. — finalmente recupero-me do susto e tento me desvencilhar dele.

— Fica quieta, *boneca*. Nada de mal vai te acontecer. — ele diz subindo e me arrastando, quase me fazendo tropeçar nos degraus. — Na verdade, porra, acho que podemos nos divertir pra caralho! — exclama.

Shark solta um dos meus braços, mas continua me puxando com força demais pelo outro. A pior parte é que estou com minha bolsa e pasta no meu braço agora livre, porque tudo que eu mais quero é jogá-lo escada a baixo.

— O que está fazendo aqui? — pergunto, tentando pegar meu celular sem que ele perceba.

— Não é óbvio? — indaga, rindo em seguida. — Quero saber o que o Furor vê tanto em você, além da sua bunda. Se bem que sua bunda já é um grande motivo para manter você por perto. — virando o rosto pra mim, ele sorri de lado e eu paro de tentar pegar meu celular. — Será que ele já fodeu você por trás, *boneca*?

No momento em que Shark pergunta isso, eu sou obrigada por minha cabeça quente a jogar minhas coisas no chão, entre um lance de escada e outro, e tentar socar o imbecil bem no nariz.

Bloqueando meu ataque habilidosamente, ele me empurra contra a parede, enquanto consigo acertar a lateral do seu rosto com força.

— Que se foda, garota! Você enlouqueceu? — ele esbraveja em cima de mim, agarrando meu pescoço e apertando.

— Você... vai... se fod-foder! — retruco, com falta de ar.

Sem olhar de onde vem, Shark é empurrado para longe de mim e eu caio no chão.

— Quem diabos é você? — Shark esbraveja tentando me alcançar, mas é bloqueado pela pessoa.

Encaro suas costas, vendo o quão grande e alto ele é. Tento reconhecê-lo de algum lugar, mas não consigo lembrar de nada. Deve apenas ser um desconhecido qualquer.

Levanto-me do chão, ficando atrás do homem enquanto Shark nos encara enfurecido.

— É bom você dar o fora daqui antes que o senhor chegue e arranque sua cabeça fora por ter tocado em sua mulher. — o homem diz e eu começo a tossir.

Senhor? Sua mulher?

De uma hora pra outra escuto passadas pesadas subindo as escadas e segundos depois encontro Trent e Jaz vindo juntos.

— Foda-se. — murmuro, franzindo a testa.

— Você só pode estar de brincadeira, filho da puta! — Trent esbraveja assim que fita Shark.

O loiro avança para cima do outro, empurrando-o contra a parede enquanto o segura pelo pescoço. Shark acerta Trent com um soco bem no seu maxilar e Trent solta o verme apenas para enfiar o punho bem no nariz dele.

Fodeu!

— Você está fodido, sabe disso... — Shark diz com o sangue escorrendo do nariz para os seus dentes, mas ele não se importa. — Se o Circuito souber disso, você está fora. — rosna.

Trent acena com a cabeça, voltando a se aproximar de Shark com uma expressão dura e quase sombria.

— Você também está fora, Shark. Você me bateu ou esqueceu-se disso? — pergunta, cruzando os braços. — Pode ir lá contar para os organizadores quando quiser e vou ter um prazer imenso em te tirar de lá também. Mas, *então*, você pode ficar de boca calada e esperar a maldita luta para que possamos resolver nosso problema lá dentro, com a plateia que você tanto anseia. De qualquer forma, eu sei que você vai enfiar a porra da língua no cu e não vai falar nada para ninguém porque odeia admitir que sou melhor que você, e, *claro*, fora do Circuito você não é e não tem nada. — vejo o rosto de Shark se contorcer de raiva. — Fora do Circuito eu tenho tudo. Uma família e uma mulher, a qual você tem que esquecer que conhece porque se você chegar perto dela novamente, não vai ser só o seu nariz que vai sair quebrado.

Oh, merda.

Pego minhas coisas do chão e termino de subir os últimos lances de escada quase que correndo. Paro na frente do meu dormitório e começo a procurar por minha chave, achando-a segundos depois e abrindo o quarto.

Sou empurrada pra dentro do cômodo e sei que dessa vez não é Shark, mas sim Trent.

— Meu Deus! — exclamo ligando a luz e Trent bate a porta com força.

— Melhor você pegar suas coisas agora. — ele diz, parando na minha frente como se nada tivesse acontecido.

— Você colocou alguém para me vigiar? — pergunto incrédula, ignorando seu pedido.

Se movendo pelo local, ele caminha até minha parte do quarto e pega uma das minhas bolsas de viagem que estão debaixo da cama.

— Coloquei, você tem algum problema com isso? — finge interesse, caminhando até o pequeno guarda-roupas e vasculhando o móvel.

— *Foda-se, claro que sim!* Pedi que não o fizesse, Trent, mas como sempre as coisas tem que ser do seu jeito. — exclamo com raiva.

Ele continua jogando algumas coisas que não consigo ver dentro da bolsa, não me dando qualquer resposta ou explicação plausível.

— As coisas não tem que ser do meu jeito, elas tem que ser do jeito certo e, no caso, meu jeito é o jeito certo. — diz, balançando os ombros despreocupadamente.

— Claro, não é mesmo? Você sempre está certo. — digo, batendo o pé no chão, meus dentes trincando e meu corpo fervendo de raiva.

Trent finalmente se vira para mim, fechando a bolsa e caminhando em minha direção.

— Vai me dizer qual desfecho teria sido se a porra do segurança não estivesse aqui? Você pode muito bem tapar a porra dos seus olhos e brincar com sua segurança, mas eu não estou fodendo com isso. — ele diz, segurando meu rosto. — Você me disse para não fazê-lo, mas eu fiz e não me arrependo se é isso que está querendo que aconteça. Agora uma última coisa: você vem comigo. — completa simples.

— *É o quê?* — cerro meus olhos em sua direção.

— A puta da sua colega de quarto foi vista por um dos meus homens com Shark na noite passada e eu não estou mais deixando você ficar aqui. — grunhe, soltando meu rosto.

— Você não está deixando? — debocho.

— Porra, Parisa! — diz, virando de costas para mim e socando a parede com força. — Tem duas opções: *ir por bem ou por mal*.

Antes que ele possa se virar para me fitar, eu saio pisando duro do quarto. Essa discussão não está indo pra lugar nenhum e eu já estou cansada.

Escuto Trent bater a porta outra vez e sair andando atrás de mim. Já no térreo, vejo Jaz e o outro segurança que me socorreu conversando perto de um Range Rover.

Paro na frente do carro de Trent e viro para encará-lo. Os dois homens vão em direção a ele e eles trocam apenas algumas palavras. Trent nunca tira os olhos de mim, e logo se aproxima.

— É bom que saiba que não estará mais voltando para esse lugar. — ele diz assim que está perto o suficiente.

— Oh, *mesmo?* — digo cínica, caminhando para o outro lado do carro e ouvindo ele

destravar as portas.

Entramos no seu carro e assim que eu coloco o cinto de segurança e joga minhas coisas para o chão do carro, Trent parte com minha bolsa de viagem em seu colo.

— Para onde estamos indo? — pergunto, cruzando os braços.

— Para a minha casa. — enuncia, jogando a bolsa em minhas pernas.

Capítulo 13

Trent Wayne

Fito Parisa, que está calada desde que a chuva começou a cair há quase quinze minutos. Depois que deixei ela no dormitório, recebi uma ligação de Jaz quase cinco minutos depois onde ele dizia que Shark tinha acabado de entrar na porra do prédio de Parisa. Não pensei duas vezes antes de voltar até ela, mesmo que tivéssemos acabado de ter uma pseudo-discussão.

O fato é que essa teimosia de Parisa está quase me deixando louco. Tudo que eu faço ou falo para ela está errado. Pensei que estivéssemos andando para frente, não para trás.

De qualquer forma, ela está segura agora comigo, longe da puta que ela chamava de colega de quarto e longe de Shark e sua merda.

— O que você disse para Jaz e o outro cara? — ela pergunta em voz baixa e, finalmente, contida.

Paro na frente do portão da minha propriedade e espero o segurança abrir.

— Mandei que eles retirassem todas as suas coisas de lá. — respondo, vendo o portão abrir e voltando a acelerar.

Parisa me fita torcendo a boca, mas não volta a dizer nada. Dirijo até que o carro para de funcionar no meio do caminho de pedras. Estamos parados, provavelmente há setecentos metros ou mais, da minha casa.

— O que aconteceu? — ela pergunta e eu rolo os olhos.

— O carro parou. — respondo, tendo uma boa ideia. — Você está pronta para correr? — indago e ela levanta uma sobrancelha.

— Nessa chuva? — pergunta, olhando por um segundo para a tempestade que cai lá fora.

— Você já foi menos fresca, sabia? — pergunto, irritado com seu tom de desdém. — Pode ficar aí se quiser, eu estou indo para casa. — provoco, sabendo que ela vai cair na minha pilha.

Saio de dentro do carro e bato a porta, vendo Parisa fazer o mesmo enquanto segura a bolsa que coloquei suas coisas mais importantes lá dentro.

— Podemos ir logo ou vamos ficar aqui para pegar um resfriado? — ela grita.

Seguro sua mão e começo a correr, puxando Parisa que me acompanha no mesmo ritmo. Não demora nem mesmo dois minutos e já estamos na porta da minha casa, onde eu apenas abro e entro trazendo Parisa comigo.

— Merda... — ela pragueja, puxando sua mão e deixando sua bolsa cair no meio da minha sala já reconstruída.

Passo meus dedos pelo meu cabelo encharcado e puxo a camisa preta que estou usando

para fora do meu corpo. Parisa está passando suas mãos por seus braços, enquanto seu queixo bate repetitivamente.

— Melhor subirmos para você tomar um banho quente. — enuncio e ela me encara, mas antes que eu consiga pensar ela está puxando a bolsa para cima.

— Tomara que as roupas não tenham molhado. — diz, jogando a bolsa na mesa de centro e se abaixando para abri-la.

Mordo meu lábio inferior para segurar a risada que está presa em minha garganta. Porra, vai dar merda.

Parisa pega uma peça e joga para o lado e depois faz isso outra vez, e de novo, e de novo.

— Não acredito nisso! — exclama cheia de raiva. — *Calcinhas? Calcinhas!*

Ela me olha furiosa e eu não consigo mais segurar o riso, o que faz sua raiva aumentar consideravelmente.

— Algum problema? — indago, não deixando de rir.

— Isso que você diz ser *importante*, Trent? — pergunta com os dentes trincando, não sei se pela raiva ou pelo frio. Talvez os dois.

Franzo a testa, encostando-me na parede, enquanto ela continua atirando as calcinhas molhadas dela para tudo que é lado.

— Sim, querida. Calcinha é tudo que você precisa quando está vindo para o meu lugar. — digo, dando de ombros.

— Querida é o caralho! — exclama e se senta no chão. — Porra, filho da mãe... Calcinhas... Malditas calcinhas... — começa a resmungar.

— De qualquer forma, eu não deixaria que Jaz ou Carl se encarregassem em pegar suas calcinhas, elas são todas minhas e ninguém mais pode ver. Peguei tudo de importante, nem comece a discutir comigo por causa disso. — digo, observando-a esticar as pernas no chão.

Parisa fica calada e eu me aproximo dela, me abaixando para ficar da sua altura.

— O ideal seria que você não usasse nada enquanto estiver aqui, mas em sua consideração ainda trouxe calcinhas. Devia estar me agradecendo. — enuncio e ela me fita.

Seus olhos azuis raivosos agora estão mais suaves, o que me deixa momentaneamente calmo.

— Elas estão todas molhadas, de qualquer forma. — diz e deixa escapar uma risada cansada. — Não quero mais brigar hoje, estou cansada como o inferno e que se foda todas as malditas calcinhas, pode ficar com elas se você quiser.

Gargalho, não deixando de fitá-la de volta por nem um segundo sequer.

— Elas são suas, baby, mas também são minhas, e só eu posso tirá-las de você. — digo e

ela solta um gemido frustrado.

— Você, claramente, é um imbecil. — diz rolando os olhos.

— Que se foda, baby, eu sempre fui um, mas você não está me ajudando em nada — digo, segurando seu rosto. — Quero que entenda que o que eu fiz foi para te proteger quando eu não estivesse por perto. Sei e não subestimo suas habilidades para se defender, afinal já fez isso uma vez, sozinha, mas quero que coloque na sua cabeça que eu não quero mais que você faça isso sozinha. Nem mesmo quero cogitar a ideia de isso acontecer de novo, Parisa. — respiro fundo, irritado com essa parte de mim que exige que eu tenha controle de tudo. — Odiei ver você quebrada uma vez e não vou deixar que isso aconteça de novo. Não estou indo tirar Carl da sua vigia, você vai aceitar essa merda porque tem que ser assim. — aviso e ela, surpreendentemente, acena positivamente com a cabeça.

— Você bateu em Shark... — ela sussurra, seus olhos finalmente demonstrando alguma coisa além de raiva. Ela está aflita. — Não quero que saia do Circuito, que seja expulso, por minha causa.

— Ele não vai fazer nada, querida. Não se preocupe com isso e se eu pudesse mudar o que eu fiz, eu não mudaria. Ele teve sorte porque, na verdade, eu queria deixá-lo desacordado e foda-se o Circuito. Você é a coisa mais importante para mim, coloque essa merda na sua cabeça de uma vez por todas. — rosno, aproximando seu rosto do meu e não encontrando nenhuma relutância em seus movimentos.

— Eu sei disso... — sussurra antes de selar nossos lábios. — Você também meio que é a coisa, no caso, pessoa, mais importante para mim. Sinto muito por ter surtado totalmente, eu só não quero sentir como se estivesse sendo controlada por você. — completa em cima da minha boca.

Put a que pariu.

— Eu não quero controlar você, baby. — digo, lambendo seu lábio inferior de forma demorada. — Eu quero protegê-la, nada mais que isso. Preciso de você, Parisa. Agora.

Fito seus olhos e ela apenas assente com a cabeça. Separo nossas bocas e levanto, oferecendo uma das minhas mãos para ela e puxando-a para cima.

— Merda, isso está indo rápido demais... — ela diz ao passo que eu puxo seu corpo contra o meu.

— Baby, estávamos andando em passos de tartarugas. Transar com você agora não vai me fazer respeitá-la menos, não se engane. Você tem todo meu respeito. — enuncio, beijando seu queixo.

Parisa assente outra vez com a cabeça, laçando meu quadril com suas pernas enquanto eu começo nosso caminho até o meu quarto no andar de cima.

Entro no meu quarto com Parisa e separo nossas bocas do beijo demorado que demos durante todo o caminho. Ela me empurra levemente, ficando de pé enquanto nós nos encaramos sem qualquer desvio.

Carvalho, inferno!

Eu amo essa mulher.

Seguro sua cintura, puxando-a de volta para mim e viro seu corpo, colando-a contra meu peito. Parisa já está ofegante por causa desses meus simples toques, dando-me a certeza de que todos esses meses foram infernais tanto para ela quanto para mim. Plantando as suas mãos pequenas em cima das minhas, ela mesma leva minhas mãos até a barra do seu vestido tentando guiar-me pelo caminho até sua calcinha.

— Quer me dizer o que fazer com você, baby? — indago, beijando languidamente seu pescoço e recebendo um ronronado de gratificação. — Dessa vez você não vai me dizer o que fazer com você — separo minha boca do seu pescoço, mas não antes de chupar sua pele exposta. Forço Parisa a soltar suas mãos das minhas, subindo-as até chegar nos seus seios. — Você não vai me dizer o que fazer com você porque ficou muito tempo longe de mim e durante todo esse tempo eu fodi mil e uma vezes com você dentro da minha cabeça, dessa forma, agora eu tenho mil e uma posições para testar com você e em nenhuma delas você está me dizendo o que fazer.

Choramingando entre dentes, Parisa recosta a cabeça em meu peito, apoiando-se inteiramente em mim enquanto eu a sustento firmemente em meus braços. Aperto seus seios com força por cima do sutiã que ela está usando, não vendo a hora de olhá-los e chupá-los outra vez.

Tiro minhas mãos de dentro do seu vestido e pego Parisa no colo, levando-a e deitando-a no meio da minha cama, mas não sem antes selar nossos lábios uma outra vez.

Afasto-me um pouco para fita-la e não seguro o grunhido gutural que escapa do fundo da minha garganta.

Ela é minha.

Toda e somente minha.

Isso é o suficiente para me deixar paranoico e territorial com qualquer um que chegue perto da minha mulher com qualquer outra maldita intenção. Esse sentimento nunca vai passar, nunca vai deixar de existir. Não enquanto eu respirar.

Com as pálpebras pesadas, ela me encara de volta com os lábios entreabertos enquanto força suas pernas uma contra a outra. Subo em cima da cama, deitando-me do seu lado e apoiando minha cabeça com meu braço direito para encará-la de mais perto.

— Eu até entendo que você queira comandar, mas se não começar logo eu mesma vou tomar o seu lugar... — seus lábios se mexem de forma deliciosa, enquanto ela pronuncia sílaba por sílaba com sua voz mais rouca e fraca do que minutos atrás.

Divertido com seu desespero, seguro seu rosto com minha mão livre e aproximo minha boca da sua. Tomo seus lábios com os meus, beijando-a como se nunca tivéssemos feito isso antes. Esse é o sentimento que parece existir dentro de mim nesse momento, como se essa fosse a nossa primeira noite juntos outra vez. E de fato, não deixa de ser.

Puxo seu lábio inferior entre meus dentes, lambendo e chupando sua carne para então

separar nossas bocas por fim.

Apoiando-me em meus dois braços, posiciono minhas pernas de cada lado do seu corpo. Beijo seu queixo, seguindo por seu pescoço e sendo parado em seguida por sua roupa. Subo meu corpo, segurando as alças do seu vestido e puxando-as com sua ajuda para baixo até o seu quadril. Encaro o sutiã azul rendado que ela está usando e passo minha língua entre os lábios em satisfação.

Inclino-me sobre ela outra vez e continuo a beijá-la, agora lambendo toda e qualquer parte por onde eu passo. Retorcendo-se debaixo de mim, Parisa reage perfeitamente bem aos meus toques. Espalho mais beijos por seu estômago, cultuando seu corpo e segurando sua coxa com força enquanto ela enfia os dedos em meu cabelo.

— Isso é tortura, Trent... Não tem mais nada a ver com suas malditas supostas posições. — Parisa diz ofegante, encarando-me com os olhos cerrados.

Separo meus lábios da sua barriga e agarro seu vestido outra vez, deslizando-o para fora do seu corpo com pressa.

— Eu que estou no comando aqui, Parisa. — rebato, inflexível.

Livro-me daquela peça, jogando-a para algum lugar do quarto mal iluminado. Controlo meu impulso de ir para cima dela outra vez apenas para que eu possa bebê-la completamente com o olhar e guardar aquela imagem para sempre na minha cabeça.

Putá que pariu!

Não existe nada e nem ninguém mais bonito que Parisa.

— Trent, é sério, ou você para com isso, ou eu vou...

Faço-a calar a boca bruscamente enquanto giro seu corpo para que ela se deite por cima de sua barriga. Agora encarando suas costas, tenho uma visão perfeita da sua bunda. O traseiro que eu fodicamente amo.

Desço minha boca para beijar a panturrilha de Parisa e passo minha língua, saboreando sua pele como sempre quis fazer.

Pedaço por pedaço.

Espalho meus beijos, lambidas e chupões por toda pele acima, até esbarrar na sua calcinha de renda de mesma cor que o sutiã. Parisa se mexe inquietamente, arquejando o corpo para cima. Enfiando meu rosto ali no meio de suas pernas, inspiro profundamente o aroma que ela tem ali embaixo. É doce, e eu gosto de doce em Parisa. Eu gosto de qualquer coisa nela.

Afasto-me do seu corpo, ficando de joelhos na cama e agarro cada nádega dela com força. Parisa arfa e geme alto, empinando a bunda em minha direção. A imagem dela totalmente entregue a mim outra vez me faz ficar tão duro que sinto que meu pau quase escapar da calça.

Segurando cada lado da sua calcinha, rasgo-a para fora do seu corpo, descartando o tecido para longe. Volto a segurar suas nádegas, aproveitando para espalhar suas pernas

abertas para que eu possa ter a visão perfeita dela toda.

Amasso sua bunda outra vez antes de guiar meus dedos até suas dobras, encontrando-a tão molhada quanto o esperado, e isso não se deve ao fato de termos estado debaixo da chuva há pouco minutos. Espalho e abro seus lábios molhados, provocando e esfregando asperamente seu clitóris com meu dedão, ganhando um gemido alto dela. Sem conseguir mais suprimir meu desejo, escovo meus lábios suavemente na boceta de Parisa com um único intuito: saboreá-la o mais devagar possível e dar-lhe um maldito orgasmo de virar os olhos.

— *Trent, por – oh meu...!* — ela choraminga, mexendo o corpo descontroladamente.

Plantando uma mão em suas costas, forço seu corpo de volta para a cama e capturo seu clitóris com meus lábios, chupando sua boceta como se fosse a primeira vez.

Parisa se contorce, gemendo meu nome alto, sem qualquer pudor, do jeito que eu sempre quis que ela fizesse. Em resposta, sugo seu clitóris outra vez, aproveitando para lambar sua boceta e atiçá-la contra mim. Com minha mão livre, deslizo um dedo dentro de Parisa, indo e vindo enquanto não deixo de chupar e lambê-la por nem um segundo sequer.

— Você gosta de me ter aqui, baby? — pergunto, lambendo-a outra vez tão suave quanto consigo. — Eu sei que você queria me ver fazendo isso para você — vou e volto dentro dela com meu dedo, escutando-a me xingar com a voz abafada pelo travesseiro em seu rosto. —, mas dessa vez isso não vai acontecer. Você vai apenas *sentir*. Sentir como eu gosto de lambar sua boceta. — esfrego minha língua lentamente na sua carne molhada. — Sentir como eu gosto de chupar sua boceta — continuo, sugando seu clitóris não mais tão suave. — E por fim, sentir como eu gosto que você goze na minha boca, baby. Agora faça isso e venha para mim. — comando.

Sugo seu clitóris uma última vez bombeando incessantemente dentro dela com meus dedos antes de sentir suas pernas tremerem, enquanto Parisa alcança o ápice do seu prazer. Ela me xinga uma vez ou outra com suas palavras mais abafadas ainda pelo travesseiro em seu rosto e eu finalmente diminuo os movimentos dos meus dedos, afastando por fim minha boca da sua boceta depois de tomá-la toda.

Seguro o quadril de Parisa, girando-a de volta para deitar-se contra suas costas. Seu cabelo está espalhado por seu rosto, enquanto sua boca está entreaberta e ela ofega sem parar, buscando por ar quase que desesperadamente.

Esfrego meu corpo contra o seu enquanto subo para ficarmos cara a cara. Seus olhos azuis parecem quase fechados enquanto ela me encara por uma pequena fenda.

— Ainda não terminamos. — aviso, beijando sua boca rapidamente enquanto empurro seu cabelo com minha mão para fora do seu rosto bonito.

— Acho que eu estou bem assim. — diz rouca, subindo uma de suas mãos até minha boca e esfregando os dedos em meus lábios. — Sua boca já fez um trabalho tão bom, não acredito que seu pênis vá superar isso tão cedo. — completa.

Seguro a vontade de rir mordo seu indicador, vendo-a sorrir preguiçosamente para mim.

— Minha boca pode ser boa, baby, mas você sabe que meu pau é bem melhor. — digo,

soltando seu dedo e beijando sua boca outra vez.

Parisa projeta seu corpo contra o meu, empurrando-me para cima enquanto acompanha meus movimentos, sentando-se em cima das minhas pernas e emaranhando meus cabelos entre seus dedos.

Alcanço seu sutiã e finalmente me livro dele com sua ajuda. Puxo Parisa para mais perto, quase fundindo nossos corpos em um só enquanto sinto seus mamilos frizados entrarem em contato com minha pele.

— Esse é o beijo mais estranho e, ao mesmo tempo, excitante que eu já provei... — Parisa confessa, separando os lábios dos meus.

Com suas mãos pequenas por meu corpo, ela chega até a braguilha do meu jeans e o desabotoa. Respiro fundo assim que ela enfia uma de suas mãos dentro da minha cueca, olhando-me ansiosa. Pensando com a cabeça do pau, deixo que ela timidamente me acaricie como está fazendo, apenas encarando a forma como ela se comporta como se estivesse com medo de fazer algo errado. Se ela soubesse que o que ela está fazendo é mais que certo com certeza não estaria agindo assim.

— Está b-bom assim? — gagueja, fazendo um vaivém com a mão.

Aceno positivamente com a cabeça, fascinado pela forma que ela está fazendo aquilo comigo. Mordendo o lábio inferior entre os dentes, seguro sua mão e a puxo de lá. Parisa me lança um olhar interrogativo e eu empurro seu corpo de volta para que ela se deite novamente na cama.

— Eu fiz algo de errad...

— Não, Parisa. — rosno. — Não pense que fez qualquer coisa errada. Eu só preciso estar dentro de você agora, outra vez, mais tarde ou amanhã, eu deixo você tocar meu pau como desejar. — completo, levantando-me da cama.

Tiro meu jeans e minha cueca de uma só vez enquanto fito Parisa me esperando com as pernas ainda pressionadas uma contra outra. Subo em cima da cama e vou até seu encontro.

— Eu senti tanto a sua falta, Trent... — sussurra, tentando alcançar meus lábios com os seus.

Beijo-a rapidamente, separando suas pernas com as minhas e ficando no meio delas.

— Você quer isso? Quer que eu a faça minha outra fodida vez? — pergunto, segurando meu pau e pressionando-o contra sua entrada, testando-a pela última vez enquanto empurro contra seu clitóris.

— Eu acho q-que nunca deixei de ser sua por nem um só momento, mesmo quando estava com raiva de você por tudo que passamos. — confessa, sendo sincera comigo.

Encaro seus olhos azuis elétricos e ali encontro minha paz. Espalho mais suas pernas na cama e deslizo devagar para dentro de Parisa, fitando seus olhos que começam a se fechar instantaneamente.

— Olhos abertos, baby. — comando. — Quero ver seus olhos bonitos enquanto adoro você. — beijo seus lábios, ligado profundamente nela.

Isso aqui significa muito mais do que qualquer outra foda que já tivemos. Esse não sou eu simplesmente comendo Parisa, esse sou eu adorando a mulher que eu amo da melhor forma que consigo fazer. Dando-lhe prazer com o meu corpo e doando-lhe minha alma para que ela faça o que bem quiser comigo. Posso soar como um maricas, mas eu não me importo nem um pouco com isso. É de Parisa que eu estou falando e para mim tudo que importa é ela.

Ajusto minha ereção de forma que sinto ela se esticando em torno de mim para se encher completamente, e isso é tão malditamente bom e familiar que tenho esse sentimento de estar em casa de novo.

— Você esqueceu... *merda!* — Parisa geme, arquejando seu corpo em minha direção e rebolando em meu pau. — A camisinha, Trent.

Seguro seu quadril, parando seus movimentos antes que eu goze antes da estúpida hora.

— Talvez eu não tenha esquecido, baby. — respondo, trancando meu olhar dentro do seu. — Se você quiser eu posso ir pegar uma...

Recuo, mas antes que eu saia totalmente de dentro dela, Parisa passa suas pernas por minha cintura e me puxa de uma só vez de volta para ela.

— *Porra...* — praguejo sentindo meu eixo latejar e capturo seus lábios inchados com os meus.

— Eu gosto... *assim...* — ela sussurra, puxando meu lábio inferior entre os dentes, o que me empurra sobre a borda.

Puxo meu corpo para cima e segurando o quadril de Parisa, recuo e empurro de volta, começando a bombear dentro dela em um ritmo constante e estável. Antes de qualquer coisa, quero que ela se acostume comigo outra vez.

Estocando lentamente, atinjo Parisa tão profundo quanto a posição permite. Seus olhos nunca deixam os meus, o que vai me fazendo — *como se fosse possível* — mais duro ainda por ela. Nem dois minutos depois Parisa já está ofegante outra vez, recebendo-me de bom grado e sem dificuldade, dado ao fato dela estar molhada pra caralho, o que facilita mais ainda os meus movimentos.

Suor começa a descer por meu corpo, enquanto eu observo toda extensão do tronco fino e magro de Parisa. Seu estômago contrai toda vez que eu deslizo para dentro ao passo que minhas bolas batem na sua carne a cada estocada lenta.

Afundando meus dedos em seu quadril, pego ritmo, rápido e duro, observando como sua expressão muda instantaneamente. Procuro seus olhos e os acho selvagens e escuros, sabendo que os meus não estão muito diferentes dos dela.

— *Foda-se...* — rosno entre dentes, sentindo sua intimidade apertar mais em torno de mim, ciente de que ela está se segurando pra não gozar. Puxo uma das minhas mãos e levo até seu

sexo, batendo mais duro enquanto estímulo seu clitóris. — Não se segure, baby. — comando, dividido entre continuar olhando dentro dos seus olhos, ou desviar para os seus peitos que não param de sacudir com o impacto.

— *Oh, inferno... céus! Anjos cantando, eu estou goz...* — Parisa amolece, com as pernas afrouxando em torno da minha cintura, enquanto ela cai num orgasmo.

Não consigo segurar e durar mais alguns minutos. Junto-me a ela e acabo caindo em cima do seu corpo pequeno, enchendo-a com a minha porra. Bom, que se foda. Eu estou reclamando-a e agora ela, cheia com o meu sêmen, é minha e nem o inferno está indo tirá-la de mim.

Saio de cima de Parisa, apenas mudando minha posição e deixando que ela fique deitada em cima de mim. Não saio de dentro dela e ela nem mesmo se mexe para fazê-lo, sendo assim, puxo o lençol negro para cobri-la até sua cintura. Sua cabeça descansa em meu peito e seus cabelos estão espalhados por minha pele, grudando tanto em mim quanto nela por causa do suor. Porra. Não estou saciado e nem satisfeito com a minha cota de Parisa, nunca terei o suficiente dela, mas não vou forçar um movimento sobre o outro.

Sua respiração ofegante vai se acalmando e sinto seu corpo relaxar mais ainda em cima do meu. Com as pontas dos meus dedos, acaricio sua pele fria e macia, inspirado o aroma natural que vem dela. Esse é o cheiro intoxicante que me perseguiu durante anos e muitos fodidos anos; é o cheiro que sempre ansiei para estar grudado em meus lençóis, travesseiros e, principalmente, no meu corpo. E aqui está ele, ou melhor, *ela*, colada a mim depois de tanta merda feita por minha parte.

Nem em um milhão de anos irei plenamente merecer Parisa, mas isso não quer dizer que eu não estou tomando-a para mim, porque eu estou o fazendo. Sou egoísta o suficiente para isso, porra. Ela é o meu céu na terra e eu nunca deixaria isso escapar por entre meus dedos.

Ela é minha.

— Você me possui. — eu murmuro, tracejando uma linha imaginária sobre sua espinha.

Lentamente ela levanta o rosto, apoiando o queixo em meu peito enquanto me fita sem entender. Empurro o cabelo rebelde do seu rosto, tendo a visão perfeita dela.

— O que está dizendo? — pergunta, com a voz rouca e baixa.

— O que eu disse, baby. — rebato, sorrindo de lado. — Você me possui, Parisa. Tudo de mim é seu, não quero que tenha qualquer dúvida sobre isso. Nunca houve e nunca haverá uma mulher ou qualquer outra coisa que possa substituir o que você é para mim. Ninguém nunca me terá nas mãos como você o faz, querida. Você querendo ou não, eu sou seu. — completo, encarando seus olhos azuis marejados.

Ela segura um soluço assim que morde seu lábio inferior. Balançando a cabeça, ela deita novamente sobre mim e eu sinto suas lágrimas quentes escorregarem por minha pele. Seus dedos macios tracejam a tatuagem que tenho em meu bíceps com o seu nome e seus olhos, e não muito tempo depois eu percebo que ela cai no sono.

Capítulo 14

Parisa Cohen

Acordo sentindo a respiração quente e pesada de Trent no meu pescoço. Não sei em que momento da noite nós acabamos de conchinha, mas eu não me importo nem um pouco. Eu gosto da sensação de tê-lo atrás mim, abraçando-me tão forte como se eu estivesse prestes a sair correndo assim que eu tivesse tal chance.

Desvencilho-me cuidadosamente dos seus braços e sento-me na cama, arrastando meu corpo até a borda da sua King Size. Sinto minha bexiga apertar, mas aguento alguns segundos só pra fitar o homem que está deitado ali na cama.

É incrível ver alguém do tamanho de Trent totalmente relaxado e tranquilo enquanto dorme. Ele fica muito bem dormindo. Eu queria poder tirar uma foto dele, mas minha bexiga aperta mais e mais, obrigando-me a correr até o banheiro para aliviar-me.

Termino de fazer o que eu preciso e jogo-me debaixo do chuveiro, tomando um banho rápido e refrescante. Há quanto tempo eu não tomo um banho com água quente? *Bastante*.

Desligo o chuveiro e vou escovar meus dentes, reparando na minha aparência enquanto o faço. Minha pele parece mais pálida do que sempre, e eu tenho muitas marcas roxas por meu pescoço e por quase todo meu corpo abaixo. Meu estômago revira com as memórias da noite passada e eu solto um suspiro fraco, porque ainda tenho muita coisa para conversar com Trent.

Saio do banheiro, enrolando-me em uma das toalhas limpas que achei em uma gaveta debaixo de sua pia e dou uma olhada nele, que ainda está dormindo em sua cama. Entro no closet e termino de enxugar meu corpo apenas para vestir uma de suas camisas pretas.

Desloco-me até o andar de baixo, indo diretamente até a sala, onde começo a recolher todas as minhas calcinhas que joguei por todo lado na noite passada. Quando termino de juntar tudo e jogar dentro da minha bolsa, viro-me e tomo um susto ao encontrar Trent encostado na parede usando apenas uma calça de moletom.

— Ei... — resmungo, sentindo-me um pouco desconfortável por estar em tal posição. — Eu desci para pegar as calcinhas e... *uh...* não se preocupe, eu já estou indo embora.

Eu não queria estar nervosa ou desconfortável, mas eu estou, e quando isso acontece eu acabo despejando muita merda pela boca.

— Você não está indo embora... *ainda*. — ele finalmente diz algo, enquanto se aproxima de mim. — Se você está saindo daqui é apenas para voltar para a casa de Jake, o dormitório está fora de questão, já sabemos disso, não? — rolo os olhos, mas aceno positivamente com a cabeça. Trent para na minha frente e assim que inalo seu cheiro, meu estômago revira outra vez. — É sábado, querida, você não precisa ir agora se não quiser.

Seus olhos me avaliam intensamente, esperando por uma resposta e eu deixo a bolsa cair, o que faz Trent sorrir de lado.

— Você vai fazer nosso desjejum? — pergunto, mordendo meu lábio inferior o que acaba chamando a atenção dele.

— Não, você está cozinhando para mim essa manhã, já que não o fez por muito tempo — enuncia, puxando-me pela cintura com apenas um dos braços. — O que você está usando por baixo? — sela nossos lábios, sem desviar o olhar do meu.

— Nada. — sussurro, empurrando-o para longe enquanto saio em direção a cozinha ouvindo seu gemido frustrado atrás de mim.

Trent toma um lugar em frente ao balcão, deixando-me livre por sua cozinha moderna. Passeio pelo local, pegando tudo que vou precisar e coloco no balcão da pia.

— Sabe o quê? Eu vou te ajudar. — Trent resmunga.

Ele caminha em minha direção e eu viro o rosto, segurando o riso que ameaça escapar. Eu sei o que ele está tentando conseguir e isso só tem um nome: sexo.

— Será que você sabe como fritar alguns pedaços de bacon? — pergunto, levantando uma sobrancelha.

Ele aperta a ponte do nariz, coçando a nuca em seguida enquanto fita o fogão de modo desafiador.

— Sim, claro que eu sei. — afirma endireitando os ombros e cerrando os punhos, como se estivesse pronto para lutar contra um oponente qualquer.

— Então você vai fritá-los e logo depois, frite alguns ovos enquanto eu faço algumas torradas e vitamina. — explico e ele assente, ainda encarando o fogão.

Oh, céus!

Entrego-lhe uma frigideira e espátula, apontando para o balcão onde estão os ovos e bacon.

— Mãos à obra, lutador. — digo, dando um tapinha em seu braço.

Trent leva mais algum tempo encarando o fogão e os utensílios em suas mãos antes de se mover para começar a fritar algo. Enquanto observo-o, corto algumas frutas e vou colocando dentro do liquidificador para bater.

— O que eu devo fritar primeiro? Bacon ou ovos? — Trent pergunta, virando-se para mim. — Acho que os dois, então acabamos logo com isso de uma só vez. — completa apressado, sem me deixar responder.

Dou de ombros, sabendo exatamente o que vai acontecer.

Trent pega outra frigideira e liga as duas, despejando um pouco de azeite em ambas e logo em seguida derrama o bacon em uma delas. Ele pega a espátula e começa a mexer o bacon freneticamente, esquecendo-se da frigideira ao lado.

— *Foda...* — pragueja pegando os ovos e começando a quebrá-los e deixando alguns

pedaços de casca caírem dentro. — Você gosta de ovo com sal ou sem sal? — ele pergunta.

A situação é tão cômica que eu não sei se dou risada ou se vou ajudá-lo.

— Com sal, Trent. — digo.

Ele assente, jogando a espátula no balcão e indo em direção ao saleiro. Pegando uma quantidade considerável de sal com os dedos, ele joga dentro da frigideira e volta a mexer os ovos.

O cheiro de bacon queimado começa a invadir o ambiente, o que faz com que Trent puxe a frigideira com bacon do fogo. Solto uma gargalhada, pulando do banco e caminhando até ele, que me encara com um vinco no meio das sobrancelhas.

— Você é péssimo nisso. — digo desligando o fogo das duas frigideiras e puxando a que está na sua mão apenas para colocá-la no fogão.

— Eu deveria ter feito uma coisa de cada vez. — ele resmunga, irritado. — Você fazia isso parecer fácil quando cozinhava para mim e Jake. — reclama, cruzando os braços.

— Acho que isso é um dom que só as mulheres têm, Trent. — pisco para ele.

— Foda-se, eu não preciso de desjejum para transar. — diz descruzando os braços e puxando-me pela cintura, carregando meu corpo até o balcão.

No segundo seguinte, nós escutamos Lucas, Mike e Paul entrarem fazendo muito barulho. Trent rosna, fechando mais os braços em torno da minha cintura.

— Quem quer que seja a puta, Parisa não vai gostar nada, nada em saber disso... — Mike é o primeiro a exclamar, já que não sabe que sou eu porque estou de costas para eles.

— Já eu estou em aberto como prêmio de consolação... Você sabe, a gatinha pode querer um carinho. — Lucas diz, fazendo Paul e Mike rirem.

— Oi, rapazes. — finalmente falo, virando o rosto para vê-los.

Trent me puxa de cima do balcão enquanto Mike e Lucas me lançam um sorriso malicioso e Paul apenas continua sorrindo normalmente.

— Fica sentada aí. — Trent diz assim que me coloca sentada em uma cadeira em frente à mesa.

Dou de ombros, observando-o ficar tenso.

— Oi, menina Parisa. — Lucas saúda, jogando-se na cadeira ao meu lado. Consigo ver alguns arroxeados por seu rosto e braços, mas ele não parece sentir dor alguma.

— Oi, menino Lucas, quanto tempo... — brinco, vendo Mike se aproximar.

— O suficiente para te deixar mais gostosa do que a última vez que nos vimos. — Lucas atira e eu rolo os olhos.

— Isso é porque você não a viu com uma roupa de treino fodidamente colada, cara. Quer dizer, que porra de traseiro é ess...

Trent empurra Mike para longe e me puxa pelo braço, fazendo a sua camisa que eu estou usando levantar um pouco.

— Eita, caralho! — Lucas exclama, tossindo copiosamente. — Isso é que é um traseiro! Sem calcinha, aliás... — continua e eu sinto minhas orelhas queimarem.

— É o quê? — Mike pergunta histericamente.

Quero rir, na verdade, gargalhar, mas assim que escuto Trent rosnar, permaneço calada.

— O que diabos pensam que estão fazendo aqui, porra? — Trent esbraveja, passando o braço por minha bunda enquanto espreme meu corpo contra o seu.

— Nós viemos fazer uma visita de rotina, oras... Não sabíamos que estaria ocupado com sua *melhor amiga gostosona*. — Mike brinca e Trent avança para cima dele ainda comigo em seus braços.

— Ei, não dê ouvidos a ele. — digo segurando o rosto de Trent, obrigando-o a me fitar de volta.

Ele sustenta uma carranca pesada no rosto, claramente irritado.

— Vocês são tão fofos. — Lucas zomba, rindo com os outros dois.

Viro para eles, tentando ficar séria, mas acabo falhando. Trent caminha comigo até a porta da cozinha e me coloca no chão, puxando a camisa que estou usando para baixo, como se estivesse se certificando de algo.

— Vou lidar com eles, melhor você subir. — ele sentencia e eu cruzo os braços.

— E o seu *lidar* envolve socos? — pergunto e ele bufa.

— Sim, agora você pode me esperar no nosso quarto? — rosna.

— *Nosso quarto?* — indago surpresa.

— Deus, você realmente não consegue fazer nada sem questionar repetitivamente? — pergunta irritado.

Rolo os olhos e faço o que ele me pediu. Subo as escadas, escutando os caras rirem enquanto Trent volta para a cozinha.

Capítulo 15

Trent Wayne

Assim que vejo Parisa finalmente subir e sumir pelo corredor do andar de cima, volto para a cozinha, onde acho os caras mexendo na comida fodida que eu tentei fazer.

— Cara, eu entendo você, *porra*... — Lucas diz, enfiando um pouco de ovo na boca e cuspidando em seguida. — Que merda é essa? — reclama, enquanto Mike e Paul gargalham da cara dele. — Mas voltando ao assunto... Parisa é *muito* mais do que eu imaginava. — ele sorri de lado, usando as mãos como se estivesse dimensionando algo, nesse caso, a bunda de Parisa.

Caminho até Lucas em passos largos e, por mais que ele seja meu amigo — e *porra*, eu o considero *pra caralho* — tenho que avisá-lo algo que vale para os outros dois idiotas.

— Essa merda tem que acabar agora, *porra*. — digo, usando um tom baixo e gélido. — Vocês são o mais perto que eu considero como família, então não fodam com isso. Parisa é minha mulher e eu não quero ouvir meus amigos flertando com ela, ou sequer tendo qualquer estúpido pensamento dela.

Olho cada um deles, mostrando que não estou de brincadeira e nunca estive quando o assunto em pauta é Parisa.

— Estamos brincando com o *leãozinho* que mora dentro de você, cara. — Mike diz ao mesmo tempo que corre para longe de mim. — Não leve para o lado pessoal, mas sua mulher é muito gostosa.

Bufo, sabendo que o que eles realmente querem é me tirar do sério, e estão conseguindo.

— Fora daqui! — esbravejo irritado.

— Cara, não dê ouvid...

— Eu quis dizer isso, *porra*! Joguem as chaves no balcão e deem o fora. — corto Paul.

Os três se entreolham e dão de ombros, fazendo em seguida o que eu mandei. Eles tomam o caminho até a saída e eu os sigo, encostando-me na parede enquanto vejo Mike empurrar Lucas e sussurrar alguma coisa.

— Pelo menos transem de dia, de tarde e de noite para nos honrar. — Mike grita sobre o ombro e sai correndo com Lucas, que não para de rir e Paul grita com eles, dizendo que eles não entrarão no carro sem ele.

Sento na escada e escuto a risada de Parisa e seus passos. Antes que ela desça todos os degraus da escada, levanto-me e subo até o seu encontro. Dou uma boa olhada nas suas pernas nuas, pensando no que fazer com elas. Navego seu corpo com o meu olhar e endureço imediatamente.

— Se eu fosse você, eu não levaria nenhum deles a sério. — ela diz, não deixando de sorrir assim que para de falar.

— Quando se trata dos meus assuntos, eu levo a sério. Estou protegendo o que é meu. — digo, parando em sua frente.

— Nós não vamos comer nada? — ela pergunta, olhando o caminho que vai direto para a cozinha.

Dou uma risada e passo meu braço por suas pernas, inclinando seu corpo sobre meu ombro. Subo os poucos degraus rapidamente e vou direto até o meu quarto, onde deixo Parisa no meio da minha cama, o lugar onde ela pertence.

— Eu não sei você, baby, mas eu estou indo comer algo agora mesmo. — separo seus joelhos, não desviando o olhar do dela.

Porra de mulher gostosa do caralho!

— Eu estou com fome, Trent. O que eu vou comer? — Parisa pergunta enquanto acaricio a parte interna de suas coxas.

— Meu sêm...

— Deus, nem mesmo termine essa frase! — ela cerra os olhos pra mim e eu tenho que rir da sua cara. — Você é nojento demais às vezes, sabia disso?

Levanto uma sobrancelha, puxando-a para a beirada da cama, enquanto me ajoelho em sua frente.

— Estou sendo realista, querida, não fique assim. — comento, deslizando meus dedos no ponto mais esperado. Parisa fica tensa, provavelmente não querendo dar o braço a torcer.

— Eu quero comer comida e eu tenho certeza que seu sêmen não é comida, e falando em sêm... *Putá que pariu!* — pragueja, fechando as pernas em uma das minhas mãos, enquanto pressiono seu clitóris e penetro-a com dois dedos. — Será que você... pode... tirar a mão desse... lugar? — ela pergunta, empurrando-se para mais perto de mim e consequentemente, dos meus dedos.

— Eu tiraria se você abrisse as pernas para mim, Parisa. Está quase esmagando minha mão. — comento.

Parisa abre as pernas, pensando que eu realmente tiraria minha mão dela. Seguro sua coxa esquerda, forçando-a contra a cama e dou um sorriso assim que encosto minha boca na sua boceta.

— Você ainda quer conversar, querida? — pergunto interessado, lambendo de sua entrada até o topo, sugando seu clitóris enquanto bombeio lentamente dentro dela.

— Você é... *incrível*. Quer dizer, sua boca é... — ela choraminga, arqueando o corpo pra cima. — Mas... *sim, aí, Trent...* quero f-falar sobre o sê-sêmen...

— Você quer falar sobre o meu sêmen? Agora? — levanto uma sobrancelha, mesmo que ela não possa me olhar no momento.

Continuo beijando, lambendo e chupando-a enquanto espero ela falar alguma coisa

outra vez.

— Sim, quero. Agora. — sua voz treme. — Precisamos ir a uma farmácia, Trent. — grunhe segurando meu cabelo com uma mão, empurrando-me contra sua intimidade. — Sabe, nós fizemos sexo sem camisinha. Temos q-que consertar o erro.

Ela continua segurando minha cabeça com força, calando-me da melhor forma possível. Porra, eu não tenho problema nenhum em ser calado assim.

— Fala alguma coisa! — exclama irritada.

Dou uma risada, fazendo-a tremer consideravelmente. Tiro meus dedos de dentro dela e, agora, segurando ambas suas coxas, empurro seu corpo minimamente para trás.

— Você está me sufocando com sua boceta doce, não espere uma resposta de mim enquanto estou comendo. Falar de boca cheia é feio, baby. — Parisa dá uma risada entre um gemido e outro, afrouxando os dedos do meu cabelo.

Não demoro até tê-la tremendo os joelhos enquanto pede para eu parar de “*sugar a porra do seu clitóris*”, mas eu não paro até que ela relaxe sob meu controle. Levanto do chão, deitando na cama e puxando Parisa para meus braços. Ela se vira em minha direção, selando nossos lábios e deslizando sua língua na minha boca.

— Você sabe o que eu quero fazer agora? — ela indaga, sorrindo contra meus lábios.

— Não, mas você pode me dizer. — retruco, segurando suas nádegas e puxando seu corpo para cima de mim.

Esfregando a boceta em cima da minha ereção, Parisa faz questão de me olhar nos olhos enquanto lambe meus lábios da forma mais erótica possível.

— Eu quero tentar algo novo, mas você vai ter que ser um bom garoto e ficar parado na cama. — informa, fazendo-me ficar mais duro a cada milésimo de segundo.

— Não posso prometer algo que não vou cumprir, mas gostaria de vê-la tentar qualquer porra que seja. — ela sorri de lado, beijando meus lábios rapidamente antes de se afastar.

Parisa levanta o tronco, puxando a minha blusa que ela está usando para fora do seu corpo, exibindo sua nudez sem qualquer vergonha.

Movo minhas mãos por sua pele, alcançando seus mamilos pequenos e frisados que mais parecem dois botões róseos. Belisco-os com força e ela segura minhas mãos, balançando a cabeça em negação.

— Será que você pode ficar quieto por alguns segundos? — indaga, e agora é a minha vez de balançar a cabeça negativamente.

— Não estou ficando quieto porra nenhuma, porque isso é tortura. — rosno.

Os dedos finos de Parisa tocam meu peito, onde ela traça linhas e mais linhas, contornando minhas tatuagens sem pressa. Meu pau se mexe com a visão do cabelo escuro e curto dela caindo sobre seu rosto, fazendo uma cortina e escondendo-a de mim. Posso até mesmo

arriscar e chamá-la de anjo, meu anjo, porque é exatamente com isso que ela se parece nesse momento.

— Você está me inspecionando, querida? — pergunto entre dentes, agora observando-a sorrir de lado enquanto desce por uma trilha sobre meu estômago, passeando e contornando os quadrados ali presentes.

— Será que isso te incomoda? — ela retruca, divertida.

— Nem um pouco, baby. Só me faz ficar duro pra caralho. — confesso e ela mexe o traseiro contra minha ereção outra vez, propositadamente.

— Bom saber... — diz, despreocupada.

Continuando com o que quer que seja que ela está fazendo, Parisa chega até o cócs da minha calça, subindo o rosto para me encarar firmemente. Puxo um travesseiro, apoiando minha cabeça para conseguir ter a visão perfeita dela. Sigo seus movimentos seguintes, ansioso para saber onde isso vai dar. Parisa sai de cima de mim e se livra da minha calça, jogando-a em algum lugar que nem eu ou ela damos a mínima.

Meu membro ereto descansa agora em mim, tão pronto quanto eu para ter Parisa com as mãos sobre mim. E logo elas vêm, macias e suaves, movendo-se com incerteza sobre o pedaço de carne quente pronto para receber sua atenção.

— Você vai me ajudar com isso? — ela indaga, olhando-me um pouco perdida.

Dou um sorriso de lado, negando o seu pedido.

— Você vai descobrir como fazer isso sozinha, querida. Tome o seu tempo e pode ir em frente, eu estarei aqui esperando pacientemente. — respondo, notando suas bochechas ficarem levemente avermelhadas.

Eu poderia ajudá-la, guiá-la, mas então logo eu não teria mais sua boca em cima de mim, e a coisa que eu mais quero e esperei pra caralho foi por sua boca impertinente em cima de mim. Quanto menos ela souber, mais ela tentará e mais tempo eu terei para desfrutar das malditas sensações que já começam a correr por minhas veias, chutando a merda fora de mim.

Envolvendo as mãos trêmulas no meu eixo, ela sobe e desce devagar, parando para esfregar o pré-sêmen que já escapa da cabeça do meu pau.

Sem demorar, Parisa leva sua boca até o meu membro, lambendo a ponta como se estivesse com um picolé nas mãos. Isso é o suficiente para me tirar um grunhido e deixar-me ligado nela.

Seus primeiros movimentos são lentos e a cada nova descoberta que ela faz, arranca-me um grunhido e faz com que eu segure meus instintos de segurar seu cabelo com força e foder sua boca até que ambos perdêssemos os sentidos.

— Isso parece bom para você? — Parisa pergunta, olhando-me enquanto desliza os lábios rechonchudos vagorosamente sobre minha cabeça, enchendo sua boca com tudo de mim que ela consegue ter.

Um gemido escapa de sua garganta, levando um tremor de ondas diretamente sobre mim.

Put a que pariu.

Segurando a base do meu pau e onde sua boca não alcança, ela desliza para cima e para baixo no meu comprimento, minha pele já lubrificada com sua saliva. Por um momento eu sinto seus dentes arranharem-me não tão forte enquanto ela me chupa avidamente, e eu não resisto, enfiando uma mão em seus cabelos lisos.

— Os dentes, baby. — rosno, sentindo minhas entranhas apertarem e meu pau latejar em sua boca.

A cada polegada que ela engole de mim, passeando com a língua molhada por todo lado, é o suficiente para me deixar tenso, segurando-me por um fio. Os músculos dos meus braços doem, mesmo que eu não esteja segurando seu cabelo com tanta força. Na verdade, estou fazendo força contra mim mesmo.

Porra, Parisa agora é como uma maravilhosa miragem, deixando-me guiá-la por alguns segundos em um ritmo lento. Estou com muita fome dela nesse momento. Queria ter força para puxá-la para longe e ter mais tempo chupando sua boceta, mas não me atrevo a pará-la por dois motivos: *eu não consigo* e *eu não posso*.

— Inferno, baby, faça ir mais fundo. — praguejo, cerrando os olhos enquanto ela continua me encarando, levando sua outra mão até minhas bolas, onde ela as massageia dando a pressão estupidamente certa.

Chupando-me mais duro e profundo, deixo que ela dê mais ritmo aos seus movimentos por vontade própria. Fecho meus olhos, concentrando-me em não gozar pelos próximos vinte segundos, mas quando ela arranha meu pau outra vez com os dentes, eu sei que não estou mais indo durar porra alguma.

— Vou gozar, Parisa. Ou você engole, ou você se afasta, decida agora. — rosno entre dentes, sendo golpeado mais duro por sua boca.

Sem recuar ou hesitar, ela me leva outra vez o mais profundo que consegue e eu acabo gozando no fundo de sua garganta, com ela ordenhando cada gota do meu maldito sêmen. Abro meus olhos para ver sua reação, ainda despejando em sua boca enquanto os espasmos que passam por meu corpo me fazem cerrar meu maxilar.

Não posso dizer se ela gostou ou não, mas assim que os espasmos cessam, observo-a engolir tudo, lambendo meu pau agora menos rígido uma última vez.

Puxo seu corpo para mim, selando nossas bocas e reivindicando tudo dela para mim. “Obsessivo, doentio, posesivo”, não me importo com o que as pessoas algum dia cheguem a me classificar tendo como base o meu sentimento por Parisa, mas tudo que sei e que sinto é que *ela* é *minha*. Sem barreiras ou rótulos, embora o que eu mais queira nesse momento é enfiar um anel em seu dedo e dar-lhe meu sobrenome e toda merda de casal meloso que ela merece, mesmo que esse não seja seu tipo e muito menos o meu.

— Você vai me dar uma nota? — ela pergunta assim que tem a chance de separar nossos lábios.

Sentir-me em sua língua é algo que quero que se repita, assim como vou ter prazer em deixá-la se provar em minha boca.

— Você quer uma nota, baby? — indago, deslizando minhas mãos por suas curvas. Ela dá de ombros, fingindo não se importar. — Acho que da próxima vez que estiver falando muito eu já sei o que vou usar para te calar, porque esse foi um dez do caralho. Quer dizer, dez, vinte, trinta, cem, mil, um milhão... Não são números que conseguirão dizer o quão doce sua boca é, Parisa. — completo.

Ela me dá um sorriso, com os olhos brilhando, parecendo satisfeita com minha resposta.

Parisa desliza para a cama, ainda aconchegada nos meus braços e eu puxo o lençol para cima de nós dois.

— Podemos conversar agora? — ela sussurra, bocejando em seguida.

— Claro, querida. — retruco, enfiando meu rosto em seu pescoço.

— Temos que ir comprar a pílula do dia seguinte, Trent. — diz, seu corpo ficando tenso.

— Mas ela deve ser tomada só no dia seguinte, e como ainda não se passou vinte e quatro horas, estamos no prazo. — resmungo.

— Na verdade, é indicado que se tome antes das vinte e quatro horas. — diz mais baixo. — Estou com um pouco de sono, mas quando for de tarde, vamos comprá-la... — completa, relaxando outra vez contra mim.

Se isso não é a vida perfeita, eu não sei o que mais pode acontecer para que isso se torne melhor do que já está. Eu e Parisa, porra. Finalmente estamos da forma que eu sei que ambos sempre sonhamos em estar e eu estou lutando para que nada mais nos atrapalhe.

Capítulo 16

Parisa Cohen

Desperto, olhando pelo vidro da sacada do quarto de Trent e constatando que já é noite. Merda, como diabos eu consegui dormir tanto? Levanto da cama, agarrando a camisa de Trent que eu usava mais cedo e vestindo-a em seguida para ir atrás dele.

A casa está toda em silêncio, o que me dá um pouco de calafrio. O lugar é muito grande e solitário... Talvez Trent devesse ter optado por uma casa menor, já que ele mora sozinho, e mesmo se tivesse mais gente morando aqui, a casa ainda seria muito grande. Quer dizer, isso não é uma casa, é uma merda de mansão.

Chego ao andar de baixo, procurando-o por todos os cômodos e não obtendo qualquer êxito. Sento-me em frente à bancada da cozinha e finalmente escuto sons de socos, abafados e rápidos. Olho pelo vidro da porta que dá direto para o quintal e acho Trent atacando um saco de pancadas suspenso por um suporte de aço que fica debaixo do espaço coberto em frente à piscina.

Levanto do banco e vou até a porta, saindo da cozinha e indo em direção a Trent. As luzes da piscina estão ligadas e o local todo é bonito, bem arrumado e consideravelmente grande. A grama molhada debaixo dos meus dedos faz com que eu relaxe durante o caminho e quando chego até Trent, fico observando-o por alguns segundos.

— Você acordou... — ele diz sem me olhar, não deixando de atacar o saco por um segundo.

— Parece que sim. — resmungo. — Aconteceu alguma coisa? — indago, cruzando os braços pacientemente.

Ele para e me fita de volta. Tirando as luvas de suas mãos, ele joga para mim e eu levanto uma sobrancelha.

— Treine comigo. — pede, bagunçando os fios loiros com os dedos.

Seus músculos flexionados tomam minha atenção, enquanto visto suas luvas em minhas mãos. — O Circuito está bem aí, é por isso que está aqui fora, treinando? — pergunto e ele nega com a cabeça, seus olhos adquirindo dois tons mais escuros.

— Apenas treine comigo, querida. Acerte-me. — comanda e eu dou de ombros.

Trent se aproxima de mim, caminhando pela grama e tomando seu espaço. Ele tenta me puxar para um beijo, mas eu acerto seu rosto com um soco, observando-o sorrir em seguida.

— Estamos lutando, querido. Não seja carinhoso. — advirto e ele levanta as mãos pra cima, em sinal de rendição.

— Vamos ver o que você pode me dar, querida... — provoca, fazendo-me rolar os olhos.

Pulo de um pé para o outro, aquecendo meu corpo enquanto Trent permanece parado só

me encarando. Tento acertar-lhe outra vez, mas agora ele desvia, abaixando-se e desferindo um tapa em minha bunda.

Levanto uma sobrancelha, ficando irritada. Lembro-me da vez que ele fez isso durante um de nossos treinos, logo após Pamella ter chegado em New York, e ficou me chamando de gatinha o tempo todo. Foi irritante.

— Da última vez que eu fiz isso você ficou selvagem, lembra? — pergunta, desviando outra vez de um dos meus socos e segurando meus dois braços, forçando-me contra seu corpo. — Braços pesados, golpes lentos, querida. — sussurra em meu ouvido e eu bufo, recusando-me a ficar afetada por ele.

— Eu acabei de acordar, não é como se eu fosse uma máquina que nem você. — rebato, tentando me soltar de suas mãos.

— Você está com pressa? — indaga, enfiando o rosto em meu cabelo.

— Não... — resmungo. — Você vai me dizer por que está aqui fora? — tento outra vez e ele morde meu pescoço, chupando em seguida.

— Eu estava com raiva, Parisa, mas agora você está aqui... comigo. — diz, lambendo o local onde ele mordeu. — Max ligou dizendo que meus avós estiveram me procurando na academia de Jake nos últimos dias, atrás de dinheiro, você sabe... — grunhe.

Seu aperto se torna mais fraco e eu consigo finalmente virar meu corpo para encará-lo.

— Você vai dar dinheiro para eles? — pergunto, querendo dizer para que ele não o faça, mas o dinheiro é dele e ele faz o que quiser.

— Não, porra... — diz irritado. — Eu disse-lhes que aquela seria a última vez. — seus dentes trincam enquanto seus olhos focam no céu escuro. — Não quero ver os fodidos outra vez, não os suporto.

Arranco as luvas das minhas mãos e seguro seu rosto, puxando-o para mim.

— Está tudo bem, Trent. — sussurro, tentando acalmá-lo outra vez. — Você não precisa dar dinheiro para eles, isso não é sua obrigação e eles não merecem mais nada de você.

Seus olhos suavizam, enquanto ele me fita de volta e eu ofereço-lhe um sorriso sincero. Trent abraça meu corpo com força, selando nossos lábios. — Você quer voltar para cama? — pergunta e eu nego com a cabeça.

— Estou com fome e é de comida. — falo entre risos. — Dessa vez eu faço tudo e você fica quieto. — aviso.

— Como quiser, madame. — rola os olhos.



— E ele não disse nada? — indago, encarando Trent dirigir.

Depois de ter feito nosso jantar, subimos e tivemos uma quase-discussão sobre a minha ida para a casa do papai. Trent disse que só estaria deixando-me partir se eu dividisse o chuveiro com ele, e assim foi. No final de tudo, nos atrasamos muito e foi tudo culpa dele.

— O que ele poderia dizer? — retruca relaxado.

— Nada... — resmungo depois de refletir brevemente.

O resto do caminho eu passo encarando Trent, que não parece intimidado por estar em tal posição. Chegamos à casa do papai e Trent pega minha bolsa de calcinhas, indo para fora do seu carro enquanto eu faço o mesmo.

— Você mandou Jaz deixar minhas coisas aqui? — pergunto, olhando-o assentir com a cabeça enquanto entrelaça nossos dedos.

— Pamella já deve ter arrumado tudo para você... — resmunga.

Antes de chegarmos até a porta, papai sai por ela, encostando-se no batente enquanto nos encara. Tenho que segurar o riso diante sua ação.

— Vocês demoraram. — ele diz alto o suficiente para nós escutarmos.

Subimos a escada e eu tento soltar minha mão da de Trent, mas ele não deixa.

— É, eu tive que fazer o jantar sozinha... por isso demoramos um pouco. — falo, ficando na ponta dos pés e beijando sua bochecha. — Boa noite, pai.

— Boa noite, querida. — ele resmunga sorrindo de lado e olha para Trent. — Boa noite, garoto. Vamos entrar? — indaga.

Papai lidera o caminho e nós o seguimos. Dou uma olhada em Trent, que parece firme e nada afetado.

Bom Deus, obrigada!

— Tem pizza, vocês querem? — papai pergunta e eu faço uma careta.

— Na verdade, eu quero trocar de roupa... se vocês me derem licença, eu já volto. — falo, puxando minha mão do controle de Trent, que dessa vez cede.

Puxo minha bolsa da sua mão, observando-o me lançar um olhar aguçado enquanto se joga no sofá. Deixo-os no andar de baixo, escutando papai perguntar algo sobre as lutas para Trent.

Já no andar de cima, entro no meu quarto e já encontro tudo arrumado. Nem preciso pensar em como agradecer Pam, já que a mesma entra no meu quarto como um furacão.

— Graças a Deus, você está de volta! — exclama, pulando em cima de mim e tirando uma gargalhada minha.

— Bom te ver, Pam. — digo. — Obrigada por ter arrumado minha bagunça. — agradeço-lhe.

Ela deposita um beijo demorado em minha bochecha e se joga em minha cama, sorrindo abertamente.

— Não foi nada, Paris... — dá de ombros. — Então, Trent está aí com o papai? — pergunta.

Aceno positivamente com a cabeça.

— Eu ainda preciso descer, eu disse que apenas trocaria de roupa. — assim que eu termino de falar, é a vez de Trent entrar no meu quarto.

— Olha se não é o meu cunhado! — Pamella exclama animada, praticamente pulando todo caminho até chegar em Trent. — Será que ela te deu trabalho ou foi o contrário? — pergunta abraçando-o e eu rolo os olhos, rindo de sua pergunta.

— Você sabe, ela sempre dá trabalho... — Trent brinca e eu levanto uma sobrancelha em sua direção.

— Uh... Não quero escutar você falando essas coisas sobre minha irmã. — Pam faz uma careta, afastando-se de Trent.

— Você foi a única que trouxe a questão para a mesa. — Trent se defende.

— Que seja... — ela resmunga, ainda com a careta no rosto. — Eu vou dormir, boa noite, pombinhos. — acena, saindo do meu quarto.

Pego meu pijama de dentro do meu guarda-roupa, sentindo o olhar quente de Trent em cima de mim. Viro-me para ele, levantando uma sobrancelha.

— Se eu te dissesse que Jake deixou eu dormir aqui, você acreditaria? — pergunta, cruzando os braços.

— Não mesmo! — digo, rindo baixo e negando com a cabeça, fazendo-o rir comigo.

— Bom, ele não deixou mesmo... — resmunga, caminhando em minha direção.

— Você precisa ir para casa antes que fique mais tarde. — informo.

Trent passa os braços por minha cintura, puxando-me para perto.

— Minha casa é onde você estiver, querida. — grunhe, beijando minha testa.

Abraço-o de volta, sendo tirada do chão por ele. Fito seus olhos intensos e deposito um beijo simples em seus lábios finos.

— Você está indo para a abertura do Circuito comigo, certo? — ele pergunta, ansioso por minha confirmação.

— Sim... — respondo, ganhando um beijo profundo e demorado dele. — Eu quero um show, saiba disso. — continuo assim que consigo separar minha boca da sua.

— Seu pedido é uma ordem, baby. — enuncia, sorrindo de lado.



Acordo literalmente pulando da cama. O pesadelo que acabei de ter é a única coisa que me lembra que eu esqueci de tomar as pílulas. Depois que Trent foi embora, eu conversei um pouco com o papai sobre alguma besteira aleatória enquanto comia picles e logo após eu subi apenas para cair direto no sono.

Até agora...

Olho pela janela do meu quarto, percebendo que já está claro. Não deve passar das seis da manhã e é um domingo, mas tenho que me levantar.

Urgentemente, sim!

Não me incomodo em tomar banho, somente escovo os dentes e amarro meu cabelo. Eu troco de roupa, visto uma calça legging, camiseta e tênis de corrida. Saio do quarto com minha carteira e celular e, quando estou no andar de baixo, sou parada por papai. Ele tem um vinco entre as sobrancelhas, um pouco perdido.

— Para onde está indo a essa hora? — resmunga, soltando meu braço.

— Eu vou correr um pouco... — rebato.

Ele parece não acreditar, mas não volta a falar qualquer coisa, só me entrega uma chave. Dou um beijo em sua bochecha e saio de casa, tomando meu caminho até a farmácia mais próxima.

No meio do caminho, percebo um carro me seguindo e ele logo para ao meu lado. É Jaz... Eu deveria saber que Trent não o tiraria das minhas costas.

— Ei, Jaz, bom dia. — o saúdo.

De qualquer forma, ele está apenas fazendo o seu trabalho, o que obriga-me a não ser uma cadela briguenta, aliás, Jaz sempre foi gentil comigo.

— Bom dia, Parisa. Quer uma carona? — pergunta e eu dou uma risada.

Sem pensar duas vezes, entro no carro, sabendo muito bem que se eu não aceitar, ele continuará me seguindo.

— Você ficou a noite toda aí? — pergunto afivelando o cinto enquanto ele volta a dirigir.
— Farmácia. — aviso.

— Não, cheguei há pouco tempo, mas o outro segurança esteve aí toda a noite. — diz.

— E qual a parte legal em ficar vigiando uma casa onde duas pessoas lutam e podem se defender? — pergunto, referindo-me ao papai e eu.

Jaz dá uma risada contida, balançando a cabeça.

— É nosso trabalho, Parisa. Somos pagos de forma bastante generosa para fazê-lo e, na verdade, senhor Wayne já é como família para mim, então não me importo em ajudá-lo de

qualquer forma. — Jaz comenta e eu dou um sorriso fraco.

— Acredito que ele também considera você como família, assim como eu. — enuncio e Jaz para em frente uma farmácia. — Eu já volto. — aviso e ele assente.

Saio do carro e logo estou entrando no estabelecimento, procurando pelas muitas prateleiras a estúpida pílula que me perseguiu no pesadelo. Quem diabos sonha com uma pílula gigante?

Acho o conteúdo depois de quase dez minutos, onde já contém a dose única. Devo tomar uma agora e outra daqui doze horas. Consigo fazer isso. Pego uma garrafa de água e pago tudo no balcão, tomando a primeira pílula antes mesmo de sair do estabelecimento.

— Você pode me deixar em casa? — pergunto a Jaz, mesmo já sabendo qual será sua resposta.

Capítulo 17

Parisa Cohen

Quatro semanas e meia mais tarde...

Nas últimas semanas, depois do meu ataque paranoico por causa da pílula, eu não transei com Trent sem camisinha até que tivesse minha consulta marcada para começar a tomar os anticoncepcionais. Dizer que ele ficou irritado durante os primeiros dias é a mais pura verdade, mas logo que ele percebeu que eu não estava realmente indo fazer sexo com ele sem camisinha, ele resolveu usá-la outra vez.

Estou no meio de uma aula com Zach, assistindo-o ensinar golpes e mais golpes para os alunos que em sua grande maioria parecem eufóricos demais. Esgueiro-me entre os alunos, corrigindo e ajudando-os quando necessário. Por vezes já ouvi alguns deles falando sobre o Circuito, ou melhor, a abertura do Circuito que ocorrerá em algumas horas.

Ainda nas últimas semanas, fiz minhas provas de fechamento de semestre na Universidade. No final dessa semana as férias de verão estarão começando, o ano letivo terminando e o Quatro de Julho estará batendo na porta. Nunca percebi o quão conveniente a data do começo do Circuito era, até agora. Vou ser capaz de acompanhar Trent em suas primeiras lutas, mas no final de agosto as aulas retornarão e eu não vou poder continuar viajando com ele.

— Porra, é ele! — alguém exclama do fundo da sala, apontando para a porta.

Os burburinhos começam e eu e Zach nos viramos para ver quem é. *Trent*. Em passos largos, Zach caminha até Trent, que está me encarado pelo vidro da porta. Eu avisei muitas vezes para Trent não aparecer por aqui, mas ele não me escuta nunca.

— Parisa. — Zach me chama, depois de trocar algumas palavras com Trent.

Pego minha bolsa e faço meu caminho até eles, fechando a porta quando saio da sala.

— Você pode ir com ele. — Zach sentencia, fazendo-me franzir a testa.

— Mas a aula...

— Está tudo bem, garota. — ele me corta. — Chute a porra da bunda deles e certifique-se de fazer com que a luta dure mais do que apenas poucos segundos. Não estarei saindo de casa para assistir mais da merda que andou fazendo no último ano. — Zach diz para Trent, dando-nos as costas e voltando para a sala.

Seguro o riso, achando graça da situação. Trent segura minha mão e me puxa todo caminho para fora da academia.

— Você está indo dar um show essa noite, lutador? — pergunto divertida.

Trent abre a porta do carro e me espera entrar.

— Claro, querida. Seu chefe tem que estar do meu lado da próxima vez que eu vier aqui

te buscar. — enuncia.

Dou uma risada, fechando a porta e logo Trent entra do outro lado, partindo em direção à casa do papai.



— Você realmente quer dizer que teremos que parar em uma merda de tapete para tirar fotos? — pergunto a Trent, que está deitado na minha cama.

Puxo minha saia jeans para cima, tendo uma merda de dificuldade para fazê-la caber em minha bunda.

— Eu quero dizer isso... pelo menos teve um no último ano. — ele resmunga divertido com o celular apontado em minha direção. — São poucos minutos, nada demais.

Paro de tentar entrar na saia e a puxo para baixo, jogando-a na cara de Trent.

— Para você que já está acostumado com tanta atenção. — zombo irritada, pegando um vestido preto de dentro do guarda-roupa. — O que você está fazendo com esse celular apontado para mim? — pergunto e ele dá de ombros. — Se eu achar uma foto minha de calcinha aí nessa porcaria, eu vou quebrá-lo na sua cabeça. — ameaço.

— Você não o faria... — provoca.

— Não é uma ameaça vazia, acredite em mim. — resmungo. — Por que você não está arrumado, afinal? — sento-me na beirada da cama.

— Jeans e camiseta é o suficiente para mim, Parisa. — ele diz e eu escuto-o se mexer atrás de mim. — Para você também é o suficiente, sabe disso, não é mesmo? — beija meu ombro, puxando-me pela cintura.

— Eu sei disso, mas estou meio inchada. Meu período está chegando e eu sempre fico mais sensível. — explico chateada. — Acho que minha bunda cresceu um pouco... — confesso e ele gargalha.

Dou-lhe uma cotovelada, tentando sair de perto dele, mas ele acaba me segurando mais firme.

— Você sabe que eu gosto da sua bunda. Quanto maior, melhor... — rosna em meu ouvido, segurando meus seios e apertando-os em seguida.

— Temos trinta minutos, Trent, isso não é hora. — aviso, tentando controlar minha respiração ofegante e as batidas erráticas do meu coração.

— Toda hora é hora. — rebate.

— Para você sim, para mim não. — digo, conseguindo me soltar dele e o encarando, percebendo sua sobrancelha arqueada. — Para mim *talvez*. — corrijo. — Mas agora, não.

— Depois das lutas eu quero ouvir apenas sim, querida. — ele avisa, sem me dar muita escolha.

Balanço os ombros e visto o vestido preto, que acaba por ficar justo em todo meu corpo, abraçando minhas curvas gentilmente. Calço uma bota preta de cano curto que tem um salto alto e consideravelmente grosso, então acho que posso me virar com isso.

— Você vai colocar um casaco? — Trent pergunta, levantando-se da minha cama e indo até o guarda-roupa.

— Eu não estou com frio e lá vai estar muito quente para que eu use um casaco, Trent. — respondo, penteando meu cabelo.

— Esse vestido apenas... é colado demais, eu não gostei. — ele diz, jogando uma jaqueta jeans para mim.

— O que isso tem a ver, Trent? — pergunto, jogando a jaqueta na cama.

— Tem a ver que eu tenho que estar focado na luta, não em fodidos que estarão te cantando e toda merda do caralho. — diz, com uma carranca.

— Não se preocupe com isso, ninguém vai estar me encarando ou me cantando, ou o que quer que seja que você esteja insinuando. — tento tranquilizá-lo, mas ele não cede.

— Isso é porque você não vê a si mesma. Eu estou vendo e todos estarão... — pega a jaqueta e estende novamente para mim.

— Você já deveria saber que eu não estou te deixando, Trent. — digo puxando a jaqueta e vestindo-a, irritada. — Da próxima vez eu não estarei colocando a jaqueta. Você tem que aprender a se controlar.

— Como se você não tivesse ciúmes das mulheres em cima de mim... É a mesma coisa — ele zomba e eu respiro fundo, escolhendo não entrar na pilha errada.

— Não estamos tendo essa discussão agora, é bom que saiba disso. — aviso.

— Ótimo. — retruca.

— *Babaca.* — resmungo e Trent sai do quarto pisando duro.

Pamella entra, sorrindo para mim com sua caixa de maquiagem nas mãos. — É bom que esteja pronta para arrasar com as vadias dos outros lutadores no tapete, porque você vai ser a mais bonita de todas! — ela exclama e faz-me rir do jeito que só ela sabe.

Pamella dedica seus próximos dez minutos passando provavelmente toda maquiagem que ela tem naquela caixa em meu rosto. Por fim, deixo que ela termine de aplicar o gloss labial em cima do batom que já havia passado anteriormente e caminho até o espelho da minha velha penteadeira.

Pareço bem e completa.

— Vamos? — ela pergunta e eu assinto.

Pego meu celular de cima da cama e saio com Pam, esperando-a deixar suas coisas de volta em seu quarto e seguindo com ela para o andar de baixo.

— E então rapazes, podemos ir? — Pam exclama, chamando a atenção dos caras, Trent e papai.

Mike começa a tossir junto com Lucas e Paul dá uma cotovelada em cada um deles.

— Ei, querida, você está linda. — papai diz se aproximando e eu ofereço-lhe um sorriso. — Vocês duas. — encara Pam.

— Você que está todo bonito... — Pam diz pensativa. — Teremos que protegê-lo das marias-tatame, Paris. — completa e papai dá uma risada.

— Quem vai querer um velho desse? — Mike provoca e eu mando dedo para ele, abraçando o papai de um lado enquanto Pam faz o mesmo do outro.

— Tenho certeza que muito mais do que as que querem você, se é que existe alguma... — retruco e Lucas gargalha com os outros.

— Vamos antes que a briga comece aqui dentro. — Max diz, sempre sabendo qual a hora certa de intervir.

Todos saímos de casa e vamos para os respectivos carros, assim como foi combinado mais cedo. Papai irá com os caras, Pamella irá com Max, eu irei com Trent e os seguranças nos seguirão.

Trent abre a porta para mim como ele sempre o faz e entra do outro lado. Quando terminamos de afivelar nossos cintos, ele parte em direção a arena.

Nem preciso dizer que o clima entre nós dois não é dos melhores. Acho que quanto mais tentarmos ficar sem brigar, mais vamos fazê-lo... É como se nós dois estivéssemos sempre prontos para estragar o que construímos.

Fecho os olhos, procurando relaxar um pouco, mas não consigo. Permaneço de olhos fechados o caminho todo, abrindo-os novamente assim que sinto o carro parar de se mover por fim.

Antes mesmo de sairmos do carro, consigo escutar a multidão ensurdecadora clamando por luta. Eu não faço a mínima ideia de quantas lutas Trent vai ter essa noite, mas creio que não será como da última vez que estive aqui, quando ele teve só uma luta. A maior parte das pessoas vem para vê-lo lutar e eu sei que para a maioria dos fãs, uma luta não é o suficiente.

— Você está pronta para a merda das fotos? — ele pergunta e eu dou de ombros. — É em uma sala lá dentro, outros lutadores estarão lá, então fique perto de mim. — avisa.

Escuto Trent bufar e eu o imito. Não quero entrar no local com nós dois nesse clima de merda, mas ele que começou com a estupidez do vestido, obrigando-me a usar a jaqueta com sua chantagem barata.

Estamos na saída de trás da arena e eu consigo ver o lugar por onde corri com toda minha dignidade desabando depois de ter visto Trent beijar Pamella há dois anos. Céus, eu não

gosto nem mesmo de lembrar como eu me senti.

Todos aparecem do lado de fora com Jaz e os outros seguranças, então vejo que é hora de sair.

— Hoje é nossa porra de dia! — Mike exclama animado, pulando com um sorriso no rosto.

Solto uma risada, afinal, é o Mike.

— Vamos logo, precisamos estar na sala de concentração em vinte minutos, ou seja, dez minutos para as fotos. — Max diz para Trent, que segura minha cintura e começa a liderar o caminho até a saída, que é a nossa entrada.

Assim que estamos dentro do local, pegamos um caminho pelo corredor da direita, onde há muitas e muitas portas, assim como pessoas que ou passam nos encarando, ou param para nos ver. Melhor dizendo, para ver o Furor.

Abaixo a minha cabeça, encarando minhas botas e concentrando-me em cada passo que dou enquanto ignoro os olhares insistentes. Trent aperta minha cintura, puxando-me para mais perto enquanto escuto os caras resmungarem atrás de nós sobre qualquer coisa.

— É aqui, Parisa. — Trent para e eu o faço também. — A sala é bastante grande e o local é organizado. Não vamos demorar. — assinto roboticamente e entramos na sala.

Ele está mais que certo no que disse... A sala é grande, muito grande. Há muita gente andando para lá e para cá, e quando finalmente colocam os olhos em Trent, a maioria para.

— Furor, por aqui. — um cara que eu não faço ideia de quem seja, nos guia até o local das fotos.

Olho para trás, observando papai e Pam e me darem um sorriso encorajador. O grande negócio é que esse local não é nada confortável. Mulheres passeiam de um lado para o outro em seus tops e minissaias, exibindo seus corpos esbeltos e suas pernas longas para quem quiser ver.

Não estou insegura.

*Não estou e **não** vou ficar insegura.*

São putas. Eu sou legal. Não sou uma puta.

Eu fodidamente me garanto.

Repito isso mentalmente, controlando a ansiedade que invade meu corpo. Discretamente fito Trent durante o caminho e ele parece não ver as mulheres que passam por nós. *Melhor assim...*

Paramos em frente a quase vinte fotógrafos que disputam o melhor ângulo do lutador invicto do Circuito, mas não é como se qualquer ângulo desfavorecesse Trent. Os flashes incomodam muito e eu tenho certeza que saí piscando nas primeiras fotos, mas depois de alguns segundos consigo ter controle dos meus olhos e me acostumo com os muitos e irritantes flashes.

— Você não está indo sorrir para nem uma foto sequer? — Trent indaga em meu ouvido.

— Não. — rebato, ainda séria.

Trent me puxa para mais perto — como se fosse possível. Depois de quase dois minutos, ele sai andando e me puxando consigo.

— Uma pena que não estaremos lutando essa noite, mas dizem que o melhor fica para o final. — alguém fala atrás de nós e eu reconheço a voz como a de Shark.

Trent para de andar e eu faço o mesmo. Nós viramos para encarar Shark que está segurando uma mulher de cada lado seu.

— Se eu fosse você, eu não ansiaria tanto por essa luta, afinal o único que estará desacordado no final dela será você. — Trent diz, visualmente contido.

Shark me olha, sorrindo de lado em seguida. O sorriso dele me dá vontade de vomitar, mas eu consigo me controlar assim que desvio o olhar do dele.

— Vamos, cara. — Max chega, chamando Trent e eu o agradeço mentalmente por isso.

Alguns homens da imprensa tentam parar Trent para obter alguma declaração dele, mas ele continua seguindo reto.



Toda a cerimônia inicial já passou e todos estão em seus lugares, menos eu e Max. Encaro Trent, percebendo que ele já está me fitando concentrado.

Seu nome acabou de ser entoado pelo mestre de cerimônias, mas ele não se move, o que faz com que eu me aproxime dele uma última vez antes dele sair para o octógono.

— Você vai me desejar boa sorte? — ele pergunta, segurando meu quadril e puxando-me com força para si.

— Você precisa de alguma, lutador? — indago, clinicamente.

— Não, mas eu gosto quando você o faz porque sempre soa como se estivesse preocupada. — retruca, escorregando as mãos para a minha bunda e apertando cada lado dela.

— Boa sorte, então. — sussurro, selando nossos lábios.

Passando a língua entre meus lábios, ele me beija rápida e possessivamente, não para mostrar para qualquer pessoa que ele me tem — *afinal não temos uma plateia* —, mas para mostrar para mim mesma que ele o faz.

— O povo chama por você... — digo, separando nossas bocas bruscamente à procura de ar.

— É bom que esteja preparada para o show. — ele avisa, sorrindo preguiçosamente para mim.

Aceno positivamente com a cabeça. Trent se afasta de mim e faz seu caminho até a porta, onde Max nos espera. Os dois lideram o caminho e no meio dele, Trent se separa de nós e Max segura meu braço, guiando-me até nossos assentos.

Acomodo-me ao lado do papai e Pamella, escutando a multidão rugir **Furor** por toda arena. Nada mais que orgulho enche meu peito assim que vejo Trent no telão, caminhando até o octógono. Seus olhos estão mais escuros e seus ombros estão altos, mostrando a determinação em sua postura a cada passo que ele dá.

Já dentro do octógono, o adversário de Trent o espera em posição de ataque. Eu não sei o que há comigo, mas eu quero rir. Se ele acha que vai intimidar Trent com essa pose ridícula, ele realmente não sabe de nada.

Assim que Trent coloca os pés dentro do octógono, a luta começa, deixando-me sobressaltada.

O que diabos é isso?

— Regras foram mudadas nos dois últimos anos, querida. Isso agora é como um vale-tudo, mas não se preocupe, ele sempre se sai bem. — papai grita para fazer-me escutá-lo.

A agilidade que Trent tem ao movimentar-se para desviar do seu adversário me deixa satisfeita, como se ele já esperasse tal ataque. Eu não havia percebido — *até agora* — que o seu corpo está mais sólido, mesmo que eu já tenha o visto sem camisa muitas vezes nas últimas semanas. Embora seu tamanho e todo o pacote de músculos, Trent parece leve e muito mais rápido.

O loiro tenta cercar o homem e eu percebo o olhar sombrio no rosto de ambos, como se estivessem prestes a se matar. É grotesco e primitivo, como dois animais disputando território e todos sabemos que só um deles sairá vencedor, o que só me faz torcer para que Trent esteja tão bem preparado quanto parece.

Pulando de um lado para o outro, Trent finalmente consegue cercar o homem, e assim que eles estão em curta distância um do outro, os dois começam a trocar golpes copiosamente. O som dos socos que Trent acerta no rosto do seu adversário soa de forma alta e crua, assim como os que ele recebe, deixando-me aflita como o inferno.

Não muito tempo depois, o som do intervalo do primeiro round faz com que os dois se afastem, mas não antes do homem acertar Trent com força em suas costelas já depois do fim declarado, o que leva todos na arena a vaiarem o homem enquanto gritam **Furor**, exigindo algo como nocaute para o próximo round.

Os meus nervos explodem dentro de mim e eu quase fico de pé na minha cadeira para ter uma melhor visão de Trent, que agora está sentado enquanto Mike coloca algo sobre a ferida aberta no seu supercílio e pressiona uma bolsa de gelo dada por Lucas em suas costelas.

— Acho que eu vou vomitar! — exclamo para o papai, que franze a testa imediatamente como se eu estivesse ficando louca.

— Você precisa ir no banheiro? — pergunta no mesmo tom.

Sento-me de volta na cadeira, respirando fundo e deixando a vontade de vomitar passar. Olhar Trent machucado sempre foi algo que mexe comigo de diversas formas, e agora eu estou aqui, querendo vomitar por causa de sua luta. Antes mesmo da vontade passar, vejo os caras todos saírem de dentro do octógono e é dado início ao segundo round da luta.

Seguro o braço do papai, olhando nervosamente para o octógono, onde os dois começam a se mover novamente em torno deles mesmo. Trent não parece abalado, o sangue em seu supercílio parece ter sido estancado eu só torço para que ele termine logo com essa luta de uma vez por todas.

Mas não é isso que acontece nos próximos minutos. Os dois se acertam, Trent pontuando mais do que o outro homem, mas ainda sim deixando os golpes entrarem em seu rosto e costela mais uma vez. Eu quero gritar e dizer-lhe para fazer o que ele sempre treina, mas não consigo. Minha língua pesa dentro da minha boca e eu não sou nada mais do que uma grande pilha de nervos fincada no meu assento e vidrada nos acontecimentos que estão se passando em minha frente.

Olho para o relógio e faltam dez segundos para o final do segundo round e é nesse momento que Trent encurrala o homem de forma habilidosa. Consigo ver a forma como seus músculos ondulam a cada golpe desferido na carne do seu adversário, fazendo uma sequência de socos tão rápidos e precisos que eu preciso piscar para ter certeza de que isso está realmente acontecendo na minha frente.

A cada novo golpe, o ar deixa meus pulmões, abandonando-me enquanto tento acompanhar o ritmo que Trent impõe. Seus punhos acertam o rosto, o estômago, as costelas e com um uppercut direto em seu queixo, o homem cai desacordado no último segundo.

Há sangue por todo lado, inclusive em cima de Trent e de suas mãos, protegidas apenas pelas bandagens banhadas pelo líquido vermelho. A explosão de gritos faz eu sentir o chão tremer e quando o locutor levanta o braço de Trent, eu afundo no meu lugar, conseguindo respirar com mais calma outra vez.

Mais dois lutadores são trazidos para dentro do octógono, mas dessa vez Trent não é tão bom com eles como foi com o primeiro. Os golpes que eles trocam são igualmente duros, Trent prolonga ambas as lutas para o segundo round e as finaliza ainda na metade do tempo.

Seu braço é erguido pela terceira e última vez e o locutor grita a plenos pulmões o nome de Trent, quase que convocando a multidão a fazê-lo com ele.

E todos o fazem.

Eu tenho certeza que estou uma bagunça quando Trent finalmente coloca os olhos em cima de mim, com a merda escura e possessiva brilhando nos seus olhos, fazendo-me literalmente tremer com sua intensidade.

Capítulo 18

Parisa Cohen

Assim que Trent sai do octógono e é seguido por Mike, Lucas e Paul, Max nos leva até a sala de concentração. Durante o caminho eu tenho vontade de sair correndo o mais rápido que consigo até Trent, para ter certeza de que ele está bem, mas eu controlo esse impulso. O cheiro do lugar e todo empurra-empurra me deixa um pouco tonta, fazendo eu me segurar no papai que não se liga muito, apenas me puxa para junto dele até chegarmos à sala.

Quase cinco minutos depois, nós finalmente conseguimos chegar até o nosso destino e, a primeira coisa que faço assim que coloco os olhos em um Trent machucado, é fechar a distância entre nós dois.

— Ei, tudo bem? — ele pergunta, segurando-me assim que eu me jogo em cima dele, abraçando-o com força.

Eu sinto vontade de chorar, mas eu não o faço. Meu interior chacoalha e eu me sinto uma bagunça de hormônios explodindo sem razão alguma. — Eu que tenho que perguntar isso, afinal quem esteve no octógono foi você. — resmungo de volta, fazendo-o rir.

— Você não gostou das lutas? — indaga, segurando meu rosto com uma das mãos, forçando-me a encará-lo.

Faço uma careta, sentindo meus olhos arderem enquanto observo os machucados em seu rosto bonito.

— Eu preferia quando fazíamos apostas e você saía ileso das lutas. — comento baixinho, abraçando-o outra vez tão forte quanto consigo.

Seu corpo endurece, deixando-me saber que ele está sentindo dor e isso me faz afastar e afrouxar o aperto, já que o conheço bem para saber que ele não o fará por si mesmo.

— Vocês podem continuar com esse momento outra hora? Agora precisamos ter um médico examinando as suas costelas e toda essa merda. — Mike diz e essa é provavelmente a primeira vez em que o vejo realmente falar sério em anos.

Levanto de cima de Trent e ele repete meus movimentos sem qualquer dificuldade aparente, mas consigo escutar sua respiração pesada e difícil. — Logo estaremos indo para casa. — Trent diz em meu ouvido, segurando meu queixo e selando nossos lábios rapidamente antes de se afastar.

Ele sai da sala com Mike e Lucas e eu sento-me no sofá ao lado do papai, apoiando minha cabeça em seu ombro.

— Ele vai ficar bem, querida. Ele está preparado para isso, você sabe. — papai resmunga, sentindo minha aflição.

— Eu sei que sim... só que não gosto de vê-lo machucado. — confesso. — Acho que estou indo para a casa dele essa noite. — descanso minha cabeça em seu ombro.

— Tudo bem. — volta a resmungar.

Fico conversando com Pamella, papai, Max e Paul sobre qualquer coisa enquanto encaro a porta, esperando que Trent entre por ela logo.

— E você vai estar viajando com Trent para as lutas nos outros estados? — Paul indaga, me cutucando.

— Não sei... não é como se eu estivesse com férias do trabalho. Três vezes por semana é o meu horário, talvez eu tente falar com o meu chefe, sugerindo colocar meus dias na segunda, terça e quarta-feira, então eu poderia viajar para algumas lutas e voltar no domingo... — falo pensativa e Trent finalmente entra na sala depois de quase trinta minutos. — É só algo que passou por minha cabeça. Entretanto, não quero arriscar o meu trabalho. — completo.

Trent já está vestido com a mesma roupa que veio, quero dizer, com exceção da camisa, já que ele está segurando uma bolsa de gelo sobre suas costelas esquerdas.

— Vamos? — Mike pergunta. — Está tudo bem, ele só precisa de descanso. — olha pra mim, sorrindo maliciosamente e eu subo o dedo do meio para ele.

— Mais respeito, garoto. — papai rosna, levantando-se do seu lugar ao meu lado.

— Acha que eles ficam rezando a noite toda, Jake? Supere isso. — Mike diz balançando os ombros, voltando ao seu estado natural de ser enquanto os outros começam a rir.

Sinto minhas orelhas queimarem, levando toda vermelhidão para minhas bochechas. Procuro Trent e acho ele me encarando, encostado na parede e já parecendo um pouco melhor que antes. Depois de papai terminar sua discussão com Mike, que quase acabou em briga, todos saímos da arena juntos e eu segurei a mão de Trent por todo caminho. Já do lado de fora, ele joga a chave do seu carro para o Jaz, que é quem estará dirigindo dessa vez enquanto todos já estão entrando em seus carros.

— Furor! Oh, meu Deus! Eu sou uma grande fã... — uma mulher exclama, parando-nos quase que desesperadamente.

Ela tem **Furor** escrito com batom vermelho por todo seu corpo, que quase não está coberto por causa do pouco pano de suas roupas.

— Obrigado. — Trent diz, simples.

— Você pode me dar um autógrafo e tirar uma foto comigo? — ela pergunta com os olhos cheios de malícia.

Respiro fundo, soltando a mão de Trent enquanto ele me entrega sua bolsa de gelo para pegar a caneta preta da mão da mulher. — Você tem um papel? — ele pergunta a ela, que nega apressadamente, exibindo o seu decote ridículo.

— Você pode assinar aqui. — sugere, empinando os seios gigantes e falsos.

Tão sugestiva quanto ela, finjo tossir enquanto troco a bolsa de gelo de uma mão para a outra, sentindo bem o peso antes de arremessá-la na cabeça dessa vadia. Trent ignora o que ela

diz e começa a assinar em seu braço esquerdo. Posso até dizer que estou respirando bem e que estou muito controlada, mas essa vadia está acariciando o outro braço de Trent com sua mão nojenta e isso irrita tudo de mim.

— Você pode tirar a mão de cima dele. — alerta, usando meu tom mais calmo e contido.

A mulher finalmente me fita, parecendo me perceber pela primeira vez desde que nos parou. Seu rosto se contorce em uma careta, mas ela não recua, ou seja, é minha hora de avançar.

— Quem você acha que é? — ela pergunta, levantando uma sobrancelha.

— A namorada. — respondo, cerrando os olhos e empurrando sua mão para longe do meu bíceps! Quero dizer, bíceps do Trent, mas é meu de qualquer forma.

Trent empurra a caneta para ela, se afastando dois passos e ela o imita.

— A foto! — a puta exclama, puxando o celular do meio do decote.

Coloco-me na frente de Trent antes que a vadia pule em cima dele. Troco a bolsa outra vez de uma mão para outra, pronta para jogar na cara dela se ela vier tocar nele novamente.

— Você não terá uma foto com ele. — rosno, já irritada o suficiente com sua atitude impertinente.

— Isso é ele quem deve dizer, não você. — ela olha para Trent e eu faço o mesmo.

Trent parece estar segurando uma risada, enquanto me encara com os olhos levemente arregalados. — Estamos atrasados para um compromisso, a foto fica para outro dia. — Trent diz, puxando-me pelo braço.

Olho para a mulher com um sorriso vitorioso e mostro o dedo do meio para ela ao passo que Trent me arrasta até o carro.

— Não temos qualquer compromisso, seu idiota! — exclamo assim que Trent me empurra para dentro do carro, entrando em seguida e batendo a porta. — Vadia do caralho deu muita sorte de eu não ter jogado essa bolsa na cara dela, caso contrário ela precisaria de um cirurgião plástico e dentista para consertar o estrago. — jogo a bolsa no espaço vazio do banco, enquanto Jaz parte como se não estivesse acontecendo nada no banco de trás.

— Você está mais controlada? — Trent me provoca, arrastando-se para perto e encurralando-me contra a porta.

— Não comece! — esbravejo, chateada. — Você devia ter falado para ela se afastar e parar de tocar em você — acuso, cruzando os braços.

— Eu queria ver você fazendo isso. — resmungo, avançando sobre meu pescoço.

— O que isso significa? — indago, tentando empurrá-lo para longe, afinal não estamos sozinhos no carro.

— Significa que eu queria ver a Parisa arisca e gélida mostrar algum ciúme de sua parte. — diz, beijando meu pescoço.

— Você é um idiota. Eu não sou arisca, nem gélida. — atiro de volta, segurando seus ombros. — Eu sempre tive ciúme de você e você sabe disso.

— Antes de toda merda acontecer eu sabia que sim, mas agora a sua constante falta de confiança em mim não deixa mais que você o faça ou, pelo menos, que mostre. — Trent afasta o rosto do meu pescoço e me encara. — Não culpo você, querida. Eu errei e te deixei, mas já passou. Aprendi com meu erro da pior forma, mas aprendi. — ele sela nossos lábios. — Só quero que feche os olhos e confie em mim para te guiar, e isso não se trata de ceder sua independência para mim, longe disso. Se trata de conversar, algo que não fazemos sem que terminemos discutindo ou brigando. Quero que venha até mim e confie... e converse comigo.

Solto um suspiro contra os lábios de Trent, abraçando-o com força ao invés de continuar empurrando-o para longe.

— Sinto muito. — sussurro, sincera.

— Tudo bem, por ora. — retruca.

Trent começa um beijo lento e demorado, mas no meio dele eu sou obrigada a separar nossas bocas por conta do ronco alto da minha barriga. — Será que podemos passar no Drive-Thru? Estou com fome de McDonald's e Burger King. — pergunto, dando uma risada da cara que ele faz para mim.

— Você está com fome dos dois? — questiona, jogando-se ao meu lado e pega a bolsa de gelo.

— Sim... eu acho. — respondo, pensativa. — Não sei! — exclamo, virando o rosto para fitá-lo. — É que... veio na cabeça e eu só quero, mas eu quero muito...

— Que seja. — resmunga. — Passe no Drive-Thru do Burger King e McDonald's, Jaz. — Trent comanda.



Tento mexer-me, mas percebo que estou presa nos braços pesados de Trent como ele sempre faz quando dormimos juntos.

Depois de passarmos no Drive-Thru na noite passada, comi minha comida durante o caminho e quando chegamos em sua casa eu meio que estava passando mal. Corri para o banheiro mais próximo e vomitei tudo que havia comido. Pelo menos meu hambúrguer, fritas, refrigerante e sorvete estavam deliciosos.

Tateio a cama à procura do meu celular e o acho, trazendo-o para perto e apertando em qualquer botão para ver as horas.

Quase nove horas da manhã.

Merda.

Não é por que faltam dois dias para as férias de verão começarem que eu vou deixar de ir para Universidade para assistir às aulas. Empurro o braço de Trent com certa dificuldade e me levanto de sua cama em um pulo.

— O que está fazendo? — escuto-o perguntar sonolento.

— Eu tenho aula e estou atrasada. Tipo, muito atrasada. — informo, observando o vestido preto que usei ontem e que hoje não parece ser uma boa escolha. — Você pode me levar para casa? — viro-me para Trent.

Ele boceja, passando as mãos pelos fios rebeldes do seu cabelo bagunçado.

— Você quer mesmo ir? Já está atrasada, baby. — resmunga.

Rolo os olhos, colocando as mãos na cintura.

— Se você não se importa, sim, eu quero. — respondo cinicamente.

— Doce como o próprio açúcar... — retruca, sendo cínico também.

— É cedo demais para discussão, nós não... — fecho meus olhos com força, sentindo minha cabeça girar. — Nós não... — tento falar outra vez, mas de repente tudo fica preto.

Capítulo 19

Trent Wayne

Seguro o corpo mole de Parisa antes que ela chegue no chão. Não sei o que diabos está acontecendo, mas não vou esperar que a resposta caia do céu. Ontem ela vomitou tudo que comeu, agora ela desmaia sem mais nem menos. Carrego seu corpo sem dificuldade, deixando-a deitada na cama e busco a pulsação em seu pescoço, constatando que ela parece estar estável.

“Porra, é só um desmaio, Trent”, repito isso mentalmente para mim.

Pego meu celular, buscando o número de um dos caras e ligando para Paul, já que ele é o primeiro na lista de chamadas recentes. Vou até o banheiro e passo uma água no rosto, puxando minha escova de dentes e colocando creme dental, enquanto espero Paul atender a merda da chamada.

— O que aconteceu? — Paul resmunga, entre dentes.

— Ligue para aquele médico, Colton, e mande-o até aqui. — falo, enfiando a escova na boca.

— Você está bem? — pergunta.

— Sim, cara, mas eu preciso do médico. Urgentemente. — retruco antes de desligar a chamada.

Escovo os dentes, enquanto vasculho as gavetas da pia e olho Parisa pela porta do banheiro. Acho uma garrafa de álcool e deixo-a em cima da pia, limpando a escova e jogando-a no suporte. Pego uma toalha, molhando-a com um pouco de álcool e saindo do banheiro pronto para acordar Parisa. Sento-me ao seu lado, aproximando a parte molhada da toalha do seu nariz. Sua testa franze e ela se mexe na cama até abrir os olhos, empurrando minha mão para longe.

— Ei, você ficou louco? — essa é a primeira coisa que ela diz, sentando-se na cama enquanto eu jogo a toalha pra trás.

— Eu só estava te acordando, porra. — rosno irritado. — O que você tem? — pergunto.

— O que eu tenho? Eu não tenho nada! Do que você está falando? — retruca, usando o mesmo tom irritado que eu usei.

— Você desmaiou do nada, Parisa. Isso não é normal, você sabe que não. Essas merdas não acontecem com você. — acuso, fitando-a cruzar os braços na defensiva.

— Isso é o que você diz... — cantarola, rolando os olhos.

— Afirme o contrário então. — exijo.

Parisa bufa, mas não se atreve a dizer nada. Ela sabe que eu estou certo. Embora as porcarias que ela come ocasionalmente, ela sempre procurou também comer de forma saudável. Sua saúde é inegável.

— Mesmo assim, Trent, isso não é nada. Eu prometo, tudo bem? Foi um mal-estar e já

pas... — ela se levanta bruscamente, mas cai de volta na cama, levando as mãos até sua cabeça.

Aproximo-me dela outra vez e a seguro no colo, sem encontrar resistência alguma. Ela solta um suspiro fraco, provavelmente chateada com o seu corpo boicotando seu plano em me fazer acreditar que ela está bem. — Eu chamei um médico para ver você. — aviso.

— Isso não é necessário, Trent. Eu só preciso descansar, não acha? Que tal deitarmos mais um pouco? — ela tenta me convencer e por mais que isso seja bastante tentador, eu não cedo. — Posso escovar os dentes primeiro? — pergunta, conformada.

Deixo Parisa no banheiro e depois que ela escova os dentes, vai até o meu closet e pega uma camisa preta, vestindo-se em seguida. Descemos juntos e no meio do caminho eu a pego novamente no colo, deixando-a na sala e indo até a cozinha para pegar um copo de água para ela beber.

Volto para sala com o copo na mão, encontrando Parisa no mesmo lugar em que a deixei anteriormente. Ofereço-lhe a água e ela pega, tomando enquanto me fita de volta.

— Você tem um olho meio roxo... — diz, assim que termina de beber. — E a maçã da sua bochecha esquerda também está bem ruim... — continua. — Claro, os nós dos seus dedos também estão feridos e eu acho que é você quem deveria ver o médico, não eu.

Finalmente ela chega onde quer.

— Posso parecer uma merda, mas eu só pareço. Você está uma merda e realmente doente. — retruco sem emoção alguma, observando seu rosto ficar vermelho.

— Rude. — atira, colocando o copo na mesa de centro e cruzando os braços.

— Você foi a única que começou a falar da minha aparência apenas para mudar a atenção do foco principal, que nesse caso, é você. — comento paciente, imitando sua postura e cruzando os braços.

— Mesmo assim, você foi rude. — defende-se. — Aliás, eu tenho que ir para Universidade, são minhas últimas aulas e hoje eu tenho que ir trabalhar também. Poderíamos remarcar para amanhã, você sabe...

— Você pode ir trabalhar à tarde, mas não vai sair daqui até sabermos o que está errado com você. — respondo e Parisa bufa, afundando o corpo no sofá de forma dramática.

Ficamos calados por longos minutos, Parisa não para de balançar a perna dela nervosamente e eu estou quase indo amarrá-la quieta, mas sua sorte é que um segurança entra para avisar que o Colton chegou.

O velho estaciona o carro ao lado do meu depois que libero sua entrada e se aproxima da casa com sua maleta e toda merda que ele precisa.

— O que ele vai fazer comigo? — escuto Parisa perguntar atrás de mim, me abraçando forte pela cintura.

Ela está com medo?

Medo do médico?

— Você não precisa ficar com medo, querida. Eu vou estar com você se quiser. — digo, virando meu corpo para ela.

— Eu não gosto de médicos, nem de hospitais... — diz, apertando mais ainda os braços em torno de mim.

— Vai ser rápido, você nem mesmo vai perceber. — tento tranquilizá-la, mas isso parece não servir de nada.

Escuto alguém pigarrear atrás de mim e deposito um beijo nos cabelos de Parisa antes de forçá-la a me soltar. Seguro sua mão, virando-me para encontrar Colton nos encarando.

— Bom dia, Furor. — ele diz e eu aceno com a cabeça. — As lutas foram ruins? — pergunta, analisando meu estado fodido.

Das duas últimas vezes que o chamei, eu estava bem pior do que hoje.

— Não tão ruins, mas eu não o chamei para me ver. — respondo e ele finalmente olha para Parisa. — Pode entrar. — resmungo, abrindo espaço para ele passar por nós e puxando Parisa comigo. Nos sentamos no sofá em frente ao lugar que aponto para ele se sentar. — Parisa, minha namorada, não está se sentindo bem desde a noite passada e agora há pouco tempo, ela desmaiou... *do nada*. — digo e Parisa aperta minha mão.

Colton lança um olhar aguçado para ela, que se encolhe para perto de mim. — Você poderia nos deixar a sós? — ele pergunta para mim.

Sim, contra minha vontade, apenas porque é preciso.

Viro meu rosto para Parisa que me lança um olhar de súplica.

— Eu estarei logo ali na cozinha, não se preocupe. — aviso.

Por livre e espontânea vontade, ela sela nossos lábios, assentindo.

Saio da sala, deixando-os a sós, mas ao invés de seguir para a cozinha, eu paro na escada e fico sentado, escutando tudo que eles estão falando. Colton começa a conversar com Parisa, perguntando coisas do dia-a-dia e depois de alguns minutos, começando com os procedimentos da consulta particular.

— Você come todas as refeições? — ele pergunta para Parisa.

— Às vezes saio apressada da Universidade para ir para o meu trabalho e não consigo almoçar, mas isso raramente acontece. Eu sempre consigo fazer todas as refeições. — ela responde baixo.

Os dois ficam em silêncio, Colton provavelmente realizando mais algum procedimento, mas logo começam a falar depois de alguns minutos.

— Noite passada você sentiu algo antes de passar mal? — ele volta a perguntar.

— Não... Quero dizer... Durante a luta eu me senti enjoada... eu acho. Ver Trent

machucado não é algo que me faz bem, então isso provavelmente me deixou enjoada. E, claro, o calor do local também deve ter contribuído para o meu mal-estar. — Parisa explica.

Ela esteve enjoada?

Por que diabos não me disse nada?

Respiro fundo, esperando Colton falar alguma coisa a mais.

— Vocês são namorados, certo? — indaga. — Posso supor que já tem relação sexual ativa? — indaga novamente e Parisa deve estar apenas assentindo. — Você usa anticoncepcional?

— N-Não, ainda... — Parisa responde, embaraçada. — Mas Trent, ele... ele sempre usa camisinha. — completa rapidamente.

Nem sempre...

— Será que vocês já deixaram de se prevenir alguma vez? — pergunta.

— Bom teve uma vez há um mês, eu acho, que nós... ele não usou a camisinha e, bom, essa foi a única vez. — retruca. — Mas no outro dia eu usei a pílula do dia seguinte... digo, no dia seguinte do seguinte. Eu acho que demorei um pouco, talvez...

— Mais de vinte e quatro horas?

— Sim, mais de vinte e quatro horas... mas li na internet que ela funciona, não funciona? — Parisa pergunta e eu consigo notar a tensão em sua voz.

— A sua menstruação é regular? — ele retorna com outra pergunta, não respondendo a de Parisa.

— Não, mas ela sempre começa entre o dia vinte e vinte e oito. — resmunga de volta.

— Estamos quase no dia vinte e oito, então ela já deveria ter começado, não é mesmo?

Escuto o som de algo caindo e Parisa começa a xingar baixinho.

— Sim, *talvez*, mas ainda não estamos no dia vinte e oito, ela sempre vem. — diz convicta.

Levanto da escada e entro na sala outra vez, encontrando Colton encarando Parisa que anda de um lado para o outro com as mãos na cabeça.

— E se não vier? — pergunto, encarando o médico.

— O que está fazendo aqui? É minha consulta! — Parisa esbraveja, se aproximando irritada.

— Eu aconselho que comprem alguns testes de gravid...

— Não! — ela exclama, agora se virando para o Colton.

— Parisa. — repreendo-a, me aproximando o suficiente para puxá-la para perto.

— Se as minhas suspeitas se confirmarem, o melhor a fazer é marcar uma consulta com

um obstetra para ter a confirmação do especialista da área através de um exame de sangue e começar com o pré-n...

— Já chega! — Parisa grita outra vez, com a voz embargada.

Ela tapa os ouvidos com as mãos, virando-se para mim e empurrando o corpo contra o meu. Abraço-a protetoramente com força, sentindo o olhar compreensivo de Colton em nós dois. Diga-se de passagem, mais em Parisa do que em mim.

— Muito obrigado por seus serviços, Colton. Peça para o segurança levar-lhe até Jaz e ele estará lhe dando seu dinheiro. — agradeço e ele apenas acena positivamente.

Colton arruma suas coisas com rapidez, nos deixando sozinhos em menos de um minuto. O corpo de Parisa treme contra o meu e logo sinto suas lágrimas escorregarem por meu peito.

— Shhh, baby. Está tudo bem, vamos ficar bem. — tento tranquilizá-la, mas sei que será em vão.

Tirando as mãos de ambas as orelhas, Parisa me empurra para longe, finalmente deixando-me ver seu rosto, agora vermelho e coberto por lágrimas do seu choro mudo.

— Não está tudo bem, Trent, não vamos ficar bem... — ela diz entre dentes. — *Oh, meu Deus! Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!* — começa a sussurrar, puxando os cabelos e saindo correndo todo caminho até a escada.

Eu a sigo com a mesma rapidez que ela o fez, subindo atrás dela que fala coisas desconexas todo caminho até nosso quarto.

— Eu quero ir para casa! — ela grita, tirando sua roupa e enfiando-se no vestido da noite passada.

— Temos que comprar os testes para...

— Não, Trent. Eu não vou fazer isso. Eu sei que minha menstruação está vindo, faltam três dias. Ela nunca falha e eu não estou estupidamente gráv... grávida do seu bebê. — diz desesperada e eu a seguro, bloqueando seus movimentos.

— Então é isso? — rosno, segurando seu rosto e fazendo-a me encarar. — É por que não quer ficar grávida do meu bebê, porra? — esbravejo, deixando toda paciência que estava tendo com ela sair de dentro de mim. — Quer ficar grávida do bebê de quem, inferno?

Parisa se encolhe, fechando os olhos com força e eu solto seu corpo. Minhas mãos começam a tremer e suor frio desce por minha testa, deixando-me saber que é hora de me afastar dela. Caminho até a sacada, segurando no mármore com força, enquanto olho para baixo.

— Eu não quis dizer isso... — escuto ela sussurrar atrás de mim. — Trent, eu não quis dizer isso, por favor, eu sinto muito. Estou nervosa e... É só que... eu não posso estar grávida agora... a hora é ruim e eu estou na Universidade, você tem o Circuito e um bebê atrapalharia nossos planos. — completa, soluçando compulsivamente.

Viro para encará-la outra vez, encontrando-a abraçando seu próprio corpo enquanto

continua a chorar.

— Que planos, afinal? Você quer planos *comigo*? Não quer nem mesmo ter o meu bebê, que dirá esse caralho de plano! — atiro de volta, enfurecido. — Um bebê não vai atrapalhar meus planos e se você realmente estiver grávid...

— Não estou! — me corta.

— Se você, porra, estiver grávida, vai ter meu bebê mesmo que não queira. Eu o fiz com você, então se estiver pensando em abort...

— Você ficou louco? Eu nunca mataria um bebê! — grita, avançando para cima de mim e socando meu peito.

— Está agindo como se estivesse prestes a matar, inferno! — grito de volta, segurando seus braços. — Você quer esperar mais três dias para ver se está atrasada ou não? Tudo bem. Depois disso você vai fazer a porra do teste e não vai discutir mais sobre isso. — respiro fundo. — Se estar grávida do meu bebê ou de qualquer bebê que seja é algo que não está nos seus planos, não se preocupe, eu me viro com o *meu* filho. — continuo, tentando controlar minha fúria. — Agora termina de se arrumar porque eu vou te levar para sua casa. — completo, soltando-a novamente e deixando-a sozinha enquanto vou pegar uma camisa para vestir.

Capítulo 20

Parisa Cohen

— Ele não é só seu! — grito de volta para Trent, que me ignora, entrando em seu closet, mas eu vou atrás dele. — Ele é meu também, seu imbecil! — digo, empurrando-o.

— Você não disse que isso não está nos seus planos? — indaga, tão irritado quanto eu.

— Sim! Eu não planejei ter um bebê, nós não planejamos, mas isso não significa que se ele... se ele estiver realmente aqui dentro... Isso não quer dizer que eu não vou querê-lo! — digo, sentindo-me tonta outra vez, mas aguento firme.

— É bom escutar isso. — ele me dá as costas outra vez.

Faço meu caminho de volta e pego minha bota, casaco e celular, saindo do quarto de Trent às pressas. É difícil respirar, pois meus soluços cortam minha respiração; e é difícil olhar algo corretamente a minha frente, pois as lágrimas insistentes praticamente me cegam. Tropeço em alguém assim que chego no andar de baixo e acabo caindo de joelhos no chão.

Isso não pode estar acontecendo comigo, não por causa de um deslize.

Eu nunca pensei em ter filhos, nem mesmo com Trent. Não que eu não queira ter filhos algum dia, mas isso nunca passou por minha cabeça, e se tivesse passado, eu teria a mesma concepção que tenho agora: ter um filho precisa de organização. Eu tenho que escolher ter um filho, no meu tempo, na minha hora.

Um bebê.

Uma vida.

Como diabos eu vou lidar com ele se não consigo nem mesmo lidar com o seu pai? Mesmo Trent falando e se expressando com clareza, nós divergimos muitas vezes. Agora imagine um bebê! Ele não vai falar, apenas irá chorar e sorrir durante seus primeiros meses. Como vou entendê-lo?

Foda-se! Estou perdida pra caralho!

Isso **não** pode acontecer comigo agora.

— Parisa, você está bem? — a voz de Paul me puxa de volta para a realidade.

Solução outra vez, sentindo minha pele arder e meu corpo doer por todo lado. Tento ficar calma, mas não consigo. Uma pontada forte faz eu me inclinar, urrando pela dor que se espalha no final da minha barriga.

— Puta que pariu. — escuto Trent rosnar antes de me pegar com cuidado em seus braços.

— O que ela tem? — Paul indaga e outra pontada faz eu segurar a camisa de Trent com força. — Porra, ela está sangrando, cara.

Arregalo os olhos, percebendo que Trent está me olhando assustado.

— Precisamos ir para o hospital, agora! — Trent exclama, olhando para Paul.

Com o máximo de cuidado, Trent dá passos largos rápidos por todo caminho até o seu carro. Escuto Paul xingar, entrando no banco da frente enquanto Trent entra comigo no banco de trás.

— Você precisa ficar calma, Parisa. — ele diz entre dentes. — Eu sei que consegue fazer isso, tudo bem? Aguarde firme, porque estamos indo para o hospital. — completa assim que Paul arranca com o carro.

Sinto o líquido pegajoso descer por minha perna, provavelmente sujando Trent, que me segura firme.

Respiro mais fundo assim que sinto outra pontada, quase que sufocante. — Dói muito... E eu acho que... — tento falar, sentindo um bolo se formar em minha garganta. — Se eu realmente estiver... *grávida*... eu n-não quero perdê-lo. — sussurro, encarando os olhos azuis de Trent que estão quase negros.

— Você não vai perdê-lo. Nós confiamos em você, *eu e ele*. — diz, beijando minha testa.

Eu não sei quanto tempo se passa, mas eu mal percebo quando chegamos no hospital. Meus olhos pesam e eu acho que estou adormecendo, ou desmaiando. Tanto faz.

Meu corpo é balançado de um lado para o outro e eu finalmente sou colocada em uma maca, lutando para manter meus olhos abertos, mas eu falho. A única coisa que vejo antes de fechá-los, é Trent com lágrimas por todo seu rosto.



Bip, bip, bip, bip.

Esse som irritante já está me dando nos nervos.

Abro meus olhos com certa dificuldade, sentindo uma mão em cima da minha mão esquerda. Tombo minha cabeça para o lado, achando Trent encarando a parede branca do hospital sem qualquer expressão no rosto. — Ei... — o chamo e ele finalmente me fita de volta.

— Ei... — resmunga. — Você se sente bem? — pergunta.

— Não sei... — retruco sinceramente. — O que o médico disse? — indago.

Trent solta minha mão e se levanta da poltrona onde está sentado, bagunçando o cabelo com as mãos.

— Você está grávida... ou estava. Eu não sei, ele ainda não voltou para dizer o que aconteceu, mas... é isso. — ele diz, calmo demais pra ser verdade.

Fecho meus olhos, sentindo novas lágrimas arderem no mesmo. Eu não consigo controlar meu instinto e acabo trazendo minha mão até minha barriga, mordendo meu lábio inferior com

força para reprimir meu choro.

— Eu sinto muito, tudo bem? Eu sinto muito por ter pirado, surtado, enlouquecido, mas eu não acho que estou preparada para ter um filho e eu estou sendo sincera com você. Eu não sei nada sobre crianças e isso me assusta mais do que qualquer coisa no mundo. Ele vai depender de mim, Trent, vai depender de você, isso é... Oh, meu Deus! Uma vida em nossas mãos. — soluço, engolindo o choro.

Abro meus olhos para já achar ele me encarando.

— Eu sei, Parisa. Eu pensei nisso durante todo o caminho até aqui, mas pior do que pensar que eu posso falhar como pai, é pensar que se eu não tentar, eu não saberei o resultado disso tudo. — diz, aproximando-se de mim. — Não tive exemplo algum, a não ser Jake, então eu deveria ser o único a negar a ideia de termos um bebê, mas não consigo fazê-lo. Não consigo negá-lo e me comparar aos monstros que me *criaram* durante meus primeiros anos de vida. Não vou virar as costas para ele, porra! — rosna, virando abruptamente e socando a parede com força. — Ele é *meu* filho. — sentencia.

— Nosso. — sussurro de volta.

Trent recua, fechando o espaço entre nós e beijando-me com fome. Correspondo seu beijo com a mesma intensidade, segurando sua nuca e puxando-o para mais perto.

— Você v-vai fazer isso comigo? Se eu não tiver perdid...

— Você não o perdeu. — ele me corta. — Eu farei qualquer coisa com você, Parisa. Talvez enlouqueçamos mais ainda por causa do bebê, mas que se foda tudo, nós enlouqueceremos juntos e isso é o que importa. — puxa meu lábio inferior entre os dentes e solta. — Eu só quero que ele se pareça como você, querida.

Solto uma risada, cansada.

— Estamos falando tanto “ele”.. E se for uma garota? — pergunto e ele sorri de lado.

— Aposto que ela será tão serena quanto a mãe... — provoca e eu cerro os olhos para ele. — Ei, esse é um bom nome, não acha? Serena...

Rolo os olhos.

— E se ela não for nada serena? — pergunto.

— Bom, pelo menos o nome contrastará com a personalidade dela. — diz sorrindo de lado, parecendo orgulhoso e eu gargalho. — E eu terei prazer em deixá-la bastante casca-grossa para homem nenhum chegar perto.

— Então Serena não será serena, bom que saibamos disso previamente. — brinco, puxando-o para perto. — Você me desculpa? Mesmo?

Ele sorri, levando sua boca até a minha orelha.

— Sim, porra, mas da próxima vez estarei espancando sua bunda de mulher grávida para colocar algum juízo dentro de você. — murmura, beijando o lóbulo da minha orelha e

fazendo-me respirar pesadamente.

— E depois disso? — pergunto, entrando na sua brincadeira.

— Depois vou chupar sua boceta, então você vai chupar meu pau com sua boca rude e logo após isso tudo, vamos transar sem camisinha, porque você já vai estar grávida do meu bebê. — grunhe, lambendo a ponta da minha orelha e chupando entre os lábios finos.

Aperto minhas pernas uma contra outra e dois segundos depois, escutamos um pigarro vindo da porta. Trent se afasta devagar de mim, endireitando-se e eu seguro sua mão enquanto encaramos médico que está parado ali perto da porta.

— Paciente Parisa Elizabeth Cohen, certo? — o médico pergunta e eu aceno positivamente com a cabeça.

— Está tudo bem com ela? E o bebê? — Trent dispara e eu aperto sua mão.

— Agora sim, está tudo bem com ambos. — ele diz, sorrindo contido e eu sinto um peso deixar meus ombros. — Essa é a sua primeira gravidez, não é mesmo? — pergunta e eu concordo. — Como mãe de primeira viagem, você tem que saber que tudo que acontecer com você, refletirá no seu bebê. Agora ele é pequeno, muito pequeno, como a cabeça de um alfinete, mas ele está dentro de você, Parisa, e com o quadro que apresentou na sua chegada, é bom que tome mais cuidado com suas emoções. — explica.

— Eu estava muito nervosa... nem mesmo tínhamos certeza se eu estava grávida... Eu só... — solto um suspiro, cansada.

— Como eu disse, agora está tudo bem. — o médico diz, olhando a prancheta que tem nas mãos. — Explicando o que aconteceu com você, sua pressão subiu por conta do nervosismo que seu namorado relatou e ocorreu uma ameaça de aborto espontâneo por conta da sua reação, mas você chegou a tempo e durante o exame, a obstetra que o fez confirmou que o colo uterino se encontra impérvio, que significa fechado, não dilatado. — Trent se senta na poltrona ao meu lado. — A obstetra está vindo daqui alguns minutos, então logo você terá alta. — completa.

O médico se aproxima, faz alguns exames e perguntas para mim, certificando-se de que agora eu estou realmente bem depois que acordei.

— Grande porra de susto. — Trent resmunga assim que o médico nos deixa sozinhos. — Você me assustou como o inferno, sabia?

— Sinto muito. — retruco pensativa.

Tudo bem, acho que posso me acostumar com isso: um bebê dentro de mim. Encaro Trent, que não parece nada assustado, diferentemente de mim. — Você não parece assustado e isso me assusta. — confesso e ele dá um sorriso de lado.

— É um bebê, Parisa, quem tem medo de um bebê? — pergunta cínico e eu rolo os olhos.

— Quero que fale isso quando ele finalmente estiver aqui nos seus braços, chorando sem parar. Ah, sem falar nas fraldas sujas de você-sabe-o-quê, vômito de bebê, essas coisas... — provooco e ele faz uma careta.

— Nosso bebê vai se comportar. — diz, tentando convencer-se disso.

— Espere e verá. — sorrio presunçosamente.

O celular de Trent começa a tocar e ele atende, não tirando os olhos de mim.

— Parisa está bem. — ele diz, rolando os olhos. — Bom falar com você também, Jake. — pausa. — Hoje à noite? Não... Não sei se é um bom momento. Sim, Jake, ela está **realmente** bem. — bufa. — Estaremos saindo daqui em algumas horas, seria bom se você deixasse Parisa descansar. — provoca. — Tudo bem, velho. — resmunga antes de estender o celular para mim.

— Oi, papai. — o saúdo, escutando sua respiração rápida do outro lado.

— Eu estava dando aula quando Paul chegou dizendo que você passou mal essa manhã. Você realmente está bem? — ele pergunta rápido, fazendo-me rir.

— Sim, eu estou bem agora. — retruco.

— Bom, eu estou arrumando um jantar hoje à noite e queria que estivesse em casa. Você vem ou vai ficar com Trent outra vez? — franzo o cenho.

— Um jantar? Qual a grande ocasião? — indago, curiosa.

— Você vai saber se estiver vindo. — diz, como quem não quer nada.

— Usar minha curiosidade contra mim é algo bem baixo, sabia disso? — pergunto e ele ri do outro lado. — Tudo bem, eu vou e o Trent também, se ele quiser...

— Certo. — resmunga. — Nos vemos às seis?

— Nos vemos às seis. — confirmo.

Trent puxa o celular da minha mão.

— Você sabe como convencer alguém, velho. — ele atira antes de desligar o celular.

Trent e eu ficamos conversando sobre qualquer coisa, deixando que o clima ruim disperse por total do nosso redor. Escutamos batidas na porta e em seguida uma mulher entra. Ela sorri, colocando as mãos dentro dos bolsos do seu jaleco branco e impecável.

— Olá, Parisa, se sente melhor? — ela pergunta, olhando para Trent e acenando educadamente com a cabeça. — Sou a Doutora Peyton, a obstetra que cuidou de você assim que chegou aqui. — explica.

— Me sinto muito melhor, Doutora. — afirmo, sorrindo de volta.

— Ela vai ter alta agora? — Trent pergunta e ela dá uma risada, acenando positivamente.

— Sim, Senhor Wayne, mas preciso dar algumas recomendações antes da alta. — comenta, puxando uma caneta e bloco de notas de dentro do seu bolso. — Estou feliz que sua saúde é boa e forte, Parisa, caso contrário não teria tanta sorte com o que veio a acontecer hoje. — diz, adquirindo um tom mais sério e profissional. — Quero que continue alimentando-se tão bem quanto pode, já que essa é uma das fases mais cruciais da gestação. Você já tem um mês de

grávida e o seu bebê está crescendo e formando-se a todo vapor. — anota no papel em suas mãos. — Não farei uma ultrassonografia agora porque não terá muito a mostrar-lhes, apenas um pontinho pequeno. Mas quero que marque seu retorno para daqui três semanas, onde você já poderá ter uma melhor visão do seu bebê.

— A Doutora tem certeza que ele ainda está aqui, não é mesmo? — Trent pergunta colocando sua mão em minha barriga e usando seu tom desconfiado.

A médica dá uma risada e eu rolo os olhos.

— Sim, Senhor Wayne, ele está aí dentro com toda certeza. — diz, voltando a me encarar. — Ah, mais uma coisa... quero recomendar que não faça muito esforço físico e que não mantenha relação sexual com penetração até seu próximo exame, Parisa.

— É o quê? — Trent reclama e eu me seguro para não dar uma cotovelada nele.

— São apenas três semanas. — ela diz, enviando um olhar aguçado para Trent. — Abortos podem ocorrer em todo o período da gestação, mas especialmente no começo. Como o seu corpo nunca presenciou tal mudança, é natural que ele não se adapte ou recuse essa mudança, sendo assim pode vir a ocorrer o aborto nos primeiros meses. Devido ao estado que chegou aqui e o quadro apresentado, eu espero que siga minha recomendação. — completa.

— Eu vou seguir, Doutora, não se preocupe. — falo firme.

— Certo, certo... — murmura, marcando o papel com um carimbo que está pendurado como um colar em seu pescoço. — Você está liberada, mas não se esqueça de retornar daqui três semanas. — diz, entregando-me o papel. — Uma enfermeira virá aqui para retirar o soro. — completa.

— Obrigada, Doutora. — agradeço-lhe.

Depois da enfermeira ter retirado o soro e todos os outros fios de aparelhos que estavam em mim, Trent entregou-me uma roupa limpa para eu me trocar. Finalmente estávamos a caminho de casa em silêncio. Eu olhava a cidade pela janela do carro, ora ou outra tendo meus dedos entrelaçados com os de Trent.

Ele finalmente estaciona o carro em frente sua casa e antes que eu saia, Trent já está do lado de fora, abrindo a porta e me pegando no colo.

— Você não precisa fazer isso. Sinto como se fosse uma inválida ou uma boneca. Algo desse tipo. — resmungo, mas ele finge que não escuta.

— A Doutora disse “sem esforço físico”, Parisa, será que você não escutou? — retruca, subindo a escada até a porta.

— Eu escutei sim, mas andar não é esforço físico... não para mim. — digo, cutucando o arroxeadado em sua bochecha. — Você parece horrível, será que eu já disse isso hoje? — provoco, ganhando um rosnado seu que acaba por me fazer rir.

— Sim, você disse isso hoje, mas não é como se eu me importasse. — diz simples.

— Bom saber, lutador. — respondo, cutucando outra vez e recebendo um olhar feio seu.
— Eu vou cuidar disso para você, está bem?

Ele empurra a porta, entrando comigo e batendo-a em seguida.

— Você é a única que está recebendo cuidados aqui, não eu. — avisa e eu rolo os olhos.

— Mas você está quebrado. — explico.

Trent começa a subir os degraus da escada e um sorriso vai se abrindo em seu rosto. Um sorriso raro, que eu provavelmente só vi por um par de vezes. — Eu não me sinto quebrado, querida, nem mesmo perto disso. Sinto-me pronto para outra luta, e mais outra, e mais outra, e porra, quantas vierem pela frente. — fala, sem diminuir o sorriso por um segundo. — É como se minhas bolas tivessem crescido só por ter engravidado você.

Dou uma gargalhada, querendo tapar sua boca, mas não consigo. Ele parece fofo e orgulhoso demais consigo mesmo para que eu o atrapalhe em seu grande momento.

— Você é fofo, mesmo falando coisas nojentas, como o caso de suas bolas maiores. — aviso, rindo com ele. — Bom, eu posso apostar que está feliz com isso... é como se eu estivesse literalmente presa por você.

Ele entra no seu quarto, olhando diretamente dentro dos meus olhos. — Você sempre esteve presa por mim e em mim, não negue o óbvio. — coloca-me em cima de sua cama.

— Santo ego grande, Trent. — rolo os olhos, desabotoando o jeans que estou usando. — Eu quero banhar agora. — falo e ele começa a tirar sua roupa também.

— Eu estou indo lavar você. — sorri de lado.

— A Doutora disse “sem relação sexual com penetração”, Trent, será que você não escutou? — falo cinicamente e ele gargalha.

— Eu escutei sim, mas isso não quer dizer que não posso receber um boqu...

Jogo minha calça em sua cara, fazendo-o rir mais ainda.

— Você não está indo receber porra de boquete nenhum e se tentar, lamento te dizer, mas você não conseguirá mais fazer nem um filho sequer. — ameaço, tirando a minha camiseta.

— E eu achando que merecia algum prêmio por ter engravidado a digníssima Parisa Cohen... — comenta irônico.

— Muito engraçado. — rolo os olhos e ele me pega no colo outra vez. — Você tem mesmo é que se preparar e guardar suas bolas, porque eu tenho a leve impressão que o papai vai querer cortá-las assim que eu der a notícia para ele.

Trent faz uma careta e eu seguro o riso.

— Ele vai ter que superar, assim como superou todo o começo. — resmunga. — Você vai contar para ele hoje? — pergunta.

— Sim, claro... Não há motivos para adiar isso, a não ser que você queira se preparar

mentalmente para esse momento. — provoco outra vez. — Eu acho que ele vai ficar feliz, entretanto.

Trent liga o chuveiro, ajustando a temperatura da água.

— Eu também acho. — retruca.

— Pamella também... Ah, eu preciso ligar para a mamãe, para o Oliver e para a Fable! — exclamo, animada de uma hora para outra. — Ele vai ser tão mimado, isso pode sair do controle.

Trent ri baixo, balançando a cabeça.

— Eu serei o único a mimar nosso bebê. Darei a ele tudo que foi negado para mim. — diz, entrando debaixo do chuveiro comigo aos poucos.

— Você é o melhor homem que eu poderia ter escolhido para ser o pai do meu bebê não planejado. — sussurro, passando minha mão direita por seu cabelo loiro já molhado.

Trent cola nossas bocas.

— É bom ouvir isso de você. — retruca, roçando nossos lábios.

— Eu amo você, lutador. — sorrio abertamente.

— E eu amo você... vocês. — grunhe de volta, lambendo meus lábios. — Você é minha vida, querida, saiba sempre disso. — completa antes de me beijar com furor.

Capítulo 21

Trent Wayne

Seguro Parisa em meus braços, enquanto ela dorme aninhada em meu peito. Seu cabelo preto cai por meu bíceps esquerdo e me deixa sentir tanto a maciez dos fios, quanto o cheiro bom que ela tem. Há pelo menos uma hora que eu estou aqui, encarando-a sem desviar por um segundo. Não consigo dormir assim como ela o fez depois que saímos do banho, pelo contrário, o banho só me acordou mais ainda.

Parisa está grávida.

Porra, ela tem meu bebê dentro dela e eu acho que a ficha só vai realmente cair quando sua barriga começar a crescer.

Putá merda, Parisa vai ficar gostosa pra caralho e eu vou ter muito mais trabalho com ela.

Coloco minha mão em cima de sua barriga, sentindo a merda possessiva mexer dentro de mim. Um pedaço de mim e de Parisa estará saindo de dentro dela em alguns meses. Essa é a melhor coisa que me aconteceu em anos, depois de Parisa, e eu preciso protegê-los: ela e nosso filho. Preciso começar a repensar no design dessa casa e mandar fazer as devidas adaptações para que um bebê possa viver aqui sem perigo. Também preciso de mais segurança em cima de Parisa, sem falar que quero ela permanentemente morando aqui comigo. Acima de tudo isso, quero enfiar um anel no dedo dela e fazê-la minha outra vez, agora segundo as leis. Sim, essa merda de marido e mulher mesmo. Eu quero casar com ela e quero que ela tenha meu sobrenome.

Acaricio sua barriga e ela solta um suspiro pesado, sua respiração batendo diretamente em mim.

— Você não dorme? — ela resmunga, esfregando meu braço direito com sua mão pequena.

— Estou sem sono. — respondo simples, subindo minha mão para o seu rosto e ela acompanha o movimento, subindo a sua para o meu bíceps.

— Pensou em algo produtivo? Tipo nome para o bebê? — volta a resmungar.

— Nós já temos o nome se for uma garota. — retruco e ela abre os olhos vagorosamente.

— Serena? Mesmo? Pensei que estivéssemos brincando. — diz.

— Eu não estava. — falo e ela dá de ombros.

— Tudo bem, Serena é legal. — comenta. — E se for um garoto? — pergunta. — Que tal Bruce? — balança as sobrancelhas.

— Bruce? Esse é um nome de merda. — descarto e ela ri.

— O que você acha de Oliver? — pergunta e eu cerro os olhos para ela.

— O filho é meu e eu **não** estou dando o nome do seu amigo para ele. — rosno e ela ri mais ainda. — Se ele está tendo o nome de algum de nós, esse nome será o meu.

— Tipo Trent II? — pergunta e eu rolos os olhos. — Soa muito britânico...

— Você é péssima nisso. — resmungo e ela me belisca.

— Que tal Bryan? Eu acho bonito e é bem americano, sem a merda britânica. — diz, animada.

— Esse é bom. — retruco, empurrando algumas mechas rebeldes do seu cabelo para fora do seu rosto. — Bryan e Serena... realmente soa bem.

Parisa sorri mais amplamente, empurrando-me e deitando em cima de mim.

— Um de cada vez, certo? Se Serena vier primeiro, Bryan terá que esperar pelo menos seis ou sete anos. — ela avisa, descendo o rosto até meu pescoço.

Escuto ela inalar sonora e pesadamente, fazendo-me rir.

— O que está fazendo? — indago.

— Você não é o único que pode fazer isso, sabia? Estou te cheirando, amor. — resmunga de volta.

Rosno, segurando-a firme e jogando-a do outro lado da cama. Parisa arregala os olhos com um sorriso frouxo nos lábios.

— Eu estou grávida, mais cuidado. — alerta.

— Mais cuidado o quê? — aproximo meu rosto do seu, sustentando meu peso em meus braços.

— O quê? — pergunta, confusa.

— Do que você me chamou? — exijo e suas bochechas queimam, enquanto ela rola os olhos.

— Se eu soubesse que agiria dessa forma, eu nem mesmo falari...

— Repete, Parisa. — eu a corto, ansiando ouvir a palavra outra vez de sua boca.

— Amor. — sussurra, fazendo-me sorrir e colar minha boca na sua.

— Eu gostei disso. — afirmo, sugando seu lábio inferior. — É melhor do que apenas “Trent”, ou o seu irônico “querido”. — Parisa ri.

— Você deveria saber da minha aversão a tanta frescura, não acha? — indaga, irônica.

— Nem mesmo comece. — rosno. — Não é por que você não é fresca, que não possa ser carinhosa.

— Há uma linha tênue entre essas duas coisas. — retruca, beijando meu queixo. — Não quero acabar sendo uma namorada fresca e grudenta. Não sou assim e não gosto de pessoas assim. Me enjoa. — completa.

— Me apaixonei por você exatamente como você é: boca suja e toda estressada. Se quiser me tratar carinhosamente e me chamar de amor, tudo bem. Se não quiser, tudo bem também. — afirmo, sendo sincero com ela. — O que vier de você para mim, é lucro.

Parisa gargalha, abraçando-me com força pelo pescoço.

— Você é todo carinhoso comigo, Trent. O que seus adversários pensariam disso? — pergunta entre risos.

— Eu não sei e estou pouco me fodendo para isso. Você é a única que me tem por inteiro, baby, não é como se eu fosse agir dessa forma com outra pessoa.

— Bom saber... — diz, sorrindo fraco enquanto nos encaramos.

Volto a beijar Parisa, sentindo meu pau endurecer com o toque de suas mãos em mim. É uma merda não poder transar com ela agora, nem depois, nem amanhã. Porra, só daqui três malditas semanas que serão um verdadeiro inferno para mim.

— Não devemos nos arrumar para ir para a casa do papai? — Parisa pergunta, separando nossas bocas.

— Ainda é cedo. Temos duas horas até lá, querida. — respondo. — Vamos comer alguma coisa? Você tem que se alimentar. — eu a convido, pronto para pegá-la no colo se ela negar.

— Tudo bem. — concorda. — Mas eu cozinho, certo? Não quero que envenene eu e o bebê com sua comida duvidosa. — diz, empurrando-me para o lado e levantando da cama.

— Ovos com casca nem devem ser tão ruins assim. — me defendo, sorrindo de lado.

— Claro que não, se você está na guerra e tudo que encontra pela frente é uma galinha avulsa chocando ovos. Nessas circunstâncias eu com certeza comeria ovo com casaca, mas como não estou na guerra, então eu passo, obrigada. — zomba, fazendo-me gargalhar.

— Você tem um bom ponto, querida. — digo, levantando-me da cama.

— Eu sempre tenho bons pontos, você sabe que sim. — responde dando de ombros.

Capítulo 22

Parisa Cohen

Depois que eu e Trent terminamos de comer a refeição que preparei para nós dois, fomos juntos até a parte de trás da sua casa, onde nos sentamos na grama e ficamos encarando a piscina. Trent manteve os braços sempre ao meu redor, segurando-me perto dele. Quando o sol começou a se pôr, nós subimos para tomar banho e nos arrumar. Trent me deu um vestido branco, provavelmente caro, explicando que havia mandado Jaz comprar algumas roupas para mim. Como eu não tinha mais nenhuma roupa além do meu vestido preto e sujo, aceitei sem discutir.

Agora, depois de quase dez minutos, termino de secar meu cabelo com a toalha e pego uma escova para penteá-lo.

— O que será que acontecerá nesse jantar? Você sabe de alguma coisa que eu não sei? — pergunto a Trent, que está sentado na cama terminando de calçar seu tênis.

— Não sei de nada, querida, e nem mesmo faço a mínima ideia do que seja. — responde, encarando-me de volta.

Solto um suspiro, assentindo e terminando de me aprontar. Pego o perfume de Trent e enquanto me encaro no espelho, borrifo um pouco do líquido em meus braços e o coloco de volta no lugar.

— Pronta? — Trent pergunta, puxando-me pela cintura e eu aceno positivamente.

Ele deposita um beijo rápido em meus lábios e segura minha mão, puxando-me por todo caminho.



— Eu acho que devemos levar algo para o jantar, não acha? — pergunto a Trent, que nega.

— É um jantar na casa do seu pai. Por que levaríamos algo, querida? — retruca, fazendo-me rolar os olhos instantaneamente. — Além do mais, somos convidados. — sorri de lado.

— Não sei... — resmungo. — Ele não cozinha e Pam não é uma grande fã das panelas. Quem fará o jantar? — pontuo e ele sorri mais ainda.

— Ele pode ter pedido comida de algum bom restaurante. Jake com certeza faria isso. — fala convicto e eu tenho que concordar.

— Que seja... — cruzo os braços na defensiva.

O resto do caminho passa em um piscar de olhos e logo já estamos nos encarando do lado de fora do carro em frente à casa do papai.

— Você está pronto, não é mesmo? Eu vou contar a ele sobre o bebê. — pergunto nervosamente e ele assente calmo. Calmo demais.

— Sem problemas, apenas não surte outra vez.

— Claro, claro, eu não vou surtar. — afirmo, abafando a ansiedade crescente dentro de mim. — Você vai ficar do meu lado? — indago uma última vez.

Trent sorri, me puxando para um abraço, onde eu me escondo em seu peito, segurando firme em sua camiseta preta. — Eu não vou sair do seu lado por nem um segundo sequer. — me tranquiliza e eu suspiro aliviada. — Vamos entrar? — pergunta por fim.

— Sim.

Com um braço em torno da minha cintura, Trent e eu caminhamos até a porta e eu aperto a campainha. Escuto Pamella gritar lá de dentro e em dois segundos a porta é aberta por Max.

— Ei, cara. — ele resmunga para Trent e me encara. — Tudo bem com você? Ficamos preocupados quando Paul deu a notícia. — abre espaço para nós e Trent me puxa outra vez.

— Tudo bem comigo, Max. — respondo baixo, mas alto o suficiente para ele escutar.

— Ei, menina, o que aconteceu com você? — escuto Pamella exclamar e olho em sua direção.

Pam vem em minha direção usando um dos seus vestidos caros, curtos e bonitos. Seu cabelo está bem arrumado e seu rosto coberto de maquiagem que, nela, cai muito bem.

— Eu passei mal essa manhã, mas não foi nada demais. Estou bem agora — respondo, sorrindo de lado enquanto ela me puxa para longe de Trent e me abraça forte.

— Bom saber, porque hoje à noite promete. — sussurra em meu ouvido, beijando minha bochecha e se afastando.

— De uma boa forma, por favor... — resmungo e Pam ri com Max.

Seguro a mão de Trent, puxando-o comigo até a escada.

— Vou calçar algo mais confortável e já volto. — exclamo, começando a subir os degraus enquanto os dois assentem.

Trent puxa sua mão da minha durante o caminho, mas consigo escutar seus passos pesados atrás de mim. Nós chegamos ao meu quarto e eu logo chuto o calçado do meu pé, procurando minha bota UGG no armário. Começo a me calçar e no final do processo, Trent começa a falar.

— Você vai voltar para casa comigo? — ele pergunta e eu levanto meu rosto para fitá-lo.

Dou um sorriso, levantando da cama e caminhando em sua direção.

— Você quis dizer sua casa, certo? — pergunto, abraçando-o pela cintura.

— Nossa. — resmunga de volta.

— Se tudo der certo aqui, sim. — retruco, ficando na ponta dos pés para alcançar seus lábios, mas Trent se esquivava.

— O que eu posso fazer para você me dar uma certeza? — indaga, começando a passear com a mão por meu corpo.

— Nada sexual, já que você sabe minha restrição. — dou de ombros.

— Ela falou sobre eu meter em você, não sobre eu chupar você. — rosna de volta, apertando minha bunda por debaixo do vestido e inclinando o rosto para capturar meus lábios com os seus. — Você sabe que eu sou bom nisso... — mordisca meus lábios.

— Você é bom em tudo. — admito, sentindo meu corpo reagir ao seu toque.

— Então, querida, vou chupar você até que ceda e comece a gemer meu nome com sua língua enrolando suavemente, o que sempre acontece quando pronuncia meu nome. — diz, beijando meu queixo. — Logo depois, estarei feliz em deixar que você me remunere pelo serviço prestado usando sua boca rude em mim.

Trent aperta minha bunda, amassando a carne com força enquanto empurra-me contra sua ereção. Solto um suspiro pesado, sentindo meu corpo febril e minha visão embaçada pela névoa de desejo que começa a pairar sobre nós dois.

— Você deveria jogar limpo comigo. — sussurro, forçando minhas unhas sobre a camisa até sua pele. — Sou uma mulher grávida e se eu estou desejando algo, eu vou ter isso.

Trent ri, baixo e arrastado.

— Estou pronto para atender todos os seus desejos desde o momento em que houve a hipótese da sua gravidez, querida, não se preocupe. — retruca divertido, porém estranhamente possessivo.

— Talvez possamos tentar isso... *agora*. — digo, pronta para obter o controle da situação.

Com dificuldade, empurro Trent para longe e caminho até a porta do meu quarto, trancando-a e virando-me de volta para onde ele está. Percebo a tonalidade mais escura dos seus olhos azuis e acompanho seus movimentos enquanto me aproximo.

— O que pretende fazer comigo? — pergunta usando um tom divertido, que contrasta bastante com sua feição séria.

— Eu pretendo ter o controle. — brinco, sorrindo de lado. — Na verdade, eu desejo ter o controle. — empurro-o sobre minha cama.

Trent finalmente solta uma risada, fitando-me curiosamente. Ele puxa um travesseiro e coloca sob sua cabeça. Engatinho no espaço livre da cama até ficar cara a cara com Trent.

— O que você me diz? — pergunto, beijando seu maxilar duro.

— Você me tem aos seus pés, querida. — ele rosna assim que chego ao seu ouvido, tentando me tocar, mas eu seguro suas mãos acima da sua cabeça, fazendo-o rir outra vez. —

Gosto quando fica dominadora, embora essa seja mais minha praia. — comenta.

Navego com meu rosto até seu pescoço e cheiro antes de morder e chupar, recebendo um grunhido seu.

— Como você se sente? Intimidado? — pergunto, curiosa.

Afasto meu rosto para fitá-lo.

— Intimidado? — pergunta de volta, levantando uma sobrancelha.

Posiciono minhas pernas dos seus dois lados, nunca soltando seus pulsos. — Sim, intimidado... assim que eu me sinto quando você faz isso comigo. — confesso.

— Meu objetivo não é fazê-la se sentir intimidada. — diz, franzindo o cenho. — Eu sinto como se estivesse prestes a ganhar um presente, o melhor deles, que é você. Nada dessa merda de intimidação, Parisa.

Solto um suspiro, assentindo, porque ele está mais que certo.

— Esqueçamos disso. — resmungo, soltando suas mãos. — Agora fica quieto, mãos acima da cabeça e nunca me tocando. — aviso.

Trent bufa, mas assente.

Solto um sorriso, beijando seus lábios brevemente antes de continuar com a trilha de beijos por todo seu corpo, mesmo que seja por cima do tecido inconveniente da sua camisa.

Endireito meu corpo, sentando em cima da sua ereção e puxando o vestido branco que estou usando para fora do caminho. Os olhos de Trent imediatamente fitam meus seios sem sutiã e eu sinto ele endurecer mais ainda, travando seu maxilar com força e cerrando os punhos.

— O que você está fazendo? Acha que minhas mãos vão aguentar muito com você assim? — ele rosna, irritado pra caramba.

Dou de ombros, prendendo meu cabelo com o elástico em meu braço.

— Você está muito bem avisado, Furor. — retruco, pousando minhas mãos em seu abdômen. — Você quer tirar essa camisa chata? — pergunto solícita e ele não responde, deixando clara sua insatisfação.

Seguro uma risada e faço eu mesma o que lhe perguntei. Puxo a camisa de Trent para cima, inclinando-me sobre ele, cada vez subindo e arrastando-me mais sobre seu corpo. Sinto sua respiração pesada bater em meus seios quase no final do meu trabalho e no segundo seguinte, ele chupa um dos meus mamilos já frisados, pegando-me de surpresa e arrancando um gemido baixo de mim.

Jogo sua camisa para longe, já quase sentada em suas costelas. Meu sexo lateja e eu temo que ele esteja sentindo minha umidade agora em sua própria pele. Recuo, fazendo-o soltar meu seio com um sorriso travesso no rosto. Eu já estou ofegando, sentindo toda minha excitação se multiplicar de forma absurda. São os hormônios, eu sei que sim.

— Você não devia ter feito isso. — digo, voltando para minha posição inicial e esfregando-me propositadamente em sua ereção.

— É difícil resistir quando tenho seus peitos na minha cara, querida. — rebate ainda sorridente e eu levanto uma sobrancelha em sua direção.

— Talvez eu devesse puni-lo por tal audácia. — ameaço e seu sorriso apenas aumenta.

— Vá em frente e coloque suas mãos em mim. — atira de volta.

Como se seu corpo fosse algum tipo de ímã, minhas mãos são puxadas para sua pele quente. Passo sem muita pressa por seu peitoral, deslizando para seus bíceps cheios e parando um pouco em sua tatuagem dedicada a mim. Da mesma forma que ele sempre faz comigo, desço minha boca por todo caminho que fiz, beijando e lambendo sua pele sem nunca deixar seus olhos ansiosos e curiosos.

— Sabe o que eu acho? — pergunto, dando uma mordida em seu bíceps esquerdo.

— Conte-me. — ordena e eu quase dou uma risada.

Retorno todos meus beijos até seu peitoral e começo a descê-los por seu abdômen duro e trincado. Desvio nossos olhares apenas para admirar os quadrados perfeitos ali presentes.

— Acho que deveria trabalhar mais nesse aqui. — indico mordendo o primeiro quadrado, voltando a fitá-lo e sentindo Trent comprimir minimamente a barriga. — E esse aqui também... — repito isso até morder o último deles.

— Eu estarei trabalhando mais neles assim que você me deixar ter minhas mãos na sua pele outra vez. — rosna, soando irritado outra vez.

Seguro o cós do seu jeans, sorrindo docemente para ele, que não perde um movimento meu. — Qual vai ser a graça em me guiar outra vez enquanto chupo seu pau? — pergunto, levantando uma sobrancelha, observando-o engolir a seco. — Eu quero fazer isso sozinha dessa vez. — afirmo, desabotoando o único botão.

Puxo o zíper para baixo e abro um sorriso, vendo sua ereção pronta para sair de sua boxer preta. — Desde quando você fala chupar e pau, tudo na mesma sentença? — ele indaga, ameaçando dar uma risada que eu interrompo assim que coloco minhas mãos em cima da sua ereção dura.

O encaro, batendo meus cílios demoradamente.

— Desde quando você me pediu para confiar em você. — retruco. — Confio em você o suficiente para falar chupar e pau na mesma sentença. Acredite ou não, isso é uma grande coisa. — concluo, puxando sua boxer para baixo.

— Porra, eu sei que sim... — grunhe entre dentes assim que começo com movimentos calmos com minhas mãos, para cima e para baixo, por todo comprimento.

Trent puxa outro travesseiro provavelmente para ter uma melhor visão de mim e eu abro um sorriso para ele antes de endireitar-me por completo e tomá-lo em minha boca. Durante os

momentos seguintes eu quase posso dizer que trabalho arduamente para satisfazê-lo. Sei que temos poucos, pouquíssimos minutos antes do papai chegar ou da Pamella nos chamar. Dessa forma, dou meu melhor para Trent.

— Você está indo ser recompensada por isso. — ele avisa entre dentes assim tem seu alívio completo.

Dou uma risada, passando minha língua por meus lábios enquanto volto a vesti-lo.

— *Parisa! Trent!* — escuto Pamella exclamar do andar de baixo e arregalo os olhos.

— Temos que ir agora. — sussurro, terminando de abotoar a calça de Trent.

Tento fugir dos braços fortes de Trent, mas antes que eu consiga colocar meus pés no chão, ele me puxa de volta e troca de lugar comigo.

— Trent, nós temos que desc... — sou calada por um tapa que ele dá na minha nádega esquerda.

— Shhh, querida, não queremos que sua irmã descubra o que estamos fazendo aqui dentro. — ele diz, puxando minha calcinha para baixo. — Aliás, você fica muito bem nessa posição. Estilo cachorrin...

— Não complete isso ou eu estarei chutando a sua cara agora mesmo. Não vai ser bonito você chegar na sala de jantar com uma sola estampada bem na sua cara bonita, lutador. — ameaço e ele dá outro tapa, agora na nádega direita.

— Onde está a Parisa dócil e adestrada que queria me agradar? — pergunta, lambendo demoradamente meus lábios.

Oh, meu Deus!

— E-Ela não existe realmente... — rosno, abafado pelo travesseiro.

— É o quê, baby? — pergunta, sugando e brincando com meu clitóris entre seus lábios.

Solto um gemido um pouco alto demais. Aperto meus olhos com força, tentando controlar meus batimentos cardíacos e minha respiração ofegante.

— Eu quis dizer q-que ela está aqui e que ela a-ama muito você. — respondo, abrindo meus olhos e tentando olhá-lo por cima do meu ombro. — Mas eu vou odiar v-você se colocar meu nome e adestrada em uma mesma sentença outra vez. — volto a ameaçá-lo, sendo punida agora com uma mordida na parte de dentro da minha coxa.

Solto outro gemido, virando meu rosto novamente para o travesseiro. Trent tateia todo caminho até meus seios e quando os acha, aperta um de cada vez, usando de sua força para me empurrar sobre a borda enquanto volta a atenção de sua boca até meu ponto febril.

— Você tem que a-apressar esse trabalh... *Oh, merda!* — praguejo, revirando os olhos por conta da intensidade com que ele está sugando meu clitóris.

— Você nunca esteve tão molhada, querida, é bom ver sua boceta brilhante daqui. —

diz, provocando-me mais e mais.

— Você é baixo demais. — digo entre dentes, apertando os lençóis entre meus dedos. — Da próxima vez eu estarei fazendo um suco das suas malditas bolas! — respondo, fazendo-o rir e apertar meu mamilo direito com mais força.

Minhas pernas estão me deixando e eu sei que não estou durando mais nada.

— Tenho certeza que vai fazer questão de beber o suc...

Meu orgasmo me atinge de forma dura. Minhas pernas cedem sobre o colchão, tremendo copiosamente enquanto deixo de escutar Trent por alguns segundos.

— *Parisa!* — dessa vez é o papai que exclama, mas eu não consigo me levantar.

— Vamos nos atrasar para o jantar, querida. — Trent alerta, soando divertido demais para o seu próprio bem.

— Culpa sua e da sua língua. — acuso, girando para fitá-lo.

Trent se levanta sorrindo e cata nossas roupas. Ele veste sua camisa e joga meu vestido e minha calcinha de volta para mim. Visto-me ainda um pouco mole, encarando Trent, que não tira os olhos de mim.

Finalmente me levanto, caminhando até o banheiro.

— O que vai fazer? — Trent pergunta e eu rolo os olhos.

— Escovar os dentes e arrumar meu cabelo, claro. — resmungo.

— Escovar os dentes? Eu faço questão de sentar na mesa de Jake com o seu gosto na minha boca. Você pode imaginar a cara que ele faria se soubesse que estarei apenas tendo minha sobremesa, uma vez que o prato principal já me foi servido? — olho para Trent pelo espelho e balanço a cabeça, rindo de sua idiotice.

— Sinceramente, você é um idiota. — retruco.

Trent continua soltando suas besteiras enquanto me arrumo no espelho. De fato, ele se recusou a escovar os dentes e quando tentei enfiar minha escova de dentes a força em sua boca, ele ameaçou ligar o chuveiro e me puxar para um banho com ele. Eu tive que desistir.

— Você está pronto? — pergunto, fechando a porta do meu quarto e caminho lado a lado com Trent.

— Mais que pronto. — afirma, sorridente.

Assim que eu e Trent chegamos à sala, damos de cara com o papai e com uma mulher. Ela é loira, usa um vestido vermelho que realça bastante suas curvas e um salto que a deixa bem alta. Seus olhos colam em Trent e eu faço questão de abraçá-lo pela cintura, levantando uma sobrelanceira em direção ao papai, que me encara ansioso.

— Filha, essa é Alicia. Alicia, essa é minha filha Parisa e o namorado dela, Trent. — ele nos apresenta.

Encaro a mulher da melhor forma que eu sei fazer: *ameaçadora*.

— Olá, Alicia. — lhe ofereço um sorriso, um pouco falso, mas é o que eu consigo fazer.

— Olá, Parisa, é bom conhecer você, bonitinha. — ela exclama tentando me tocar, mas eu recuo.

Procuro pela sala a Pam e a encontro segurando o riso com Max enquanto uma outra mulher, de cabelo vermelho e parecida com Alicia, está sentada do lado dos dois.

— Aquela ali é minha irmã, Elise. Não ligue para ela, a garota é estranha. — Alicia resmunga, aproximando-se outra vez.

Continuo em silêncio, observando Elise fitar o papai avidamente.

— Vamos jantar? Eu estou morrendo de fome. — sentencio, voltando a olhar para o papai, que fita Alicia.

— Sim, claro, o jantar! — Pamella toma a frente, puxando-me de perto do Trent. — Eu sei, eu também não gostei dela. Ela deu o mesmo olhar para o Max. — sussurra e eu bufo.

— Ela é imbecil ou o quê? — rosno, fazendo-a rir.

Entramos na sala de jantar e eu pego um lugar perto da cabeceira da mesa, fitando Trent se aproximar com um sorriso de lado e sentar-se ao meu lado. — Tudo bem? — ele pergunta, beijando-me rapidamente.

— Ela é estranha... — resmungo, olhando o papai se aproximar com Alicia.

Encaro a mesa cheia e sinto meu estômago balançar de uma boa forma. Estou com fome e pretendo matá-la antes de dar a notícia a todos. Durante os minutos seguintes o papai explica que ele e Alicia estão se “conhecendo” e logo depois disso a mulher comanda a conversa, encarando Trent a todo momento.

Começamos a nos servir e eu observo Elise, que permanece calada e de cabeça baixa, exceto quando seu olhar se direciona ao papai.

— ... então o Jake acabou ajudando a Elise e quando a deixou em casa, nos conhecemos.

— Eu gostaria de falar algo... — comento, cortando Alicia do seu grande monólogo enquanto solto os talheres no prato e recebo um olhar repreendedor do papai.

— Jake é realmente...

— Eu disse que gostaria de falar algo. — a corto outra vez.

— Parisa. — papai grunhe.

Alicia empina o nariz e volta a falar. Ela pode ser bonita, mas é insuportável. O papai poderia ter escolhido melhor.

— Jake é realmente um doce. — Alicia diz, fazendo-me bufar.

— Tudo bem, eu vou falar. — aviso. — Estou grávida. — solto, cruzando os braços.

— O quê? — todos exclamam, exceto Elise e Trent.

Capítulo 23

Trent Wayne

Jake olha de Parisa para mim, de mim para Parisa e repete isso quase dez vezes antes de Pamella exclamar outra vez.

— Grávida? Tipo, como... como... Quer dizer... *Oh, meu Deus!* — Pamella se levanta de vez, avançando em cima de Parisa em um abraço apertado.

— Isso é sério, cara? — Max pergunta e eu aceno positivamente.

— Grávida? — Jake grunhe, perguntando não para Parisa, mas sim para mim.

— Grávida. — afirmo, dando de ombros.

— E quando vão se casar? Você está assumindo o bebê, certo? — grunhe mais uma vez.

A expressão de Jake é estranha. Ele parece estar se segurando para não explodir e, de alguma forma, sei que é em respeito por Parisa.

— Pai! — Parisa exclama chateada, afastando-se de Pamella e se levantando.

Eu faço o mesmo, passando meu braço por sua cintura para mantê-la por perto.

— É claro que eu estarei assumindo o bebê. — afirmo, sem pensar duas vezes. — E casar com Parisa? É só ela dizer que sim que eu estarei fazendo-o. — ela se mexe, virando-se para mim.

— Casar? **Nunca** falamos sobre isso. — ela diz, de olhos arregalados.

— Você quer casar comigo? — pergunto, franzindo a testa.

— É muita emoção para uma noite só. Max me segura! — Pamella exclama, mas não deixo de fitar Parisa.

— Não. — ela sussurra, apertando meus braços. — Quer dizer... Eu não sei! Por que está me perguntando isso agora? — grunhe entre dentes.

Respiro fundo, não me deixando ser realmente afetado por sua resposta. Ela vai aceitar, eu sei que sim, mas se ela não o fizer, serei obrigado a viajar para Vegas com ela e embebedá-la só para ter algum cover escroto do Elvis Presley nos casando.

— Há uma hora exata para fazer essa pergunta? — retruco.

— O que diabos? Vocês vão realmente discutir isso agora? — Jake rosna, aproximando-se de nós dois. — Você vai se casar com ele, Parisa, não tem uma maldita escolha. — completa e ela me empurra.

— Eu vou me casar com ele só porque você está mandando? Isso não dá mais certo, *papai*. — ela diz, irônica.

— Que inferno... — ele passa as mãos pelo cabelo. — *Meu bebê* está tendo um bebê. —

começa a andar de um lado para o outro.

Parisa dá uma risada alta.

— Eu **não** sou mais um bebê. — afirma, agora divertida demais com a situação.

— Não sei se percebeu, mas você e Pamella **nunca** deixaram de ser meus bebês. — retruca, irritado.

Parisa ri mais alto.

Caralho, ela agora está bipolar? O único bipolar aqui sou eu.

— Temos que conversar. — sentencio, puxando-a pelo braço.

Ela reclama todo caminho até o seu quarto, mas quando finalmente chegamos lá dentro eu estou pronto para confrontá-la, achando-a pronta para fazer o mesmo comigo.

— Estávamos jantando, Trent.

— E eu fiz uma pergunta a você. — rebato, cruzando os braços.

Ela bufa alto, rolando os olhos.

— Nunca falamos sobre casamento. Você só falou aquilo porque o papai estava te pressionando, Trent. — exclama.

Balanço a cabeça, rindo irritado. Respiro fundo mais uma vez e me controlo, concentrando-me em acalmar a situação. Ela precisa ficar calma por nosso bebê e eu não vou irritar a merda fora dela.

— Pensei que estivéssemos em outro nível, Parisa. Confiança, lembra? — pergunto e ela faz uma careta, sentando-se em sua cama. — Eu estaria te pedindo em casamento mais cedo ou mais tarde, não percebe? É inevitável. Vamos nos casar, Parisa, porque diferentemente da sua resposta seca, eu sei que é o que você também quer. — aproximo-me dela e me sento ao seu lado.

— Você está falando sério? Estou grávida e você não pode me enganar assim. — ela sussurra, com os olhos azuis quase que desesperados.

— Nunca brincaria com algo desse tipo. — enuncio, puxando-a pela cintura para sentar-se em meu colo. — Eu não tenho um anel, ainda, mas o pedido continua. O que me diz? Você vai se casar comigo? — insisto.

Ela me encara por breves segundos antes de me abraçar pelo pescoço com força.

— Sim, Trent, tudo bem. Estarei me casando com você. — sussurra com a voz embargada.

— Você está chorando? — pergunto e ela ri, afastando o rosto do meu pescoço e encarando-me com os olhos marejados.

— São os hormônios, você sabe... — resmungo, fazendo-me rir com ela. — Eu quero picles agora. — enuncia.

— É um desejo?

— Algo tipo isso.

Selo nossos lábios rapidamente e me levanto com ela ainda em meus braços. É certo agora. Parisa estará tendo meu sobrenome em alguns meses no máximo.



Chegamos à cozinha e encontramos Max e Pamella sentados em frente ao balcão e, assim que os dois nos percebem, eles nos encaram.

— Você está grávida... — Pamella resmunga, encarando Parisa pensativamente. — Como se sente? Por isso que passou mal hoje mais cedo? — pergunta.

Coloco Parisa sentada ao lado de sua irmã e caminho para achar o seu pote de picles.

— Sim... O dia hoje foi cheio de surpresas. — Parisa diz. — Fiquei nervosa demais com a descoberta e acabei surtando. Isso fez mal ao bebê e, resumindo, eu quase abortei. — completa.

Acho o pote e caminho de volta até ela, vendo o horror estampado no rosto de Pamella. — E agora? O bebê está bem certo? — pergunta nervosa.

— Sim, só tenho algumas restrições. — Parisa a tranquiliza.

Pamella sorri aliviada, encostando-se em Max e eu me sento ao lado de Parisa.

— Devemos sair para comprar roupinhas de bebês. — ela diz com os olhos brilhando. — Se você não quiser, eu mesma o faço, já que comprar é a minha praia. — completa e Parisa ri comigo e Max.

O que seria de Pamella sem suas compras, afinal? Não que ela seja uma pessoa fútil, mas ela não vive sem isso.

Ficamos calados por alguns minutos até que Parisa volta a falar.

— Não gostei daquela mulher — sentencia, mordendo um pedaço do seu picles. — O papai pirou? Ela é...

— Sim, eu sei. — Pamella a interrompe. — Ela lançou olhares para Max também. — resmunga, emburrada.

— Se ela olhasse mais um segundo para Trent eu estaria indo enfiar minha faca no olho dela. — Parisa diz, como se estivesse falando de assuntos corriqueiros.

Max e eu rimos juntos, sabendo que há uma grande e boa possibilidade de ela realmente fazê-lo.

— Elise é mais agradável, mesmo tendo ficado todo tempo em silêncio. Ouviu como ela conheceu o papai? Acho que foi uma barra p...

— Ainda estão por aqui? — Jake chega, cortando Pamella.

— Onde você estava? — Parisa retruca, enquanto ele caminha até a geladeira.

— Fui arrumar um táxi para Alicia e Elise. — resmunga, tirando uma garrafa de água lá de dentro e se aproximando. — Vocês dois podem nos dar licença? Preciso falar com o casal aqui. — ele diz a Max e Pamella, parando em nossa frente do outro lado do balcão.

Os dois saem da cozinha e Jake toma um gole de água, fitando-nos atentamente. Parisa para de comer e segura minha mão, que está em cima do balcão.

— Vocês sabem o que um bebê significa? — Jake pergunta, apoiando os cotovelos no balcão.

— Fraldas... — resmungo.

— Choro... — Parisa continua.

— Leite...

— Mamadeira...

— Papinha?

— Chupeta!

— Babador, com certeza.

— Talco e cheirinho gostoso depois do banho, eu acho...

Irritado, Jake bate os punhos no balcão, nos interrompendo.

— **Responsabilidade.** — ele grunhe e Parisa ri, apertando minha mão.

— Claro, além de responsabilidade... — ela diz irônica.

— Eu realmente quero dizer responsabilidade. Vocês terão que cuidar não só de suas bundas, mas de uma a mais. Não haverá festas, nem bebidas, nem merda alguma que atrapalhe o crescimento do bebê. Terão que dar a maior parte do tempo dos seus dias para que tenham certeza de que ele está bem. — explica, alternando entre me olhar e olhar para Parisa, que aperta minha mão mais e mais a cada segundo que passa. — Agora não é uma questão de perguntar se vocês estão prontos para isso, é uma questão de afirmar que os dois estarão capacitados de cuidar, amar e educar o bebê quando ele chegar aqui.

— Nós estaremos prontos. — Parisa afirma com a voz trêmula, nervosa. — O senhor está com raiva? — indaga.

Jake abaixa os ombros e solta uma respiração pesada.

— Nem perto disso, talvez um pouco surpreso, mas como andou dizendo, a vida é sua. — ele diz, encarando-a firme. — Você vai ser uma mãe incrível, querida. — afirma. — E você vai ter problemas se vier uma garota, porque como percebe, eu tenho problemas até hoje.

Dou uma risada.

— Ela não terá um namorado até os trinta. — enuncio e Jake rola os olhos, rindo em

seguida.

— Eu também falava isso, mas olhe minha posição nesse momento: serei avô em alguns meses. — ele provoca e Parisa ri, enquanto faço uma careta.

— Que seja... — resmungo.

Parisa solta minha mão e se levanta, abraçando-me por trás.

— Você vai ter que superar quando isso acontecer com ela. — diz, divertida.

— *Cala a boca.* — retruco, fechando os olhos e ouvindo os dois rirem de mim.

Capítulo 24

Parisa Cohen

Na última semana eu tive que fazer muitas decisões importantes, como por exemplo: sair do trabalho e mudar para casa de Trent. Depois que deixei a casa do papai, logo após anunciar que estava grávida, eu e Trent conversamos no caminho de volta para sua casa. Eu não posso fazer esforço físico, tenho que priorizar a saúde do bebê — *pelo menos até voltar para minha nova consulta* — dessa forma eu fico impossibilitada de trabalhar. Depois disso, cedi e aceitei morar com Trent, até por que quero que ele acompanhe tudo comigo desde o começo. Sem falar do seu pedido de casamento, que ainda temos muito o que conversar.

Eu creio que essas são as decisões mais certas e maduras que eu poderia ter tomado nesse momento.

Pego a saia jeans que Pamella comprou ontem para mim e visto, observando Trent sair do banheiro com uma toalha enrolada em seu quadril. Passo minha língua sobre meus lábios com sua imagem e escuto Trent rir, mas não me importo.

— Você está pronta para ter os caras no seu pé o dia inteiro? — Trent pergunta e eu rolo os olhos.

— Eles precisam superar o fato de eu estar grávida. — retruco.

— É Quatro de Julho, eles estarão bêbados e falando besteira, você sabe como é. — resmungo, saindo direto para seu closet.

Visto meu top azul, indo até a penteadeira para pegar minha escova. Encosto-me no móvel e fico esperando Trent sair do closet. Logo ele o faz, vestindo apenas uma boxer e segurando seu calção nas mãos.

— Eles não estarão trazendo mulheres para cá, certo? — levanto uma sobrancelha e Trent dá de ombros.

— Não faço ideia. — responde sem se importar.

Termino de pentear meu cabelo e jogo a escova na penteadeira outra vez. Calço-me e deixo Trent sozinho no quarto, descendo para ir à cozinha.

— Ei, Roxy. — saúdo a cozinheira de longa data de Trent. — Precisa de ajuda? — pergunto, pegando meu pote de pickles que está em cima da mesa.

— Trent deixou bem claro para que eu não deixasse você fazer qualquer coisa. — Roxy diz, sorrindo calorosamente. — Mas, embora seu comando, eu realmente não preciso de ajuda, querida. Estou acabando.

— Ele acha que eu sou de vidro e que posso quebrar a qualquer momento. — digo cinicamente, rolando os olhos e fazendo Roxy rir.

— Ele só está preocupado com você e com o bebê, Paris. — retruca sem parar de rir. —

Aliás, quando saberemos se é menina ou menino? — indaga.

Dou de ombros, mordendo um pedaço de pickles e sendo abraçada por trás — e não é por Trent.

— Eu aposto que é uma menina. — é Mike que diz, colocando a mão na minha barriga desnuda. — Você pode fazê-la se parecer com você? O ego do Trent já inflado o suficiente. Se ele tiver um bebê com a cara dele, a situação piorará. — completa e eu escuto os outros rirem, anunciando a chegada deles.

— Apenas uma coisa: dá pra me soltar? Eu não posso fazer esforço físico, mas não vou pensar duas vezes antes de quebrar esse pote na sua cabeça. — ameaço, mas Mike não se intimida, pelo contrário, me abraça mais forte.

— Essa barriga já não deveria estar grande? — Mike volta a perguntar.

— Oh, claro que sim! — exclamo irônica. — Se eu estivesse carregando um bebê de vampiro, como aquele filme que agora eu esqueci o nome. Nesse caso, minha barriga realmente já deveria estar grande. — assim que calo a boca, Mike é puxado bruscamente para longe de mim.

Os caras gargalham e eu viro o rosto para encontrar um Trent de feição irritada. Ele toma o lugar de Mike, abraçando-me e colocando as duas mãos possessivamente sobre minha barriga.

— Já conversamos sobre você ou qualquer um de vocês tocando em Parisa. — Trent grunhe acima da minha cabeça e eu sorrio de lado, levantando uma sobrancelha para Mike, que já está na nossa frente com os outros.

— Vocês são irritantes. — Lucas comenta, rindo.

— Eles se merecem. — Mike zomba.

— O casal perfeito. — Paul completa.

— Isso deveria nos ofender? Porque eu não me sinto nem um pouco ofendida. — retruco, fechando meu pote e colocando-o em cima da mesa.

— Na verdade eu acho que eles estão com inveja. Não liga para eles, querida. — Roxy diz e logo eles começam a reclamar outra vez.



Depois da grande discussão que tivemos na cozinha, tive que puxar Trent para o quintal antes que ele perdesse a pouca paciência que tem com os caras. Não demorou muito para que eles nos seguissem com suas bebidas. Ficamos conversando sobre o Circuito, enquanto esperávamos todos chegarem.

Pamella e Max foram os primeiros a aparecer, e logo papai chegou com Alicia e Elise.

Não entendo e nem quero entender o que se passa na cabeça dessa mulher. Alicia está usando maquiagem forte e um vestido super curto, onde a cada passo que ela dá, seu biquíni aparece.

As convidadas dos caras chegam e logo elas decidem que é hora de tomarem sol à beira da piscina. Vou para debaixo de uma das barracas, enquanto Trent fica conversando com os outros. Eu não posso pegar muito sol, especialmente o dessa hora, que provavelmente vai me queimar e fazer-me sentir mal.

Observo Alicia conversar com uma das convidadas dos caras e encaro sua irmã, identificando-me de alguma forma com ela. Elise parece deslocada e sua irmã nem mesmo tenta socializá-la com os outros. Ela é como uma sombra de Alicia. Levanto da minha cadeira e me aproximo sorrateiramente dela, sentando-me ao seu lado.

— Ei... — resmungo, chamando sua atenção.

Ela me encara rapidamente, mas logo desvia nossos olhares.

— Você quer ir para onde eu estou? Aqui está fazendo muito sol, não acha? — pergunto mais firme.

— Acho melhor eu f-ficar aqui... Alicia pode precisar de mim. — seu sussurro é tão baixo que mal consigo entendê-la.

— Ela está bastante ocupada para prestar atenção em você, percebe? — retruco, levantando uma sobrancelha mesmo que ela não esteja me encarando de volta. — Você vem comigo, vamos. — levanto-me e mesmo eu não podendo fazer força ou algo do tipo, puxo Elise que é bem mais leve do que eu pensei.

— Elise, o que está fazendo? — Alicia pergunta séria assim que percebe o movimento. — Parisa, bonitinha, o que...

— Há algum problema se eu roubar sua irmã por algum tempo? — pergunto, cortando-a rapidamente.

Sua voz definitivamente me irrita.

— Não, claro que não. — diz, sorrindo amarelo. — Comporte-se. — sentencia dando um olhar rápido e duro para Elise.

Puxo Elise, cruzando todo caminho pelo gramado molhado até parar na minha mesa. Procuro Trent instintivamente e já o encontro me encarando enquanto fala alguma coisa com Paul. Ele pisca para mim e eu devolvo o gesto.

— Você quer beber alguma coisa? — pergunto a Elise, empurrando-a para se sentar. — Como eu estou grávida, eu preciso me hidratar o tempo todo. — rolo os olhos, rindo em seguida.

— Você está grávida daquele lutador? — indaga, olhando rapidamente para Trent. — Você deve ficar bastante n-nervosa com as lutas...

— Sim, estou grávida dele e acho que já me acostumei na maior parte sobre as lutas. Eu o acompanho desde muito tempo, somos melhores amigos há anos, então é esperado que eu não

fique mais nervosa. — suspiro. — Mas, ultimamente, eu andei ficando muito nervosa sobre as lutas... essa coisa de estar grávida está realmente me desestabilizando.

— Acredito que sim... — sussurra.

Eu e Elise ficamos conversando por bastante tempo. Pamella se juntou a nós em determinado momento e começou a perguntar várias coisas para a mulher e, a única que ela respondeu foi sua idade, que no caso é vinte e cinco anos. Elise é bem mais nova do que eu pensava... talvez isso se deva ao fato dos vestidos longos e escuros que ela usa, além da sua feição cansada.

— A Paris provavelmente tem algo que serve em você, Lise. Não quer tentar usar algo mais confortável? Tenho certeza que esse vestido preto deve estar fazendo muito calor. — Pam oferece e eu concordo, mas Elise não se mexe.

— Eu estou bem assim... — afirma, enfiando uma mexa do seu cabelo atrás da orelha.

— Eu sei que não está. — Pam resmunga, levantando-se e puxando Elise com ela. — Eu vou enfiar ela em alguma roupa sua, amor, já voltamos. — avisa e eu assinto, sorrindo de lado.

Fecho os olhos, relaxando por alguns poucos minutos antes de me levantar para pegar algo para beber. Assim que o faço, no meio do caminho sou abraçada por Trent, que me carrega com apenas um de seus braços. — Você se sente bem? — ele indaga e eu dou uma risada, achando graça por ele sempre estar preocupado comigo.

— Eu me sinto maravilhosamente bem, obrigada. — retruco e entramos na cozinha, onde não achamos mais Roxy.

— Onde sua irmã e a outra mulher se meteram? — pergunta, colocando-me em cima do balcão e caminhando até a geladeira.

— Pam foi pegar algo meu para Elise trocar de roupa... Você deve ter percebido, o vestido preto e longo dela não combina com o espírito do Quatro de Julho. — explico, vendo Trent pegar uma garrafa de água e uma cerveja, aproximando-se outra vez.

— E você está bem com isso? Uma mulher desconhecida usando suas roupas? — entrega-me a garrafa de água e abre sua cerveja.

— Ela não é uma desconhecida. — Trent levanta uma sobrancelha e eu reviro os olhos. — Talvez um pouco, mas ela parece ser uma pessoa legal, diferente da sua irmã...

— Vamos voltar? — pergunta, ficando no meio das minhas pernas e me puxando pela cintura. — Você está indo para a piscina comigo?

Bebo um pouco da minha água, segurando o riso enquanto passo minha mão livre pelos cabelos de Trent. Ele me encara sem ameaçar nenhum sorriso, mas posso dizer que ele está divertido.

— Eu não quero queimar agora, tão cedo. — digo, dando de ombros e fechando minha garrafa.

— Eu posso passar protetor solar em você, querida. — insiste.

— Se você diz, então sim. — concordo e ele me puxa outra vez.

Laço sua cintura com minhas pernas e voltamos para onde os outros estão, com Trent me carregando como sempre. É irritante, mas não quero brigar com ele.



A tarde que tivemos foi cheia de conversa, risada, comida e fotos. Elise voltou com Pamella com um dos meus shorts e regata. Percebi o olhar de Alicia em cima de sua irmã mais nova, mas não deixei que ela se aproximasse e logo puxei Elise para perto de mim outra vez.

Perto das cinco da tarde, todos se arrumaram para ir para outra festa em algum iate. Nos convidaram, mas eu preferi ficar em casa. Arriscar entrar em qualquer tipo de barco que seja definitivamente não está nos meus planos. Trent aproveitou para treinar depois que todos foram embora e eu aproveitei para banhar, arrumar toda sujeira que fizemos e guardar a comida que sobrou.

Amarro meu cabelo e vou para o quintal depois de quase duas horas. De longe vejo Trent trabalhando duro no saco de pancadas. Como sempre, incansável e implacável. Puxo a camisa preta de Trent que estou usando um pouco para baixo e saio para chamá-lo.

— Ei! — exclamo e ele imediatamente para o ataque, virando-se para mim.

Em passos largos Trent se aproxima e me puxa para si.

— Em breve podemos escutar os fogos, vamos ficar aqui? — ele pergunta, amassando a boca na minha rudemente.

— Poderíamos ir para o quarto e ver pela sacada. — sussurro, segurando-me em seus ombros. — Está ficando frio, eu não quero ficar resfriada. Vamos viajar em breve, Trent. — completo.

Nos encaramos bem de perto por longos minutos até ele ceder. Entramos em casa e vamos direto para o segundo andar. Empurro Trent para um banho e enquanto o espero, arrumo nossa cama e vou para a sacada. Esse é provavelmente um dos meus lugares preferidos em toda sua casa. A sacada é grande, há duas poltronas, que Trent me disse na semana passada que uma é sua e uma é minha. Pego a manta que está na mesa de centro, que separa as duas poltronas e vejo um caderno ali em cima, mas não mexo.

Enrolo-me na manta ao mesmo tempo que Trent aparece só de calça de moletom e senta-se em seu lugar. Observo-o pegar o caderno de cima da mesa com um lápis e ele me encara, apontando para suas pernas com a cabeça. Em um pulo rápido, deito em cima dele e me aconchego contra seu corpo quente. Fecho meus olhos e relaxo, escutando Trent rabiscar nas folhas sutilmente. Ficamos em silêncio por longos minutos, até eu abrir os olhos para espiar o que ele está fazendo.

Há um desenho na folha e não é qualquer desenho. Eu não sabia disso, mas Trent sabe desenhar, e muito bem diga-se de passagem.

— O que é isso? — indago, fitando a árvore metade morta e metade viva.

— Uma nova tatuagem. — resmunga de volta, não parando de desenhar por um segundo sequer.

Continuo observando como ele monta e rabisca o desenho, sempre sabendo a proporção certa de cada detalhe.

— Você vai fazer uma nova tatuagem? — volto a indagar, levantando o rosto para encará-lo.

— Sim... estou planejando fazer algumas. — afirma simples, parando de desenhar para me encarar.

— Você sabe tatuar? — eu não controlo minha língua, eu sei, mas preciso saber. Trent assente e eu volto a falar. — Vai tatuar isso em você?

— Não vai ser possível dessa vez. Pretendo pagar alguém para fazê-lo, uma vez que quero colocá-la nas minhas costas. — explica.

Tenho uma ideia imediatamente.

— Eu quero uma. Posso ter uma, por favor? — Trent franze a testa diante minha pergunta.

— Uma tatuagem, baby? Por que quer uma tatuagem? — indaga confuso.

Dou de ombros, pensando em uma boa resposta.

— Você tem tantas... eu quero apenas uma. — sussurro, mordendo meu lábio inferior. — Você pode me tatuar? Pode fazer um desenho para mim?

Trent me olha de olhos semicerrados, mas assente em seguida.

— O que você quer ter tatuado em seu corpo bonito? — grunhe, jogando o caderno para o lado e puxando para longe a manta que está me cobrindo.

— Ei! — reclamo, tentando me mover para pegar a manta, mas Trent me segura firme. — Está fazendo frio, Trent. — bufo.

— Fale sobre a tatuagem. — exige, começando a puxar minha camisa para cima. — Mostre onde quer ter a tinta marcando você. — continua, acariciando minha barriga.

Puxo uma respiração rápida, concentrando-me ao máximo para não perder o controle. Os dedos de Trent passeiam por minha pele, levando correntes elétricas para todo e qualquer lugar dentro de mim.

— Eu não sei onde é um bom lugar para uma tatuagem — admito, fechando meus olhos. — Onde você acha que seria um bom lugar? — o atijo a me dar sua opinião.

Trent ri baixo, lambendo e chupando meu pescoço com pressão. Ele continua passeando

os dedos sobre minha pele, como se agora eles fossem o lápis e eu o papel. — Uma tatuagem no seu quadril seria uma boa ideia, baby. — rosna, pincelando meu quadril suavemente. — Eu adoraria tatuar sua bunda gostosa, mas sei que está fora dos seus limites. — confessa e eu gargalho com ele. — Mas me diga o que quer tatuado em você?

Suspiro e no segundo seguinte Trent, ou melhor, uma de suas mãos, invade minha calcinha.

— Isso não é justo. — reclamo mais uma vez, respirando fundo enquanto ele brinca pacientemente com meu clitóris. — Eu quero o seu nome em mim. — solto rapidamente e Trent grunhe.

— Tipo Sra. Wayne e essa merda? Você será a minha mulher em breve, já quer fazer algo assim?

— N-Não. — gaguejo, respirando com dificuldade. — Eu quero algo como o símbolo Yin-Yang. Dentro da parte branca eu quero escrito **Furor** e dentro da parte preta, eu quero escrito **Trent**.

Trent para seus movimentos e eu reclamo com um gemido baixo.

— O que você quer dizer com isso? Com os nomes? Com o símbolo? Com a tatuagem? — indaga, parecendo ansioso.

Abro meus olhos, encarando os fogos que começam a enfeitar o céu. O barulho é distante, mas a forma como as cores enfeitam o céu é magnífica.

— Significa que eu amo os dois dentro de você. — sussurro, fechando os olhos novamente no momento em que ele volta a mover seus dedos sobre meu ponto quente. — Dentro de alguém ruim sempre há algo bom e dentro de alguém bom sempre há algo ruim. Eu conheço você, Trent, e eu sei o quão instável você consegue ser. Uma hora é Furor, outra hora é Trent, mas sempre que incorpora um dos dois, o outro está lá dentro, guardado no fundo de você. — suspiro, sonoramente alto. — E eu amo isso; amo você todo, amo os dois em você. Isso faz quem você é e eu não serei hipócrita em dizer que amo quando você fica difícil de se lidar, que essa é a minha parte preferida em você, mas se isso é quem você é, nada mais importa. Eu sempre quis isso, sempre quis você para mim e agora que eu o tenho, estou pegando tudo que você tem a me oferecer. Eu amo suas partes boas e ruins, assim como você também me ama. — paro de falar, arqueando as costas ao sentir sua mordida em meu ombro.

— Nada me faz mais estupidamente feliz do que saber que saber que você ama ou, atura as minhas piores partes. Você quer o fodido **Furor** tatuado em você, querida? — rosna e eu me arrumo em seu colo, sentindo sua ereção contra mim.

— Sim, por favor. — sussurro. — Furor é a porra de um lutador, em todos os sentidos e por mais que ele — você — seja impiedoso dentro do octógono, eu sei que é por motivos de força maior... eu sei que é por causa do passado. — inclino minha cabeça e abro os olhos para encará-lo. — Você não é só um lutador e campeão dentro do octógono, Trent. Você também vence fora dele a partir do momento em que não deixa mais que o fantasma do passado o conduza por caminhos de dor e sofrimento — físico e mental. Eu tenho orgulho de ter visto você crescer e amadurecer como um homem destemido e bravo, porque é isso que você é.

— Eu fiz isso por você, querida. Tudo que eu faço e que eu fiz é e sempre foi por você. — ele diz baixo, encarando-me de volta. — Eu vou tentar ser o melhor para você e para o nosso filho, não se preocupe.

— Não tenho dúvidas de que você será o melhor pai que essa criança poderia ter. — mordo meu lábio inferior.

Trent me faz tremer as pernas em poucos minutos, enquanto eu tento olhar os fogos incessantes. Fraca e cansada, encolho-me mais contra ele e acabo adormecendo em seus braços, o lugar onde sempre quero estar.

Capítulo 25

Parisa Cohen

Bocejo, escapando dos braços de Trent e levantando-me da nossa cama. Corro até o banheiro e faço algo que está se tornando uma rotina para mim: vomito. É irritante demais para uma pessoa como eu — que sempre fui saudável na medida do possível — agora estar passando por esse tipo de coisa. Tudo ao meu redor faz eu me sentir mal, menos Trent, e é por isso e muito mais que tento sempre me manter perto dele.

— Você está bem? — escuto-o perguntar e logo após, ele esfrega minhas costas com uma de suas mãos.

Limpo minha boca com minha mão e respiro fundo. Balanço a cabeça, extremamente nauseada. — Eu acho que isso é só o começo... — resmungo com a voz fraca e Trent me ajuda a me levantar do chão. — Esse foi só o segundo dessa semana, provavelmente daqui algum tempo eu vomitarei de dez em dez minutos.

Trent solta um riso baixo e nos encaramos pelo espelho.

— Você não está exagerando um pouco? — ele pergunta, nunca parando de esfregar minhas costas.

Lavo minhas mãos e passo um pouco de água por meu rosto. Eu me sinto horrivelmente péssima. Puxo minha escova de dentes e aplico um pouco de creme dental no objeto, colocando-o em minha boca logo em seguida. — Eu não estou exager-exagerando... — retruco, observando Trent deslizar as duas mãos para a minha barriga. — Ele deve estar fazendo uma bagunça aqui dentro para ficar confortável. — rolo os olhos. — Enquanto isso, a mamãe fica desconfortável.

— Você fica quente demais se chamando de mamãe... acho que vou começar a fazê-lo também — Trent provoca, fazendo-me rolar os olhos mais uma vez. — Quando isso aqui vai crescer? — ele indaga, encarando minha barriga.

— Você já quer me ver gorda? É isso? — pergunto, parando de escovar os dentes e fitando-o séria.

— O quê? Isso é você quem está falando. — ele enuncia, encarando-me com uma cara de “você está ficando louca?” — Eu quero ver você grávida, Parisa. — completa.

— Então, se eu ficar gorda depois da gravidez você não vai mais querer me ver? — jogo outra vez e ele bufa. Seguro o riso, voltando a escovar meus dentes.

— Esses hormônios estão deixando você mais louca do que normalmente já é. — Trent resmunga e eu cerro os olhos para ele.

— Você ainda não viu a louca dentro de mim, idiota. — rosno, lavando minha escova e limpando minha boca.

— Você precisa me mostrar, então... — sugere e eu o empurro com meu quadril.

— Você não merece o meu tempo. — provoco, tirando a camisa que estou usando e indo direto para o chuveiro. — Aliás, é melhor escovar seus dentes e vir se banhar. Temos um voo para pegar e ele não esperará o dia todo por nós.

— Claro que esperará, é para isso que eu pago as pessoas. — rosna, começando a fazer o que eu disse. — É o meu jato, ele não estará saindo sem minha mulher e eu dentro dele.

Dou uma risada, ligando o chuveiro e me atirando debaixo do jato de água gelada. Relaxo instantaneamente, observando Trent escovar os dentes enquanto me encara.

— Sua noiva, você quis dizer.

— O que eu quis dizer, eu disse. Minha mulher. — bufa.

— Sim, qualquer coisa que faça você calar a boca. — zombo, escutando ele rosnar, o que me deixa saber que acabaremos brigando debaixo do chuveiro.



Depois que eu e Trent nos banhamos, saímos do banheiro e fomos vestir nossas roupas que já estavam separadas desde ontem — que foi quando eu arrumei nossas duas malas. Descemos e encontramos os caras na cozinha, conversando e tomando café. Nos juntamos a eles e meia hora mais tarde já estávamos no aeroporto.

— Eu vou ficar um pouco com a Pamella... — aviso Trent assim que entramos no seu jato particular. Ele assente, mas me puxa pela cintura. — O que foi?

— Não demore tanto... — sentencia, selando nossos lábios e eu acabo sorrindo entre o beijo.

— Não vou. — afirmo, separando nossas bocas depois de alguns poucos segundos.

Tomo um lugar ao lado de Pamella, que não para de sorrir animada. Nós começamos a conversar e continuamos por minutos até virem avisar para nós colocarmos o cinto, pois o jato já estava indo decolar. Quando já estamos seguramente no ar, deixamos passar alguns minutos antes de soltarmos o cinto outra vez.

— Quando você e o Trent pretendem se casar? — Pam pergunta curiosa, sorrindo abertamente com provavelmente mil e uma ideias na cabeça.

— Nós ainda não sentamos para conversar sobre isso, mas acho que depois da gravidez — dou de ombros. — Agora temos o Circuito e em alguns meses eu devo voltar para a faculdade... eu e ele temos realmente que conversar sobre muitas coisas. — afirmo, pensativa.

— Eu posso ajudar você com os preparativos e, claro, a mamãe também. — retruca.

— Com certeza a mamãe vai querer fazer isso. Ela ficou tão feliz com a notícia da gravidez e do casamento. — enuncio e nós duas rimos. — Vamos obviamente fazer uma visita a

ela quando pararmos em Seattle. Oh, sem esquecer do Oliver...

— Aposto que ele vai dizer que engravidará a Fable, você sabe... ele tem essa coisa de competição. — gargalho, segurando minha barriga.

— Sim, ele com certeza vai falar isso!

É bem a cara do Oliver.

Observo Trent ir até os caras que estão mais à frente conversando animados. Continuo a conversar com Pamella por longos minutos, antes de eu começar a ficar enjoada mais uma vez.

— Vou beber um pouco de água e descansar. — digo a minha irmã e ela assente em compreensão.

Caminho até meu lugar e de Trent no final do corredor e me sento na poltrona perto da janela. Olho a altura a que estamos e meu enjoo intensifica em um estalar de dedos. Viro minha cabeça para o outro lado e procuro minha garrafa de água, não demorando tanto para achá-la. O primeiro gole queima por minha garganta, eu não sei por qual motivo, então meu estômago começa a embrulhar com força.

Antes que eu possa chamá-lo, Trent aparece e toma seu lugar ao meu lado, puxando-me para si. Tento relaxar, mas isso parece ser uma missão impossível. Talvez eu não devesse ter olhado a altura pela janela, mesmo levando em consideração de que eu nunca tive medo de altura.

— Eu me sinto horrível. — sussurro, escondendo meu rosto no seu pescoço e inalando profundamente o seu cheiro. — Quero terra firme, por favor... — choramingo.

— Temos mais duas horas e alguns minutos de voo, querida. Você tem que aguentar um pouco. — sentencio e eu solto um gemido em frustração. — O que eu posso fazer para te entreter?

Mordo meu lábio para conter meu riso, fitando-o avidamente. Seu olhar cintila e eu vejo desespero dentro dele, mostrando-me que ele está mais preocupado do que me deixa saber.

— Que tal você dançar para mim? Então, vá tirando suas roupas e tudo mais, como em um filme que eu assisti. Magic Michael, Miguelli, Mickey... eu não lembro o nome, mas é algo desse tipo. — sugiro interessada e Trent cerra os olhos para mim.

— Você andou assistindo pornô, Parisa? — indaga ameaçador e eu gargalho.

— Não era pornô! — exclamo e Trent captura meus lábios asperamente, beijando-me com fúria e possessividade. — Eu posso falar? — pergunto tentando fugir dele, mas Trent me tem firme em seus braços.

— Vá em frente, atijadora de pau. — retruca entre dentes e eu levanto uma sobrancelha.

— O que é esse novo apelido? Faz eu me sentir como uma vadia, seu grande idiota! — digo, dando um tapa na sua bochecha direita, mas ele não se importa. — O filme é sobre um cara que basicamente é um gogo-boy... esse tipo de coisa. Não é um pornô e eu não sou uma atijadora

de paus. — rolo os olhos.

Trent parece estar segurando o riso enquanto me observa. Ele tem essa coisa de me irritar com poucas palavras, Cristo! Eu poderia matá-lo nesse momento.

— Eu disse atijadora de pau, não *paus*. O único para quem você deve satisfação é o meu pau, Parisa. Nada de terceiros. — grunhe e eu o encaro incrédula. — E eu não vou dançar. Essa coisa de dança não é comigo, sugira outra coisa. — cruzo meus braços sobre meu peito.

— Mas eu queria vê-lo dançando para mim... — tento mais uma vez, mas ele apenas levanta uma sobrancelha ironicamente, fazendo-me bufar. — Certo... que tal uma música? Você pode cantar para mim? — indago esperançosa.

— Você está brincando? Peça-me para te chupar, mas não me peça para cantar. — enuncia entre dentes.

— O quê? Você não vai cantar para o nosso bebê quando ele estiver chorando sem parar? Pais fazem isso... finja que eu sou o bebê e que eu estou chorando histericamente. — comando, mordendo meu lábio inferior para segurar o riso que ameaça escapar da minha boca novamente.

— Sabe, às vezes você é muito estranha, Parisa. — Trent diz, encarando-me como se tivesse querendo ler minha mente. — Eu posso tentar cantar para o bebê, mas para você não. Você já está bem crescida para me pedir para fingir que você é um bebê.

— Você está me magoando assim! — exclamo, jogando a cabeça para trás e fechando meus olhos.

— Vocês estão fazendo sexo? Eu posso assistir? — Mike exclama de longe e os outros gargalham, inclusive eu.

— Vai se foder! — Trent esbraveja de volta. — Conte-me coisas sobre você e eu farei o mesmo. É um bom passatempo. — murmura para mim e eu aceno positivamente, animada em saber mais de Trent.

— O que você quer saber de mim? — pergunto incerta do que devo falar a ele.

— Quantos filhos você quer ter? — indaga e eu rolo os olhos, rindo de sua pergunta.

— Acho que um é o suficiente para me fazer querer arrancar os cabelos. E você? — rebato e Trent abre um sorriso de lado presunçosamente.

— Poderíamos ter mais quatro ou cinco, não acha? — balança as sobrancelhas sugestivamente.

— Claro que podemos, se você for parir os outros quatro ou cinco bebês. — atiro ironicamente, incrédula com sua resposta. — No dia em que eu virar um buraco de sair bebês, eu te aviso para você encomendar outros. — Trent gargalha.

— Mas, querida, nossa filha vai ficar sozinha? Ela precisa de mais irmãos para brincar e tudo mais. — explica, como se eu fosse retardada.

— Ela terá amigos para brincar na pré-escola e depois na escola, Trent. Oh, e quando ela estiver em casa, você vai ser um ótimo pai e vai brincar com ela o tempo todo. — enuncio, tentando manter minha calma.

— Eu prefiro ter mais filhos e deixar que minha filha brinque com os próprios irmãos, do que deixar ela brincar com crianças que eu não conheço. — diz, como se fosse um especialista.

— São crianças, Trent, não monstros. Crianças como a nossa filha será uma. — falo perplexa. — Ela ainda nem nasceu e você já está querendo protegê-la, percebe? Acho que a menina vai acabar traumatizada e sem amigos. — provoco.

Trent bufa, encarando-me como se eu fosse louca, mas quem está sendo louco é ele. — Você quer um cachorro ou mudar de casa? — pergunta, mudando o assunto antes que nós comecemos a discutir.

— Eu não sei se ter um cachorro seria uma boa ideia no momento. Depois que nosso bebê nascer, talvez sim. E mudar de casa? Acho que não... eu já me acostumei com a sua mansão solitária. — dou de ombros, fechando os olhos e inclinando minha cabeça para trás outra vez. — E quanto a você?

— Eu sempre quis ter um cachorro, mas acho que não saberia cuidar de um. — confessa. — Sobre a minha mansão solitária, ela não é mais tão solitária assim.

Sinto sua respiração bater no meu pescoço e abro um sorriso, colando minhas pernas uma na outra em antecipação. Trent lambe uma linha em meu pescoço e eu tenho que morder meu lábio para não gemer.

— V-Você quer se casar em que lugar? — sussurro, passando a língua entre meus lábios, enquanto tento ficar quieta diante sua provocação.

— Não sei, tanto faz. Contanto que você apareça estupidamente bonita, pronta para ter meu sobrenome adicionado em seus documentos, tudo bem para mim. — ele morde meu pescoço, chupando a pele sensível e enviando arrepios de prazer por todo meu corpo. Ele repete isso por mais quatro vezes, fazendo-me exalar asperamente. — Acho que eu deveria te entreter assim, certo? — Trent enfia uma de suas mãos dentro do meu vestido e começa a esfregar meu clitóris pelo tecido macio da minha calcinha.

— Você joga tão s-sujo... — resmungo, empurrando meu quadril em direção aos seus dedos.

— E você gosta. — afirma convicto.

Oh, sim, é claro que eu gosto.

O calor que se reúne no meio das minhas pernas e o tecido da minha calcinha que já começa a ficar molhado deixa bem claro que eu gosto do seu jogo sujo.

— Você sabe o quê? — grunhe, afastando a minha calcinha para o lado e deslizando seus dedos até minha umidade e trazendo-a para revestir meu clitóris. Mordo meu lábio com força, contorcendo-me tanto que sinto meu corpo reclamar. — Eu gostaria que estivéssemos no nosso

quarto, então eu deixaria você deitada sobre seus peitos bonitos só para eu te chupar olhando sua bunda gostosa. — beija meus lábios, engolindo para si o gemido que eu solto.

Trent não aumenta a velocidade dos seus movimentos e eu posso arriscar em dizer que ele está se divertindo em me ver arfando quase que descontrolada e sacudindo meu quadril para mais contato. Ele se move firme, mas lentamente sobre minha carne úmida enlouquecendo-me aos poucos. — Pare de me torturar. — exijo entre dentes.

— Isso não está gostoso? — indaga e eu aceno positiva e negativamente ao mesmo tempo. — Você quer gozar, é isso? — continua, se divertindo às minhas custas e eu arqueio minhas costas, acenando apenas positivamente dessa vez. — Então me peça.

Abro meus olhos, fitando-o ofegante.

— Eu não v-vou pedir, imbecil. — afirmo e seus movimentos que já estão lentos, param de uma só vez.

— Você não vai pedir? — pergunta, levantando uma sobrancelha.

— Não. — dou de ombros, tentando me recompor, mas eu realmente preciso me aliviar.

Ele colocou essa carga sexual em mim que eu não estava precisando no momento e agora ainda vem falar que eu preciso pedir para que ele me faça gozar.

— Então boa sorte. — retruca.

Irritada, jogo-me na minha poltrona, esfregando minhas pernas uma na outra. Trent continua me encarando, provavelmente esperando que eu volte atrás, mas se ele não quer fazer por mim, eu mesma faço.

Tiro minhas botas, jogando uma propositadamente em cima de Trent e viro para ele. Com uma interrogação quase que explicitamente no meio de sua testa, ele me encara em expectativa. Assim como ele fez, afasto minha calcinha para o lado e pela primeira vez na minha vida inteira, eu me toco ali na sua frente. Suas pupilas dilatam e seus olhos escurecem, fazendo eu me sentir mais sensível do que eu já estava. Não sei se isso pode parecer errado, mas eu sinceramente não me importo. Os olhos famintos de Trent me deixam estupidamente excitada e o medo de alguém aparecer onde nós estamos adiciona uma grande carga de adrenalina em mim.

— Puta que pariu... — ele pragueja e eu reprimo um sorriso, enquanto mordo meu lábio inferior.

Diferente de sua tortura, o que eu faço comigo é rápido. Imito tudo que ele já fez outras vezes quando me tocou e supro minha própria excitação. Meus pensamentos nublam, minha visão fica turva e minha respiração se torna mais difícil ainda. Não sei em que momento acontece, mas sinto minhas pernas tremerem e formigarem, fazendo-me sacudir o quadril, mas nunca desviar meu olhar do de Trent.

Aproximando-se de mim, Trent puxa minha mão, coloca meus dedos molhados dentro de sua boca e eu deixo um sorriso escapar.

— Assistir você se masturbar é quase tão bom quanto eu mesmo fazendo isso por você

— ele rosna, sua voz sai rouca e áspera, como se sua garganta estivesse doendo. — Acho que não devo mais negar a porra de um orgasmo para você, certo?

— Certíssimo. — sussurro divertida e menos irritada com ele.

— Inferno, você é muito gostosa, porra! — Trent esbraveja, beijando-me outra vez enquanto escuto a risada distante dos outros.

Capítulo 26

Trent Wayne

Solto um sorriso, escutando Parisa reclamar enquanto lidera o caminho para o nosso quarto na suíte presidencial do melhor hotel do Colorado. Ela continua reclamando sobre como poderíamos estar em um quarto menor e economizar dinheiro, uma vez que precisaremos para gastar com nosso bebê e com as coisas do nosso bebê. Admito, eu estaria preocupado sobre dinheiro há sete anos, mas agora não. Parisa não entende que dinheiro não é um problema para mim — *não mais*.

— Você poderia relaxar um pouco, querida. Isso faz mal para a criança — resmungo assim que entramos no quarto que dividiremos durante todo o resto da semana. — O que acha de tomar um banho agora? — encosto as malas na sala ampla da suíte.

— Eu não quero banhar, eu quero comer — retruca, jogando sua mochila no sofá. — Podemos comer? Eu estou morrendo de fome. — coloca as duas mãos no quadril.

— O que você quer comer? — pergunto, tirando meu celular do bolso, pronto para enviar uma mensagem para Jaz conseguir alguma coisa para Parisa, mas ela puxa o celular.

— Vamos sair um pouco, para de agir como um bebê que tem tudo nas mãos — ela provoca, tentando se afastar de perto de mim, mas eu a puxo antes que ela o faça.

— Você está sendo completamente malcriada. — rosno, apertando sua bunda debaixo do tecido do vestido. — E vem agindo assim desde aquele momento em nossa viagem. — puxo seu lábio inferior entre meus dentes, enquanto ela ri.

— Eu não ligo para o que você pensa sobre mim. — diz, piscando para mim.

Nós saímos outra vez, Parisa sorrindo como nunca vi antes. Talvez essa coisa da gravidez esteja deixando-a menos preocupada agora. Seguro sua cintura, mantendo-a sempre próxima a mim. Assim que chegamos no térreo, encontro Jaz e pego a chave do carro com ele. Entramos no carro e Parisa devolve meu celular. Procuo algum restaurante, antes de dar partida e assim que eu acho um que pareça ser bom e ofereça comida saudável e fresca, começo a dirigir.

Parisa, durante todo o caminho, ficou batucando inquietamente em suas pernas e sempre que eu tive a chance, segurei sua mão. Não faço qualquer ideia do que está deixando-a tão inquieta, mas obviamente não gosto nada disso. Não quero que ela fique preocupada ou seja lá o que for que esteja acontecendo em sua cabeça, quero que ela fique como estava há poucos minutos. Parisa tem que estar bem e sem preocupações, tanto por sua saúde quanto pela saúde do nosso filho.

Estaciono o carro em uma das poucas vagas do restaurante estupidamente lotado e Parisa solta seu cinto de segurança apressadamente.

— O que está acontecendo com você? — indago, soltando meu cinto e segurando sua

mão para impedi-la de sair do veículo.

Parisa respira fundo e me encara pesarosamente.

— Eu estava pensando sobre o nosso bebê... — seu sussurro é quase inaudível.

— O que está te preocupando sobre isso? — continuo as indagações, completamente confuso com seu comportamento.

— Eu não quero que você pare com a sua carreira no Circuito, mas como vamos lidar com o bebê quando for a próxima temporada? — questiona, apertando minha mão com força. — Eu sei, eu vou ter que parar de ir à faculdade por alguns meses, mas e depois? Não sou do tipo de mulher que nasceu para ficar dentro de casa, vestir um avental e ser a famosa mãe de família dos séculos passados. Vou querer continuar com meus estudos, vou querer me formar e trabalhar, Trent...

— Eu nunca esperei que parasse de estudar ou trabalhar, mesmo que não precise disso. Talvez eu seja estúpido por pensar assim, baby, mas não consigo pensar de outra forma. Eu dou e sempre dei duro todos os dias da minha vida desde que eu te conheci, porque — porra! — sempre desejei tê-la ao meu lado e, se caso fosse minha algum dia, eu gostaria de te dar do bom e do melhor, querida. — afirmo, sendo sincero com ela sobre o que eu penso. — Vamos lidar com isso. Sei que seu pai vai nos ajudar, também tem a sua irmã e os caras. Somos uma família e, na família, um ajuda o outro.

Ela me dá um sorriso ladino, parecendo aliviada por ter escutado minhas palavras e selado nossos lábios. Aproveito-me de sua deixa e deslizo minha língua para dentro de sua boca. Nosso beijo é calmo, como se estivéssemos selando um acordo.

— Vamos comer agora, por favor. — pede, assim que separa nossas bocas.

— Tudo bem, mulher faminta, vamos comer. — falo, reprimindo um riso e ela me acerta no braço com um soco. — Agressiva, gatinha. Sei como amansar a fera..

Ela levanta uma sobrancelha, desafiando-me.

— É mesmo? Como?

— Ocupando sua boca bonita e te dando algo para chupar. — rebato.

Parisa volta a me acertar e abre a porta do carro, saindo e virando-se para me encarar.

— Se acha que hoje estará recebendo um oral, acredite, você vai ser punido pelas palavras que acabou de dizer e oral será a última coisa a ter essa noite. — avisa e meu sorriso apenas escapa sem querer. — Aliás, gatinha é o caralho!

Gargalho, saindo do carro e indo atrás de Parisa. Assim que estou ao seu lado, beijo o topo de sua cabeça e passo meu braço por sua cintura. Entramos no restaurante e eu peço a mesa mais reservada do estabelecimento para nós dois.

Somos guiados para o fundo do restaurante e logo que o homem nos deixa, arrasto a cadeira para ficar sentado ao lado da minha mulher.

— Espero que os fãs não estejam tão afoitos nessa temporada — Parisa resmunga, enquanto compartilhamos o menu. —, e com fãs, eu quero dizer marias-tatame.

— Não se preocupe, nenhuma delas está carregando meu bebê ou se compara a você e sua bunda de mulher grávida. — ela ri, balançando sua cabeça negativamente. — Sabe, você grávida é a melhor coisa que poderia ter acontecido, exceto pela parte que não podemos transar até uma segunda ordem da Doutora...

Minha voz vai sumindo gradativamente e Parisa inclina o rosto para me fitar.

— O quê? — indaga, fazendo-me sorrir de lado.

— A não ser que você queira liberar o outro burac...

De repente, ela solta o menu e explode em risadas, enquanto tapa minha boca com suas mãos. Nós rimos juntos e eu levo uma mão até seu rosto, para enxugar uma lágrima que escorrega por sua bochecha esquerda.

— Você nunca, eu disse nunca, vai comer a minha bunda, seu porco. — ela sussurra no meu ouvido e eu rosno, puxando suas mãos para fora do meu caminho.

— Nunca diga nunca. Quando menos perceber, você vai querer liberar para mim. — retruco.

— Eu acabei de descobrir que a abstinência te deixa mais tarado que nunca. — ela afirma, encarando-me incrédula e eu apenas dou de ombros.

— Eu preciso transar para gastar a energia que sobra em mim, querida. Você sabe...

— *...eu sempre tenho energia de sobra.* — falamos em uníssono.

Parisa volta a rir e dá um tapa na minha perna, o que estranhamente acorda meu pau. Eu, sinceramente, preciso achar alguma distração. — Se você subir um pouco mais a sua mão, fará um grande favor para mim. — comento calmo, mas ansioso.

— Você precisa comer para extravasar, e eu não estou no cardápio.

— O que é uma grande pena. — resmungo.

— Cala boca.

Parisa finaliza nossa conversa por ora, logo que levanta seu braço para fazer nosso pedido. Deixo que ela escolha o que quer comer e acabo acompanhando-a com o mesmo.



Soco, soco, joelhada.

Repito a sequência incansavelmente.

Meu corpo está sobrecarregado com uma estúpida energia que nunca senti antes. Talvez

seja pelo fato de Parisa estar me acompanhando nessa temporada e isso ter me dado mais fôlego para ganhar, mais motivação. Merda, com toda certeza isso deve-se ao fator Parisa. Afinal, por quem mais seria?

— Ei, cara! — Max me chama e eu finalmente cesso o ataque.

Corri meu olhar pela academia do hotel onde estou treinando desde que voltei do almoço com Parisa, e a encontro do outro lado do local. Ela ri, acertando Mike, que parece reclamar logo após. Decidi que ficaria pelo hotel depois que Parisa ficou um pouco indisposta e enjoada. A academia que eu reservei fica longe daqui, se ela passasse mal eu demoraria para chegar e, mesmo sabendo que Pamella estaria junto dela, eu que quero ser o único a socorrê-la. É meu dever cuidar da minha mulher.

— O que foi? — pergunto, pegando minha garrafa de água da mão de Paul, que para ao meu lado.

Observo Jaz com os outros seguranças do outro lado do salão, perto de Parisa e volto a encarar Max.

— Shark está hospedado aqui também. — avisa e eu tomo um gole longo. — Instruí Jaz e os outros a ficarem perto de Parisa.

— Filho da puta. — cuspo, irritado.

— Ele vai querer te tirar do sério, mas é só fazer o de sempre, ignorar. — Paul entra na conversa.

— Eu não tenho estômago para ignorar, Shark. Eu quero acabar com ele. — afirmo.

— É melhor se controlar, uma vez que Parisa está aqui e que o estado da gravidez dela não é tão bom assim. Não é mais só por você, Trent, é por ela e seu filho. — Max joga, dizendo-me a verdade como sempre.

Balanço minha cabeça positivamente.

Tenho que fazer isso por Parisa e por nosso filho.

Por eles, eu consigo.

Jogo a garrafa para Paul e atravesso o salão, indo direto até Parisa, enquanto tiro minhas bandagens. Paro atrás de Mike, que está fazendo palhaçada em frente as duas irmãs e o empurro para o lado.

— Porra, que susto! — Mike exclama e eu reviro meus olhos.

O sorriso de Parisa diminui, mas não some. Abaixo-me em frente a ela e ela se inclina na minha direção.

— Tudo bem? — sussurra, passando suas mãos por meu cabelo ensopado. — Já finalizou com o treino? Pensei que ficaria por mais algum tempo...

— Vamos subir? — indago, puxando suas mãos e beijando o dorso de cada uma. — Eu

estou cansado, amanhã vamos sair cedo, seria bom se descansássemos um pouco. — concluo.

Parisa assente sem questionar mais. Levanto-me e deixo ela se despedir de sua irmã, enquanto me aproximo de Jaz.

— Fique de olho em qualquer movimento suspeito — comando baixo, observando Parisa se aproximar de mim.

— Nada vai sair do controle. — Jaz murmura.

Parisa me alcança e eu seguro sua mão. Saímos da academia e vamos direto até o elevador. Posso escutar os burburinhos das pessoas por onde passamos, mas não é como se eu me importasse.

— Você vai entrar no banho comigo? — pergunto assim que estamos sozinhos no elevador.

Abraço seu corpo por trás, afastando seu cabelo com uma das mãos e beijando seu pescoço. Parisa ri, inclinando sua cabeça para o lado e empurrando sua bunda contra minha virilha.

— Se for para apenas um banho, tudo bem. — retruca.

— Até parece que você quer só banhar... esfregando-se toda em mim dessa forma, parece mais que quer foder. Se foder ou me foder, eis a questão... — resmungo em seu ouvido, mordendo e lambendo a ponta da sua orelha.

— Trent... — alerta.

O elevador para e nós saímos juntos. Aproveito para carregar Parisa em meus braços e deixá-la abrir a porta para nós dois. Assim que estamos dentro do nosso quarto, começo a beijá-la e pressionar levemente o meu corpo contra o seu.

— Se continuarmos dessa forma, em dez anos eu vou estar toda fodida, no sentido literal, e com uma casa cheia de bebês, Trent. — Parisa reclama, enquanto subo seu vestido.

— Se forem todos meus e se tivermos tempo para fazer mais alguns, eu quero. — retruco, beijando seu ombro enquanto termino de me livrar da peça.

Tiro minha bermuda de treino e pego Parisa com cuidado mais uma vez. Ela laça minha cintura com suas pernas, segurando-se em meus ombros e beijando-me por todo lado. Eu gosto, não vou mentir. Gosto pra caralho. Tudo que Parisa faz é bom.

— Você acha que eu teria o bebê de outro homem? — ela provoca e eu bufo, abrindo a porta do banheiro e ligando a luz do cômodo.

— Nem mesmo brinque com isso.

— Foi você quem começou. — defende-se, rindo.

Entro na banheira de hidromassagem e solto seu sutiã, deixando-a que se livre de sua calcinha enquanto eu puxo minha boxer para baixo.

— E você? Engravidaria outra mulher? — Parisa pergunta, afastando-se e encostando-se do outro lado da banheira. — Uma dezena horrenda de mulheres estavam olhando você hoje na academia, confesso que fiquei com ciúmes, como sempre.

Arqueio uma sobrancelha.

— Eu gosto quando você fica com ciúme, querida...

— Cala boca. — resmungo, amarrando o cabelo com o elástico em seu braço. — Se eu fosse uma pessoa descontrolada, nenhuma delas teria dentes nas bocas nesse momento para sorrir para você. — dá de ombros.

— É mesmo? — pergunto irônico e ela me olha feio. — Eu gosto de você toda agressiva, principalmente quando usa isso na cama. Contudo, a cama não é uma opção para nós nesse momento.

Seguro um dos pés de Parisa e começo a fazer massagem para relaxá-la. — Podemos falar sobre outra coisa? — pergunta, deixando sua cabeça cair sobre a borda da banheira.

— Sobre o que você quer falar?

— Quando vamos comprar as coisas do nosso bebê? E sobre o casamento... você estava falando sério? — questiona, parecendo receosa.

— Você ainda duvida? É claro que sim. Se você quisesse, voaríamos nesse exato momento e nos casaríamos em Vegas. — Parisa me encara e cerra os olhos. — Mas sei que não quer algo assim. — defendo-me. — Quando a temporada acabar, vamos organizar tudo como você quiser.

— Não quero nada grande, você sabe. Essa coisa de entrar na igreja toda de branco, véu, buquê, essas coisas... isso não é minha praia. A única coisa que quero, é que minha mãe esteja presente, assim como Will, Oliver e Fable também. — confessa.

— Qualquer coisa que você quiser. — afirmo. — Agora sobre as coisas do bebê, acho que seria bom se esperássemos para saber o sexo. Não acha? — ela sorri de lado.

— Eu estou estranhamente animada para isso, embora eu ache que não teremos dimensão da nossa responsabilidade até a criança estar em nossos braços. — comenta.

— Concordo. — resmungo, puxando seu outro pé. — Mas ainda assim, estou pronto para lidar com isso.

Parisa me olha, derrotada.

— Você é sempre tão confiante que faz eu me sentir mal por estar com medo de um bebê inofensivo. — geme, entre dentes.

— Você não precisa ficar com medo, afinal estaremos juntos. Eu só estou confiante, pois estamos juntos, Parisa. Deveria tentar se sentir dessa forma também. — explico, paciente.

— Eu vou tentar, prometo. — ela pisca para mim. — Agora, por favor, tranquilize-me e diga que vai nocautear todo e qualquer lutador que você tiver que lutar contra.

Solto um riso, puxando-a por seu pé.

— O que eu vou ganhar com isso? — indago, abraçando-a por sua cintura com um dos meus braços enquanto dedilho seus lábios cheios com meus dedos da mão livre.

— Menos socos do que geralmente ganha de mim. — diz, sugando meu indicador entre os lábios.

Minha ereção incha e eu rosno.

— Eu imagino sua boca chupando outra coisa... — Parisa ri e morde a ponta do meu dedo.

— Vamos terminar o banho e talvez eu te ajude com suas bolas azuis. — sussurra, beijando meu queixo e seguindo para o meu pescoço.

— Graças a porra, sim! — falo, antes de levá-la até o chuveiro para tomarmos o banho mais rápido da história.

Capítulo 27

Parisa Cohen

Levanto em um pulo, correndo até o banheiro e caindo no chão de joelhos em frente ao vaso sanitário. Sem controle da minha boca, acabo vomitando tudo que comi hoje mais cedo. A minha barriga remexe e eu sinto um calafrio forte perpassar por todo meu corpo, mas consigo manter-me firme. Eu sei, eu não deveria ter comido tanta coisa no café-da-manhã, mas meu bebê continua sugando toda minha energia e fazendo-me ficar tanto cansada, quanto faminta.

Limpo minha boca com o dorso da minha mão e levanto-me, tonta pra caramba, mas consigo me segurar na pia e dar descarga.

— Você está bem? — Pamella pergunta, exasperada, e eu dou uma risada.

Abro a torneira da pia e começo a me limpar. Passo água por todo meu rosto e por minha boca, puxando minha escova de dentes para colocar um pouco de creme dental nela. Começo a escovar meus dentes, enquanto Pam esfrega suas mãos por minhas costas, provavelmente querendo fazer com que eu me sinta melhor, mas isso não funciona muito.

Termino de escovar meus dentes alguns minutos depois e deixo minha escova no suporte, voltando para dentro do quarto com Pamella. Hoje mais cedo, quando eu estava tomando café-da-manhã com Trent e os caras, que apareceram de surpresa no nosso quarto quando o serviço de quarto chegou, eu comi literalmente como Trent. Os caras ficaram me provocando e provocando Trent, mas eu não liguei tanto. Eu ainda estava me sentindo bem. Quando estava me arrumando para sair com Trent para a academia, como fizemos nos últimos dois dias, foi quando as coisas começaram a remexer em minha barriga e eu comecei a passar mal. Trent quis ficar, mas eu pedi para ele apenas chamar Pamella e ir para seu treino. Desde então, a cada vinte minutos, Max me liga para checar como eu estou.

— Você quer alguma coisa? — Pam pergunta, prestativa como sempre.

— Eu ainda não sou uma inválida, Pam. — provoco, sorrindo de lado e empurrando-a para a cama.

— Eca, o ninho de amor de você e do Trent não! — exclama, levantando-se em um pulo, enquanto pego uma garrafa de água.

— Ninho de amor? — alfineto e ela revira os olhos.

— Sim, algo tipo isso...

— Se Trent ouvisse você falando isso, ele ia falar algo um pouco mais pesado, sabe... Ele não é o melhor dos poetas. — Pamella levanta uma sobrancelha, curiosa. — Seria algo do tipo “está mais para onde eu faço realmente a refeição que me dá energia para o treino” ou “essa cama é a minha mesa, onde tenho meu prato principal e sobremesa”.

Pamella faz uma careta e eu gargalho.

— Céus, que horror! — exclama, mas acaba rendo-se e rindo comigo. — Assim

parece que ele te trata como se você fosse um pedaço de bife ou uma fatia de pizza irresistível. — reclama.

— Na maioria das vezes é engraçado, às vezes eu me irrita e espremo as bolas dele nas minhas mãos até ele me imobilizar. — dou de ombros. — Mesmo que ele fale essas coisas para mim, eu e ele sabemos que é apenas uma brincadeira.

— Vocês dois são ambos agressivos e nada românticos. — diz, dando de ombros.

— Se fosse diferente, não funcionaria. — finalizo nossa conversa, deitando-me no colchão macio e puxando Pam comigo, mas dessa vez ela não reclama.

Durante as próximas horas fico conversando com Pamella sobre bebês e coisas desse tipo, enquanto folheamos revistas de crianças que ela trouxe consigo e pesquisamos inúmeras coisas na internet. Vou mostrar pelo menos metade das coisas que achamos úteis, para Trent, já que a maioria vai nos ajudar muito.

Levanto-me e vou até o frigobar, pego meu pote de pickles e o de pasta de amendoim. Felizmente, essas são as duas únicas coisas que estão descendo sem causar maiores danos. Tenho certeza que meu bebê vai amar pickles, assim como eu. Meu celular começa a tocar e Pam atende, enquanto deito-me novamente ao seu lado, escutando um tom familiar do outro lado.

— Ela está bem, não precisa se preocupar, eu sou a melhor e mais cuidadosa irmã do mundo inteiro. — Pamella atira.

— Não adianta você falar que eu estou bem, ele só vai acreditar se ver com os próprios olhos. — aviso a Pam, que está no telefone com Trent e ela ri, fazendo uma careta.

— Ele quer falar com você. — Pamella me dá o meu celular de volta.

— Lutador... — resmungo, pegando minha água que está na mesa de cabeceira e tomo um pouco dela.

— Você esteve vomitando? Eu disse que era para me chamar se algo além do mal-estar acontecesse. — dispara, parecendo ofegante do outro lado da linha. — Vou finalizar o treino mais cedo...

— Trent, mas você...

— Tem luta essa noite, querida, de uma forma ou de outra eu já iria finalizar o treino mais cedo. — retruca, cortando-me. — Vou falar com Roxy e pedir para ela ajudar-me a controlar sua alimentação e levarei nosso almoço, tudo bem? Eu preciso da minha mulher saudável para ficar ao meu lado. — Trent tira uma risada minha.

— E eu preciso do meu homem em seu perfeito juízo mental para não enlouquecer de vez. — replico, escutando-o rir também. — Tente se preocupar menos, eu ainda estou viva, menino mau.

— Ainda o caralho, não comece a falar merda para mim enquanto estou longe. Você não quer que eu te dê uma lição quando chegar no nosso quarto. — ameaça entre dentes.

— Não me venha com lições, você está tentando arrumar uma desculpa para se aproveitar de mim.

Desligo a chamada e jogo meu celular em cima da cama. Talvez Trent fique com um pouco de raiva, mas apenas talvez... Posso apostar que ele vai me punir assim como disse e eu espero que isso faça eu me sentir melhor do que estive por toda manhã.



O almoço veio e meu tempo com Trent antes da luta também. Nós dois passamos uma hora deitados depois do almoço extremamente saudável e regrado que ele trouxe para nós dois. Durante esse tempo, pude implorar para ele não deixar que os outros o acertassem e tomar mais cuidado nas lutas por conta das novas regras do Circuito. Ele disse que faria o possível e que teria as coisas sob controle. Eu acreditei, e assim aconteceu.

Trent não teve piedade alguma nas três lutas da noite. Ele foi acertado inúmeras vezes, mas todas as lutas foram finalizadas com maravilhosos nocautes. Eu vibrei, fiquei nervosa e gritei tanto com Trent que estava no octógono, quanto com os caras. Mike ficou ao meu lado, juntamente com Lucas e Pam, enquanto Max e Paul ficaram na área de técnicos e equipe, com um médico e seguranças.

Agora, finalmente, deixamos a arena lotada. Trent tem seu braço esquerdo ao redor da minha cintura, enquanto descansa a cabeça em meu ombro. Eu posso sentir a energia dele pulsante no ar. Ele não está esgotado, e é por essa razão que decidimos juntos, ir à festa que começará em um pub no centro da cidade. Toda festa foi organizada pelo Circuito e Trent é o convidado mais especial e requisitado.

Afago os fios bagunçados do seu cabelo loiro, adorando a sensação de sua respiração quente em meu pescoço. Ele começa a beijar meu pescoço, provocando meu riso baixo. Puxo sua cabeça para cima por seu cabelo e fitamo-nos intensamente. Seu olhar é selvagem e quente. Isso me aquece.

— Eu adoro esse vestido azul. — murmura, pousando sua mão direita em uma das minhas coxas. — Você fica sexy e me dá vontade de comer você por inteira, no meu ritmo. — continua, enquanto ondas quentes lançam-se por todo meu corpo. — É realmente uma pena não podermos foder ainda, baby, mas assim que isso for possível, lá eu estarei tomando você da melhor forma que eu conseguir... — ele aproxima o rosto do meu e escova seus lábios finos em cima dos meus, aproveitando para puxar o inferior entre seus dentes.

— Conto com isso, menino mau.

Trent ri e isso faz um incômodo instalar-se em minha intimidade. O som de sua risada é raro e rico, extremamente profundo e maravilhoso. Eu amo quando Trent ri para mim, isso faz com que eu me sinta única e querida por ele.

— Você pode contar com o que quiser, baby. Não podemos foder ainda, mas da minha

boca você não escapa. — avisa.

— Extremamente lisonjeiro, certo? Devo retribuir o favor? — indago, divertida e ele estreita os olhos em minha direção.

— É sempre bom retribuir o bem para as pessoas que nos fazem bem. — mordo meu lábio, reprimindo minha risada.

— Isso não combina nada com você, sabia? — comento, despreocupada.

— Que seja. — murmura, antes de descansar sua cabeça outra vez em meu ombro e esconder-se entre meu cabelo curto.

Não demoramos para chegar no pub e assim que estamos lá, encontramos o pessoal na entrada e vamos todos juntos para dentro. O local parece alto pra caramba. Trent foi parado um par de vezes para tirar fotos e, em todas elas, ele me manteve ao seu lado. Dei sorrisos forçados para todas as fotos, levando em consideração que eu odeio essa coisa, e agradei quando paramos em frente ao bar.

— Eu absolutamente quero dançar com você. — Trent murmura, ao pé do meu ouvido, e eu balanço a cabeça negativamente.

— Eu não sou muito boa e hoje estou preferindo nem me arriscar, já que estou usando esses saltos estupidamente altos que a Pam me emprestou. — grito de volta, irritada pelo som alto de música eletrônica.

— Se importa se eu arrumar uma companheira qualquer, para dançar comigo? — provoca e eu o desafio com meu olhar.

— Se você não se importar de engolir esse salto logo depois que dançar com a puta que vai arrumar por aí, tudo bem. — digo, sentando-me no banco e girando em meu lugar, para dar-lhe as costas. Trent ri e me abraça, afastando meu cabelo do meu ombro apenas para beijar a pele dali. — Vá em frente, eu estarei aqui, assistindo seu show muito ansiosa para ver qual delas vai te beijar primeiro.

Escuto seu rosnado e ele morde meu ombro. — Minha boca não vai beijar a de puta alguma, só a sua, querida. — diz, entre dentes. — Eu preciso tirar essa merda de dentro de mim, ou vai ficar pior, você sabe. Vou beber, baby, apenas fique onde eu possa manter meus olhos sobre você. — avisa, levantando sua mão para o barman.

— Eu não vou sair daqui, lutador. — bufo de volta.

— Boa menina. — sussurra, beijando minha bochecha e procurando meus lábios.

— Eu não sou nenhuma cadela para você falar assim comigo. — replico, ironicamente. — Pegue sua bebida e vá mexer esse traseiro para mim, eu ainda quero ver você como aqueles strippers daquele filme...

— Você continua assistindo aquela porcaria? — Trent pergunta irritado e eu gargalho, mais relaxada.

— Se você não vai dançar para mim, eu vou assistir aqueles homens... E que homens! — dou de ombros.

— Você vai realmente ser punida por essa merda. — diz, antes de pedir sua bebida.

Os caras se aproximam para pegar suas bebidas também e enquanto eles conversam com Trent, eu encosto minha cabeça no peitoral dele. Em poucos minutos, eles já tomaram cada um duas garrafas de cerveja. Trent me vira para ele e me beija, antes de pegar mais uma cerveja e sair para a pista com os caras e Pam.

Longos minutos passam.

De momento em momento, Mike se aproxima para checar como eu estou e para pegar mais cervejas para Trent. Observo o local, vendo Jaz de longe com os outros seguranças e aceno para ele, que apenas balança a cabeça de volta, fazendo-me rir.

Eu olho para Trent, observando-o se divertir com os caras. A cada novo gole que ele dá em sua bebida, ele se solta mais e parece mais incrível que antes. Poucas vezes eu vi Trent bêbado, essa é uma delas e a mais impressionante de todas. Ele nunca pareceu se divertir tanto como está aqui, nesse momento.

— Vamos dançar, Paris! — Pam exclama, tentando me tirar da minha cadeira, mas eu resisto.

— Estou melhor aqui, acredite! — a tranquilizo e ela assente, juntando-se aos caras.

Um grupinho de mulheres se aproxima de Trent e ele sorri educado para elas. Está tudo bem, eles estão apenas... conversando? Uma loira toca seu braço e eu bufo, virando de costas para eles e de frente para o balcão. O barman me fita, parecendo divertido e se aproxima.

— Deseja algo, senhorita? — ele pergunta, jogando o pano branco que está em suas mãos, em seu ombro. — Uma água, talvez? — continua e eu volto a olhar para Trent por cima do meu ombro esquerdo. Ele está a uma distância bastante considerável delas, mas continua sorrindo, e isso embrulha meu estômago.

— Eu estou grávida, parecendo uma porca e meu namorado está se divertindo com aquelas piranhas ali. — bufo, voltando a encarar o barman. — Eu desejo elas todas longe dele, você pode arrumar isso para mim? — indago e ele gargalha.

— Infelizmente não, mas parabéns pelo bebê. Não sabia que você era namorada do Furor. — comenta, pegando uma água e oferecendo para mim. — Minha irmã também está grávida, a diferença é que ela não sabe quem é o pai da criança, ainda. Ela está com quase nove meses. — explica. — Eu estou cuidando dela, uma vez que nossos pais a deixaram na mão.

— Deve ter sido muito ruim para ela, mas que sorte ela tem em ter você. — resmungo, dando um gole na minha água. A ânsia de vômito cresce e meu enjoo se intensifica. — Você sabe onde tem um banheiro mais... privado? Eu não estou me sentindo muito bem...

Ele arregala os olhos em reconhecimento e salta por cima do balcão, fazendo um sinal para seu amigo de trabalho. O barman me guia e eu mantenho a boca fechada, ou vou

seriamente passar vergonha. Subimos uma escada e entramos em um corredor, longe dos banheiros que eu usei mais cedo.

— Ali, na última porta tem um banheiro. É apenas dos funcionários, mas deixar uma mulher grávida como você, usar aqueles banheiros do andar de baixo, seria uma puta sacanagem. — diz, apontando para porta perto de nós e eu assinto.

Seguro minha garrafa de água nas mãos e entro apressada no local. Ligo a luz e me encosto na parede do banheiro. Minha barriga remexe e eu apenas gostaria de nem mesmo ter saído da cama hoje pela manhã. Encaro-me no espelho e percebo o tom avermelhado em minhas bochechas e lábios.

Ajoelho-me no chão frio do banheiro e faço o que vim fazer: vomitar. Suor frio desliza por meu pescoço, enquanto vomito tanto que minha barriga começa a doer por conta da força que estou fazendo. Meus olhos lacrimejam e eu me levanto, tonta. Dou descarga e seguro-me firme na pia pequena.

Limpo minha boca o máximo que consigo, vendo creme dental ali do lado e esfregando um pouco nos meus dentes com a ponta do meu dedo indicador. Enxaguo minha boca e cuspo a água outra vez. Pego minha garrafa outra vez e saio do banheiro, percebendo que o barman ainda está me esperando.

— Você escutou eu colocando minhas tripas para fora? — brinco, tentando sorrir com ele em meio a uma careta. — Aliás, qual seu nome?

— Barren. — diz, simples.

— Eu sou a Parisa. — ofereço-lhe minha mão e ele aperta.

— Se não estiver melhor, tem um quarto aqui que você pode ficar até seu namorado acabar lá embaixo.

— Está falando sério? — pergunto, animada por saber que posso ficar longe daquele barulho infernal.

— Sim, ele fica aqui mesmo. — paramos e Barren abre uma outra porta. — Não tem luz, entretanto, mas você pode ficar com a chave se isso fizer você se sentir mais segura. — ele coloca uma chave em minha mão. — Agora eu preciso voltar ao trabalho. — conclui.

— Obrigada, Barren. — eu o agradeço e ele apenas assente, saindo do quarto e fechando a porta.

Caminho até a mesma e tranco, sentindo-me dez mil vezes mais segura dessa forma. Volto até a cama e me deito, relaxando lentamente em cima do colchão duro. É melhor ficar aqui, do que lá embaixo, olhando Trent rodeado de mulheres de todo tipo.

Antes que eu posso controlar, caio no sono gradativamente, com o som distante da música eletrônica.



Desperto, sobressaltada com as batidas fortes na porta e assim que coloco meus pés no chão, a porta cai. Literalmente cai. A luz do corredor faz com que eu consiga ver quem fez isso e, mesmo que não tivesse luz, eu saberia quem é. Trent se aproxima em passos largos e cai na minha frente, abraçando-me por minha cintura. Sua camisa está rasgada e eu posso ver as contusões que marcam sua pele por conta das lutas de hoje mais cedo. Coloco minhas mãos em seu cabelo, enquanto ele murmura coisas sem sentido.

— Trent... — sussurro, tentando chamar sua atenção.

— *Ele disse, ele disse, ele disse...* — resmunga sem parar.

Levanto meu rosto e encontro os caras nos encarando do corredor. Mike, Paul e Max também estão com suas camisas rasgadas e o olhar deles parece aliviado. Desço meu olhar mais uma vez para Trent e faço força para puxá-lo para cima, mas é impossível sem sua ajuda. Sendo assim, começo a beijar seu rosto suado, tentando obter alguma reação sua além de seus sussurros entre dentes e indecifráveis.

— Trent, amor, por favor. O que está acontecendo? — pergunto desesperada por uma resposta.

Capítulo 28

Trent Wayne

Minha cabeça gira, enquanto seguro firme em Parisa. O que era para ser uma boa noite, acabou se transformando em um grande inferno. Depois que eu a deixei sentada em frente ao bar, fui conversar com os caras, enquanto tentava tirar a merda de energia que ainda sobrava em meu corpo e estava funcionando, até certo momento. Vindo de algum lugar, Shark se aproximou e começou a jogar comigo. Ele falava de Parisa e insinuava merdas sexuais com o seu nome e o nome da minha mulher, juntos, mas não foi apenas isso. Ele também disse que pegaria Parisa e que eu nunca mais a veria. Eu não sabia quantas bebidas eu já tinha tido, só lembro de quebrar a maldita garrafa na cabeça daquele animal.

E então uma briga geral começou.

Foda-se se eu não bati em Shark. Eu bati e repeti por um monte de vezes e, quando tentei ver onde Parisa estava no meio de todo alvoroço, eu não a achei. Pânico correu por minhas veias. Tudo passava na minha cabeça, menos que ela estaria em um quarto do andar de cima do pub, dormindo. Quando um barman chegou apressadamente para me falar sobre ela, eu tive que ir ver com meus próprios olhos.

Ela está segura.

Ela está comigo, onde eu posso tocá-la e segurar firme. Ela é minha mulher e eu vou mantê-la segura sim, mesmo que isso custe todo dinheiro do mundo. Eu nunca me perdoaria se deixasse algo acontecer com Parisa ou com meu filho, com nosso filho. Eles são o meu único guia, nada mais me deixa no foco, se não eles.

— Trent... — ela continua sussurrando, tentando falar comigo.

Eu não consigo formar frases coerentes. Nada mais que palavras soltas saem da minha boca. As minhas mãos estão tremendo ao redor do seu corpo magro e algo escuro vai tomando conta de toda minha mente. Inspiro com força o seu cheiro e eu deixo que isso me acalme, acompanhado do afago contínuo que ela faz em meu cabelo.

Eu preciso de remédios, uma meia dúzia deles. Esse episódio apenas me fez notar, mais uma vez, o quão dependente eu sou de Parisa. É doente, eu sei, alguém não deveria ser tão dependente de outra pessoa, mas é inevitável — e, bom, eu sou doente pra caralho. Eu preciso dos remédios para controlar a pior parte de mim: a cheia de ansiedade, de oscilações de humor, depressão, além de agressiva como o inferno. Eu preciso ter controle de mim mesmo, porque eu não quero afundar e levar Parisa e nosso filho comigo.

Eu absolutamente me recuso a fazer mal a ela.

— Trent, vamos, nós precisamos ir para o hotel, baby. A polícia vai chegar e eu não posso deixar eles te levarem assim... — Parisa choraminga, beijando minha mandíbula apertada.

Abro meus olhos, observando os movimentos turvos. Nada faz nenhum sentido quando eu abro os olhos. Tudo está girando.

Eu não devia ter bebido.

— Porra, vamos, Trent. Já chega com essa merda, as coisas já estão fodidas o suficiente. Não precisamos do seu traseiro em uma cela para piorar tudo mais ainda. — é Mike que diz, e no segundo seguinte eu sou puxado para cima.

Dois ou três deles me seguram, mas eu não quero me afastar de Parisa. Shark vai pegá-la e pegar nosso bebê se eu me afastar da minha mulher.

— Pa-Parisa...

Eu chamo por ela, com minha língua pesada, mas dessa vez não consigo me soltar dos caras. Sinto suas mãos geladas tocarem meu estômago pelos buracos rasgados em minha camisa, e solto um grunhido.

— Estou com você, apenas vamos, por favor. — pede mais uma vez.

Eu pisco e estamos no andar de baixo.

Pisco mais uma vez e eu estou enrolado no carro com Parisa.

Torno a piscar e estamos no elevador do hotel.

A última vez em que eu pisco, sinto uma agulha me perfurando, enquanto caio no colchão do meu quarto e de Parisa, mas não antes de tê-la junto a mim.



Abro meus olhos, agradecendo pela cortina estar fechada, pois tenho quase certeza que já é dia. Sinto os dedos de Parisa contornarem minhas inúmeras tatuagens e eu inspiro profundamente, puxando-a para mais perto de mim. Escuto ela soltar um suspiro, parecendo aliviada, e logo Parisa deposita beijos molhados em meu ombro.

— Você acordou. — ela constata, soando feliz por isso.

Penso em respondê-la, mas não tenho vontade de abrir a boca para nada. Em movimentos lentos, pesados e arrastados, coloco-me em cima de Parisa. Ela provavelmente nos despiu durante a noite e eu deveria agradecê-la por isso. Não me sinto nem um pouco bem. Tudo dentro de mim está insuportavelmente escuro.

Beijo seus seios, arrastando minha língua por seus mamilos duros e mordendo a ponta, enquanto escuto seu gemido, respondendo-a com um rosnado. Desço com meus beijos por toda sua pele, lambendo esporadicamente minhas partes favoritas e mais acessíveis. Eu preciso disso para conseguir empurrar a parte ruim para o fundo da minha cabeça outra vez. Eu preciso de Parisa para fazer isso comigo e por mim.

— Precisamos conversar. — anuncia assim que eu caio outra vez no colchão, sem condição alguma de manter-me em cima dela apoiado por meus braços.

— Diga. — murmuro, puxando-a para cima de mim.

Coloco minhas mãos em cima de cada lado da sua bunda cheia e aperto com força, desejando por lambe-la sua boceta nesse exato momento. Gosto da sensação de tê-la em minha boca. Gosto mais do que eu possa explicar.

— Max aplicou alguma coisa em você. Ele disse que você precisa e que é algo... que é algo que te manterá na linha. — ela sussurra, sua voz soa frágil e assustada, fazendo-me jurar que se eu tivesse alguma força, já estaria de pé para ir atrás daquele fodido e bater a merda fora dele por ter assustado Parisa. — Ele falou mais...

— O que, baby? — pergunto, apertando mais uma vez sua bunda.

— Que era uma mistura de remédios. Trent, eu sei que você é... que você é doente, que sofre de um transtorno e com ele vem a depressão, ansiedade e toda essa bagagem, mas pensei que não estivesse tomando remédio. Sim, claro, sei que os remédios são mais que necessários, mas eu nunca o vi tomar esses remédios e então Max simplesmente veio e injetou isso em você com a merda de uma seringa. Eu estou assustada. Se você tivesse que tomar algo, não seria por pílulas? — questiona, sua voz trêmula como poucas vezes pude ouvir.

— Eu não tomo essas drogas perto de você, eu trato de manter a parte ruim longe você, querida. — tento explicar. — Geralmente tomo pílulas, meia dúzia delas, mas quando as coisas saem do controle e eu nem mesmo consigo falar direito, quanto mais engolir essas porcarias, os caras têm essa mistura mais pesada que o meu psiquiatra passou há alguns anos e que periodicamente faço novos exames para obter a prescrição atualizada. — abro meus olhos.

Parisa está me encarando com os olhos cheios de lágrimas, mas ela não se atreve a deixá-las cair.

— Por que nunca me contou sobre isso, Trent? — indaga, tentando soar menos chateada do que ela realmente está.

— Eu quero dar apenas meu melhor para você, porra. Não quero que me veja fodido, como agora. — resmungo, sendo o mais sincero que consigo ser no momento.

— Eu disse antes, Trent. Eu disse que te amo, que amo tudo em você. O bom e o ruim. Você não tem qualquer direito de esconder isso de mim se quer enfiar um anel no meu dedo e selar nossa união. Eu preciso saber o que acontece com você. Se estamos juntos, estamos juntos e ponto. Eu lhe confesso tudo que acontece comigo e espero no mínimo que faça o mesmo. Não se esconda, por favor, converse comigo. — suplica. — Por favor...

— Vamos apenas dormir mais um pouco, baby. — peço, ainda sonolento. — Eu não vou mais esconder qualquer coisa de você, se isso te satisfaz. — afirmo.

— Não se trata de me satisfazer, mas de qualquer forma, eu não vou discutir com você no estado que ainda está. — retruca, finalmente relaxando em cima de mim.

Agradeço-lhe mentalmente antes de deixar minha cabeça tombar para o lado e cair no sono sem dificuldade.



Dessa vez, sou acordado pelos cutuques insistentes de Parisa, enquanto ela chama meu nome. Sua voz está distante e perto, tudo ao mesmo tempo. Abro meus olhos com dificuldade, sendo acertado pela luz irritante das lâmpadas ligadas. Fecho meus olhos outra vez, apertando-os com força.

— Vamos, Trent, temos um voo para New York essa tarde, não podemos nos atrasar! — ela exclama, me sacudindo. — O ultrassom, Trent, que droga! — completa.

Sento-me na cama, sentindo meu corpo doer pra caralho. Parisa me abraça por trás e quando sinto seus seios nus contra minha pele, dou o jeito de puxá-la até tê-la sentada sobre minhas pernas. Inspiro seu cheiro, acalmando-me dos pesadelos que me perseguiram na noite passada e lembro-me de tudo que aconteceu.

— Desculpe-me, baby. — peço, beijando seu maxilar.

— Está tudo bem, Trent. — sussurra de volta. — Vamos tomar banho, por favor, precisamos ficar prontos para enfrentar a doutora mais tarde.

Assinto e levanto-me com Parisa em meus braços, levando-nos para o banheiro para enfim tomarmos banho.

Logo após de eu e Parisa tomarmos banho, nos arrumamos e fomos até o quarto de Pamella e Max. Posso dizer que Max ficou surpreso de me ver de pé, mas logo que lhe disse o motivo, ele entendeu. Preciso estar com Parisa no primeiro ultrassom, no segundo, no terceiro e em quantos forem necessários. Nada me tiraria da cama depois da crise da noite passada, exceto Parisa e, agora, nosso filho.

— Espero que seja rápido e que possamos voltar antes da madrugada. — Parisa diz, assim que nos acomodamos nos últimos assentos do meu jato particular.

Deixamos nossa chave e nossas coisas com Pamella e Max para eles cuidarem de tudo enquanto estamos New York, e agora temos quase quatro horas de voo até nossa cidade, onde Jake vai nos pegar no aeroporto assim que chegarmos lá.

— Se não demormos tanto no ultrassom e com o seu pai, com certeza estaremos de volta pelo menos na madrugada. — murmuro, puxando o capuz do meu casaco para minha cabeça e trazendo Parisa para os meus braços.

— Certo. — diz. — Eu estou ansiosa e nervosa. — geme baixinho.

— Não fique. Aposto que está tudo bem com nosso bebê. — afirmo, fitando seus olhos azuis brilharem. — Espero que ela retire sua restrição sexual, eu não aguento mais essa merda.

— Quanto a isso, você está se saindo bem até agora. — ela ri.

Descanso minha cabeça ao lado da sua e planto minhas mãos em sua barriga,

acariciando levemente o local mesmo por cima do vestido que ela está usando. Eu estou mais ansioso para ver Parisa enorme do que para esse ultrassom, preciso admitir que sim. Parece que a gravidez ainda não é tão real, uma vez que ela parece como sempre.

Eu quero ela devidamente grávida, espocando de grande e com peitos maiores.

Sim, é isso que eu quero.

Ela vai ficar estupidamente irresistível.

— Estou morrendo de sono... — Parisa resmunga, bocejando em seguida.

— Você não dormiu? — indago, bocejando também.

— Não muito... eu estava preocupada com você. — confessa. — Você não vai tomar seus remédios? — questiona, sugestiva.

— Os de ontem servem para uma semana. Eu vou passar a semana toda sonolento como o inferno, não se preocupe com isso e nem comigo. — peço.

— Tem certeza que eles duram uma semana? — pergunta.

— Absoluta. — afirmo.

— Tudo bem.

Parisa vira o rosto dela para mim e beija minha bochecha. Ela começa a distribuir beijos por todo local e eu reprimo a vontade de beijá-la de volta, temendo não conseguir parar.

— Você e Shark brigaram na noite passada? O pub ficou uma bagunça, Trent. — indaga entre um beijo e outro.

— Sim. — respondo, simples.

— E você vai ser punido? E se te... E se colocarem você para fora? — continua, mais séria dessa vez.

— Eu serei punido, mas não é pra tanto. As novas regras do Circuito estão aí para mostrar que eles não querem apenas luta, mas sangue também. — enuncio, afagando sua barriga, enquanto ela se mexe incomodada. — Eu sou aquele que dá dinheiro aos estúpidos engravatados, eles não vão simplesmente me jogar para fora. Talvez essa seja uma brecha para deixar o Circuito mais emocionante, quem sabe... mas o certo é que eu estou pronto para qualquer merda que apareça para mim.

— Isso é assustador. — sussurra e eu viro meu rosto para nos encararmos de perto.

— Esse Circuito é seu e do nosso bebê, eu não vou perder, assim como não o fiz por anos consecutivos. Nada vai me parar. — sentencio e ela acena positivamente.

— Eu absolutamente confio em você. — retruca, selando nossos lábios e deitando a cabeça em meu ombro.



Assim que eu e Parisa avistamos Jake, que para minha surpresa está com Elise ao seu lado e não Alicia, minha mulher aperta minha mão com força. — Será que ele abriu os olhos? — Parisa pergunta, tentando conter sua animação crescente.

— É o que esperamos, querida... — retruco, abaixando o capuz do meu casaco e bagunçando meu cabelo, despreocupado.

— Vamos, vamos... — diz, tomando a frente e me puxando.

Paramos em frente aos dois e eu aceno para ambos, simples, mas Parisa solta minha mão e os abraça rapidamente. Observo Elise encaixar sua mão na de Jake e contenho meu sorriso, mas Parisa não é capaz de fazer o mesmo. Ela odeia a outra irmã e ama essa.

— Você está pronta? — Jake pergunta para sua filha.

— Sim, muito. Estou um pouco ansiosa e nervosa, mas isso não é nada demais. — responde, segurando minha mão novamente.

— Então vamos. — o velho finaliza.

Com os dois na nossa frente, Parisa vira o rosto para mim e lança um sorriso largo em minha direção, apontando para as mãos entrelaçadas de Jake e Elise. Balanço minha cabeça positivamente, achando graça de sua atitude. No momento em que entramos no carro, puxo Parisa para o meu lado e enterro meu rosto em seu pescoço.

— O velho está bem rápido na troca de mulheres... — resmungo ao pé do seu ouvido e ela me dá uma cotovelada.

— Nojento, Trent. Pare. — diz entre dentes e eu sorrio.

— Ouvi dizer que você andou brigando em um pub na noite passada... — Jake começa e eu reviro os olhos. — Você tem a minha filha consigo, se alguma merda acontecer com ela ou com meu neto, você já sabe que eu vou te matar.

— Jake... — Elise sussurra.

— Ela é minha mulher, eu vou protegê-la. Não jogue besteira em cima de mim, velho, eu realmente tive meus motivos para revirar e quebrar aquele lugar de cabeça para baixo. — murmuro, controlando minha irritação por conta de sua desconfiança.

— Por isso parece tão quebrado? O que houve na noite passada? — ele continua.

— Pai, nada de grave aconteceu. Nós estamos aqui, não estamos? Trent está bem e eu também estou, por favor, vamos conversar sobre coisas saudáveis durante nosso caminho, que tal? — Parisa intervém, antes que eu ache algo bom para falar. — Por exemplo, eu começo! Onde está Alicia? — seguro o riso e fito Jake pelo retrovisor.

— Acho que essa também não é uma conversa tão saudável assim. — Jake resmunga,

chateado.

— Ela deve estar com o... com o namorado dela, provavelmente. — Elise finalmente fala mais alguma coisa.

— Como assim? Pensei que ela estava namorando com o papai... — Parisa questiona, tentando manter o alívio que está sentindo fora do seu tom de voz.

— Eu e mais um cara. Felizmente, Elise contou-me sobre essa merda. Bom, a briga não foi exatamente boa quando eu fui falar com Alicia. Ela expulsou Elise de casa e eu acabei... nós acabamos...

— Acho que eu entendi. — Parisa o corta. — Ainda bem que aquela vaca está fora das nossas vidas, eu realmente a detestava. — completa.

— Parisa. — Jake a repreende.

— Está tudo bem, Jake. Acho que todos nós sabemos o quão desagradável e manipuladora Alicia pode ser. — Elise volta a falar.

O resto do caminho até o hospital se passa entre mais e mais conversas, e em todas elas eu sou apenas um mero ouvinte. Assim que Jake estaciona, nós saímos do carro e entramos no prédio. Abraço Parisa pelo ombro, trazendo-a para bem perto de mim, enquanto ela treme.

— Eu estou muito nervosa. — sussurra, assim que entramos no elevador.

— Isso não é bom para você e nem para o nosso filho. — repito algo que venho falando bastante nas últimas semanas. — Eu vou estar segurando sua mão, baby, não precisa ficar nervosa.

Encosto-me na parede do elevador, abraçando Parisa por trás, pouco me importando se Jake está ou não nos fitando.

— Eu vou quebrar seus dedos. — diz e eu dou uma risada baixa, encostando minha cabeça na sua.

— É só um ultrassom, Parisa, não precisa disso tudo. — tento lembrá-la, mas ela claramente não liga para o que eu estou falando.

Saímos do elevador e felizmente a sala de espera está vazia. Aproximo-me da balconista com Parisa e ela lhe dá os seus documentos, começando a explicar o que está fazendo aqui ao mesmo tempo que a doutora sai de sua sala. A mulher sorri assim que nos fita, movendo-se até parar ao nosso lado.

— É bom ver que vocês voltaram. — ela diz, sorrindo amplamente para Parisa. — Está pronta, querida? — indaga, fitando-me e parecendo engolir a seco.

Será que ela está com medo porque minha cara está quebrada? Eu nem estava tão melhor da última vez que viemos aqui.

— Meu pai e a... — Parisa começa a falar e encara Elise. — Meu pai e a namorada dele podem ir conosco também? — pergunta, virando para a doutora que apenas assente e indica com a cabeça.

— Vou pagar pela consulta e pegar um pouco de água, eu entro em dois minutos. — murmuro e beijo Parisa rapidamente, deixando que ela siga com os outros.

Finalmente vou ver meu filho, porra!

Capítulo 29

Parisa Cohen

Observo Trent finalmente entrar na sala da doutora Peyton e eu suspiro aliviada. Preciso dele ao meu lado, segurando minha mão, para passarmos por isso. O meu vestido já está todo para cima e agradeço-me por ter colocado um shorts curto e colado por baixo, enquanto fito minha barriga com um tanto considerado desse gel estranho que a doutora aplicou em minha pele.

— Podemos? — ela pergunta e eu aceno positivamente, segurando uma das mãos de Trent com força.

Reprimo meu nervosismo e tento relaxar, recebendo um beijo na testa de Trent e virando meu rosto para fitá-lo assim que o aparelho toca minha barriga inchada. — Tudo bem, baby, acho que devemos olhar para a tela. — Trent resmunga, com um sorriso ladino que acaba por ser meu sorriso favorito dele.

Encaro a tela, enquanto a doutora desliza o aparelho por minha barriga e tento notar alguma coisa. Oh, Deus! Há realmente algo — *alguém* — dentro de mim! Meu filho e de Trent...

— Onde ele está? — Trent se pronuncia, sendo mais rápido que eu.

A doutora começa a apontar para todos os pontos na tela, explicando pedacinho por pedacinho. De repente, ela se cala e fica dessa forma por longos minutos, deslizando o aparelho por minha barriga com os olhos semicerrados e um vinco em sua testa. Aperto a mão de Trent, querendo entender onde está o nosso bebê dentro de mim.

— Doutora? — papai se intromete e chama a atenção tanto dela, quanto nossa. — Foda-se... — ele grunhe entre dentes. — São dois. Você está tendo dois bebês. Gêmeos. — completa e eu arregalo os olhos.

A doutora Peyton se vira para o meu pai e acena.

— Como você sabe? — indaga, direcionando seu olhar para mim. — São gêmeos, querida. Parabéns...

— Ela tem uma irmã gêmea... eu já passei por isso e eu sei que tem dois bebês na barriga da minha filha... — meu pai resmunga.

O ar foge dos meus pulmões e de repente Trent ri. Eu o encaro, minha visão começa a ficar turva com lágrimas que não deixo caírem e faço um bico involuntário. — Double trouble, baby! — exclama, parecendo não se importar com nada. Ele beija minha boca, seus olhos nunca deixando os meus. — Problema em dobro. É exatamente assim que eu gosto. — murmura e balanço minha cabeça negativamente.

— Eu n-não acredito. — sussurro voltando meu olhar para a doutora. — Tem certeza? — pergunto.

Ela assente e eu inspiro profundamente. Dois bebês. Tudo bem. Está feito. Gêmeos. Se um já não era o suficiente, agora são dois. É só respirar fundo que vai dar tudo certo.

— Você está bem? — Trent pergunta e eu assinto freneticamente.

A consulta continua e a doutora prossegue falando mais algumas coisas para nós, enquanto eu apenas assinto, sem conseguir formar as palavras com clareza em minha boca. Depois de poucos minutos, começo a limpar o gel da minha barriga quando a consulta termina. Papai segue com Elise e a doutora até a mesa e Trent me espera, paciente.

— Você não vai surtar, certo? — Trent pergunta e eu lanço-lhe um olhar aguçado. — Foi só uma pergunta...

— Não, eu não vou, mas isso... você sabe que são dois, certo? Double trouble, como você disse...

— Sim, acho que isso que significa gêmeos. — responde irônico e eu o acerto com um tapa no braço.

— Espero que sejam duas garotas só para você ficar preocupado todos os dias antes de dormir. — atiro de volta e o empurro para o lado, firmando-me nos meus pés e caminhando até meu pai.

Escuto Trent bufar e logo ele segura minha mão no meio do caminho. Tomamos nossos lugares e nos sentamos, encarando a doutora Peyton. Por mais cinco minutos ela nos dá mais algumas explicações, que eu particularmente escuto apenas metade de tudo, certa de que Trent está atento em tudo e que não vai deixar nem uma vírgula passar.

— E quanto as restrições dela? — Trent pergunta e eu reviro os olhos, apertando sua mão com toda força que eu tenho. — O que, baby? — reclama, encarando-me.

— Pare. — exijo.

— Tudo bem, querida. — a doutora diz e eu respiro fundo, pois meu pai está logo atrás de nós. — Seus bebês estão bem e a preocupação anterior que tivemos sobre o aborto, está controlada. Ainda pode acontecer, é claro, por isso peço que não deixe o nervosismo tomar conta de você e tente evitar preocupações e raiva. Quanto a vida sexual do casal, não há mais a restrição que fora designada da última vez, entretanto eu aconselho os dois a irem com calma e não forçarem nada. Sua barriga ainda não está grande, Parisa, mas logo estará e metade das posições serão desconfortáveis para você. Na gravidez, se o casal quer manter a vida sexual ativa, a parte mais importante é que a mãe fique confortável com tudo.

— Eu vou fazê-la confortável. — Trent diz e eu reviro meus olhos, escutando meu pai bufar logo atrás de nós dois.

— Continue com a alimentação balanceada e tome bastante água. Nas próximas semanas esses bebês começarão a crescer dentro de você a todo vapor e sua saúde, alimentação e bem-estar é crucial para os seus filhos. — a doutora completa e eu assinto. — Esperem apenas um minuto, eu já volto. — ela diz, retirando-se da sala.

Viro meu rosto para fitar Trent, que já me encara com um sorriso de ponta a ponta. Seu sorriso me passa confiança e tira um pouco do nervoso que eu estou sentindo.

— Eu consegui... — Trent resmunga, olhando-me intensamente.

— Cala a boca, Trent — meu pai atira e Trent o fita, nem um pouco intimidado.

— Eu não vou calar a boca. Você ouviu o que a médica disse? Tem dois bebês na barriga da Parisa, velho. — Trent fala como se meu pai estivesse ficando louco por mandá-lo calar a boca. — Eu, literalmente, consegui. — completa.

— Você conseguiu. — sussurro, segurando seu rosto e selando nossos lábios. — Agora, por favor, fique quieto em frente ao papai. Isso é embaraçoso.

Trent acena positivamente com os olhos brilhando especialmente para mim.

Oh, esse é meu homem.

A médica volta e traz com ela meu ultrassom. Trent pega rapidamente, enquanto fita calado a imagem dos nossos bebês, a mesma que vimos momentos atrás. É lindo e extremamente precioso esse momento. Ele contorna os pontinhos com seus dedos e eu o abraço com força, sabendo que algo de forte deve estar se passando por sua cabeça.

Não demoramos muito no consultório. Depois de um par de minutos, nos despedimos da Doutora e logo que estamos no aeroporto, fazemos o mesmo com o papai e Elise.

Agora eu e Trent já estamos no nosso caminho de volta para o Colorado. A seu pedido, as luzes do jato ficaram mais baixas e uma manta foi trazida para nós, enquanto fitávamos o ultrassom em nossas mãos. Deixo-os de lado e abraço Trent com força, assim como fiz há horas no consultório.

— Eu estou bastante nervosa com tudo isso, não posso mentir. — confesso, encarando-o o mais sincera possível.

— Não fique nervosa. Tudo vai ficar bem e nós estaremos juntos nessa, querida. — ele afirma, tranquilizando-me como pode. — Os caras vão ficar loucos, sua irmã também. — sorri abertamente, contagiando-me a sorrir com ele.

— Será que você pode parar de se gabar por ter colocado dois bebês em mim? — indago e ele balança a cabeça negativamente.

— Depois de você, essa é a melhor coisa que consegui ter em toda minha vida. Não vou parar de me gabar por um só segundo em ter uma mulher gostosa e dois bebês meus dentro dela. — comenta, sem deixar seu sorriso morrer.

— Nossos bebês. — o corrijo.

— Sim, isso. — concorda.

Aproximo meu rosto do dele e beijo os lábios finos de Trent de forma simples e demorada. Levo minha mão esquerda até seu cabelo e brinco com o mesmo, descendo até seu maxilar. — Eu espero que os bebês se pareçam com você. — sussurro e ele balança a cabeça negativamente.

— Eles precisam se parecer com você, querida. — afirma. — Podemos dormir um pouco?

Eu estou muito cansado.

— *Por favor...* Eu também estou muito cansada. — digo, aconchegando-me em Trent.



Chegamos ao hotel e damos logo de cara com os caras e Pamella no saguão. Sorrio para minha irmã, lhe lançando uma piscadela e recebendo outra de volta. Trent segura minha mão com firmeza e eu viro meu rosto para fitá-lo.

— Como foi lá? É menino ou menina? — Mike pergunta, tentando nos parar, mas Trent o empurra do caminho, fazendo-me rir com os outros.

— Ainda não dá para saber o sexo, mas nós temos novidades... — ele cantarola, segurando seu sorriso.

Paramos em frente ao elevador e o mesmo logo se abre. Eu entro primeiro com Trent e deixo que ele me abrace por trás, enquanto damos espaço para os outros entrarem. Mike, Paul, Lucas, Max e Pam nos encaram com ansiedade estampada nos rostos deles. Encosto minha cabeça no peitoral de Trent e fecho os olhos, relaxando gradativamente.

— Vocês vão nos falar agora como foi? — Pam pergunta, curiosa.

— Nós vimos os bebês. — Trent diz, simplesmente.

Abro meus olhos em uma pequena fresta, onde dá para observar o quão confusa minha irmã está com Max e os outros. De uma hora para outra, Mike começa a pular com Lucas dentro do elevador, o que o faz sacudir. Eu dou uma risada, segurando-me firme em Trent, uma vez que todos começam a soltar palavras sem sentido em exclamações.

— Você disse...

— Bebês...

— Meu Deus do céu...

— Eu entendi isso direito?

— Max, me segura, eu vou desmaiar! — Pam exclama e se joga nos braços do namorado, tirando uma gargalhada minha.

— O que você quis dizer com “nós vimos os bebês”? — Mike grita assim que o elevador para em nosso andar. Todos começam a sair e eu e Trent os seguimos. — Vocês vão ficar calados?

— Cala boca, cara. — Trent resmunga e eu tenho quase certeza de que ele revirou os olhos.

Max joga a chave para Trent, que pega no ar enquanto nos conduz para nosso quarto. Assim que Trent abre a porta, eu entro e vou diretamente atrás de uma garrafa de água. Posso escutar a voz histérica dos caras, enquanto eles me chamam e interrogam Trent. Volto para a sala,

enquanto bebo um gole longo de água e encosto-me na parede para encará-los.

— Você vai falar ou não? — Pamella indaga, impaciente em seu lugar.

— Parisa e eu estamos tendo gêmeos. — Trent sorri triunfante e cruza os braços em frente ao peitoral largo, afundando em seu lugar com um ar soberano.

Os olhares agora provavelmente estão todos em cima de mim, mas não consigo desviar o meu olhar de cima de Trent. Ele parece tão bonito, como sempre é claro, e quando ele resolve me fitar de volta com um olhar sujo, meu estômago revira como um louco.

— Ele está falando sério? — Max pergunta e os outros correm até mim.

Finalmente eu os encaro e aceno positivamente, dando de ombros.

— Estamos tendo gêmeos. — confirmo. — Isso foi modo de falar, é claro, já que eu sou a única que vai engordar como uma porca e não o Trent. — pisco para eles.

— Oh, meu Deus! — Pamella pula em cima de mim e me enrola em um abraço apertado. — Gêmeos como nós duas, eu não acredito!

— Que porra, cara... — Paul murmura.

— Eu tenho certeza que você está achando que é o rei da selva nesse momento. — Mike atira para Trent, enquanto eu sorrio com Pamella.

— E o que mais eu seria? Eu desafio você a engravidar uma mulher de gêmeos, porra. — Trent rebate. — Essa é minha selva e eu sou o rei aqui. — sentencia, batendo com o punho na mesa e se levantando.

— Presunçoso do caralho. — Lucas murmura e nós todos rimos.

Trent se aproxima de mim e toma o lugar de Pamella. Seu olhar sobre mim me deixa saber o quão feliz ele está, como se isso já não fosse visível quando pensávamos que teríamos apenas um bebê. É o que se espera de Trent. Quanto mais difícil fica, mais ele gosta.

— Você não quer dispensá-los para irmos para cama? — sussurro, passando meu braço livre por sua cintura estreita e dura apenas para trazê-lo para junto de mim.

— Finalmente você está falando a minha língua. — beija minha boca rapidamente e se vira para nossos amigos, que nos encaram entediados. — Eu tenho uma mulher grávida comigo e ela está cansada, essa é a deixa de vocês. Nos vemos amanhã. — Trent os dispensa.

Eu o deixo rapidamente para levar o pessoal até a porta e abraçar cada um deles bem forte. Eu sei que todos eles ainda vão falar bastante sobre os novos gêmeos da família, mas agora eu realmente quero ir para cama. Encosto-me na porta assim que a tranco depois de me despedir da minha irmã. Trent reaparece já sem camisa e desabotoando sua calça. Deixo minha garrafa na mesa, enquanto me aproximo dele com um sorriso de lado.

— Vamos banhar? — sugere.

— Apenas banhar. — retruco e ele revira os olhos.

— Apenas banhar, querida. — bufa. — Você vai esfregar minhas costas? — questiona e eu dou uma risada. — O quê?

— Você é engraçado. — digo, sem parar de rir. — Se você quiser, eu esfrego suas costas.

— Então vamos...

Eu e Trent fazemos nosso caminho para o banheiro entre risadas, enquanto eu o ajudo a se livrar de sua calça e ele me ajuda a tirar meu vestido e shorts. Assim que entramos no banheiro, escolhemos usar o chuveiro juntos.

O jato do chuveiro nos acerta com uma água na temperatura certa, ao mesmo tempo que o loiro me empurra contra a parede gelada e toma minha boca apaixonadamente. Ele é suave como nunca foi, além de quente, passivo e paciente. Ele me faz sentir seu amor não só por mim, mas por nossos filhos também, com apenas esse beijo.

— Você quer treinar comigo amanhã? — Trent pergunta, separando nossos lábios e levando seus beijos por todo caminho do meu maxilar até meu pescoço.

— É claro que sim. Eu sinto falta dos treinos, principalmente dos treinos com você. É sempre bom chutar sua bunda bonita... — eu o provoco apenas para sentir sua risada percorrer por todo meu corpo, o que não demora a acontecer.

— É por isso que eu amo você...

— Só por isso? — questiono, puxando seu rosto e parando seus beijos doces.

— Por tudo. — murmura.

— Eu devo dizer o mesmo. — retruco, hipnotizada por seu olhar sincero.

— Você deve. — diz, amassando sua boca em cima da minha mais uma vez.

Dessa vez Trent não é nada carinhoso ou paciente, mas isso não me faz gostar menos do seu beijo. Para ser sincera, é assim que eu gosto: o verdadeiro e indomável Trent me beijando. Isso supre tanto a sua necessidade de mim, quanto a minha necessidade de tê-lo sem barreiras completamente entregue a mim.

Entretanto, corto o beijo que estamos trocando antes que acabemos tomando outro rumo em nosso banho. Empurro Trent levemente até conseguir ficar de pé por conta própria, ainda sob seu olhar intenso. Ele me ajuda a tirar meu sutiã, enquanto deslizo minha calcinha para fora do meu corpo e deixo a peça de canto. Pego o sabonete e começo a esfregá-lo pelo peitoral de Trent, que me assiste paciente enquanto eu me divirto com meu trabalho nada ruim. Tenho calma no que estou fazendo, podendo, dessa forma, aproveitar para ter um olhar mais atento sobre sua pele pintada por incontáveis tatuagens.

— Quando vou poder fazer a minha própria tatuagem? — indago, em tom baixo e contido.

— Assim que você me disser que está pronta. — rebate, empurrando alguns fios do meu

cabelo molhado para fora do meu rosto. — De qualquer forma, você não quer esperar até o fim da gravidez? Eu não quero que nada aconteça nem com você, nem com nossos bebês. — sua pergunta tem mais tom de suplica do que de sugestão.

— Eu posso esperar. — afirmo. — Enquanto isso, podemos descobrir onde seria um bom lugar para uma tatuagem especial...

Seu sorriso sujo aparece e eu fico bastante satisfeita.

— Eu posso checar você, se quiser. — dá de ombros.

Com não muita força, empurro Trent de costas para mim. Começo a esfregar suas costas, onde é mais um lugar que abriga muitas tatuagens e desço minhas mãos ensaboadas por sua cintura.

— Eu sou a única que está checando coisas por aqui. — cantarolo, tendo um olhar satisfatório do seu traseiro coberto por apenas uma boxer.

— Eu criei um monstro, não é mesmo? — ele diz, rindo em seguida.

— Se eu estivesse em sua posição, não brincaria tanto assim. — ameaço, mas ele não para de rir. Começo a puxar sua cueca para baixo e Trent se apoia na parede, seu corpo sacudindo por causa de sua risada. — Trent... — chamo sua atenção e ele me lança um olhar divertido sobre seu ombro. — Você já pensou em ser modelo de bumbum?

Eu deveria estar gravando esse momento, porque é exatamente quando ele solta uma gargalhada alta e contagiante.

É como música aos meus ouvidos e uma bela fotografia ao meu olhar.

— Você deve estar brincando comigo, porra... — resmunga entre risadas.

— Amor, eu estou falando sério aqui. Você tem uma linda bunda e poderia investir nisso. — cutuco sua cintura.

— Pare de ser estupidamente estranha, Parisa. A única que está vendo minha bunda é você e eu não tenho nenhum interesse em colocá-la em catálogos de roupas por aí...

— Eu posso ser a única que está vendo, mas tenho certeza que outras já viram. Será que alguma delas já tinha falado para você sobre esse seu belo *talento* antes?

Eu o escuto bufar, enquanto encosta sua cabeça na parede.

— Você acha que eu conversava sobre minha bunda com outras mulheres? Quer dizer, você acha que eu ao menos conversava com elas? — pergunta em tom irritado e agora é minha vez de rir.

— Isso você que tem que me dizer, não perguntar. Eu não o assistia foder outras mulheres, apenas o observava escolher sua nova *vítima*...

Trent se vira para mim, chutando sua boxer para o lado e eu dou alguns passos para trás, um pouco intimidada com tudo à minha frente. Ele se aproxima de mim com os olhos

semicerrados e eu aperto tanto o sabonete na minha mão, que ele acaba escorregando.

— Não fale do meu passado com outras mulheres quando eu estou com você e isso quer dizer, *nunca* mais fale sobre isso. Eu não gosto nem de pensar em outras mulheres, quanto mais ter uma discussão sobre calcinhas insignificantes com você, Parisa. — murmura, fitando-me firme. — Estamos entendidos? — questiona e eu aceno positivamente.

— Você vai pensar sobre o que eu disse? — ele arqueia uma sobrancelha e eu seguro o riso. — Você sabe, ser modelo de bumbum e tudo mais...

— Você está merecendo aprender uma lição, Parisa Elizabeth quase-Wayne.

— Esse é meu novo sobrenome? Quase-Wayne? Trent Elliot Wayne, você sabe realmente como derreter uma mulher, mesmo quando ela é uma pá-na-bunda como eu. — encosto-me na parede e ele se junta a mim.

— Eu não sei se você se lembra, mas quando eu disse isso, eu quis dizer uma pá muito dura. — joga de volta, divertido com a lembrança que eu fui buscar para nós dois.

— Que seja. — dou de ombros antes de alcançar sua boca com a minha.

Capítulo 30

Trent Wayne

Começo a me preparar mentalmente para as lutas que vêm pela frente, sabendo que preciso ganhar todos os combates da noite. Estico meu pescoço, alongo meus músculos e tomo uma respiração profunda ao fitar Parisa, que está logo à minha frente, sorrindo polidamente em minha direção. Isso é tudo que eu preciso para me dar a força necessária para as quatro lutas que terei essa noite.

Depois da noite em que eu tive as coisas saindo do controle e escapando por entre meus dedos, parei para pensar no que eu realmente quero dar à Parisa e nossos filhos. Claramente não posso continuar bebendo quando não estiver conseguindo cobrir a parte feia que prevalece dentro de mim. Há outras formas de fazer isso, e eu pretendo explorá-las assim que tiver oportunidade e tiver a Parisa comigo pronta para uma maratona de sexo. Obviamente, isso não acontecerá hoje, mas eu não me importo no momento. Seu sorriso é o suficiente por ora.

— Boa sorte e, por favor, não me torture tanto, caso contrário eu posso ter os nossos bebês sentada na cadeira da arena. — ela pede, assim como vem fazendo nos últimos dois meses.

Parisa certamente cresceu de um tempo para cá. Como ela decidiu por si só que trancaria sua faculdade durante esse período de sua vida, prezando sua própria saúde e a saúde dos nossos filhos, agora em meados de setembro, nós já estamos a quase dois meses fora de casa apenas pulando de cidade em cidade, hotéis e hotéis. Devo dizer que não há nada mais bonito do que ver a minha mulher grávida. Porra, a cada dia que passa ela fica mais bonita, o que me deixa ansioso para vê-la toda vez que abro os olhos ao amanhecer.

Com quase quatro meses de gravidez, eu posso dizer que ela nunca esteve tão bonita quanto está ultimamente. Seu cabelo preto brilha mais do que sempre, seus olhos azuis estão mais elétricos e sua barriga... porra, a sua barriga é a coisa mais estupidamente linda que eu já vi. É claro que Parisa parece pequena demais para aguentar dois bebês dentro dela, mas eu andei lendo em alguns livros de gravidez sobre gestação de gêmeos que seu tamanho nada importa. Ainda mais, eles me disseram que nas próximas semanas sua barriga vai começar a crescer desenfreadamente. Isso me faz torcer para que um dia passe atrás do outro com rapidez, mas ao mesmo tempo quero que não passe muito rápido, pois essa é a melhor fase das nossas vidas juntos.

— Eu mal posso esperar para voltarmos para o hotel... eu já sinto sua falta e você ainda está na minha frente. — confesso, tirando um sorriso seu.

— Não seja estranho, menino mau. — brinca, ficando na ponta dos pés para abraçar-me pelo pescoço. — Eu sinto sua falta também, mas nós podemos resolver isso de forma pacífica assim que sair do octógono. — arqueia uma sobrancelha. — Se você me fizer sofrer, vai pagar na mesma moeda.

Sorrio, repetindo seu movimento e arqueando uma sobrancelha de volta. — Será que eu fiz certo em arrumar uma mulher tão vingativa como você? — questiono, deslizando minhas mãos por suas costas e subindo uma até seu pescoço.

— Se você fez certo ou não, problema seu, agora vai ter que lidar comigo, pois o papai não aceita devoluções. — ela dá de ombros, presunçosamente.

— Sorte minha então. — selo nossos lábios. — Eu nunca abriria mão de você, baby. Não mais, por ninguém e por nada. — resmungo.

— Acho melhor você mover sua bunda maravilhosa para longe de mim, senão eu seriamente vou ter você me comendo no banheiro em dois minutos. — Parisa sussurra de volta, tentando me empurrar para longe. — Eu estou grávida e eu tenho desejos, não brinque com isso...

— Eu também tenho desejos e eu temo dizer que o seu desejo é o mesmo do meu. — ralho. — Mas não podemos fazer isso agora. — completo entre dentes, irritado com nossa posição. — Nossos amigos estão aqui e sua irmã também, além do mais, eu tenho lutas para ganhar daqui a dez minutos.

— Ei, vocês vão transar aí mesmo? Eu posso gravar os peitos de grávida da Parisa, Trent? — Mike exclama, tirando a risada de todos, inclusive a da mulher à minha frente.

— Vou começar aqui o massacre da noite... — comento, fitando os lábios avermelhados de Parisa. — Tenho que ensinar algum respeito a esse imbecil. — seguro seus cabelos que estão alguns centímetros mais longos e inclino seu rosto para mim.

— É só o Mike, amor, eu posso lidar com ele. — retruca, sorrindo abertamente para mim. — Eu estou no clima de enfiar a mão na cara de alguém hoje e o escolhido acabou de se apresentar. — conclui.

— Eu ouvi isso, e não estou pronto para apanhar. Sua mão é pesada, boneca. — Mike se mete outra vez.

— Problema é seu e da sua língua grande que mal cabe na boca. Para de cuspir merda ou eu realmente vou ter que te ensinar uma lição. — Parisa praticamente rosna na direção de Mike, fazendo-me segurar o riso.

— Nunca mexa com uma grávida... — Paul cantarola.

— Principalmente se ela se chama Parisa Cohen-quase-Wayne. — Lucas completa.

— Vocês nem sabem brincar... — Mike cruza os braços, rolando os olhos.

— Cale a boca, bebê chorão. — Parisa retruca e eu coloco um ponto final na discussão deles ao puxá-la para um beijo.

Ela resiste tanto quanto pode, mas eventualmente acaba cedendo e beijando-me de volta. Sua língua desliza entre meus lábios e Parisa me puxa com força pelos meus ombros, enfiando as unhas na minha pele e fazendo-me rir com seu súbito desespero. Os caras reclamam como sempre, mas não é como se eu fosse me importar com eles nesse momento.

— Pare de me atrapalhar dessa forma, Trent... — diz, separando nossas bocas depois de alguns segundos. — Eu estava no meio de uma discussão — enfia os dedos no meu cabelo, puxando-os levemente.

— E você fica quente quando discute, eu não resisti.

Ela finge uma risada e revira os olhos.

— Muito engraçado, idiota. — bufa.

— Essa doeu, querida...

Parisa cerra os olhos em minha direção e puxa meu cabelo com mais força, tirando uma risada minha. Estranhamente — ou nem tanto — fico duro com sua ação, e eu realmente quero dizer duro.

— Será que podemos ir ao banheiro? — indago à ela, que finalmente parece sentir minha ereção pressionada contra seu corpo.

— Você vai sozinho, seu tarado — diz e eu solto um gemido baixo, pois eu não quero ir sozinho.

— Me dê uma mãozinha, Parisa — peço.

— O que eu vou ganhar com isso? — pergunta, parecendo interessada em uma gratificação.

— Nenhum hematoma em mim por essa noite. Será que isso te agrada? — retruco.

— Bastante — seus olhos brilham e ela morde o lábio inferior, tentando-me. — Eu não quero que ninguém acerte seu rosto bonito. Pode me prometer que isso vai acontecer, que ninguém vai acertar seu rosto?

Aceno positivamente, deslizando minhas mãos por suas costas.

— Agora vamos fingir uma briga para que todos saiam daqui, porque se eu vou ter que ser o melhor no octógono, transar no banheiro não é o que eu quero e, aliás, não quero mais apenas uma mãozinha. Quero transar com você nesse chão, agora — murmuro e ela acerta meu rosto com um tapa.

— Eu não acredito que você falou isso! — exclama, com as pupilas dilatadas e um tom avermelhado em suas bochechas. — Eu vou cortar suas bolas, Trent Elliot Wayne! — continua, agora me empurrando para longe com força, mas eu não deixo ela escapar.

— Você precisa acalmar sua merda, temos bebês dentro de você, querida...

— *Minha merda?* — finge indignação. — *Minha merda?!* — grita. — Eu vou acalmar minha merda assim que sentar a minha mão na sua cara!

Parisa se solta de mim e eu fito o pessoal. Todos estão atônitos, assustados e eu tenho vontade de rir, mas não posso acabar com nosso teatro. — Será que vocês podem nos deixar alguns minut...

Não preciso nem mesmo terminar de falar, já que todos saem em disparada e batem a porta, enquanto Parisa continua gritando. Caminho até a porta e tranco, virando-me para Parisa que agora grita com um sorriso no rosto. Ela é estupidamente adorável, caralho.

— Você precisa se acalmar, baby — digo, sorrindo de volta.

— É mesmo? Eu preciso mesmo me acalmar, Trent? — continua, agora puxando a barra do seu vestido para cima.

— Sim, você precisa seriamente se acalmar, senão um desastre pode acontecer. Pare de gritar, primeiramente, e depois vamos conversar.

Parisa se livra do seu vestido, sentando-se no sofá de couro apenas usando uma calcinha vermelha de renda. Nada mais sexy que isso, sem dúvidas alguma. Aproximo-me dela, sorrindo ao me ajoelhar no meio de suas pernas.

— Você merece um prêmio, querida — murmuro. — Algo como um Oscar, porque essa foi uma boa atuação. Real — levo minha mão até minha bochecha, onde ela acertou e vejo Parisa segurar o riso —, real até demais. — completo.

— Você pediu por isso — dá de ombros, trazendo as mãos até meu cabelo outra vez. Engato meus dedos de cada lado de sua calcinha e puxo para baixo, conseguindo sua ajuda para me livrar da peça. — Você gostou da minha calcinha? Comprei para combinar com sua capa, querido — provoca, sorrindo de lado.

— Onde andou escondendo essa tanga? Porque porra, não é uma calcinha, é uma tanga — digo, entre dentes.

— Era uma surpresa para você.

— E você tem mais surpresas para mim? — indago, separando suas pernas mais amplamente.

— Sim, um monte delas, você só tem que fazer por merecer para ganhá-las — diz, me empurrando para o chão e sentando em cima do meu pau. — Você quer ficar por cima ou por baixo? — usa um tom grave que provavelmente é para me imitar, o que mal funciona.

Dou um tapa em sua bunda e ela ri, sustentando-se em seus joelhos para puxar minha bermuda e boxer para baixo. Parisa empurra seu cabelo para o lado, sem tirar o sorriso do rosto e segura o meu membro em suas mãos pequenas e macias, fazendo-me gemer com sua atitude.

— Você está sendo má comigo...

— Na verdade — ela me corta. —, eu estou sendo uma vadia com você, amor, mas eu sei que você gosta disso.

— De quê? — dou uma risada nervosa ao sentir ela empurrar a cabeça do meu pênis sobre seu clitóris. Puta que pariu. — De vadias?

— Não, Trent — bufa, revirando os olhos. — Você gosta de mim sendo uma vadia com você, porque eu não sou qualquer vadia.

— Você só é uma vadi...

Parisa me faz calar a boca ao me empurrar para dentro de si bruscamente. Foda-se essa merda de vadia, ela é uma maldita deusa.

— Shhh, só eu posso me chamar de vadia, Sr. Wayne.

— Sem essa merda de Sr. Wayne, por favor — atiro, fechando meus olhos ao segurar cada lado do seu quadril. — Quando formos mais velhos, tipo com setenta anos, tudo bem. Mas por ora, aqui não tem Sr. Wayne nenhum.

Parisa ri mais uma vez, indo para cima e para baixo de forma lenta e torturante. Abro meus olhos, encontrando-a embaçada em nosso desejo mútuo. Ela desce o corpo sobre o meu e sela nossos lábios, empurrando a língua para dentro da minha boca, que eu recebo com avidez. Nosso beijo se arrasta tanto quanto os movimentos lentos de Parisa. Ela me provoca, me incita, provavelmente querendo me fazer enlouquecer.

— Baby, eu tenho uma luta daqui poucos minutos... temos que...

— Você quer rápido? — pergunta, cortando-me e segurando meu rosto para trancar nossos olhares. — Vamos mudar de posição então, pois a máquina aqui é você. — solto uma risada baixa, trocando de lugar com Parisa de forma habilidosa, mas cuidadosa.

Ela coloca os braços ao redor do meu pescoço, puxando-me para descansar minha boca na sua. Invisto com mais rapidez do que ela estava fazendo, e isso arranca um gemido alto seu.

— Você tem que ficar calada, Parisa, não queremos que todos escutem o que está acontecendo aqui. Eles devem pensar que nós estamos nos resolvendo, não transando... — comento, assim que ela deixa mais um gemido alto escapar dos lábios.

— Eu realmente não quero ser ouvida, mas você não está me ajudando em nada... — sussurra, com a voz trêmula e rouca.

Desde que as viagens começaram, meses atrás, estive pensando em como seria tomar Parisa dentro da minha sala de concentração e não é nada como eu pensei. Para ser, sincero é muito melhor. Eu gosto da adrenalina que ela passa para mim em cada toque, pois sei que ela está com muito medo de que sejamos ouvidos daqui de dentro. Empurro seu cabelo para longe de seu pescoço, mordiscando sua pele antes de chupar seu ombro como eu posso. Sinto seu corpo endurecer, enquanto passo minha língua por sua pele branca e intensifico minhas investidas.

Parisa enfia as unhas em minhas costas, arranhando com tanta força que minha pele arde. *Eu gosto.* Nosso momento se prolonga por mais um longo minuto, antes de ambos nos perdermos.



— Pelos arranhões nas suas costas e pelo cheiro do local, posso dizer que vocês estiveram transando aqui, seus estúpidos coelhos! — Mike atira assim que eu abro a porta para eles entrarem de volta.

Observo que Parisa não se atinge com o comentário de Mike, apenas continua bebendo um pouco de água da garrafa que eu lhe dei alguns minutos atrás. Sorrio ao me aproximar dela

com minhas bandagens e me joga ao seu lado no sofá.

— Vocês perderam completamente o pudor — Lucas continua.

— Cala a boca... — Parisa resmunga, jogando a garrafa para o lado e pegando as bandagens da minha mão. Ela começa a proteger minhas mãos, enquanto eu a encaro. — Espero que eu não tenha tirado suas forças. — sussurra, subindo o olhar para mim e enviando um sorriso presunçoso em minha direção.

— Precisa mais do que tivemos para tirar minha força, querida — retruco e ela arqueia a sobancelha. — Você sabe do que eu estou falando...

— Sim, eu sei.

— Não acredito que nos tiraram daqui só para transar — Mike se mete mais uma vez na conversa.

— Isso não é dá sua conta, Mike.

Parisa termina de proteger minhas mãos com as bandagens e eu me levanto novamente, caminhando até minha capa. A porta da minha sala é aberta e Jaz entra, seguido por mais dois outros seguranças.

— Está na hora, senhor. — ele diz e eu aceno positivamente.

— Hora do show, porra! — os caras começam a exclamar e sair da sala.

Quando todos estão fora, sinto Parisa me abraçar por trás e puxo ela para ficar na minha frente.

— Boa sorte, Furor — sussurra.

— Mesmo que eu não precise de sorte, eu agradeço. — digo, tirando uma risada sua. Seguro seu rosto e beijo levemente seus lábios avermelhados. — Obrigada, querida.

— Eu amo você — falamos ao mesmo tempo.

Parisa me ajuda a colocar minha capa e saímos juntos da sala, encontrando todos do lado de fora, nos esperando. Caminhamos pelos corredores parcialmente vazios e no final dele solto minha mão da de Parisa, deixando que ela siga com Max, Pamella e os seguranças. Assim que ela desaparece, Mike, Paul e Lucas me empurram por todo caminho, exclamando animados já no clima das lutas dessa noite.

Separo-me dos caras assim que paro em frente a uma porta, onde dois seguranças me pedem para esperar como sempre. Subo o capuz e fecho os olhos, escutando todos chamarem meu nome. O mestre de cerimônias faz seu rodeio de sempre, o que deixa as pessoas irritadas, mas faz parte do show a qual todos nós nos submetemos. No momento em que ele chama meu nome, os seguranças abrem a porta e eu passo. Observo o local, percebendo a grande estrutura preparada para essa noite antes de abaixar minha cabeça para me concentrar em meio a todo esse barulho.

Paro em frente ao octógono e tiro minha capa, deixando que ela caia ao chão e inspiro

o ar com vontade, extremamente excitado com a energia que me rodeia hoje nessa arena. Enrolo meus punhos apertados ao girar em meus pés, tendo uma visão geral e muito melhor do local. Estou acostumado com toda essa grandeza, com essa ovação e nada me assusta, só me dá mais vontade de oferecer um show para todos, especialmente para Parisa.

Procuro rapidamente por ela, achando-a em seu lugar ao lado de Max e Pamella, rodeada por seguranças. Sorrio de lado, piscando diretamente para ela e recebo uma piscadela sua de volta. O público ruge e agora eu sorrio para todos eles, que se agitam mais ainda. Esse é o meu lugar, minha casa, meu trabalho, meu octógono, minhas pessoas e aqui eu sou o único que comanda.

Viro-me para o octógono, já encontrando meu oponente lá. Não me importo em saber seu nome, apenas bloqueio o barulho de tudo e me concentro nele. Mil e uma formas de como finalizar a luta piscam em minha mente, mas eu não vou ser ansioso para alcançar um nocaute. Sei que prometi a Parisa que não acertariam meu rosto, mas apenas o rosto, pois tenho um show para dar e isso significa ser acertado também.

— É ter muita coragem para enfrentar o campeão invicto do Circuito, mas quem sabe se ele não é louco? — o mestre de cerimônias provoca, fazendo-me sorrir ao fitar o rosto do meu adversário se contorcer em uma careta nada bonita.

Subo os três degraus da pequena escada de uma só vez, empurrando a porta com meu pé e entrando ao mesmo tempo que o homem vem em minha direção com os punhos cerrados. É interessante o quão afoito ele é, como se pensasse que eu não estou pronto para isso, mas é exatamente o contrário. Desvio do seu golpe ao abaixar-me e desfiro o primeiro golpe em suas costelas. A porta do octógono é fechada pelo juiz, que logo vem ao nosso redor.

Pulo de um pé para o outro, acordando meus músculos e articulações ainda mais. O público me incentiva a ir para cima, mas isso acaba tendo o efeito contrário, pois eu resolvo esperar. Como eu pensei, incentivado pelos gritos em favor de sua derrota, meu adversário quer provar a todos que ele pode me ganhar e isso me diverte muito. Ele avança outra vez e quando tenta me acertar, bloqueio seu golpe e desfiro mais dois em suas costelas. Prorrogo a luta para o segundo round, sendo espetado pelos caras assim que o primeiro round termina e eles estram no octógono.

— Melhor você acabar com essa luta logo, caso contrário a sua mulher vai parir sentada naquela cadeira — Mike atira ao me entregar uma garrafa com água.

Procuro Parisa e encontro-a no mesmo lugar de minutos atrás. Posso perceber seu rosto revestido por uma expressão que está cheia de aflição, enquanto ela fala com Pamella e Max. Assim que ela vira para me fitar, depois de ser cutucada por sua irmã para fazer isso, bebo um único gole de água e sorrio para ela, que levanta o dedo do meio para mim.

Ela está irritada, sem dúvida alguma.

Parisa quer um nocaute e eu estarei dando isso a ela.

— Leve um pouco de água para ela e diga para ela manter sua bunda calma, porque ainda é a primeira luta da noite e o melhor ainda está por vir — digo, levantando assim que o

sinal para eles se retirarem toca.

— Eu tenho a impressão de que vou ser socado por isso. — Mike resmunga, fazendo uma careta.

— Vá. — finalizo nossa conversa.

Todos deixam o octógono, exceto o juiz.

Encaro meu oponente, cerrando tanto os olhos, quanto meus punhos de cada lado do meu corpo. Ele parece menos confiante e mais nervoso, o que consequentemente o deixa imprudente. Dessa vez eu não espero sua aproximação, mesmo sabendo que ela não demoraria a acontecer. Perto o suficiente dele, o encurralo contra a grade de proteção do octógono e começo a desferir socos atrás de socos.

A cada golpe que entra, meus músculos clamam pela libertação de tensão sobre eles. Suor desce por minha testa, assim como desce por minhas costas e meu peitoral. Mal consigo controlar a minha sede pela vitória e, quando meu adversário cai ao chão, faço o mesmo apenas para continuar com o meu serviço bem feito.

Sou puxado para longe do corpo desacordado do meu oponente poucos segundos mais tarde e sorrio de lado. Posso estar com meus punhos cheios de sangue e mais um pouco desse mesmo sangue espirrado por meu corpo, mas nada me impede de dedicar meu sorriso a Parisa assim que nossos olhares se cruzam.

Todos começam a gritar “Furor” e, quando percebo que Parisa faz o mesmo, não consigo deixar de sentir orgulho de mim mesmo por estar fazendo-a tão feliz. Sou o homem mais sortudo do planeta por ter a chance de cuidar dela e de fazê-la feliz, e nunca abdicarei disso.

Capítulo 31

Parisa Cohen

Nos últimos meses, as coisas entre Trent e eu nunca foram tão boas. Ao mesmo tempo que sua preocupação não deixou de ser constante, ele veio me deixando à vontade para fazer o que quer que me desse na telha, contanto que eu levasse minha irmã e Jaz comigo. Isso é um progresso para ele, devo dizer. Sua proteção veio ficando mais maleável a cada pedido meu e ele foi cedendo cada vez mais para meu conforto e felicidade.

Finalmente, depois dos árduos meses de estado em estado e cidade em cidade, voltamos para New York. A final do Circuito é hoje e, curiosamente, estou me sentindo uma merda desde ontem. Roxy fez sopa para mim na noite passada, com a esperança de que eu acordasse melhor hoje, mas nada. Calafrios perpassam meu corpo e eu sinto tanto frio que até parece brincadeira. Reviro na cama, esfregando minhas mãos geladas na minha barriga, que cresceu bastante nos últimos meses.

Eu ainda não estou enorme — do jeito que Trent quer me ver — mas já cresci pra caralho, na minha opinião. Nenhuma das minhas calças, shorts ou saias cabem em mim, apenas camisas do Trent e vestidos soltos que eu comprei dois meses atrás. Quase sete meses de gravidez não é fácil para ninguém, ainda mais quando se trata de gestação de gêmeos.

Oh, a gravidez...

Eu e Trent sempre tiramos a maior parte do nosso tempo para nos preocuparmos com nossos filhos. Depois que descobrimos sobre os gêmeos, acabamos tendo que procurar acompanhamento mais especializado para que tudo ocorra bem durante minha gestação e também durante o parto, que não é nada tranquilo para o meu caso. Ainda durante as ultrassonografias dos meses passados, descobrimos que não se trata de duas meninas ou dois meninos, mas de uma menina e um menino. Se Trent ficou feliz? Ele quase pirou de felicidade, e eu também. Tentei convencê-lo que tudo era um sinal para, depois dessa gravidez, não tentarmos mais nada, mas ele não quis me ouvir e acabou me colocando na cama para “ensaiarmos” como faremos nossos próximos filhos.

Admito que nos últimos meses eu nunca o vi tão feliz e essa foi a coisa mais fofa que eu poderia ter visto em Trent. Ele está feliz, eu estou feliz, nós estamos felizes.

Remexo-me na cama outra vez no exato momento em que ele entra no nosso quarto, trazendo uma vasilha, colher e um copo. Trent se senta ao meu lado, fitando-me com preocupação. Ele não deveria estar aqui; ele deveria estar treinando para os combates dessa noite. Sinto-me extremamente culpada por estar tomando sua atenção nesse momento, mas eu já pedi para ele me deixar sozinha e ir treinar, o que ele se nega a fazer de qualquer forma.

— Eu trouxe algumas frutas para você — diz, balançando a vasilha em sua mão. — E um pouco de iogurte para misturar... você sabe...

— Obrigada. — murmuro, sentando-me na cama completamente esgotada. Inclino meu

corpo e selo meus lábios em cima dos de Trent, pegando a vasilha e o copo de sua mão. — Você precisa treinar, amor...

— Eu preciso cuidar de você, nada mais — retruca, como se tivesse falando algo óbvio.

— Mas você já cuidou, isso é o suficiente. — explico, encostando-me no dossel da cama e cruzando as pernas. Despejo o iogurte na vasilha e estico minha mão para entregar o copo para ele. — Pode me deixar com Pamella e com o papai, eles sabem lidar comigo.

— Eu também sei lidar com você — revira os olhos.

— Eu sei que sim, mas você precisa estar focado nas lutas dessa noite. É a final do Circuito e eu quero que você seja o melhor e esteja cem por cento no octógono...

— Você vai? — ele mexe no cabelo com sua mão livre, parecendo preocupado. — Acho melhor você ficar em casa, querida. Aquilo é uma loucura nas finais, você sabe que sim, e eu não quero vê-la passando mal.

— Eu acho melhor eu ficar com Pamella — concordo, pois sei que tenho grandes chances de passar mal com o calor da arena.

— Sim, bom... — resmunga, satisfeito.

— Mas depois vamos comemorar seu cinturão — sorrio de lado e ele arqueia a sobancelha, mas acaba sorrindo de volta.

— Por enquanto você não está boa para isso, mas logo estará e eu vou cobrar o que disse. — avisa, levantando-se da cama.

— Cobre com juro.

Trent balança a cabeça incredulamente e meu sorriso aumenta, pois estou realmente achando graça dele.

— Não precisa pedir duas vezes.

Ele sai do quarto, deixando-me sozinha com meu sorriso e frutas. Ligo a televisão e começo a comer, afundando aos poucos na cama enquanto procuro um filme qualquer. Trent não demora para voltar com uma garrafa de água, que deixa na mesa de cabeceira ao meu lado, e deita-se comigo. Termino de comer as frutas e bebo a maior parte da água, deixando tudo na mesa e virando-me para Trent.

Ele desliga a televisão e faz eu me aconchegar confortavelmente em seus braços, o que parece impossível, mas não é. Minha barriga grande nos atrapalha, mas ainda assim ficamos o mais próximo que conseguimos.

— O que é... isso... sobre... o amor?

Trent questiona e fecha os olhos, enquanto dedilho meus dedos e traço as linhas fortes de seu rosto.

— O que você quer dizer? — indago, curiosa.

— Eu não sei... — ele segura minha mão e beija repetidas vezes. — Eu sei que já disse um milhão de vezes que eu amo você, mas sempre que me calo depois de pronunciar essas três palavras, não parece o suficiente — murmura contra o dorso da minha mão e eu suspiro. — Nunca parece o suficiente.

Trent abre os olhos e nós nos encaramos em silêncio.

— Eu sinto o mesmo... — ele sorri, passando o nariz no meu.

— Nada mais justo — atira, fazendo-me rir. — Você vai ficar com Pamella? Não seria melhor trazê-la para cá? Temos mais segurança aqui e...

— Nada vai acontecer, Trent, fica tranquilo.

Afago seu cabelo, tentando acalmar sua súbita agitação.

— Mas eu prefiro que fique aqui, Parisa — insiste.

— Não.

— Por favor...

— Trent, o que poderia acontecer, afinal? Shark está impossibilitado de fazer qualquer coisa. Ele estará no Circuito, assim como você. Eu só vou passar um tempo com Pamella, não se preocupe sem motivos. — digo, mas seu olhar continuar insistindo, por isso eu fecho os olhos para ignorá-lo.

— Eu me sinto melhor se você ficar por aqui... — explica.

— Eu sei, mas você tem que aprender a lidar com as coisas quando elas não são do seu jeito. Estou aqui há dias, Trent, e estive me sentindo muito mal. Por mais que você me dê espaço, eu preciso de um pouco mais. Aliás, é apenas uma noite — deixo minha cabeça no espaço do seu pescoço. — Vou esperar por você lá na casa do meu pai. Esses são os nossos planos para hoje, entendido?

— Tudo bem. — diz, contragosto.

— Vamos banhar? Eu quero ir cedo, dessa forma você pode ir se aquecer um pouco.

— Você já quer se livrar de mim? — indaga, passando a mão por minhas costas até chegar no final delas.

— Algo desse tipo. — provoco e ele bufa.



Eu e Trent finalmente chegamos à casa do papai. Depois que nos banhamos e nos arrumamos, viemos direto para cá. Eu me sinto bem melhor depois do banho que tomei e da massagem que recebi debaixo do chuveiro, mas não é o suficiente para me dar coragem para ir ao Circuito.

— Finalmente vocês chegaram! — Pamella exclama assim que abre a porta para nós dois. — Você está melhor, bebê? — indaga, direcionando seu olhar para mim.

Max ri, sentado no sofá para onde Trent está caminhando.

— Um pouco... — dou de ombros e Pamella bate a porta, puxando-me até o sofá.

— Vou fazer um chocolate quente maravilhoso que vai fazer você se sentir muito melhor — Pamella garante, mas eu acabo encarando Max, que balança a cabeça negativamente ao fazer uma careta. Solto uma risada e Pamella encara o namorado. — *Amor?* — diz, com um tom muito ameaçador.

— O quê? — ele pergunta e Trent ri comigo, sentado do outro lado.

— Meu chocolate quente não é bom? — minha irmã pergunta, cerrando os olhos.

— Claro que sim, linda. Você faz o melhor de toda cidade e, talvez, de todo o mundo — Max sorri amarelo, fazendo Pamella gargalhar e se jogar em cima dele.

— Eu estava brincando, não precisa mentir para mim, Max. — diz, abraçando-o pelo pescoço. — Eu sei que meu chocolate é horrível, assim como a maioria das coisas que eu cozinho.

— Mas eu gosto — ele retruca e eu reviro os olhos.

— Apenas porque você me ama.

— Absolutamente sim. — afirma, beijando minha irmã e arrancando uma careta minha e de Trent.

Papai entra na sala com Elise ao seu lado e nos acompanha na careta, enquanto Elise apenas sorri.

— Será que vocês podem se controlar pelo menos na minha frente? — papai pergunta e Pamella se separa de Max com um sorriso meio sem graça. — Você está melhor? — continua, direcionado a mim.

— Sim, bem melhor — eu o tranquilizo, pois sei que no fundo está tão preocupado quanto Trent. — Elise vai com vocês ou vai ficar comigo e Pamella? — pergunto, sorrindo polidamente para a namorada do meu pai.

— Ela vai conosco. — informa e eu assinto, observando-o encarar Trent. — Vai deixar alguém aqui com elas? — indaga.

Fito Trent e ele faz o mesmo de volta.

— Não — diz, como se estivesse falando comigo e não com o papai. — Parisa disse que precisa de um pouco de ar, então os homens estarão apenas conosco lá no Circuito. — explica e eu sorrio.

— Bom garoto... — formo as palavras em tom mudo e ele revira os olhos.

— Eu acho que é melhor eu ficar com as duas. — papai diz.

— Nem pense nisso — atiro.

— É a noite das garotas, pai. — Pamelladiz, usando o mesmo tom irritado que o meu. — A propósito, nós podemos cuidar uma da outra.

— Pamella está certa... vocês estão se preocupando à toa.

— Podemos ir agora? Daqui a pouco os caras aparecem aqui para nos arrastar — Max interrompe, como sempre, na hora certa.

— Sim, vamos antes que eles apareçam por aqui. — Trent o acompanha.

Levanto-me e caminho até o papai e Elise, abraçando cada um deles em despedida.

— Você está cada dia mais linda — papai murmura e eu sorrio, sentindo minhas bochechas esquentarem.

— E você também. — pisco, brincando com ele.

Vejo Pamella se despedir de Max com um abraço demorado e caminho até Trent, que me fita com as mãos dentro dos bolsos de seu jeans escuro. Paro em sua frente, empurrando-o levemente com minha barriga, o que faz ele rir comigo.

— Boa sorte, lutador... mesmo que não precise dela. — sussurro e ele finalmente me abraça. — Não venha tão machucado para casa, por favor — começo com minhas mil e uma exigências.

— Eu vou tentar. — ele me provoca e eu o acerto em suas costas.

— Você ainda vai me fazer pirar, Trent Elliot Wayne.

— Esse é meu objetivo de vida — continua com suas provocações.

— Idiota — tento empurrá-lo para longe, mas ele ri, segurando-me firme. Nos encaramos e ele me beija de forma rápida e superficial.

— Vou voltar inteiro para você e trarei um cinturão novo que farei questão de colocar em você depois de tirar toda sua roupa. — murmura tão baixo que só eu entendo porque estou fitando seus lábios finos atentamente.

— Soa bem... — brinco. — Vou esperar por isso ansiosamente.

— Boa garota... — imita o que eu disse para ele poucos minutos atrás.

Trent beija minha testa pela última vez e se separa de mim. Abraço Max rapidamente, desejando-lhe sorte para lidar com Trent e os outros e logo eu e Pamella estamos sozinhas em casa.



— Você sabe o quê? — digo, soltando meu cabelo do elástico preto que sempre uso.

— Huh...

— Estou com vontade de comer picles, banana e chocolate com sorvete de baunilha... — imagino o sabor e minha boca começa a encher de água. — Tudo muito bem misturado e... oh, Deus, eu realmente quero comer isso! — exclamo.

— Soa muito estranho, mas vou te dar um desconto só porque está grávida — ri, vestindo uma camiseta. — Não temos picles aqui... será que serve só a banana com chocolate e sorvete de baunilha? — pergunta e eu faço uma careta involuntariamente. — Entendido, entendido... vou chamar um táxi para nós duas e então podemos ir ao supermercado atrás do seu picles estranho.

Sorrio abertamente, satisfeita por tê-la fazendo isso comigo.

— Você é a melhor irmã. — murmuro ao me levantar.

— Eu sei...

Deixo Pamella terminar de se arrumar e quando escuto ela ao telefone, o meu começa a tocar. É Trent, claro.

— Oi, lutador — o saúdo assim que atendo a sua chamada.

O barulho ao fundo é muito alto, já como o esperado.

— *A cerimônia vai começar em alguns minutos e eu só liguei para checar você antes de colocar minha cabeça no octógono. Está tudo bem por aí?* — dispara, ofegante.

— Sim, tudo muito bem, assim como eu disse que ficaria. — ele bufa do outro lado da linha. — Vou sair com Pamella para irmos comprar picles, mas não vamos demorar muito... em breve estaremos com a cara em frente ao computador para assistir à transmissão online ao vivo. — informo.

— *Vocês vão sair?*

— Eu não acredito que ouviu apenas isso de tudo que eu lhe disse, Furor. — reviro meus olhos.

— *Tome cuidado* — pede.

— Eu sou uma pessoa cuidadosa.

— *Eu sei, mas estou apenas me certifica n...*

— Vamos, Parisa! — Pamella me chama. — O táxi deve estar chegando, vamos sair logo...

— Eu preciso ir agora — digo. — Boa sorte, novamente... amo você.

— Amo você. — retruca.

Finalizo a chamada e jogo meu celular na cama, enquanto sou puxada por Pamella, que tagarela sem parar, por todo caminho. Saímos de dentro de casa em meio a conversas e ficamos dessa forma por longos minutos, até eu abrir a boca para reclamar.

— Onde está esse táxi? — resmungo.

— Deve estar chegando. — diz, checando as horas no celular e colocando-o discretamente em seu sutiã por dentro da camiseta logo em seguida. — Na verdade, está demorando muit...

Vejo Pamella cair ao meu lado e antes que eu possa assimilar o que está acontecendo, tudo fica preto e eu apago.

Capítulo 32

Parisa Cohen

“...mas mesmo uma Super-Mulher às vezes precisa da alma de um Super-Homem...” (HELIUM — Sia)

Sinto minha cabeça latejar, enquanto o cheiro irritante de álcool em meu nariz me faz recobrar meus sentidos não tão rapidamente quanto o esperado. Não sei por quanto tempo eu estive apagada, mas o medo que começa a percorrer por meu interior me mantém ligada antes mesmo que eu abra os olhos. Tapas ardem em minhas bochechas, enquanto palavras e palavrões sujos são jogados e cuspidos em minha direção, mas eu só abro os olhos depois de respirar o mais profundamente que consigo.

— Desperte, vadia! — a voz conhecida exige e eu mal posso acreditar que é realmente essa pessoa. — Vamos, colega de quarto, abra a porra dos seus estúpidos olhos azuis!

Forço minhas pálpebras pesadas para cima e, com dificuldade, abro meus olhos. A minha visão turva dificulta minha tentativa de reconhecer quem está na minha frente, mas depois de receber um tapa mais forte na minha bochecha esquerda, as coisas começam a ficar mais claras. A imagem de Jackie aparece na minha frente e logo sua voz perfura meu tímpano. Ela grita comigo, no topo de sua voz, enquanto eu me esforço para entender o que está acontecendo nesse momento.

— Jackie? — sussurro, tentando entender o porquê dela estar parecendo tão suja e doente. Não, ela não parece nada com a pessoa que conheci meses atrás. — O que...

— Cale a sua boca! — cospe, literalmente, no meu rosto.

Observo o local em que estou e prendo a respiração instantaneamente. Tudo que eu consigo ver — por cortesia da má iluminação — é sujeira e poeira.

Respiro fundo, sentindo meu estômago revirar e um chute ser desferido por um dos meus bebês. “*Eu preciso me controlar*”, penso, antes de abrir minha boca outra vez. Minha vista é puxada para o brilho reluzente do metal da faca que Jackie tem em sua mão. Seu sorriso cresce assim que ela me vê engolir à seco. Puxo meus pulsos discretamente, sentindo a pele dali arder com a força com que ambos estão amarrados nas minhas costas. É impossível me soltar sob o olhar dela.

Jackie brinca com a faca, sorrindo diabolicamente enquanto me fita com seus olhos brilhando tão intensamente que um calafrio sobe por toda minha espinha até meu pescoço. Posso perceber o vermelho ao redor de suas pupilas dilatadas, denunciando que ela provavelmente está drogada.

— Será que o seu namorado vai vir te buscar, Parisa? — ela indaga, agachando-se na minha frente.

— Ele vai vir e você vai estar ferrada, cadela! — escuto a voz de Pamella de algum

lugar do cômodo escuro.

Jackie perde seu sorriso e vira o rosto para fitar um ponto atrás dela.

Minha irmã está aqui também?

— Você fica melhor calada, gêmea fresca! — Jackie esbraveja, completamente fora de si.

— Me obriga, vagabunda... — Pamella rosna de volta.

— Pamella, par...

— Eu disse para você calar a boca, Parisa! — Jackie se vira outra vez para mim. Ela finalmente se levanta, caminhando de um lado para o outro freneticamente. — Eu não sei se vou ter paciência com sua irmã imbecil, Parisa. Me diga o que fazer com ela! — exige.

Acho Pamella sentada de frente para mim do outro lado do quarto mal iluminado. Seu olhar cruza com o meu, deixando-me saber que ela está com tanto medo quanto eu.

— Não faça nada, você não quer a ela, Jackie. Sou eu, não é mesmo? Sou eu quem você quer, certo? Deixe Pamella de fora disso, deixe ela ir... — imploro, tentando fazer sua cabeça.

— Não, eu não quero você, mas *ele* quer.

— Ele quem? — questiono, temendo por sua resposta.

— Shark. Shark quer você, Parisa! — grita tão alto que suas veias do pescoço ficam visíveis. — Todos eles querem você e eu não *suporto* isso — completa.

— Foi ele que mandou... ele que...

— Sim, ele planejou tudo isso — cospe, olhando no relógio que está em seu braço esquerdo. — Eu só vou deixar isso acontecer porque... — ela ri, curvando-se quando sua risada fica mais difícil de controlar.

Fito Pamella mais uma vez, observando que ela puxa seus pulsos — provavelmente também amarrados — com força, enquanto tenta se soltar. Eu não tento fazer o mesmo, já que sei que a atenção de Jackie agora é toda minha, dessa forma eu me preocupo apenas em deixá-la ainda mais focada em mim.

— Pare de rir! — digo, em alto e bom som.

Ela para de rir gradativamente, cerrando os olhos em minha direção.

— O que Shark quer comigo?

— Você quer a melhor parte ou a pior? — indaga e eu reviro meus olhos. — Não revire seus estúpidos olhos para mim, sua putinha — aproxima-se com rapidez de mim. Jackie traz a faca até o meu rosto e quando o metal entra em contato com a minha pele, minha respiração fica curta e difícil de ser controlada. — Ele vai te comer, Parisa. Ele vai foder você até que esteja chorando, implorando para ele ter piedade. Então, ele vai ter que te matar, boneca. Shark vai arrancar o bebê que está dentro de você e vai dar para sua irmã levar para o seu namorado. — diz,

arrastando a lâmina sobre minha bochecha e abrindo, vagarosamente, um corte ali.

Eu não consigo sentir nada além de mais outro chute de um dos meus filhos, seguido de outro e mais outro, e mais uma dezena de chutes. A bile sobe por minha garganta, mas eu reprimo a vontade de vomitar, assim como tento expulsar as lágrimas que se acumulam nos meus olhos.

— Isso não vai acontecer — sussurro, tentando certificar a mim mesma.

Eu não sei que horas são, eu não sei se as lutas de Trent já terminaram, eu não sei se ele é ou não o campeão do Circuito outra vez. A única coisa que eu sei, é que eu quero que ele venha me tirar desse lugar horrível. Eu o faria por mim mesma, mas é impossível na posição em que estou: amarrada e sem pista alguma da minha localização.

— Você acha que não vai acontecer? Mas vai, e eu estarei feliz em filmar tudo para mandar para o seu estúpido namorado, juntamente com o cadáver malformado do seu bebê inútil. — Jackie leva a faca até minha outra bochecha. — Eu acho que você não se importa se eu te der umas cicatrizes em seu rostinho de princesa, certo? Quero dizer — ela ri escandalosamente. —, você não vai mais precisar desse rosto para nada, Parisa, é claro que você não se importa.

Mesmo na posição em que eu estou, não abaixo meu olhar do de Jackie. Suas orbes movimentam-se de um lado para o outro, deixando claro a sua agitação e precária concentração. Seu sorriso sujo faz meu estômago afundar, lançando milhões de ondas ruins e densas por minha pele que causam um calafrio insuportável. Finalmente nessa proximidade, consigo sentir o cheiro ruim que exala do seu corpo e essa é mais uma coisa que me deixa com um intenso medo dela.

O quão ruim ela passou os últimos meses para acabar dessa forma?

— Trent vai odiar vê-la assim, Parisa — começa outra vez, deslizando a lâmina por minha bochecha. O cheiro metálico de sangue invade meus sentidos, enquanto os locais cortados latejam. — Ele nem vai querer ir ao seu enterro depois do que vou fazer com você e então, Shark também — ri, trazendo a outra mão até meu cabelo.

— Trent me ama e sempre me amou, Jackie, nada que vocês fizerem vai ser capaz de apagar isso. Eu sinto pena de vocês — não consigo controlar minha língua, enquanto ela para, pressionando a lâmina contra minha pele com força ao escutar minhas palavras. — Eu sinto pena de você e de Shark, pois Trent não será piedoso e não medirá esforços para achar quem matou a sua mulher e os seus filhos. Eu posso sair sem vida daqui, mas vocês estão fodidos, mais do que eu. — cuspo de volta em seu rosto, assim como ela fez comigo.

— Filhos? — pergunta, incrédula. — Então são gêmeos, como você e sua...?

— Sim, gêmeos...

Jackie me encara por breves segundos antes de deslizar seu olhar para o meu corpo. Se antes eu já estava nervosa, agora eu estou pensando em mil e uma formas de me soltar daqui. Antes que eu possa concluir qualquer plano, Jackie usa sua faca para começar a rasgar o vestido que eu estou usando. Eu sei que eu deveria impedi-la, mas o medo dela acertar minha barriga e ferir meus bebês é maior do que o medo dela ferir somente a mim.

A cada corte feito por suas mãos nervosas, o metal gelado esbarra na minha pele e eu

retraio meu corpo. Jackie está furiosa, eu consigo sentir isso. Ela estraçalha meu vestido até que nada, além da minha calcinha, me cubra. Arrepio toma conta do meu corpo por causa do frio do quarto e eu mordo meu lábio inferior, procurando minha irmã instintivamente. Pamella está me fitando imóvel, mas logo reage. Ela puxa um dos braços com tanta força que acaba conseguindo se soltar. Jackie se vira para Pamella, mas a mesma consegue esconder seu feito com maestria. Graças a Deus.

Uma batida na porta chama a atenção de Jackie e ela volta a me encarar, mais precisamente, minha barriga.

— Eu vou, mas não se anime porque voltarei em poucos minutos. Temos muito para conversar, colega de quarto — avisa, ficando de pé e indo até a porta. — Sua hora está chegando, garota. — atira para Pamella antes de sair e bater a porta.

O trinco balança e assim que percebemos que a porta está trancada, Pamella vem tropeçando em seus pés até mim. Pamella se ajoelha na minha frente, trazendo suas mãos trêmulas até meu rosto, enquanto não deixa cair as lágrimas acumuladas em seus olhos.

— Oh, meu Deus, Paris... — sussurra, puxando sua camiseta para fora e passando com cuidado nas minhas bochechas feridas. Fecho meus olhos, sentindo meu corpo tremer com aquele seu gesto. — O que nós v-vamos fazer? O que...

— Pam, calma, por favor — peço, abrindo meus olhos assim que ela para de passar sua camiseta em minha pele. — Primeiro, você pode me soltar daqui, então nós podemos pensar em alguma coisa... *juntas*. — explico e ela assente.

Desencosto-me da parede fria e Pamella começa a trabalhar no nó. Ela tem dificuldade com ele, mas eventualmente consegue me soltar depois de quase dois minutos. Esfrego meu pulso, observando o tom avermelhado ao redor de ambos e me coloco de pé, puxando Pamella comigo. Ela estende a sua camiseta em minha direção e eu sorrio nervosamente, agradecendo por ela estar me dando algo para vestir.

— E agora? — pergunta assim que eu puxo a camiseta para baixo no meu corpo. Ela fica extremamente justa na minha barriga grande, mas não me incomoda nem um pouco no momento.

— Você está com seu celular aí? — retruco, começando a andar pelo local imundo. — É claro que não, mas...

— Sim! — exclama e eu me viro rapidamente para ela. — Está aqui, está aqui... — sussurra, aproximando-se de mim com o aparelho em mãos. — Céus, eles são muito burros e nós muito sortudas.

Pamella aperta em algum botão e o aparelho liga. Temos apenas um pequeno ponto de sinal e devemos aproveitar antes que ele nos abandone.

— Liga para o Max, Pam. O Circuito deve ter acabado nesse instante — digo assim que percebo que o relógio marca dez e meia da noite. — O Max sempre está com o celular, Trent não.

Ela assente, destravando e procurando o número do namorado em sua lista telefônica.

Ando de um lado para o outro, reprimindo a vontade de levar minhas mãos até meu rosto para checar o estrago que Jackie fez em minha pele.

Eu não vou me deixar abalar por causa disso. Eu não posso me deixar abalar por algo tão fútil quanto isso. As feridas saram, as cicatrizes fecham, as marcas ficam. Contudo, não lutar pela vida dos meus filhos seria, sem dúvidas, o maior erro cometido por mim em toda minha vida. Sair daqui com a ameaça de que eu os perdi seria a minha pior derrota. Eu não ligo e nunca liguei para minha aparência, então não vai ser isso que vai tirar meu foco nesse momento.

— Max? — Pamella me puxa de volta assim que fala o nome do namorado. — Amor, me escuta... Não... Max, eu não posso falar mais alto, por favor vai para um lugar menos barulhento... — Pamella me encara e eu sinto como se meu coração fosse sair pela boca a qualquer momento.

— Eles ainda estão na arena? — indago e ela assente positivamente.

— Eu acho que Trent venceu, está um barulho infernal — Pamella retruca e eu mordo meu lábio, feliz por Trent ter conquistado o Circuito mais uma vez. — Max? Max...? — percebo que Pamella ainda não parou de tremer desde que se soltou. — Amor, você consegue me escutar? — pausa. — Graças a Deus, Max, escuta bem... — mais outra pausa. — Amor, não, não vá para casa! Você tem que avisar o Trent, o papai, eu não sei... o *Shark* nos pegou. Ele, os capangas, não fazemos ideia de quem fez isso, mas eles pegaram a Parisa e eu... não, Max... isso é sério, nós não sabemos onde estamos e ele... a garota, a ex colega de quarto da Parisa está aqui e ela disse coisas horríveis para nós, para a Parisa.

Puxo o celular da mão de Pamella sem aviso.

— Max, vá até o papai e o Trent e diga para eles virem, Shark deve estar vindo para cá agora e eles querem... ele quer matar os meus bebês — digo, desesperada, escutando Max assentir do outro lado da linha. — Eu preciso desligar agora, Pamella e eu precisamos pensar em como n...

— Espere, Trent está vindo, Parisa. Espere! — grita do outro lado e eu observo Pamella caminha pelo local, vasculhando todos os lados.

— Querida? — assim que Trent fala eu sinto meu coração acelerar. — Está tudo bem? Algo aconteceu? — questiona porque Max provavelmente jogou o celular para ele falar comigo sem avisá-lo sobre nada.

— Trent... não temos muito tempo... — engulo o caroço que se forma em minha garganta. — Você consegue ver Shark nesse momento?

— O que tem ele? Nós acabamos de sair da luta, eu acabei com ele... eu acho que... — Trent para. — O que está acontecendo Parisa?

— Siga-o. Ele me tem nas mãos, assim como nossos filhos e Pamella. Nós fomos... ele conseguiu...

A porta é aberta em um grande baque, deixando eu e Pamella assustadas. Jackie agora segura uma arma e dois homens estão logo atrás dela. Minhas pernas tremem ao escutar Trent gritar e chamar minha atenção do outro lado da linha.

— Solta esse celular, Parisa! — Jackie exige, mas eu estou congelada.

— Trent, você precisa seguir Shark, ele quer...

— Solta a porra do celular, cadela, ou eu vou atirar em você.

— Eu preciso de você, Trent — sussurro antes de um tiro atravessar a sala ao mesmo tempo que Pamella se joga na minha frente e eu atiro o celular no chão.

O impacto empurra minha irmã para os meus braços. Seu ombro foi acertado pelo tiro que Jackie direcionou a mim. Meus olhos enchem-se de lágrimas ao segurar Pamella e ir ao chão com ela.

— Oh, meu Deus... — ela sussurra, tossindo ao me encarar com os olhos arregalados. Tiro a camiseta que Pamella me deu para vestir e passo por debaixo do seu braço, ocupando-me em amarrá-la em cima do local atingido para que ela não perca muito sangue. — E-Eles estão vindo, certo? Nós não v-vamos morrer aq-aqui, Parisa, não é mesmo?

— Não, Pam, nós não vamos morrer aqui. Trent, Max e o papai estão vind...

Sou puxada com força por um dos homens, enquanto Pamella tenta me segurar com seu braço bom. Ela agarra minhas pernas, abraçando-as com forças e sendo arrastada comigo. O outro segurança puxa Pamella e a — literalmente — arremessa contra a parede. Grito o mais alto que consigo, debatendo-me com a muralha à minha frente para que ele possa me soltar.

— Suas putas, vocês tinham um celular! — Jackie grita, transtornada.

— Princesa, é melhor você parar ou eu vou enfiar a porra da minha faca na sua barriga — o homem alerta e eu finalmente paro para encará-lo. É ele, o homem do beco. Seu sorriso se alastra pelos lábios grossos e eu respiro fundo, tentando tirar suas mãos de cima de mim. — Eu sinto como se te conhecesse...

Ele me joga no chão e eu acabo batendo com minha barriga no chão.

— Vai se foder, Trent! — Jackie grita e eu a observo finalmente, enquanto minha respiração engata com a pontada que me acerta. — Quando você chegar aqui, Parisa estará morta com os bebês de vocês. — atira o celular de Pamella na parede.

— Jackie, pare com isso... — peço, tentando localizar Pamella, mas minha visão turva acaba dificultando minha procura. — Nós não faremos nada se nos deixar sair daqui... te ajudaremos a procurar ajuda e se quiser...

— Ajuda, Parisa? Você acha que eu sou o quê? Louca?

— Não, eu acho que você é uma maldita psicopata, porra! — grito, sentindo outra pontada em minha barriga, seguida de um chute.

Puxo o ar e solto, tentando me controlar.

Eu preciso ficar controlada.

— Shark não vai chegar a tempo de fazer qualquer coisa com você, eu preciso de um

novo plano, eu preciso... — Jackie começa a falar consigo mesma, enquanto encaro os dois seguranças.

Arrasto meu corpo pelo chão até conseguir chegar a parede outra vez. Acho Pamella jogada no chão, gemendo e resmungando enquanto se contorce de dor.

— Levantem-na! — Jackie comanda, apontando para mim.

Mordo meu lábio inferior ao ver os dois homens se aproximarem de mim. Não brigo contra eles, pois estou tentando guardar a força que me resta para um momento mais crucial do que esse. Eles me seguram, um de cada lado, contra a parede. Jackie volta a se aproximar de mim e estende o braço, colocando o aponta da arma em contato direto com a ponta entumecida do meu seio esquerdo. Eu me sinto literalmente gelada. Eu nunca tive tanto medo de nada e nem de ninguém, até esse exato momento. Ela trava e destrava a arma em sua mão, nunca desviando o olhar do meu.

— Eu posso tirar sua vida agora mesmo, Parisa — murmura, fitando meu corpo. Com sua mão livre, Jackie toca minha barriga, arrastando as unhas longas e sujas contra minha pele. — Mas eu acho que podemos nos divertir um pouco antes disso. — completa. — Você já foi tocada por uma mulher antes, Parisa? — ela pergunta e eu endureço, tentando me soltar dos homens. Jackie não vai fazer isso.

— Você não p-precisa... não faça isso, por favor... eu posso te ajudar, apenas me deixe...

— Agora eu quero saber o que eles veem em você, cadela! — ela me corta. — Eu prometo ser boazinha, *querid*...

A porta é aberta e mais um homem toma seu lugar dentro do quarto.

— Deixe a garota, Jackelin — escuto outra voz se meter no meio da nossa conversa. Eu conheço esse tom de voz e esse andar arrastado. — Deixe a querida do meu *querido neto*. — completa.

Como um cachorrinho adestrado, Jackie se afasta de mim — mesmo com certa relutância. A cada passo que aquele pedaço de merda dá em minha direção, eu tremo em meu lugar, começando a pensar que morrer pelas mãos de Jackie seria melhor do que morrer pelas mãos desse animal. O avô de Trent está usando roupas visivelmente novas, que eu arriscaria dizer que foi “presente” de Shark. Seu rosto limpo e desprovido de emoções me assusta muito mais do que as mil e uma expressões de Jackie. Se isso for um pesadelo, eu quero — *por favor* — acordar o mais rápido possível.

— Quanto tempo, Parisa... — diz, cobrindo todo meu corpo com sua estatura grande. Seu olhar passeia por meu corpo e eu tenho vontade de vomitar, o que dessa vez eu não consigo reprimir no momento que sua mão toca minha barriga. Viro minha cabeça para o lado e acabo vomitando nos pés de um dos seguranças. — Pode vomitar, querida, eu sei que as mulheres grávidas ficam muito enjoadas durante a gestação — diz, irônico.

— O que você q-quer comigo? — pergunto em vão, pois já sei sua resposta. — Por que está fazendo isso? Juntar-se com o Shark para atingir seu próprio neto...

— Eu o odeio! — interrompe-me, apertando meu seio direito com tanta força que eu espremo meus olhos, tentando ignorar a dor. — Eu odeio o Trent, garota. Se pegar você seria a única coisa que o atingiria, eu não poderia ficar fora do plano do psicopata do Shark e dessa outra garota — explica, deslizando sua mão por minha barriga. Aperto minhas pernas umas nas outras assim que ele chega a barra da minha calcinha. — Eu quero saber o que você tem, Parisa, seja uma garota boa e...

O barulho alto de tiro que vem do lado de fora do quarto deixa todos nós alarmados. O avô de Trent para o que está fazendo e puxa uma arma do cós de seu jeans, acenando para os homens que estão me segurando. Os dois me soltam e quando penso em me mover, o avô de Trent coloca o cano da arma no meio da minha testa, destravando a mesma.

— Se você se mexer, a única coisa que Trent encontrará ao chegar aqui, será o seu cadáver. — afirma.

Capítulo 33

Trent Wayne

Quando a vida está indo muito bem, é aceitável e mais do que normal que você comece a desconfiar sobre estar ou não vivendo um sonho. Mesmo com as discussões e pseudo-brigas com Parisa, minha vida nunca foi tão fácil e perfeita como nos últimos meses. É claro que o que estávamos vivendo era um sonho. Nada **nunca** foi fácil para mim, muito menos para ela. Nossa relação foi um problema desde o princípio; superamos muitas coisas e viemos nos reconstruindo intimamente depois disso.

Sim, era a porra de um sonho que durou até esse exato momento.

Eu puxo a minha respiração, entregando o celular de Max em suas mãos antes que eu arremesse o mesmo contra a parede da minha sala de concentração. Não tenho tempo para perder a cabeça aqui, eu tenho que ir atrás de Shark, assim como Parisa me disse para fazer antes de ser... Puta que pariu, eu nem mesmo quero pensar no que pode estar acontecendo com a minha mulher, nossos filhos e sua irmã. Se algo acontecer com qualquer um deles, não sei se serei capaz viver com isso nas minhas costas.

— Ache Shark, pegue-o e o amarre em qualquer porra de lugar! — comando, sentindo minhas mãos começarem a tremer.

Max sai correndo da sala e eu visto-me rapidamente, ouvindo a porta ser aberta. Jake passa por ela com Elise e me encara com um sorriso, provavelmente pronto para me parabenizar pelo Circuito.

— Deixe isso para outra hora, velho — atiro e ele franze a testa. — Jackie, a ex colega de quarto de quarto de Parisa, a pegou juntamente com Pamella à mando de Shark.

A expressão de Jake muda da água para o vinho assim que eu paro de falar.

— Eu vou matar esse filho de uma puta se ele fizer algo acontecer com minhas filhas e com meus netos — Jake diz entre dentes.

— Não podemos perder tempo aqui — digo e Jaz entra na sala logo em seguida. — Eu ouvi o som de um tiro e aquela puta miserável... — respiro fundo, tentando não pirar. — Max foi atrás de Shark e nós precisamos fazer o mesmo agora.

— Senhor? — Jaz chama minha atenção. — Max foi com os outros e os seguranças atrás de Shark — diz e eu tenho quase certeza de que Max esbarrou com Jaz e disse tudo à ele. Ele puxa uma arma do cós de sua calça e estende para mim. — Espero que se lembre de tudo que eu lhe ensinei sobre como usar uma dessa — apanho a arma de sua mão, acenando positivamente, porque eu realmente me lembro perfeitamente de tudo que Jaz me ensinou.

Certa vez eu lhe pedi para me ensinar tudo sobre como usar armas, já que ele era do exército. Isso ocorreu há quase quatro anos, mas a memória é tão fresca em minha mente que parece como se fosse ontem. Sei o que devo fazer e não hesitarei em atirar em qualquer um que se meter em meu caminho ou dificultar minha busca por Parisa, Pamella e meus filhos.

— Pegue meu carro e me espere em casa — Jake murmura para Elise, entregando suas chaves para ela.

Ele beija a mulher na boca e ela se despede rapidamente com um abraço. — Mande notícias assim que tudo acabar, por favor... e tome cuidado. — Elise sussurra e Jake assente de forma simples.

Coloco a arma no cós do meu jeans, observando Jaz pegar minhas coisas. Saio da sala com Jake e Elise, seguindo para a saída de emergência mais próxima. Antes de chegarmos ao lado de fora, posso escutar Jaz falando ao telefone atrás de mim e, quando finalmente saímos pelos fundos, damos de cara com os caras segurando Shark e os seguranças dando conta dos subordinados daquele fodido.

— Parece que o que aconteceu lá dentro não foi o suficiente para você, não é mesmo? — atiro, aproximando-me de Shark em passos largos e acertando-lhe com um soco direto no maxilar.

Ele ri, já com a cara completamente fodida do nosso combate de poucos minutos atrás.

— O que vai fazer, Furor? Agora eu tenho sua garota, seu bem mais precioso, certo? — cerro meu punho mais uma vez, tentando alongar minhas respirações curtas e rápidas. — Se você me matar, nunca vai saber onde mandei colocarem sua preciosa Parisa... nunca vai saber que ela pode estar, sendo fodida agora mesmo pelo seu querido avô, um estúpido imbecil como você, que se vendeu por apenas algumas centenas de dólares para me ajudar a te ferrar.

— O q... Como diabos ficou sabendo de Peter? — questiono, quase que não acreditando no que Shark está falando.

— O velho deve dinheiro para Deus e o mundo, Furor. Você não quis dar dinheiro para ele, então ele resolveu me ajudar em troca de alguma coisa...

— Eu vou matar aquele... — paro de falar, tendo minha memória invadida pelo passado. — Coloque-o no carro. — digo para Max e Mike. — Vocês, deem um jeito nesses outros. — comando aos seguranças.

Jaz destrava as portas do Land Rover de sete lugares que ele usa com os outros seguranças e nós entramos. Mike e Max entram nos dois últimos bancos, espremendo Shark entre eles. Paul e Lucas ficam de cada lado meu, e Jaz e Jake entram nos bancos da frente, arrancando para longe da arena.

— Se você acha que seu avô vai facilitar, você está enganado, Furor — Shark volta a falar e eu me apoio sobre o encosto do banco, virando-me para ele. — Eu prometi mais dinheiro a ele e, ele não vai querer sair dessa com as mãos abanando.

— Me diga onde mandou colocarem Parisa e eu te dou uma chance de sair dessa — digo, encarando-o dentro dos olhos.

— O que eu quis, você me tirou — retruca entre dentes. — Esse Circuito era para ser meu, seu fodido! — grita.

— Senhor, para onde eu devo ir? — Jaz pergunta e eu penso.

Shark não armaria um circo desse em sua casa e foi provavelmente por isso que ele meteu Peter em seu jogo doentio. Eu posso estar errado, mas também posso estar certo. É um tiro no escuro. A arena é arroteada praticamente toda do nada, e foi desse nada que eu vim. A casa onde passei a pior parte da minha vida fica a poucos minutos daqui e deve ser lá que Shark mandou colocarem Parisa e Pamella.

— Dê a volta e pegue aquela rotatória... — aponto para ele e em seguida dou-lhe todas as coordenadas que ele precisa para chegar até a casa de Peter em menos de cinco minutos. Viro-me para Shark, que exibe uma expressão raivosa e surpresa atrás de todos os hematomas que eu lhe dei. Fodido seja ele. — Você quer me falar alguma coisa?

— Ela já deve estar morta — ele sorri e, dessa vez, é acertado por Mike.

— Se Parisa estiver morta, você pode se preparar para uma fodida tortura, porque nem você e nem seus homens sairão dessa sem a merda que merecem — Mike diz entre dentes e eu endireito-me no banco, passando minhas mãos suadas pelo meu jeans escuro.

O resto dos poucos minutos, passamos em silêncio. Quando Jaz finalmente estaciona o carro, ficamos em silêncio por alguns breves segundos enquanto ele mexe em algumas coisas dentro de uma maleta. Observo a casa mais velha e destruída do que vinte anos atrás e não consigo evitar a sensação ruim que ela me passa.

— Não sei quantos de vocês já usaram uma arma, mas não é tão difícil quanto pode parecer — Jaz diz, tirando de dentro da maleta mais quatro armas parecidas com a que ele me deu.

— Na verdade, eu já usei uma — Mike se pronuncia e todos o encaramos. — O quê? Esse é meu segredo. — ele sorri sem graça.

— Vamos para fora, eu vou ensiná-los alguma coisa antes de entrarmos — Jaz pede.

— Eu vou ligar para a polícia — Jake diz assim que saímos do carro. — Até eles chegarem tudo já deve ter se resolvido. — explica.

Não é uma má ideia, mas me incomoda.

— Então chame uma ambulância também — retruco e ele assente.

Mike e Max arrastam Shark para fora com eles e eu puxo a arma do cós da minha calça. Sua expressão não é tão tranquila quanto antes quando ele vê que eu estou apontando a arma para sua perna esquerda. Escuto Jaz dando as suas dicas para Lucas, Paul e Jake, enquanto continuo fitando Shark e sua perna.

— Não faça isso... — ele pede.

— Você poderia ter me ajudado, ou melhor, você poderia ter nunca começado com essa merda — cuspo, destravando a arma. — Mas você não cooperou em momento algum. Acha que eu o deixaria sair ileso?

— Mas eu...

Eu o interrompo assim que atiro em sua perna esquerda. O impacto o leva um pouco para trás e o barulho estoura em nossos ouvidos. Miro em sua outra perna e volto a atirar. Daqui ele não sai até que a polícia chegue e, mesmo que tente, não chegará longe.

— Vamos agora — Jake exclama.

Max e Mike deixam Shark no chão, que urra de dor pelos tiros. Mike recebe uma arma e Max é o único que fica sem uma, mas ele não sai do meu lado por todo caminho. Em passos largos, nos aproximamos da entrada da casa e paramos em frente à porta. O lugar tem cheiro ruim e fede mesmo do lado de fora. Chuto a porta com demasiada força, que provavelmente nem precisava, uma vez que ela cai no chão sem dificuldade.

O lugar está estranhamente calmo. Ao invés de encontrar a sala arrumada como antes, a maioria dos móveis foi tirada daqui, o que agora me dá certeza de que Parisa está aqui com Pamella. A velha não tiraria suas coisas da sua preciosa casa para nada. Peter com certeza a levou para outro lugar.

— Onde você acha que eles estão? — Max murmura para mim.

— Vamos primeiramente rodar por aqui. Há apenas dois quartos e a cozinha, então quando nos certificarmos que não há mais ninguém podemos ir para o quarto dos fundos — digo tanto para Max, quanto para os outros.

Como eu pensava, a casa está praticamente vazia. Passamos pelo quarto de Peter e Sally, pelo meu antigo quarto que eu quase nunca usava e pela cozinha, constatando a falta dos móveis ali. O último lugar a ser revistado, é a cozinha, onde encontramos armas pelo balcão de madeira.

— Elas não estão em lugar algum — Jake grunhe, preocupado.

— Não, tem mais um lugar.

Todos me encaram e eu respiro fundo, antes de ir encarar meus demônios do passado.

— Qual? — Lucas pergunta.

Abro a porta da cozinha e Jaz, por alguma razão, toma a frente da situação. Vejo a porta do quarto escuro e caminho até ela, voltando a enfiar minha arma no cós da minha calça.

— Eu vou na frente com Jaz — Mike se pronuncia e eu aceno positivamente.

Jake me encara e eu respiro fundo.

— Não perca a cabeça — pede e eu volto a acenar no automático.

Antes que Mike possa abrir a porta, dois homens saem dela, empunhando suas armas. Felizmente, eles não são mais rápidos que Mike e Jaz. Os dois acertam um tiro certo em cada e quando eles caem ao chão, Lucas bate nas costas de Mike.

— Você é foda, cara — Lucas murmura.

Passo pelos caras e pelo corpo imóvel dos homens no chão e finalmente entro no quarto. O local está quase todo escuro, mas mesmo assim consigo sentir a presença de mais pessoas aqui dentro. Um gemido de dor escapa de algum lugar do quarto escuro e eu sei que é de Pamella.

— Onde ela está? — Max pergunta atrás de mim. Jaz, Mike, Jake e os caras estão vindo logo atrás dele. — Pamella? — Max exclama.

— Cale a porra da boca! — uma voz feminina exige.

A luz é ligada e eu finalmente consigo localizar Parisa para meu alívio e desespero, tudo ao mesmo tempo. Seus olhos azuis estão cheios de lágrimas não derramadas e ela não usa mais do que apenas a mesma calcinha que eu a vi vestir hoje mais cedo. Respiro fundo, piscando de formada demorada. Abro meus olhos outra vez, mas isso não é um pesadelo. Estou de volta ao inferno em que vivi os meus piores dias. Esse é o quarto escuro onde eu fui torturado física e psicologicamente nos meus primeiros anos de vida. Aqui eu tinha meu encontro particular com o satanás e, no momento, ele está com as mãos em cima da minha mulher seminua e com uma arma apontada para a cabeça dela.

O rosto de Parisa tem dois cortes, um de cada lado de seu rosto, e ambos estão deixando suas bochechas sujas com sangue.

Puta que pariu.

— Pamella? — Max volta a exclamar, deixando seu desespero transparecer.

— Pare com isso, Ma...

Jake tenta interrompê-lo, mas a voz de Pamella nos surpreende.

— Max, amor, eu estou aqui! — sua voz é fraca, mas ainda pode ser ouvida por nós. — P-Por favor, Max, me ajuda... Eu p-preciso de s-sua...

Jake tenta passar por mim, mas eu coloco meu braço para pará-lo.

— Nem mais um passo, ou eu atiro. — Jackie fala.

Em um lapso de segundo, Max passa pelo meu outro lado. Tento puxá-lo de volta, mas é impossível. Dois tiros atravessam o quarto e eles são tão altos quanto o grito de Pamella. Meu primeiro impulso é de ir até meu amigo, mas se eu fizer isso eu vou acabar como ele e eu não vim aqui para isso.

— Não se mexa, porra! — Peter esbraveja. Max está no chão. Ele foi acertado por Jackie e Jackie foi acertada por Peter. — Essa puta já estava me dando nos nervos... — resmunga, revirando os olhos.

— Max! — Pamella grita com mais força e eu respiro fundo, tentando não fitar o corpo dele jogado no chão.

Max se arrasta pelo chão, tossindo e grunhindo entre dentes, mas eu não posso mover meus músculos para ajudá-lo. Eu preciso ficar exatamente onde estou. Eu preciso tentar salvar Parisa, nossos filhos, sua irmã e ele, meu melhor amigo.

— Então você veio... — Peter diz, espalhando a mão na barriga de Parisa.

Observo Peter, lhe lançando o olhar mais frio que consigo nesse momento. Não vou deixar que ele pense que ele continua tendo controle sobre mim somente porque estamos de volta nesse inferno. Eu posso estar em desvantagem, mas não posso demonstrar fraqueza, não agora.

— O que você acha que está fazendo, Peter? — questiono com um tom ácido e gélido revestindo minhas poucas palavras.

— O que parece, garoto? — retruca, sorrindo e mostrando seus dentes amarelados. Sua aparência pode estar parecendo limpa, mas ele é um homem repulsivo e imundo. — Diga para os seus homens abaixarem essas porcarias de armas, caso contrário eu terei o prazer de estourar uma bala na cabeça da sua mulher. — diz, parecendo divertido com toda situação.

Pego o olhar de Parisa, observando como as suas orbes azuis cintilam pavor e insegurança. Levanto e abaixo minha mão, sinalizando para Jaz e os outros abaixarem suas armas.

— Bom garoto — Peter diz, fazendo minhas mãos tremerem por conta do seu tom de voz e escolha de palavras. Tudo me leva de volta ao passado. — Finalmente encontrou seu caminho de casa, não é mesmo, Trent? — respiro fundo e volto a encará-lo dentro dos olhos, que brilham com toda sua psicopatia.

— Isso aqui nunca foi a minha casa. — murmuro, sem remorso nenhum das palavras que saem da minha boca.

— Ingrato! — esbraveja, aos poucos perdendo o seu controle. — Depois de tudo que eu e sua avó fizemos para você, Trent... e tudo que você fez foi matar os seus pais. Seu... seu assassino sujo!

Balanço minha cabeça negativamente.

— Nada do que aconteceu foi minha culpa. Foi um acidente e, agora, depois de tantos anos com você e aquela velha repugnante tentando me convencer de que foi minha culpa, eu sei e entendo que nada foi minha culpa. — digo, convicto das minhas palavras.

Isso foi o que Parisa me fez acreditar.

Ela me tirou da minha merda e me fez ver a minha inocência. Eu era apenas um bebê, não tem como nada do que aconteceu no passado possa ser minha culpa. Um acidente aconteceu e foi ele que levou meus pais.

— Você é um erro, Trent — cospe, deixando de apontar a arma para Parisa apenas para virá-la em minha direção. — Você é a porra do erro que eu mandei a sua mãe se livrar! — exclama, transtornado. — Violet não quis abortar, não quis deixar você ir, assim como não deixou o imprestável do seu pai ir. Esse foi o erro dela. Ela tinha um futuro brilhante pela frente e deixou tudo por sua culpa e por culpa do seu pai.

— Então você não gostava do meu pai também? — indago, tentando ganhar tempo para pensar no que devo fazer.

Escuto de longe Max e Pamella, sabendo que devo me apressar para que todos saiam

com vida desse inferno.

— Nunca gostei dele — diz, balançando a arma em sua mão enquanto parece estar se lembrando do passado. — Thomas não era o certo para Viollet, minha filha. Ela foi criada e levada para as melhores escolas dessa cidade, programada para ser uma advogada de sucesso, mas quando Thomas apareceu... ela... ela virou uma *perdida*. — fito Parisa, que me lança um olhar cheio de súplica.

— *Eu vou acertá-lo* — ela move os lábios, sem produzir qualquer som e eu cerro meus olhos em sua direção, repreendendo-a.

— Era Thomas isso, Thomas aquilo... eu não reconhecia mais a minha filha...

— *Trent, eu vou acertá-lo* — ela repete da mesma forma.

Peter continua balançando a arma em sua mão, enquanto cospe para fora todo seu ódio pelo meu pai. Ele passa a mão pelo corpo de Parisa e eu controlo a vontade de puxar a arma que está no cós da minha calça para atirar nesse estúpido pedaço de merda.

— E então veio você! — Peter volta a me encarar. — Um bebê não planejado que, por mais que sua mãe não estivesse pronta para esse tipo de *coisa*, quando ela viu o primeiro ultrassom, Viollet se recusou a abortar. Burra, burra, burra! Você fodeu com a vida da minha filha, seu verme, e agora eu tenho o direito de foder com a vida da sua mulher e do seu filho — grunhe entre dentes.

Em um movimento rápido e firme, Parisa bate na mão de Peter com tanta força que sua arma cai no chão e a minha garota tem o mesmo destino. Puxo a minha arma e destravo. Atiro. Uma, duas, três vezes. Tudo isso em menos de dez segundos e Peter finalmente desmorona.

— Fil... filho d...

— Finalmente indo para onde você merece — digo, aproximando-me dele. — Volte para o inferno de onde saiu, Peter.

— Você t-tamb... também v-vai ter o que mer... merece... — Peter resmunga, cuspidando as palavras ao finalmente... morrer.

Não sinto remorso. Não sinto pena. Não sinto nada, além de alívio.

Apresso-me para chegar até Parisa.

— Porra, Parisa...

— Eu sei, eu sei, você não precisa falar nada... eu sou absolutamente louca — diz, respirando fundo com a mão em cima de sua barriga.

— Pai, pai, pai, pai! — Pamella exclama do outro lado, chamando a minha atenção.

Seguro Parisa contra meu corpo, tendo cuidado com ela.

Pamella está abraçada em Max, que eu prefiro acreditar que está dormindo com a cabeça no colo da irmã da minha garota. Não deixo que Parisa veja, apenas engulo minha

própria preocupação para não perder a cabeça.

— Está doendo muito, Trent... — ela diz, ofegante. Seu corpo está coberto de suor e com muitas manchas espalhadas pelo mesmo. — Inferno...

— Vai ficar tudo bem, baby — digo a Parisa, que pisca compulsivamente e segura minha camisa com força. — A porra da ambulância já está chegando? — esbravejo, olhando para todos ali.

— Está vindo, senhor — Jaz é o único que se atreve a falar algo.

— Trent... — Parisa me chama, gemendo em seguida e contraindo seu corpo em sofrimento. — Max, Pamella? Eles...

— Eles estão bem, querida, apenas se preocupe em respirar fundo — minto, tentando convencer a ela e a mim mesmo.

— Estou tentan... — Parisa para de falar, gemendo novamente. — Eu acho que dessa vez nós... eu vou...

— Shhh... — selo nossos lábios, fazendo com que ela pare de falar. — Está tudo bem com nossos filhos e com você também. Nada vai dar errado agora, querida. Você vai ver que...

— Eu acredito em você — ela me corta, deixando as lágrimas escorregarem por seu rosto machucado. — Obrigada por ter vindo, obrigada por ter me salvado.

— Eu não cometeria o mesmo erro duas vezes — murmuro, ouvindo o som distante das sirenes.

A única coisa que quero nesse momento é que Parisa, nossos filhos, Pamella e Max fiquem bem.

Capítulo 34

Parisa Cohen

Dois dias mais tarde...

Enrolo meu corpo no casaco grosso que Trent me entregou assim que entramos no seu carro. Respiro fundo, encostando minha cabeça no vidro gelado da janela e fecho meus olhos, tentando controlar minha vontade de chorar. Não consigo acreditar em tudo que aconteceu. Parece como um pesadelo. Estou impossibilitada de falar muito por conta da cirurgia pela qual eu passei, assim como eu estava impossibilitada de sair do hospital, mas eu não poderia deixar de ir ao enterro do meu amigo e muito menos deixar a minha irmã sozinha nesse momento.

Eu sei que o que aconteceu dói muito em Trent e é exatamente por isso que eu não choro na sua frente, pelo menos até esse momento. Max é seu melhor amigo, mesmo antes de Mike, Paul ou Lucas. Ele sempre esteve ali para deixar Trent nos trilhos e colocar juízo em sua cabeça quando eu não estava por perto. É horrível fechar os olhos e lembrar de tudo que passamos poucos dias atrás. É horrível pensar que Max nunca mais estará — fisicamente — entre nós.

Depois que eu fui colocada em uma ambulância, não muito tempo depois de Trent dar um ponto final na vida de seu avô, fui levada ao hospital às pressas. Trent esteve ao meu lado até o momento em que eu consigo lembrar e, antes de chegar ao hospital, eu apaguei. Minhas memórias depois disso são apenas de acordar e ver Trent ao meu lado, ainda com a mesma roupa que chegou para me buscar, e com a aparência mais abatida que já tive o desprazer de ver nele. Quando ele me disse sobre Max, entrei em choque e meus pensamentos foram direto para Pamella. Ainda não vi a minha irmã e eu espero não cair depois de vê-la daqui alguns minutos. Eu sei o quanto Pamella ama Max e eu não quero que ela sofra.

— Jake me ligou mais cedo e disse que Pamella está indo com sua mãe, que chegou noite passada — Trent finalmente fala algo e eu apenas assinto.

Uma atadura passa por meu queixo e cobre quase todo meu rosto, protegendo meus machucados. Sei que estou parecendo uma morta-viva, ou um zumbi, mas papai e Trent escolheram por mim que fazer logo a cirurgia para amenizar as marcas no meu rosto seria melhor do que esperar meses para isso. Felizmente, nada saiu mais do controle. O procedimento não teve qualquer risco, o motivo por eu ter ficado no hospital foi por causa dos meus filhos.

Gravidez de gêmeos é complicada, minha gravidez então tornou-se mais complicada ainda do que antes. As pancadas que eu levei e a tensão psicológica me deixaram na borda de perder meus bebês e de Trent outra vez, entretanto o atendimento médico imediato fez com que eu me estabilizasse e nada de ruim acontecesse aos bebês.

Eu fiquei com muito medo de perdê-los. Mesmo que no início nada tenha sido planejado, eu não consigo mais me ver sem esses bebês, sem os meus filhos. Aquela foi a pior noite da minha vida e eu tremo a cada lembrança que volta em minha cabeça para me atormentar. O cheiro, o lugar, toda aquela escuridão... e as pessoas.

— Eu quero ficar ao lado da Pamella... — pronuncio-me compassadamente, não forçando

nenhum movimento sobre o outro. — Sinto-me horrível por tudo que eu a fiz passar... tudo por minha culpa...

As lágrimas enchem meus olhos e eu pisco, puxando minhas pernas para cima do banco e abraçando-as. Trent para o carro no acostamento e se vira para mim segurando meu queixo com muito cuidado. Seu olhar é doce e terno, trazendo-me um conforto imenso.

— Não foi sua culpa, Parisa — murmura, esfregando o dedão na ponta do meu queixo. — A culpa é unicamente minha. Shark, Peter e a garota fizeram tudo aquilo para acabar comigo e isso infelizmente custou a vida do meu melhor amigo. Eu devo perdão não só ao Max, mas a toda sua família, Pamella e você. Eu sinto muito por tê-los feito passar por tudo aquilo. — ele fecha os olhos com força e quando os abre outra vez, posso ver as lágrimas se acumularem ali, assim como está acontecendo comigo.

— Eu amo tanto você, Trent — sussurro, levando minha mão até seu rosto. Encosto minha testa na sua e passo meu nariz no seu com calma. — É difícil pensar nisso agora... mas temos que ser fortes por nós mesmos e por nossos filhos. Eu preciso de você mais do que nunca.

— E eu preciso de você, baby... — retruca.

Ele sela nossos lábios de forma simples e superficial.

— Pamella também precisa de nós — volto a falar, passando minhas mãos por seu cabelo.

— Eu sei, querida, e ela terá todo nosso apoio. — sentencia, beijando a ponta do meu nariz e endireitando-se no seu lugar.

O barulho da chuva na lataria do carro é a única coisa que enche o ambiente até chegarmos à casa dos pais de Max. Trent estaciona o carro atrás de muitos outros, pega o guarda-chuva que está no banco traseiro e sai, pedindo para eu aguardar do lado de dentro. Endireito a minha bota nos meus pés e saio do carro quando Trent abre a porta. Nós dividimos o guarda-chuva e caminhamos abraçados até encontrarmos com Mike e Paul conversando na entrada da casa.

— Ei... — Trent resmunga e os dois nos fitam, sorrindo de lado sem qualquer animação ou graça.

— Paris, Trent. — nos saúdam.

Balanço minha cabeça, acenando calmamente.

— Jake já está aí? — Trent pergunta e eles apenas acenam positivamente. — Vamos lá, baby — sussurra para mim.

Trent me guia pela lateral da casa até sua parte de trás. Uma tenda cobre quase todo local, que está cheio de cadeiras. Trent deixa a sombrinha de lado, enquanto observo o semblante de cada pessoa ali, assustando-me quando finalmente encontro a minha irmã, que está aconchegada nos braços dos nossos pais. Ela olha para um ponto fixo, e esse ponto fixo é o caixão de Max que está logo à sua frente.

Os pais de Max — Megan e Arthur — se aproximam de nós e eu tento forçar um sorriso para eles, mas quando vejo a expressão de Meg, não consigo fazer nada além de chorar e abraçá-la. Ela recebe meu abraço e me abraça de volta de forma tão consoladora que eu sinto vergonha por termos trocados de posição nesse momento.

Eu que deveria consolá-la.

Ela perdeu o filho, o seu único filho.

Um dos meus melhores amigos.

— Ele está bem agora, querida... — ela sussurra para mim com a voz embargada e eu aceno positivamente, afastando meu rosto para encará-la.

— Max era um grande homem e ele n-nunca será esquecido por nós, Meg... — digo, passando minhas mãos trêmulas por seu rosto para enxugar suas lágrimas. — Eu sinto muito por sua perda.

— Por *nossa* perda — me corrige, fitando minha barriga e sorrindo fraco. — Você está linda, querida... Quando Max me disse que você estava grávida, eu mal pude acreditar — passa sua mão delicadamente por minha barriga e eu acabo tremendo, mas não me afasto.

Depois daquele pesadelo, ter as pessoas passando a mão na minha barriga se tornou algo que me deixa incomodada. Trent é o único que o faz e não me irrita em nada, pelo contrário, eu gosto quando ele faz isso.

— Ela é a grávida mais linda que eu já vi... — Trent se mete em nossa conversa, fazendo Meg rir.

— Isso é um pouco duvidoso da sua parte, baby, já que eu tenho certeza que não vi muitas mulheres grávidas por aí...

Paro de falar, seguindo meu olhar para Arthur e ele abre os braços para mim. Eu o abraço na mesma intensidade que abracei Meg, recebendo seu afago leve nas minhas costas.

— Eu sinto muito... — volto a falar, afastando-me para encará-lo.

— Todos sentimos — diz, simplesmente.

Eu e ele ficamos observando Trent e Meg se abraçarem por quase um minuto. Depois que Trent se afasta, ele enxuga as lágrimas do rosto de Meg, o que a faz sorrir levemente.

— Ele o amava muito, sabia? — ela diz, sorrindo entre seu choro. — Você foi para Max o irmão que ele nunca teve. Você, e os outros, mas principalmente você, Trent...

— E eu ainda o amo, Senhora Meg. Max será sempre meu irmão e isso a morte não pode tirar de nós. Ele continuará sendo a nossa família para sempre — Trent a conforta, fazendo-a assentir.

Trent se aproxima de mim e passa seu braço livre por minha cintura, o que eu agradeço mentalmente, pois tenho medo de desabar a qualquer momento. Nós nos afastamos dos pais de Max e caminhamos pelo local, aproximando-nos de Pamella. Vejo Will conversar com Oliver e

Fable, enquanto meus pais estão sentados um de cada lado de Pamella. Deixo para falar com os outros depois. Eu preciso ir até minha irmã.

Ela está usando uma calça de moletom e regata por conta do machucado que a bala fez em seu ombro. Seu cabelo está amarrado de qualquer jeito e seu rosto está desprovido tanto de maquiagem, quanto de expressões. Eu não sinto pena dela, eu sinto a sua dor. Eu nunca vi a minha irmã dessa forma. Eu nunca a vi tão... tão... sem vida.

— Amor... — sussurro, ajoelhando-me na sua frente. Pamella dirige seu olhar a mim, parecendo soltar um longo suspiro. — Pam...

— Ele realmente se foi, Parisa...

Sua voz também me assusta.

Não há emoção.

— Eu sei, baby, mas ele te amava muito. Max te amava com tudo dele e... — paro de falar, pois minha voz denuncia o choro que está por vir. — Eu sinto muito, amor... — digo, encostando minha testa em seu joelho.

Pamella se mexe e eu sinto sua mão em meus cabelos, que estão tão desgrehados quanto os dela.

— Não fique assim, Parisa — pede, chamando minha atenção. Soluço, subindo meu rosto para fitá-la. — Foi minha culpa... apenas n-não fique assim...

— Não foi sua culpa, querida. — minha mãe intervém, tirando as palavras da minha boca.

— Você não estava lá, mãe — Pamella diz em repreensão. — Eu deveria ter ficado quieta, calada, mas eu não fiz isso... eu matei o Max...

— Pamella, não — Trent diz, sério. Ele vem ao meu lado e agora nós dois estamos tentando lidar com Pamella. — Não foi sua culpa em nada. Você não atirou nele, quem atirou foi Jackie, não se culpe por algo fora do seu controle. Você estava machucada e foi tão vítima daqueles... daqueles pedaços de merda quanto Max.

— Mas eu...

— Não. — Trent não a deixa continuar se martirizando na nossa frente. — Entendemos sua dor, porque também dói em cada um de nós. Max foi cedo demais, mas nesse momento não há nada que possamos fazer.

Pamella se levanta e nós dois fazemos o mesmo.

Fito minha irmã com dor e pesar, abraçando-a com cuidado. Ela tem dificuldade para me abraçar de volta por causa do seu braço que está numa tipoia, mas não demora muito para ela aconchegar-se contra mim. Pamella quebra em meus braços, segurando com força o casaco que estou usando e chorando contra meu ombro. Esfrego suas costas com minhas mãos, deixando-me ser atingida por seu choro.

Lágrimas escorregam por minhas bochechas.

Eu não consigo evitar meu choro.

— Vai ficar tudo bem, amor — sussurro, escutando seus soluços. — Você tem a mim, ao Trent, aos nossos pais, aos nossos amigos. Somos uma família e vamos te ajudar a se reerguer, Pam.

— Eu amo tanto o Max...

— Eu sei, baby, e ele também te ama de onde quer que ele esteja agora. O amor de vocês não morreu e nunca vai morrer — tento acalmá-la, segurando seu rosto para que ela me encare. — A dor pode ser insuportável agora, mas depois de um tempo você vai saber lidar com isso da forma certa. Não hoje, nem amanhã, mas você vai conseguir passar por isso por si mesma e pelo Max. Nós acreditamos em você e eu tenho certeza que ele também acredita em você.

— O problema é que eu não acredito mais em mim mesma.

Respiro fundo, enxugando suas lágrimas e resolvendo ficar calada.

Às vezes, o silêncio basta por si só.

Pamella volta a se sentar e a minha mãe se levanta, abraçando-me com força. Ela resmunga algumas palavras de condolências por minha amizade e de Max, afastando-se para fitar minha barriga.

— Você ainda vai crescer tanto, querida — diz, sorrindo fraco, assim como Meg fez minutos atrás.

— Fale isso para quem quer ouvir... — digo, apontando com minha cabeça para Trent, que morde o lábio e se aproxima ainda mais de nós duas. — Ele adora me ver crescer e isso é um pouco estranho.

— Ela só vai ficando cada vez mais linda, não é mesmo? — Trent se defende, abraçando-me por trás.

— Ele tem razão — diz, concordando com Trent e eu reviro os olhos. — Mal posso esperar para ter as crianças entre nós.

Eu e Trent conversamos com minha mãe por alguns minutos, depois fazemos o mesmo com o papai. Meu rosto todo começa a doer, minhas bochechas e meu queixo em especial, o que me faz decidir ficar calada logo depois que cumprimentei Oliver, Fable e Will. Foi muito bom que todos eles vieram aqui por Pamella. Ela vai precisar do máximo apoio que pudermos dar, e eu seria uma das pessoas que não economizará em ficar ao seu lado.



Dor. Esse é um dos sentimentos que eu estou mais acostumado e, mesmo assim, sempre parece a primeira e mais dolorosa vez. Sei lidar com a minha dor de várias formas. Quando eu era torturado por meus avós, lidei com a dor através da luta. Quando Parisa se afastou de mim, lidei com minha dor na maior parte do tempo através da bebida. Agora, no meio do velório do meu melhor amigo, lido com a dor de forma quieta, mas isso não quer dizer que dói menos.

Perder Max é como perder meu braço direito.

Vê-lo ir por — no fundo — minha culpa, é tentar me perdoar, mas não conseguir. Se não fosse pela sede de vingança sem sentido daqueles fodidos, meu melhor amigo nunca teria morrido. Meu irmão nunca teria morrido, pois é isso que Max é e sempre será para mim, desde o primeiro dia em que nos conhecemos. É difícil pensar sobre tudo que nós passamos e tentar lidar com o fato de que ele não estará mais aqui. Não faremos mais memórias e eu terei que me contentar com o que tivemos no passado.

Afago as costas de Parisa, enquanto ela esconde o rosto em meu peito, respirando calmamente. Estamos assim há pelo menos vinte minutos, confortando um ao outro nesse momento. Eu poderia estar bebendo ou quebrando tudo para que a dor da perda de Max passasse, mas eu tenho que pensar além da minha dor nesse momento.

Se Deus, ou qualquer outro ser superior, não tirou Parisa e nossos filhos de mim, significa que eu tenho outra chance de cuidar deles mais atentamente. A minha garota precisa de mim e, conseqüentemente, nossos bebês também. Eu **preciso** deles. Imagino o inferno que Parisa passou naquele lugar, sofrendo por minha culpa, sofrendo simplesmente por ser a minha mulher, ser a mãe dos meus filhos e ser o meu maior ponto fraco. Errado eles não estavam, pois acertaram em cheio e quase levaram o meu anjo de mim, mas fodidos eles ficaram pelo que tentaram fazer.

Foi como um pesadelo.

Estar de volta no lugar onde fui torturado por grande parte da minha vida, vendo Parisa seminua na mira da arma daquele monstro foi o pior gatilho solto em mim. A simples ideia de vê-la morrendo na minha frente era assombrosa e se caso aquilo realmente tivesse acontecido, eu não pensaria duas vezes antes de tirar minha vida. Isso faz parte da minha doença, do meu distúrbio. Alguma coisa é meu vício e, saudável ou não, Parisa é meu vício; Parisa é a única coisa que me mantém nos trilhos.

— Você está pensando em quê? — eu a escuto sussurrar, mal percebendo a hora em que ela passou a me encarar.

— Em você, e no quanto você é importante para mim — explico, sinceramente. — Pensando em tudo que aconteceu, pensando no Max, pensando em como a vida é frágil e, pensando também, que eu deveria ter agradecido meu amigo por tudo que ele já fez por mim... mas eu não tive a oportunidade.

Respiro profundamente, afagando mais e mais as costas de Parisa, pois isso me acalma. A sensação de tê-la em meus braços me acalma, pois sei que nada de mal acontecerá com ela enquanto estiver perto de mim, enquanto eu puder defendê-la com minha própria vida.

— Ele sabe que você é grato, Trent. — diz, chamando minha atenção. — Talvez você não

tenha deixado ele perceber ou saber com suas palavras, mas as suas ações sempre mostraram o quanto se importa com seus amigos, principalmente Max. Ele sabe o quanto você é grato por ter tido alguém como ele em sua vida, amor, não se machuque com isso. — pede, trazendo sua mão até meu rosto.

— Mas dói, Parisa...

— Eu sei, baby, eu sei, e se você quiser extravasar sua dor, tudo bem. Mas eu preciso de você para passar por isso. Se quiser chorar, vá em frente, pois estarei aqui para enxugar suas lágrimas da mesma forma que você está por mim. Faça o que for necessário para aliviar sua dor, mas não me afaste ou me deixe.

— Eu nunca faria isso — murmuro, convicto do que estou lhe dizendo.

— Eu amo você.

— Eu amo você mais do que imaginei que poderia amar. Eu amo você mais do que meu coração possa aguentar, baby. Eu amo você com meu corpo e com a minha alma. — aperto levemente seu corpo contra o meu. — Obrigada por me ensinar a amar, porque eu sei que estaria profundamente perdido se não tivesse alguém como você para me guiar. Tudo que eu sou eu devo à você, Parisa Cohen. Eu sou seu, inteiramente seu.

Parisa pisca repetidas vezes de forma rápida e esconde o rosto novamente em meu peito. Ela me abraça com força e eu deixo que ela se segure em mim por quanto tempo desejar. Depois de alguns minutos, levo ela comigo até uma fileira de cadeiras. Sento-me e puxo ela para o meu lado, passando meu braço por seu ombro.

Observo Pamella do outro lado, sentindo exatamente o que ela está sentindo. Talvez, em alguns aspectos, sua dor ultrapasse a minha, mas sinto o mesmo: a dor da perda. Se alguém me dissesse que Pamella, a garota brilhante e alegre, algum dia estaria dessa forma, eu mandaria ir se foder e tentar outra piada. Ela está quebrada, perdida e estilhaçada em muitas formas, e eu só sei disso pois já me senti assim um dia. Eu reconheço alguém perdido e sem esperança, e esse alguém é Pamella nesse instante.

Eu gostaria de refazer as coisas.

Pamella também é minha família e, principalmente, de Parisa. Pamella está machucada e isso machuca a minha garota, o que consequentemente fode meus sentidos. Não quero ver nenhuma delas machucadas, tristes. No entanto, é impossível cobrar algo desse tipo nesse momento, tanto delas, quanto de mim. Não é como se fôssemos superar isso da noite para o dia. Porra, é do Max que estamos falando. Nunca superaremos sua perda, mas aceitaremos que ele se foi aos poucos.



No final da tarde, todos nos dirigimos ao cemitério. Na maior parte do caminho, mantive

minha mão entrelaçada na de Parisa, dirigindo tão calmo que nem mesmo parecia eu. Agora estamos todos nesse lugar macabro, eu e Parisa observando tudo de longe, pois não nos atrevemos a ficar próximos da cova, onde todos estão ao redor.

Uma das piores partes da morte, depois da perda, é a despedida. Eu estou me despedindo de Max, não do seu corpo, mas do seu espírito. Não quero lembrar dessa parte quando as memórias dele vierem para mim. Coisas boas, conversas estranhamente divertidas e nossa amizade, é disso que eu quero lembrar, não da forma como ele se foi e de todo esse sentimento ruim.

— Eu não gosto desse lugar — confesso à Parisa e ela levanta o rosto para me encarar, repousando seu queixo em meu peito. — Eu odeio estar aqui.

— Eu também, mas não poderíamos deixar de vir — concorda, lembrando-me que realmente não poderíamos deixar de vir.

Parisa sorri fraco, se afastando de mim e pega minha mão de seu quadril, levando-a até sua barriga. Nos encaramos por breves segundos até eu direcionar meu olhar questionador para ela.

— O quê?

— Sinta — pede.

Finalmente um chute debaixo da minha palma é desferido na barriga de Parisa, e então outro e mais outro. Aperto minha mandíbula, tentando entender o que ela ou eles querem me dizer com isso.

— Acho que esse é o adeus deles — Parisa diz e eu fecho meus olhos, sentindo outro chute e o som distante de palmas. — Acabou, ele realmente se foi agora. — Parisa afasta minhas mãos e me abraça com força.

— Eu preciso de boas noites de sono ao seu lado para relaxar, baby — murmuro, sentindo lágrimas queimarem em meus olhos.

— Vamos nos despedir dos pais de Max, meus pais, Pamella e os caras, então poderemos ir para casa — sussurra de volta, esfregando as mãos em minhas costas e eu assinto.

Encosto minha testa na testa de Parisa e abro meus olhos, encontrando-a da mesma forma que eu estou. Seus olhos marejados azuis são tão brilhantes e reconfortantes que me dão força, muita força para continuar. Selo nossos lábios de forma simples, mas dura, antes de irmos até onde os outros estão.

É isso.

Adeus, Max.

Adeus, irmão.

Adeus.

Epílogo

Trent Wayne

Meses mais tarde...

Levanto da cama sobressaltado, procurando Parisa ao meu lado. Toda vez que meu aniversário chega, eu tenho esses pesadelos, eles são inevitáveis. Saio do quarto a procura de Parisa e a encontro na nossa cozinha. Ela está vestindo uma das minhas camisas — que é a única coisa que ainda cabe nela —, enquanto mexe em alguma coisa na pia, falando sozinha.

— Vocês estão vendo só o que estão fazendo comigo? — ela pergunta e eu cruzo os braços, esquecendo do pesadelo de minutos atrás. — Minhas coxas estão tão grossas que eu estou ficando até assada, sabia disso? — bufa e joga uma colher na pia, levando um dos dedos até sua boca. Parece massa de bolo. Seguro o riso para que ela não perceba que estou aqui e pare de falar. — Droga, essa massa de bolo está muito boa... — diz, soltando um gemido que me deixa em alerta. — Acho que vou comer essa e fazer outra, o que vocês acham, crianças? — pergunta, gargalhando em seguida. — Eu com certeza enlouqueci. — resmunga.

Encosto-me na parede, fitando seu corpo pequeno ali no meio da minha cozinha.

— Estou com um tremendo queixo-duplo, meus braços estão enormes e eu não aguento mais andar com esses pés inchados, mas vocês vão fazer valer a pena, não vão? — resmunga outra vez, acariciando sua barriga. Escuto ela fungar e me aproximo devagar. — Esses hormônios de grávida estão me matando, bebês-Trent. Que tal vocês saírem logo de dentro de mim? Vocês pesam por quatro, sabiam? Quase trinta e seis semanas, bebês, eu acho que vocês já podem sair... — balanço a cabeça, rindo silenciosamente. Parisa dá um pulo para trás e eu fico perto para não a deixar cair. — Ei, era brincadeira! Não precisava chutar e me empurrar com suas mãos de bebês. — reclama.

Parisa volta até a pia e pega a massa de bolo, despejando-a na forma.

— Tomara que não fique ruim e que seu pai não perceba que eu comi metade da massa. — ela ri baixo. Parisa abre o forno e coloca a forma lá dentro. Encosto-me no balcão e cruzo os braços novamente. — Pronto, agora só falta eu limpar toda essa bagunça...

Sua voz some assim que ela vira e me olha.

Seu rosto está sujo de chocolate e há bastante trigo espalhado pela camisa que ela está usando, assim como mais chocolate. Ela sorri de lado para mim, parecendo estar envergonhada por eu tê-la pego nesse momento e logo em seguida começa a se aproximar de mim.

— Feliz aniversário, amor... — diz, parando ao meu lado e me puxando pelo braço para eu me abaixar. — Espero que não tenha me visto agir como uma baleia esfomeada. Nossos filhos que mandaram eu comer metade da massa do seu bolo, não me culpe — sela nossos lábios, fazendo-me sorrir com ela.

Levo minhas mãos até seu rosto, tirando dali um pouco da massa de chocolate e provando.

— Parece ótimo, baby — resmungo. — Obrigada.

Alcanço a barra da camisa que ela está usando e começo a arrastá-la para cima, observando que Parisa fica instantaneamente arrepiada. Livro-me da peça, ajoelhando em sua frente e depositando beijos em sua pele. Espalmo minhas mãos em sua barriga, sentindo nossos filhos chutarem e olho para cima, sorrindo com Parisa.

— Eles falaram “feliz aniversário, papai” — atira, fazendo-me sorrir mais ainda.

— Vocês agora estão se comunicando, é? — indago ironicamente e ela dá de ombros.

— Nós temos uma ligação, amor.

— E eu não estou nessa com vocês?

Parisa dá de ombros, mas começa a rir assim que eu levanto e levo ela para cima do balcão. Puxo sua calcinha para baixo com sua ajuda, deixando-a nua. Ela é incrível, e linda.

— Eu vou pegar meu celular e vou tirar mais fotos de você, cozinhando pelada e grávida, linda pra caralho. Tudo bem? — indago e ela assente, com um sorriso travesso escorrendo pelos lábios.

— Vou querer direitos sobre essas imagens — diz, empinando os seus seios que estão três vezes maiores que o normal.

— Nós sempre podemos negociar sobre isso. — pisco para ela, lambendo um dos seus mamilos e sugando-o entre meus lábios. Reprimo toda minha vontade de transar com Parisa em cima do balcão e puxo ela de volta para colocá-la de pé. — Espere aqui... eu volto em um instante.

— Não demore muito, caso contrário eu desistirei das fotos...

Gargalho, selando nossos lábios antes de deixá-la sozinha na cozinha. Subo para o nosso quarto novamente e pego meu celular, que deixei na mesa de cabeceira da cama. Vejo que a tela está piscando com uma mensagem de Jake da noite passada e aproveito para abri-la, enquanto faço meu caminho de volta para a cozinha sendo mais devagar.

"Pamella esteve falando sobre sair com a Parisa... você sabe, para comprar mais coisas para as crianças. Ela mal sai, então diga para Parisa ligar para ela amanhã durante o dia, vai ser bom para as duas. Principalmente Pamella. Ah, mais uma coisa: falei com Killian ontem à noite lá na academia e marquei uma reunião para nossos negócios para daqui duas semanas. Tudo bem para você?"

Jake."

Digito uma resposta rápida para ele, confirmando tudo e volto para o meu foco: Parisa. Desço as escadas e entro finalmente na cozinha depois de poucos segundos. Encontro Parisa usando um avental vermelho, segurando um pote e uma colher de pau.

— Uau, baby... para quem não gosta de fotos, até que você está bem produzida — provoco, fazendo-a sorrir e mostrar as covinhas nas bochechas.

— Você gostou? — ela gira devagar sobre os pés, demorando propositadamente em

suas costas provavelmente para me provocar de volta com seu traseiro grande.

— Absolutamente sim — coloco na câmera do celular de forma rápida, voltando a olhar para Parisa. — Acho que tenho um novo fetiche...

— Oh, é mesmo? — ela começa a mexer no que quer que colocou dentro do pote.

— Sim... e ele envolve você vestida com apenas esse avental — mordo meu lábio inferior, tentando a jogar o celular para o lado e pegar Parisa em meus braços.

Ela começa a rir, provavelmente da cara que eu estou fazendo, e inclina o corpo, segurando-se no balcão enquanto seu corpo treme com sua risada contínua. Deixo-me rir com ela, encostando meu corpo na parede.

— Você está se mijando? — indago, sem deixar de rir ao ver um líquido escorregar por suas cochas.

Parisa olha para baixo e começa a rir mais ainda, deixando o pote no balcão e segurando no mesmo com sua outra mão.

— Babe... — Parisa suspira, enxugando as lágrimas e eu me aproximo dela, enfiando meu celular no bolso.

— O quê? — ela me abraça, ainda rindo.

— A bolsa...

— Que bolsa? — indago, segurando seu rosto de forçando Parisa a me encarar.

— Porra — pragueja, rindo. — A minha bolsa estourou.

— Você realmente não se mijou?

— Parece que não — ela continua rindo e agora desce as mãos para os meus ombros.

Seguro sua cintura e ambos olhamos para baixo. O líquido continua descendo pelas pernas de Parisa e eu começo a tirá-la do avental, pronto para carregá-la no colo.

— Está doendo? — indago, com um pouco de medo de sua resposta.

— Amor, não... *ainda* — faço uma careta, porque isso não melhorou em nada o meu medo. — Sabemos que não vai ser parto normal, então a doutora Peyton vai aplicar a anestesia e eu não vou sentir dor.

— O que fazemos agora? — questiono, completamente perdido.

Parisa ri, enquanto eu a carrego no colo.

— Vamos subir — diz e eu começo nosso caminho. — Mas antes desligue o forno, não queremos que sua casa pegue fogo, certo?

— Nossa casa — eu a repreendo e faço o que ela me disse. — Você já está com dor? — questiono, assim que saio da cozinha com uma Parisa completamente nua em meus braços.

— Você está começando a me irritar — bufa, revirando os olhos e eu seguro o riso,

porque ela é linda quando está ficando irritada.

— Desculpa.

Termino de subir a escada e vou direto até nosso quarto, deixando Parisa sentada na cama e indo até o closet. Pego duas camisas minha, uma boxer e uma toalha. Visto-me com uma das camisas, escutando Parisa falar com alguém ao telefone. Saio de dentro do closet e observando-a desligar a chamada e respirar fundo, colocando uma das mãos no final de sua barriga.

— Eu liguei para o hospital e, felizmente Peyton está lá e eles já estão se organizando para me receber.

— Certo, certo — murmuro, ainda perdido sobre o que devo ou não fazer. — Peguei isso pra você vestir. — digo, fechando a distância entre nós e me agachando em sua frente.

O cabelo preto de Parisa cai por seus ombros, completamente bagunçado e sujo com farinha de trigo. Seus olhos brilham, sua boca está entreaberta e avermelhada, como um perigoso convite para mim. Ela está absolutamente deslumbrante e eu estou certo de que não poderia ter me apaixonado por uma mulher melhor que Parisa. Ela é boa, por dentro e por fora.

— Você está sentindo dor? — pergunto como quem não quer nada, pois há uma grande probabilidade dela me acertar na cabeça com um tapa ou soco.

— Você não vai fazer isso certo? — resmunga, enquanto eu começo a ajudá-la a se vestir.

— Fazer o quê? — indago.

— Ficar perguntando de cinco em cinco minutos se eu já estou sentindo dor — arqueia a sobrancelha e eu dou de ombros, encolhendo-os em seguida. — Foi só a bolsa que estourou, Trent. Ainda não estou sentindo nada e sei que é absolutamente normal que grávidas não sintam nada mesmo depois de horas que a bolsa estoura. Talvez eu sinta alguma coisa, mas tenho certeza que não vai ser tanto, afinal já estamos indo para o hospital.

— Temos que ligar para o velho — digo, lembrando-me que estou ignorando tudo desde que Parisa disse que sua bolsa estourou.

— Você pega a minha bolsa e das crianças enquanto eu ligo para ele, tudo bem?

— Tudo bem — assinto.

Deixo Parisa terminar de se vestir e volto para o closet, indo atrás da bolsa que ela preparou para si mesma e para as crianças. Coisa de mulher. Acho a bolsa em cima de uma das mesas que têm aqui dentro e pego mais dois casacos, pois talvez ela vá querer um.

Eu acho que estou enlouquecendo.

As únicas coisas que consigo pensar no momento são: “minha mulher está parindo” e “ainda bem que é cesariana, senão os bebês iriam rasgar a linda boceta da minha mulher”. Devo me lembrar de não deixar que esse último pensamento saia da minha boca enquanto Parisa estiver

em sua consciência mental.

— Vamos, Trent, eu acho que acabei de sentir uma contração! — ela grita do quarto, fazendo-me voltar em um pulo.

Calço minha chinela no caminho, encontrando Parisa deitada já vestida com o que eu lhe dei.

— Vamos? — pergunto e ela se endireita, ficando de pé.

Deixo que Parisa venha até mim, antes de pegá-la outra vez no colo. Seu rosto já está limpo e ela provavelmente o limpou com a toalha que deixei também ao seu lado. — Papai disse que está indo para o hospital e que já vai ligar para a mamãe — diz, abraçando-me pelo pescoço. — Pamella também vai, só que apenas daqui a pouco. Você tem que ligar para os caras...

— Sim, eu vou fazer isso — eu a tranquilizo.

— Eles finalmente estão vindo... — sussurra, incrédula.

— Sim, eles estão, e nossas vidas estão prestes a virar de cabeça para baixo — brinco, fazendo-nos rir.



Finalmente, depois de quase cinco horas, consigo entrar no quarto de Parisa depois de ter ficado ao seu lado durante todo o parto. O que eu passei com ela foi algo de outro mundo. Não consigo explicar a sensação de quando a doutora finalmente colocou nossos bebês em meus braços. É como se eu tivesse ganhado o mais difícil dos combates e eles fossem meu troféu. Infelizmente, Parisa ficou sonolenta demais e nem mesmo conseguiu pegar os nossos bebês em seus braços, apenas beijou a cabeça de cada um deles. Agora é diferente...

— Oh, meu Deus! — Parisa exclama, pegando em seus braços nossos primeiros bebês. Ela parece tão desengonçada quanto eu, mas eu provavelmente nunca vi algo tão bonito quanto esse momento. — Eles são... — sua voz some, completamente embargada pela emoção.

Sinto como se tivesse levado um soco no estômago assim que ela sobe o rosto para me fitar. Seus olhos azuis estão cheios de lágrimas, da mesma forma que tenho tatuado em meu corpo, a única diferença são as emoções. Parisa está feliz, radiante e maravilhosa. Quando eu cometi o erro de beijar sua irmã anos atrás, tudo que seus olhos me passavam era dor e um insuportável sofrimento. Agora é diferente, e eu agradeço a Deus por isso. Sim, Deus. Ele realmente teve piedade da minha alma quebrada e não me tirou Parisa e nossos filhos, as maiores preciosidades da minha vida.

— Eles parecem com seus joelhos — brinco, aproximando-me dela enquanto escuto as enfermeiras rirem.

— Eles são apenas bebês, amor...

— Eu sei — digo, sentando-me na beirada da cama onde Parisa está. — Eles são os mais bonitos que eu já vi e, na verdade, acho que nunca parei para reparar em outros bebês, mas esses certamente serão observados atentamente por mim por longos anos. — Parisa sorri, dividindo seu olhar entre nossos filhos e eu.

— Você está feliz? — sussurra, mordendo o lábio inferior levemente.

— Eu nunca estive tão feliz em toda minha vida — confesso em um murmuro baixo.

— Eu digo o mesmo.

Aproximo meu rosto do seu e beijo seus lábios rapidamente, depositando um beijo na cabeça de cada um dos nossos filhos.

— O pessoal está vindo aí para te ver. Jake está praticamente enlouquecendo e Pamella finalmente saiu de casa, assim como prometeu — informo e ela solta um suspiro baixo. — Sua mãe, seu padrasto e seu meio-irmão já estão voando para cá e logo nossos lindos bebês com caras de joelhos terão toda atenção que merecem.

Parisa ri, balançando a cabeça com meu comentário. Envio-lhe um sorriso de volta e pego Bryan em meus braços, deixando que ela se endireite na cama para colocar Serena para mamar.

É incrível tudo que ela faz nos próximos segundos. Isso são coisas simples que nunca vi na vida, mas elas também nunca pareceram tão interessantes. O instinto maternal de Parisa e sua intuição fazem com que ela não erre em nenhum movimento para colocar Serena para mamar. Eu a ajudo a colocar Bryan do outro lado e finalmente consigo uma visão do paraíso.

A minha família é linda.

Eu não posso acreditar no quão sortudo eu sou por ter essa mulher e essas crianças comigo.

Eles são tudo que eu preciso.

Eles são a minha luz.

O próximo livro da série Knockdown: KILLIAN

Pamella Cohen

Eu sempre tive medo de ficar sozinha.

Quando tive meu primeiro namorado, aos quinze anos, soube ali que nada era melhor do que a companhia de alguém que você gosta. Daquele momento em diante, namorar se tornou uma das melhores partes da minha vida. Eu sempre gostei da sensação de ter alguém para me proteger, porque diferente da minha irmã, eu sou frágil.

Eu. Sou. Frágil.

Eu quebrei em muitos pequeninos pedaços quando eu vi o amor da minha vida morrer por minha culpa. Eu deveria ter ficado quieta até que eles tivessem dado um fim naquele pesadelo, eu deveria ter esperado a hora certa de chamá-lo para mim. Entretanto, eu falhei. Eu chamei por ele, eu rezei secretamente para ele me tirar daquele pesadelo, mas tudo que aconteceu foi o contrário: afundei em um pesadelo que agora não tem mais volta.

Max morreu por minha culpa.

Eu perdi o amor da minha vida e me perdi durante esse caminho difícil.

Quase todo dia eu sonho com ele me dizendo para “seguir em frente”, mas é impossível quando se ainda está completamente apaixonada por alguém que não vive mais.

Contato

Grupo no Facebook

Heaven Race Livros

Twitter

@hracewattpad

Wattpad

@heavenrace

